



POLYMATHĒS



Γνοθη Σεαυτηον



POLYMATHĒS

An iv18 © 21°♂, ☾ 22°♁ - ☾



VOL. I

Tekhnologia Archaíos



**É PROIBIDA A VENDA
DESTE MATERIAL**

Nota da Edição

Polymathēs é um periódico sazonal de cunho multi-disciplinar, que visa estabelecer uma ponte comunicativa entre as ciências antigas e modernas, apresentando através de suas matérias as singularidades que se revelam por meio de um estudo comparativo entre ambas, tomando por base as Leis Imutáveis do Universo.

Neste volume de lançamento, "*Tekhnologia Archaíos*" (Tecnologia Arcaica), tentamos mostrar que, ao contrário das aparências, o abismo tecnológico entre o antigo e o novo não é tão grande quanto se pensa. No mundo antigo, houveram *homens* e *obras* de magnitude equivalente senão superior às modernas.

Quando se analisa de perto o legado de ambos, logo se repara as sincronicidades de pensamento que dá nomes diferentes aos mesmos substratos.

Esta publicação não faz reivindicações de posse da verdade. Em meio a tantas conjecturas, o conteúdo que este carrega pode ser de pouca ou nenhuma utilidade para a maioria das pessoas, embora o ouro destas informações resida no reconhecimento dos fatos. Como diz um antigo provérbio, "as portas da Sabedoria estão fechadas, exceto para as chaves do Entendimento".

Puto nusquam, meditatio panton.

Assim sendo, este é um documento informal, sem fins lucrativos, cujas informações foram recolhidas da internet propriamente dita—reservo este espaço para agradecer o site Biblioteca Pleyades, principal fonte dos nossos artigos—e na grande maioria dos casos traduzidas para o Português sem o consentimento dos autores devido às dificuldades de contato, e, finalmente, agregadas com nossa ênfase neste que vos introduzo.

O Editor se reserva no direito de não concordar com todas as opiniões expressas nos ensaios contidos neste periódico.

*"O que foi é o que há de ser;
e o que se fez, isso se tornará a fazer;
nada há, pois, de novo debaixo do Sol."
— Ec 1:9*

Um bom entendimento a todos,

H..H..IX

INDEX

INTRODUÇÃO

I.	OS TOP 8 ARTEFATOS FORA-DE-LUGAR <i>por Joseph R. Joschmans</i>	1
PARTE I: Os Domínios Geo-Eletromagnéticos		
II.	AS LINHAS DE LEY E OS CÍRCULOS DE PEDRA <i>por Marcelo Del Debbio</i>	8
III.	MEMÓRIAS DE UMA ANTIGA CIVILIZAÇÃO HI-TECH <i>por Daniel Perez</i>	18
IV.	TEMPUS INTERLUDIUM <i>por Ernest L. Norman</i>	23
V.	UMA BREVE HISTÓRIA DA ELETRICIDADE ANTIGA <i>por Larry Brian Radka</i>	29
PARTE II: Os Peritos da Pré-História		
VI.	A TECNOLOGIA DOS DEUSES <i>por William Saylor</i>	47
VII.	CONHECIMENTO ATÔMICO ANTIGO? <i>por OOParts Website</i>	61
VIII.	VIMANAS: AS ANTIGAS MÁQUINAS VOADORAS <i>por VigyanPrasar Website</i>	75
IX.	ESTIVEMOS NA LUA EM 2309 a.C.? <i>por Jonathan Gray</i>	81
X.	ALTA TECNOLOGIA NA BÍBLIA <i>por Doug Yurchey</i>	86
XI.	O LEGADO DE ENOCH <i>trechos do livro "A Máquina de Uriel" por Christopher Knight & Robert Lomas</i>	91
XII.	ERAM OS DEUSES... ARQUITETOS? <i>por William Saylor</i>	96

PARTE III: Chaves Modernas para Portas Antigas

XIII.	DIAPASÕES E A TECNOLOGIA MEGALÍTICA <i>por Montalk</i>	114
XIV.	GEOMETRIA SAGRADA NO REINO QUÂNTICO <i>por David Wilcock</i>	123
XV.	TORAH-KOSMOS <i>por Andreas Szabó</i>	141
XVI.	TEORIA MUSICAL E COSMOLOGIA ANTIGA <i>por Ernest G. McClain</i>	151

APÊNDICE: O Testemunho dos Antigos

XVII.	PIRÂMIDES, PLATAFORMAS, DÓLMENS E MONTES	166
XVIII.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203

Os TOP 8 Artefatos Fora-de-Lugar

por Joseph R. Joschmans

Entre em qualquer museu moderno, ou abra qualquer livro de história, e o retrato do passado apresentado é aquele em que a humanidade começou a partir de origens primitivas, e progrediu rapidamente no desenvolvimento da cultura e da ciência. A maioria dos artefatos preservados em registros arqueológicos e geológicos foram dispostos ordenadamente para *encaixar essa visão linear aceita do nosso passado*.

No entanto, muitos outros bocados tentadores e peças desenterradas oferecem uma história muito diferente do que realmente aconteceu. Chamados de artefatos fora-do-lugar, eles *não se encaixam no padrão estabelecido da pré-história*, apontando para trás em vez disso, para a existência de civilizações avançadas antes de qualquer das culturas antigas conhecidas virem à existência.

Apesar de tais descobertas com sua sofisticação inerentes serem bem documentadas, a maioria dos *historiadores gostariam de varrer essas anomalias perturbadoras para debaixo do tapete proverbial*. Mas o tapete da história verdadeira está ficando muito irregular, e difícil de atravessar sem tropeçar em tais contradições óbvias para a imagem conservadora da antiguidade.

Além disso, os artefatos misteriosos *confirmam lendas e histórias antigas* que descrevem a história humana como não linear, mas cíclica. Eras esquecidas e mundos antigos subiam e desciam em grandes ciclos de vida e morte ao longo de milhões de anos, perderam-se para a nossa memória, exceto nos mitos, e agora, através de algumas peças incríveis que nos resta.

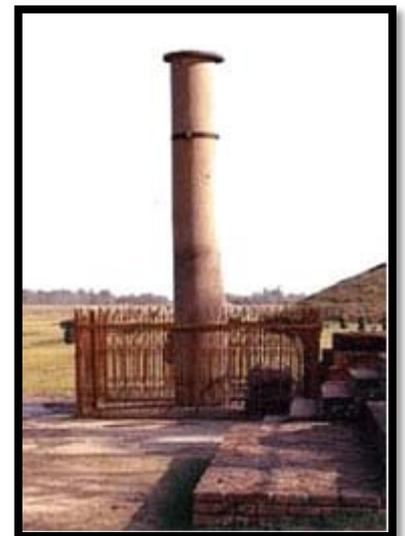
Aqui estão os top oito artefatos fora-de-lugar e o que eles revelam sobre o nosso legado perdido:

1º – O Enigma do Pilar de Ashoka

Um testemunho de antigas habilidades metalúrgicas em *Delhi, na Índia*, é chamado de **Pilar de Ashoka**. Erguido a mais de 23 pés, ele atinge 16 polegadas de diâmetro e pesa cerca de 6 toneladas. O eixo maciço de ferro é feito com discos habilmente soldados. Uma inscrição na base está o epitáfio para o **Rei Chandra Gupta II**, que morreu em 413 d.C.

Apesar de bem mais de um milênio e meio de idade, a constituição do Pilar *está notavelmente preservada*. A superfície lisa é como bronze polido, com apenas casos isolados de marcas escuras e intempéries. O mistério é que uma massa equivalente de ferro, sujeito às chuvas de monção indiana, ventos e temperaturas por 1600 anos ou mais, *teria sido reduzida à ferrugem há muito tempo*.

A produção de ferro e as técnicas de preservação estão muito além das habilidades do século V. É provavelmente muito mais antigo, talvez milhares de anos.



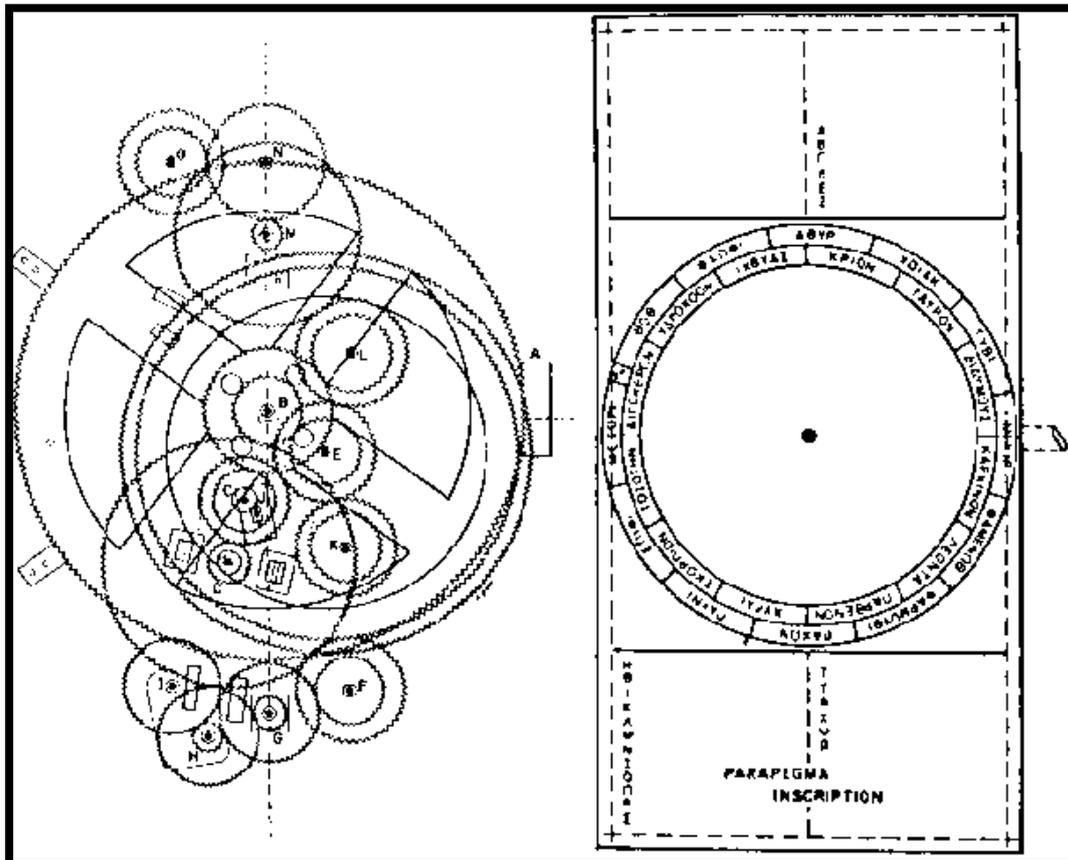
Quem eram os metalúrgicos misteriosos que fizeram essa maravilha, e o que aconteceu com sua civilização?

2º - Um Computador Fora-do-Lugar em Anticítera

Poucos dias antes do Domingo de Páscoa, em 1900, pescadores de esponjas gregos ao largo da pequena ilha de Anticítera descobriram os restos de um antigo navio cheio de bronze e estátuas de mármore, e depois diversos artefatos datados de 85 e 50 a.C.



Entre as descobertas, estava uma pequena protuberância disforme de bronze corroído e madeira apodrecida que foi enviado junto com os outros artefatos para o *Museu Nacional de Atenas* para um estudo mais aprofundado. Logo, como os fragmentos de madeira secaram e encolheram devido a exposição ao ar, a divisão fixa aberta revelou os contornos dentro de uma série de engrenagens de um relógio moderno.



Em 1958, **Dr. Derek J. de Solla Price** reconstruiu com sucesso a aparência e o uso da máquina. O sistema de engrenagens *calculava o movimento anual do sol e da lua*. O arranjo mostra que as engrenagens podem ser movidas para frente e para trás com facilidade em qualquer velocidade. O dispositivo não era, portanto, um relógio, mas mais como uma *calculadora que podia mostrar as posições dos céus passado, presente e futuro*.

É altamente possível que o dispositivo possa ter idade e origem muito antes dos gregos, e em uma terra muito distante, agora desconhecidos.

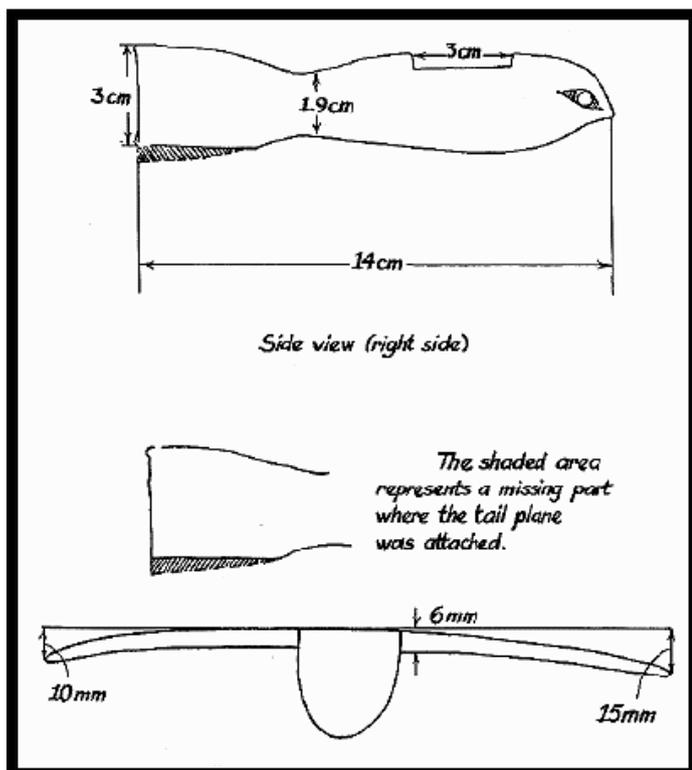
3º - Vôos no Antigo Egito

Em 1898, um curioso objeto alado foi descoberto na tumba de **Pa-di-Imen** no norte de Sagqara, *Egito*, datado de cerca de 200 a.C. Devido ao nascimento da aviação moderna estar ainda a muitos anos pela frente, quando o estranho artefato foi enviado para o *Museu do Cairo*, foi catalogado e arquivado entre outros diversos itens para coletar poeira.



Setenta anos depois, **Dr. Khalil Messiha**, um egiptólogo e arqueólogo, estava examinando uma exibição do Museu classificando estatuetas de pássaros. Enquanto a maioria da exibição realmente era de esculturas de aves, o artefato de Sagqara certamente não era. Nunca possuiu características encontradas em aves, mas que fazem parte do projeto de aeronaves modernas. **Dr. Messiha**, um ex-entusiasta de aeromodelos, reconheceu imediatamente as características da *aeronave* e persuadiu o *Ministério da Cultura do Egito* para investigar.

Feito de sicômoro muito leve, a aeronave pesa 0,5 oz. Com asas retas e formas aerodinâmicas, abrangendo cerca de 7 polegadas. Um pedaço separado de encaixa se ajusta a cauda exatamente como a asa da cauda traseira em um avião moderno.



Uma versão em grande escala poderia ter voado carregando cargas pesadas, mas em baixas velocidades, entre 45 e 56 milhas por hora. O que não é conhecido, porém, é a sua fonte de energia. O modelo faz uma planagem perfeita como ele é. Apesar de ter mais de 2000 anos, vai subir a uma distância considerável com apenas um empurrão leve de mão. Réplicas de balsa completamente restauradas viajam até mais longe.

Messiha nota que os *antigos egípcios muitas vezes construíam modelos em escala de tudo familiar em suas vidas diárias* e os colocavam em tumbas, templos, navios, carruagens, servos, animais e assim por diante.

Agora que encontramos um aeromodelo, **Messiha** se pergunta se talvez em algum lugar debaixo das areias do deserto ainda pode ser descoberto os restos de planadores em tamanho real.

4º – Um Jato da América do Sul

Em 1954, o governo da *Colômbia* enviou parte da sua *coleção de artefatos de ouro antigo* para uma turnê pelos EUA. **Emmanuel Staubs**, um dos principais joalheiros da América, foi contratado para lançar reproduções de seis dos objetos. Quinze anos depois, foi dado ao biólogo zoologista **Ivan T. Sanderson** para análise. Após uma análise exaustiva e consultar um certo número de especialistas, a conclusão incompreensível de **Sanderson** é que *o objeto é um modelo de uma aeronave de alta velocidade de pelo menos mil anos de idade*.

Com cerca de 2 polegadas de comprimento, o objeto foi usado como um pingente em uma corrente de pescoço. Foi classificado como *Sinu*, uma cultura pré-inca de 500 a 800 d.C. Ambos, **Sanderson** e **Dr. Arthur Poyslee**, do *Instituto de Aeronáutica de Nova York* concluíram que não representam qualquer animal alado conhecido. Na realidade, *o artefato parece mais mecânico que biológico*. Por exemplo, as asas dianteiras são em forma de delta e rigidamente retas, nada parecido com um animal.

O leme é talvez o item menos animal e mais parecido com aviões. É triangular, de superfície plana, e asas rigidamente perpendiculares. Somente os peixes têm nadadeiras verticais, mas nenhum tem exclusivamente uma falange vertical sem um contrabalanceamento inferior. Somando ao mistério, *uma insígnia aparece na face esquerda do leme*, precisamente onde as marcas de identificação aparecem em muitos aviões modernos. A insígnia está talvez tão fora-de-lugar quanto o modelo de ouro em si, pois tem sido identificada como a letra aramaica ou hebraica **B** ou **beth**.

Isso pode indicar que o avião original não seja oriundo da Colômbia, mas *foi o produto de um povo muito anterior que habitou o Oriente Médio que conhecia o segredo de voar*.

5º – Crânios de Cristal Atlantes



Sem dúvida, o cristal mais famoso e enigmático é o antigo crânio, descoberto em 1927 por **F. A. Mitchell-Hedges** em cima de um templo em ruínas na cidade maia de Lubaantum, nas Honduras Britânicas, atualmente *Belize*.

O crânio foi feito a partir de um único bloco de quartzo transparente, 5 polegadas de altura, 7 polegadas de comprimento e 5 polegadas de largura. É do tamanho de um crânio de humanos pequenos, com *detalhes quase perfeitos*. Em 1970, o restaurador de arte **Frank Dorland** teve permissão para submeter o crânio a testes nos laboratórios da *Hewlett-Packard*. Foram reveladas muitas anomalias.

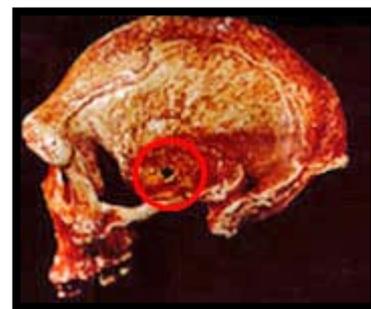
O crânio havia sido *entalhado com total desrespeito ao eixo natural do cristal*, um processo inédito na cristalografia moderna. *Não foram utilizadas ferramentas de metal*. **Dorland** não conseguiu encontrar *quaisquer marcas de arranhões reveladoras*. Na verdade, a maioria dos metais não teria sido efetivos. Um canivete moderno não pode marcá-lo. A partir minúsculos padrões próximos das superfícies esculpidas, **Dorland** determinou que *foi esculpido em forma rudimentar*, provavelmente com diamantes. O desenvolvimento fino, retífica e polimento, acredita **Dorland**, foram feitos com inúmeras aplicações de água e areia de cristal de silício. *Se for verdade, ele teria levado 300 anos de trabalho contínuo*. Devemos aceitar este fato praticamente inimaginável ou admitir o uso de alguma forma de tecnologia perdida.

A ciência moderna está em dificuldades para explicar a habilidade e o conhecimento incorporado. Conforme **Garvin** resumiu: *é praticamente impossível hoje, no momento em que os homens tem escalado montanhas da lua, duplicar este acabamento... Não seria uma questão de paciência, habilidade e tempo. Seria simplesmente impossível*.

Como um cristalógrafo de *Hewlett-Packard* disse: *A maldita coisa não deveria existir*.

6º – Quem Atirou no Homem de Neanderthal?

O Museu de História Natural de Londres exibe um crânio anterior ao período Paleolítico, datado de 38 mil anos de idade, e escavado em 1921 na Zâmbia moderna. No lado esquerdo do crânio *está um buraco perfeitamente redondo*, quase um terço de uma polegada de diâmetro. Curiosamente, *não há separação de linhas radiais ao redor do buraco ou outras marcas que deveriam ter sido deixadas por uma arma fria, como uma flecha ou lança*. Em frente ao buraco, o crânio está quebrado, e a reconstrução dos fragmentos mostra que o crânio foi soprado de dentro para fora, a partir de um tiro de rifle. Na verdade, *qualquer projétil lento não teria produzido nem o buraco perfeito, nem o efeito destruidor*.



Legistas especialistas que analisaram o crânio concordam que *os danos cranianos não poderiam ter sido causado por alguma coisa senão um projétil de alta velocidade*, propositadamente atirado na vítima pré-histórica, com intenção de matar.

Se tal arma realmente foi disparada contra o homem, então uma das duas conclusões podem ser feitas: ou a amostra não é tão antiga como é reivindicada a ser, e foi baleada por um europeu nos últimos séculos, ou os restos mortais são tão antigos como alegado, e o artilheiro era antigo também. Em vista do fato de que o crânio do Paleolítico foi escavado a uma profundidade de 60 pés, principalmente de pedra de chumbo, a segunda conclusão é mais plausível.

Mas quem possuía a pólvora há 38.000 anos atrás? Certamente não é um homem da Idade da Pedra mesmo. Outra raça deve ter existido, uma muito mais avançada e civilizada, mas contemporânea.

A pergunta é: *onde fica a casa deste atirador?*

7º – As Incríveis Pedras do Dr. Cabrera



Uma *cápsula do tempo muito original de imagens* está alojada em um galpão em Ica, no Peru. Aqui estão cerca de **20.000** blocos de pedra, tabuletas, pedras do tamanho de bolas de baseball, decoradas com uma variedade impressionante de imagens, em muitos casos, muito fora de tempo e lugar. O proprietário é o médico local, arqueólogo amador e geólogo **Dr. Javier Cabrera Darquea**.

A maioria dos materiais empregados é um andesito cinzento, um granito extremamente duro de matriz semi-cristalina, que é *muito difícil de esculpir*. Mas, como observou o **Dr. Cabrera**, as pessoas têm encontrado essas pedras gravadas na região há anos. Elas foram vistas pela primeira vez e registradas pelo missionário jesuíta **Padre Simão**, que acompanhou **Pizarro** em 1525. As amostras foram enviadas para a *Espanha* em 1562.

Os retratos de pedra mostram *habilidades cirúrgicas muito sofisticadas* e conhecimento medicinal, em alguns casos mais avançados, e até mesmo mais avançados do que hoje. Há centenas de *cesarianas*, *transfusões de sangue*, o uso de *agulhas de acupuntura como anestésico* (que só ganhou uso no Ocidente desde a década de 1970), as *operações delicadas sobre os pulmões e os rins*, e *remoção de tumores cancerígenos*. Existem da mesma maneira imagens detalhadas de *coração aberto e uma cirurgia no cérebro aberto*, bem como *20 pedras mostrando um passo-a-passo de um processo de transplante cardíaco*.

Esta é uma revelação preocupante em si mesma, que alguém na antiguidade alcançou um nível de sofisticação rivalizando com a nossa. Mas há outras imagens ainda mais fora-de-lugar. Como observou o **Dr. Cabrera**, e como tem sido verificado por outros médicos, *existem gravuras de pedra que mostram um transplante cerebral*.

Os cirurgiões pré-históricos, é evidente, possuíram conhecimento de vários passos além da cirurgia moderna.



8º – Metais Manufaturados com mais de 1 Milhão de Anos

Durante as últimas três décadas, mineradores na mina de prata Wonderstone, próximo a Ottosdal, no Transvaal Ocidental, África do Sul, têm extraído de rochas profundas várias esferóides metálicas estranhas. Até agora, pelo menos 200 foram encontradas. Em 1979, várias foram examinadas por **J. R. Mclver**, professor de geologia na *Universidade de Witwaterstand* em Joanesburgo, e o professor geólogo **Andries Bisschoff** da *Universidade Potsshefstrom*.

Os esferóides metálicas parecidas com globos achatados, com média de 1 a 4 polegadas de diâmetro, e seus exteriores normalmente são coloridos de azul acinzentado com um reflexo avermelhado, e incorporados no metal estão manchas pequenas de fibras brancas. Elas são feitas de uma liga de aço-níquel, que não ocorre naturalmente, e é de uma composição as regras apontam como sendo de origem meteórica. Algumas têm apenas uma casca fina, cerca de um quarto de polegada de espessura e, *quando arrombadas, são encontradas preenchidas com um material esponjoso estranho que se desintegrou em pó em contato com o ar.*



O que torna tudo isso muito notável é que *as esferóides foram extraídas de uma camada de rocha pirofilita*, datadas ambas geologicamente e pelos vários técnicas de datação rádio-isótopos como tendo, pelo menos, 2,8 a 3 bilhões de anos de idade.

Adicionando mistério ao mistério, **Roelf Marx**, curador do *Museu Sul-Africano Klerksdorp*, descobriu que *o esferóide que ele possui exibe baixa rotação sobre seu eixo pelo seu próprio poder, enquanto trancado em sua caixa de exposição, ele exibe-se livre de vibrações externas.*

Estes podem, portanto, serem uma extensão energética dentro desses esferóides ainda em funcionamento depois de três eras do tempo.

As Linhas de Ley e os Círculos de Pedra

Por Marcelo Del Debbio

Todas as Pirâmides estão construídas sobre o que chamamos de “Linhas de Ley” ou, no oriente, “Veias do Dragão”. Assim como em nosso corpo correm linhas energéticas (usadas na acupuntura), o Planeta possui linhas energéticas especiais sobre toda a sua superfície. O cruzamento destas linhas energéticas forma o que chamamos de “node” ou “ponto focal” (equivalentes aos *chakras* nos humanos), que é considerado um ponto muito especial dentro de várias culturas antigas.

As pirâmides originais da *Atlântida* foram construídas sobre estes pontos, pois utilizavam-se dos alinhamentos com estrelas, planetas, centros energéticos e também pelo formato dos templos, em conjunto com cristais e outros objetos (os corações destes templos e pirâmides), para uma infinidade de coisas.

Após o *Dilúvio*, a imensa maioria destas pirâmides foi submersa, exceto algumas que estão na Europa, China, Egito e América, mas outros pontos surgiram. Após o primeiro dilúvio, as tribos que conseguiram escapar da catástrofe tiveram de se reorganizar e, para isto, reconstruir seus observatórios. Com isso, conseguiram prever o segundo meteoro e se preparar para o dilúvio em 3150 a.C.

Lembre-se que a Bíblia deve ser lida de maneira alegórica. Quando escrevemos que **Noé** levou dentro da *Arca* dois elefantes, queremos dizer que “os conhecimentos da civilização hindu foram preservados”, quando escrevemos que ele levou duas girafas, quer dizer que “os conhecimentos da civilização africana” foram preservados e assim por diante. Não existe e nem nunca existiu barquinho algum. A “*Arca*” de **Noé** é a mesma “*Arca*” da *Aliança*, a fuga das águas e a fuga do Egito são apenas metáforas diferentes para a mesma situação: a preservação do conhecimento oculto (procurem o significado da palavra “**Moisés**” como lição de casa, vocês vão ter uma surpresa...)

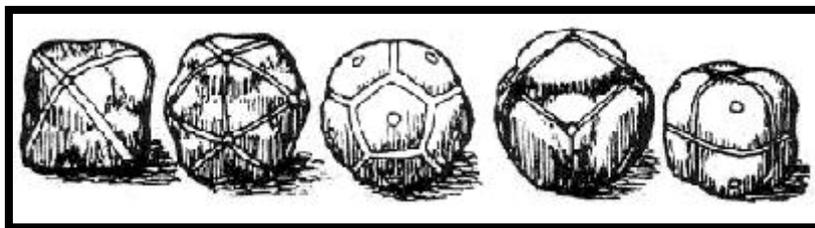
Eu falei sobre o grande relógio celestial em posts antigos. Este mecanismo celeste, além das funções que eu descrevi, também servia para prever o melhor momento de plantar cada tipo de alimento, de criar o gado, o momento certo de colher cada lavoura, de aproveitar as cheias, de tosquiar as ovelhas e assim por diante. Como as civilizações pós-dilúvio não possuíam os cristais ou as capacidades dos sacerdotes antigos, apenas parte do conhecimento adquirido, tiveram de “improvisar” e ergueram complexos de pedra sobre as Linhas de Ley para utilizarem-se como templos, em uma segunda etapa.

Por esta razão, pirâmides e círculos de pedra possuem basicamente as mesmas funções (astronômicas e religiosas) e foram construídos seguindo os mesmos princípios matemáticos, de geometria sagrada e conhecimentos profundos de astronomia. As pirâmides egípcias mais “primitivas” certamente que foram construídas no período dos faraós, seguindo as especificações da *Grande Pirâmide*, que foi REFORMADA pelos sábios egípcios detentores deste conhecimento (foram encontrados diversos fósseis e conchas de animais marinhos nos arredores das pirâmides, sinal que aquela região já foi coberta pelo mar algum dia no passado).

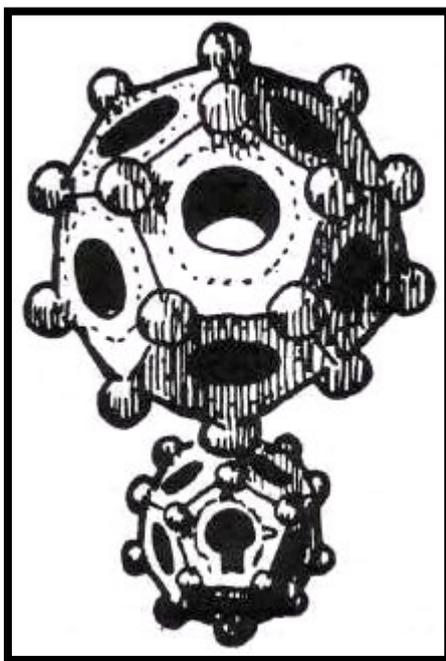
Antes de explicar sobre a construção e disposição dos círculos propriamente ditos, vamos começar sobre as chamadas “Linhas de Ley”. Apesar de conhecidas pelos chineses e hindus (e, por que não dizer, atlantes e lemurianos) por milênios, o primeiro ocidental a estudar e teorizar as linhas energéticas que passam pela superfície do planeta foi o matemático **Pitágoras**, aproximadamente em 500 a.C., mas estas linhas só foram mesmo popularizadas em 1921, por **Alfred Watkins**. Desnecessário dizer que sua teoria foi ridicularizada e desprezada pelas *otoridades*.

As Linhas de Ley, como vocês perceberão, é uma teoria que explica muito bem a imensa quantidade de eventos “inexplicáveis” ao redor do mundo, incluindo o *Triângulo das Bermudas*, *Pirâmides*, *Áreas mortas*, *aparições de OVNIs* e outras regiões de fenômenos magnéticos estranhos.

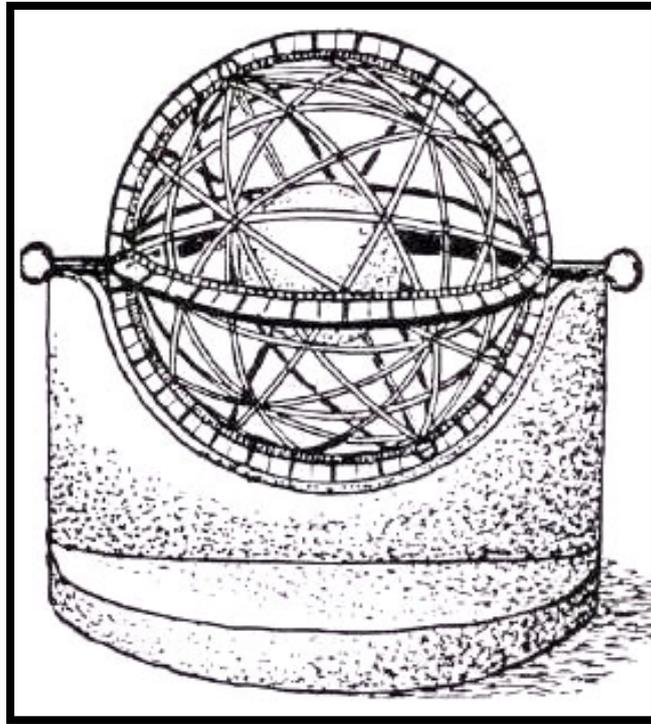
A mais antiga evidência a respeito de pesquisadores das Linhas de Ley encontra-se no *Ashmolean Museum of Oxford*, que tive o prazer de visitar pessoalmente em 1989. Nele estão expostas um conjunto de 5 pedras mais ou menos do tamanho de um punho, esculpidas em 1400 a.C., que representam precisamente os Sólidos de Platão descritos no *Timeus* (que só seriam estudados oficialmente mil anos depois, na Grécia segundo as *otoridades*). Apesar destas estruturas serem extremamente delicadas e precisas, oficialmente, estas pedras são consideradas “*projéteis de algum tipo não definido de boleadeira*”.



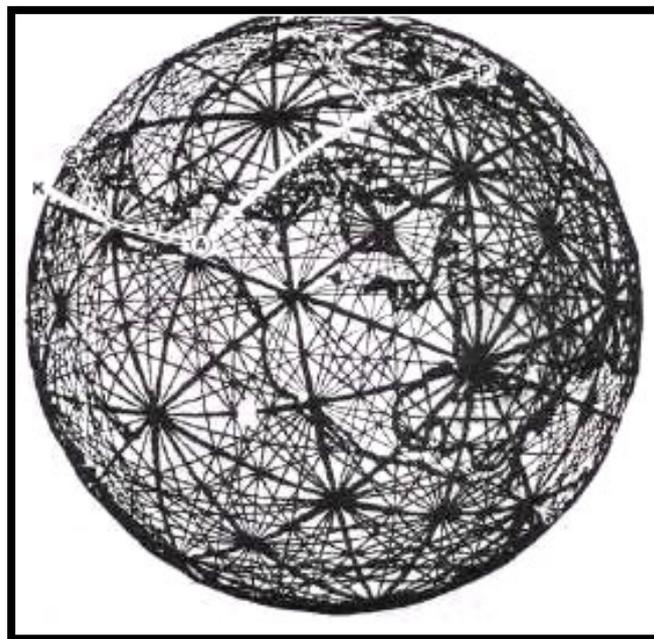
No *Brittish Museum* também estão em exposição esferas de metal (de ouro e bronze) vietnamitas com respectivamente 20 e 12 pontos, que se encaixam e rolam umas sobre as outras, marcando uma combinação de 62 pontos e 15 círculos. Estas esferas possuem cerca de 2.500 anos de idade. Apesar destas esferas servirem como objeto de estudo dos Sólidos de Platão e da combinação de pontos dentro de uma superfície esférica, oficialmente elas são “*objetos de uso religioso não especificado*”.



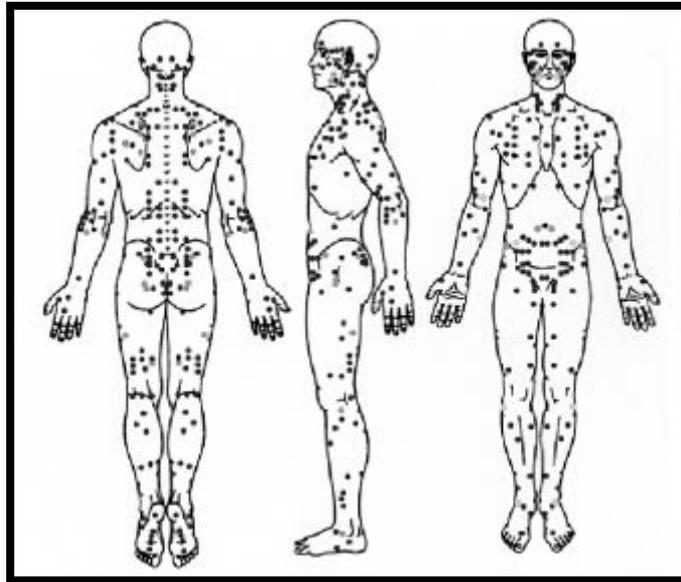
Combinando os dois principais Sólidos de Platão, temos uma grade composta de 120 triângulos como a figura ao lado. Esta esfera metálica vazada foi encontrada por arqueólogos em ruínas na cidade de *Knossos* (durante a Idade Média, diversas imagens como esta apareciam em textos de alquimia e ela era chamada de “*Esfera Celestial*” por eles). Sua função era ser deixada ao sol para estudos da projeção das sombras sobre a esfera central. Com isto, os gregos (e egípcios e posteriormente os pitagóricos, alquimistas e templários) conseguiram medidas precisas de distâncias no planeta, que só foram igualadas em precisão neste século, com os mapeamentos por satélite. Oficialmente, este é uma “*esfera ornamental, de função desconhecida*”.



Mas vamos direto para as Linhas de Ley. Como todos nós sabemos, os Sólidos de Platão são 5 (*tetraedro*, *cubo*, *octaedro*, *dodecaedro* e *icosaedro*). Pense nos dados de RPG. Porque apenas cinco? A resposta está nos cinco elementos do pentagrama usado na magia. Estes elementos estão também relacionados com sólidos geométricos, além das cores e símbolos tradicionais. Então temos: Fogo = *tetraedro*, Terra = *cubo*, Ar = *octaedro*, Água = *icosaedro* e Espírito ou Prana = *Dodecaedro*. As Escolas Pitagóricas reuniram todos os sólidos dentro de uma única esfera e o resultado foi um mapa de linhas formado por 120 grandes círculos e 4.862 pontos. Como na figura abaixo:

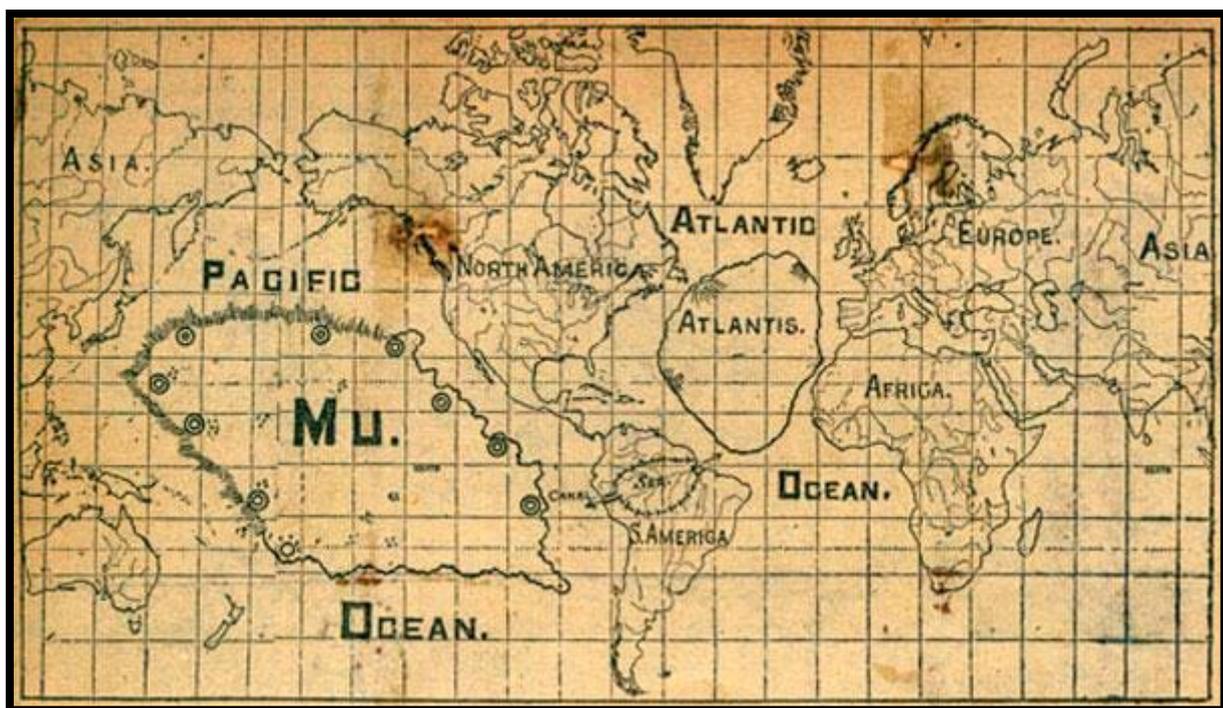


Os estudos de **Platão** ecoam os ensinamentos de **Pitágoras** a respeito da projeção do infinito sobre o finito e servem para demarcar os pontos energéticos de maior intensidade na superfície do planeta, da mesma maneira que as linhas energéticas marcam os pontos principais da acupuntura em um corpo humano. Repetindo: “*As above, so Below*” (Tudo o que está em cima é igual ao que está embaixo).

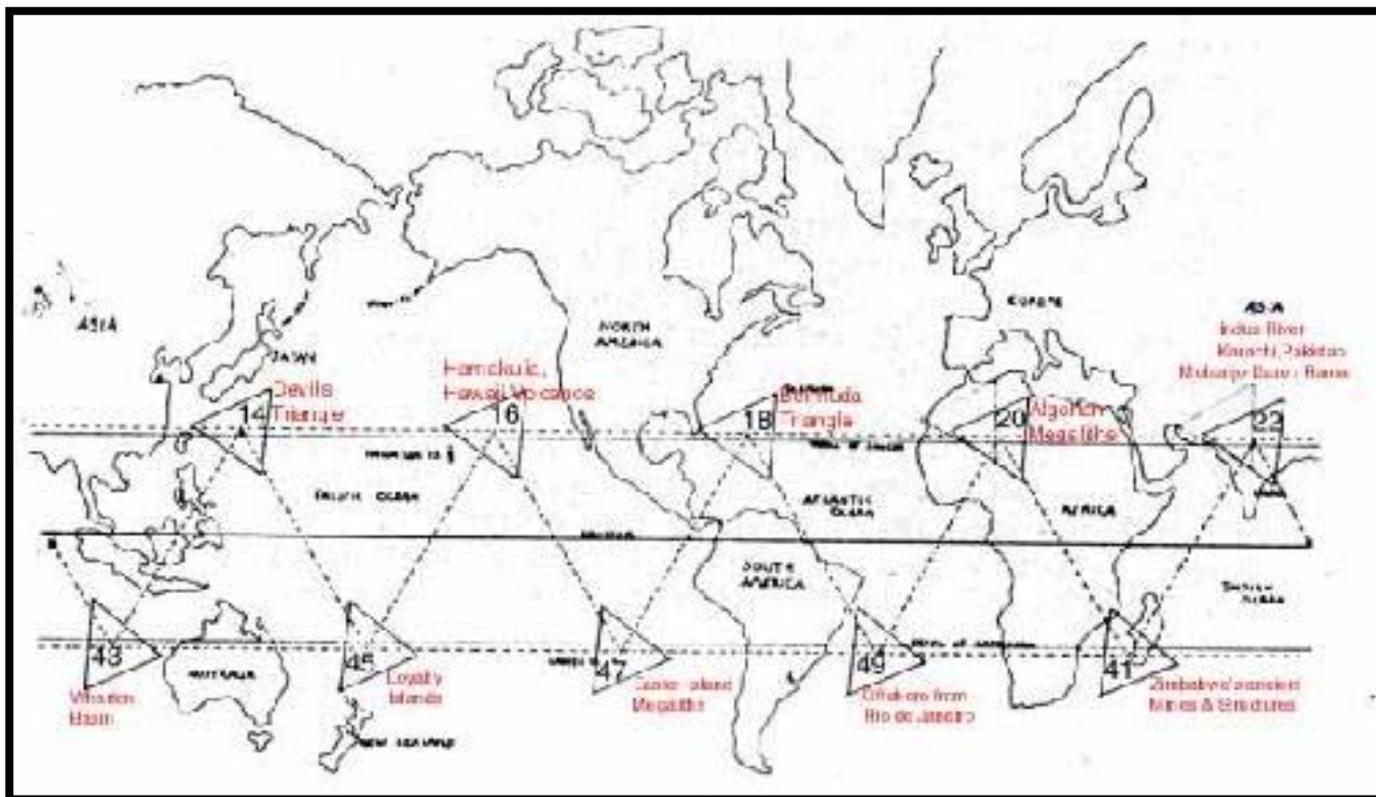


Eminentes cientistas, como **Sir Joseph Norman Lockyer**, estudaram a superfície do planeta e sobrepuseram as chamadas Linhas de Ley com grandes monumentos do passado, como as *Pirâmides*, os principais círculos de pedra e outros eventos “inexplicáveis” e chegaram a “coincidências” absurdas. Cidades como o Cairo, com 6.000 anos de idade, foram projetadas (sim, você leu direito: projetadas) de maneira harmoniosa com as linhas energéticas do planeta. Londres, Paris, Berlim, Moscou, Washington, Brasília (ok, Washington e Brasília são cidades novas, mas seus projetistas sabiam o que estavam fazendo—olhe direito a planta de Brasília... aquilo é mesmo um avião ou poderia ser um compasso?).

Graças a este conhecimento oculto, mapas medievais até hoje inexplicados mostram a América, Austrália e Antártida com formas quase perfeitas, condizentes com descobertas feitas séculos depois. Exemplos são o Mapa de Piri Ibn Haji (copiado de um mapa que estava na *Biblioteca de Alexandria*, com a descrição da América) e o mapa de Calopodio (1537, descrevendo a Antártida). Estes mapas eram mais precisos do que mapas feitos até a década de 60 ou 70.

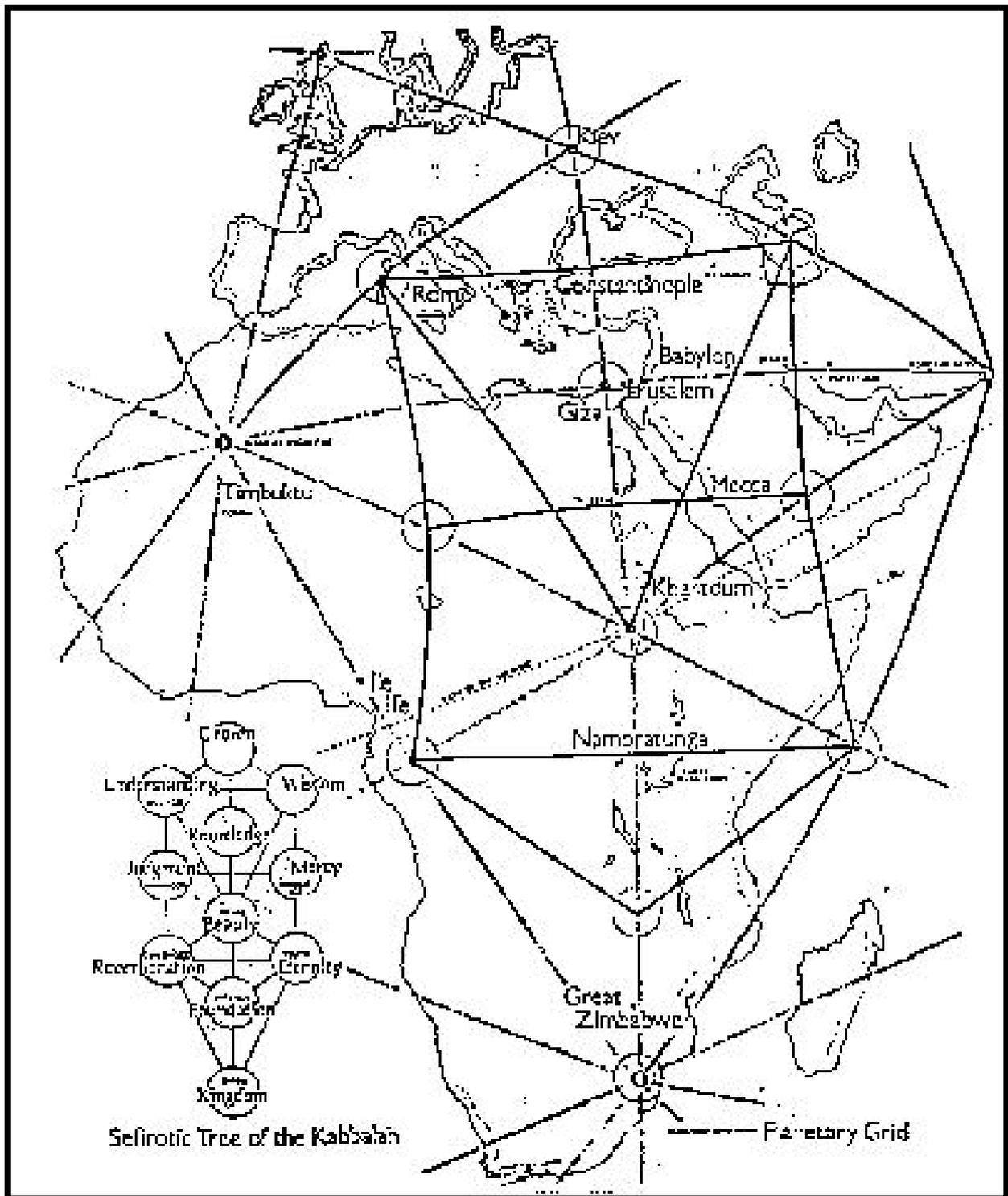


Com base nestas linhas, mapas da *Atlântida* e de *Lemúria* também puderam ser traçados muitos séculos antes que os cientistas sequer começassem a discutir “placas tectônicas”. O pesquisador e cientista **Sir James Churchward** publicou, em 1972, um trabalho intitulado “*The Twelve Devil’s Graveyard around the World*”, onde localizava os doze locais onde ocorriam o maior número de acidentes e desaparecimentos de barcos e aviões no planeta. Durante anos, ele compilou relatórios da marinha de vários países, chegando aos doze pontos críticos (entre eles, o famigerado *Triângulo das Bermudas*). Quando os estudiosos compararam estes pontos com o modelo esférico de **Platão/Pitágoras**, “coincidentemente” chegaram aos pontos principais do *icosaedro* projetado no Planeta (que “coincidentemente” é o elemento Água na geometria pitagórica).



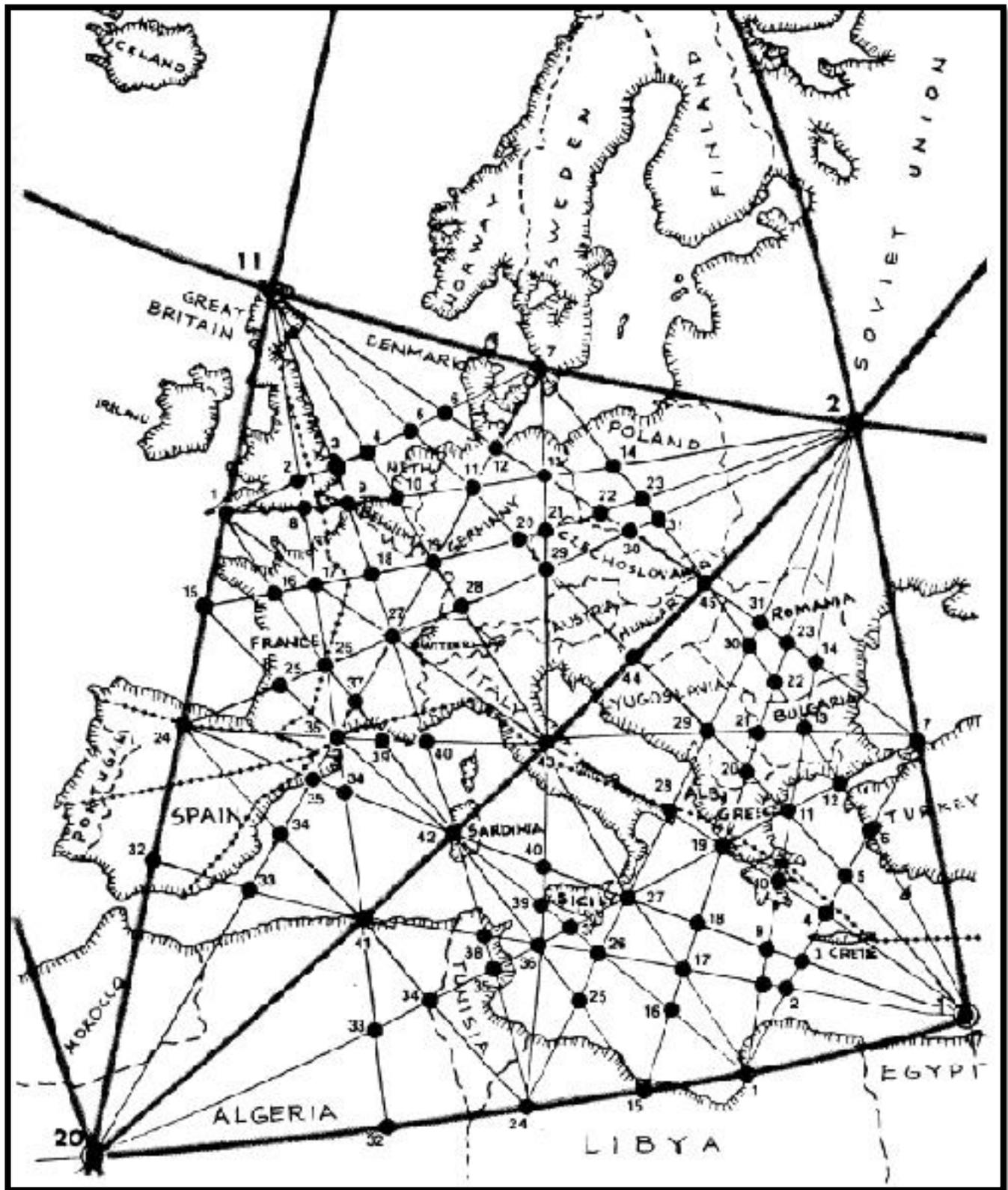
Cruzando outros pontos na grande esfera temos pirâmides ao redor do planeta (uma na *Amazônia*, inclusive... porque será que os americanos estão tão preocupados com a *Amazônia* agora? Vejam a briga que está no congresso, com esta proposta de lei para privatizar partes da floresta... que terrenos exatamente vão cair nas mãos de multinacionais americanas?), caminhos que as aves migratórias seguem, avistamentos de *UFOs*, locais sagrados, Catedrais, Círculos de Pedra e por ai vai. Escolha um local bizarro ou inexplicável do estilo “acredite se quiser” e coloque-o sobre o mapa-mundi. Ele estará sobre ou muito próximo de um ponto destes.

Se quisermos brincar um pouco mais, basta pegar cidades importantes do ponto de vista religioso ou político, como *Kiev*, *Roma*, *Constantinopla*, *Jerusalém*, *Meca*, *Karthoum* (cidade mais importante do antigo Sudão), *Ile Ife* (cidade mais importante para os antigos Yorubás) e as ruínas do Grande Zimbabwe e perceberemos que elas se encaixam em um padrão peculiar (os pontos que estão faltando são sítios arqueológicos que foram centros religiosos em um passado distante). Quem já está familiarizado com a *Kabbalah* vai achar no mínimo intrigante esta “coincidência”. Podem, inclusive reparar que *Jerusalém* está sobre a sephira *Da’ath* (ok, eu sei que a maioria não vai entender essa...)



Na Europa não é diferente. Se conectarmos todas as linhas básicas descritas por **Platão** e **Pitágoras**, os cruzamentos principais destas linhas cairão em cidades importantes como *Oxford, Rotterdam, Berlin, Chartres, Altamira, Barcelona, Frankfurt, Córdoba, Hamburgo, Lourdes, Roma, Atenas, Delfos* e trocentas outras. Cidades que surgiram ao redor de oráculos, círculos de pedra (que foram substituídos por catedrais por causa da *Igreja Católica* e ai entra a importância dos pedreiros livres para a preservação desta geometria sagrada) ou monumentos antigos.

Agora... por que **TODOS** os oráculos gregos, círculos de pedra e pirâmides estão localizados sobre estes nodos? Que relação temos entre “comunicação com os deuses”, “centros religiosos”, “eventos bizarros” e as Linhas de Ley? *Coincidências? 4.862 coincidências então.*



E estas linhas e pontos podem ser divididos múltiplas vezes, em grades menores, até chegar a parcelas bem pequenas, suficientes para envolver quarteirões ou mesmo casas. Os chineses, gregos, egípcios e os antigos já conheciam a respeito destas linhas e chamam isso de Feng Shui/Geometria Sagrada (mas esqueçam estas coisas estranhas que aparecem nas revistinhas de decoração hoje em dia, estou falando da ciência por trás do Feng Shui, algo que definitivamente não vai cair nas mãos das massas tão cedo).

Todo mundo conhece locais na sua cidade ou bairro onde não importa que tipo de negócio se abra, ele sempre quebra, lugares onde qualquer loja que se estabeleça será um sucesso, locais onde você se sente mal sem saber por que ou lugares onde você se sente bem sem explicação racional. O estudo sério destas linhas energéticas poderia

trazer benefícios enormes para a humanidade, definindo locais melhores e mais adequados para se construir hospitais, escolas, presídios, estabelecer plantações, parques, áreas residenciais e assim por diante.

Além dos nodos, existe uma segunda classe de linhas energéticas que correm pelo planeta, chamadas “Linhas Telúricas”. *ENERGIA TELÚRICA* é uma corrente elétrica de baixa frequência e que percorre grandes áreas do planeta, que se movimenta debaixo da terra e nos oceanos, já fartamente comprovada pelos cientistas (você pode ver o vídeo de uma demonstração de uma BATERIA DE TERRA^[1] simples) mas quase totalmente inexplorada por falta de interesse das *otoridades*. Afinal de contas, para quê investir em energia gratuita para a população quando se pode cobrar por ela? **Nicolai Tesla**, um dos maiores gênios que já pisou este planeta, que o diga.

A junção dos centros energéticos das Linhas de Ley com o fluxo das Linhas Telúricas produz enormes quantidades de energia, que podem ser manipuladas e controladas através de determinados monumentos. A Geometria Sagrada das *pirâmides* e dos *círculos de pedra* é capaz de canalizar e focar todas estas energias para usos específicos, da mesma maneira como as agulhas de acupuntura são utilizadas nos centros energéticos em um ser humano para acionar determinados tipos de energia em nossos corpos.

Estas energias são captadas e projetadas dentro dos círculos, nas câmaras das pirâmides ou dentro de certas cavernas, através de ajustes “fechando” determinados circuitos (lembrem-se quando eu expliquei que a Câmara dos Reis^[3] podia ser *REGULADA*?) para gerar campos eletromagnéticos muito fortes e harmônicos, que vibram em ressonância com determinados chakras nos seres humanos, abrindo-os totalmente e desenvolvendo certas faculdades.

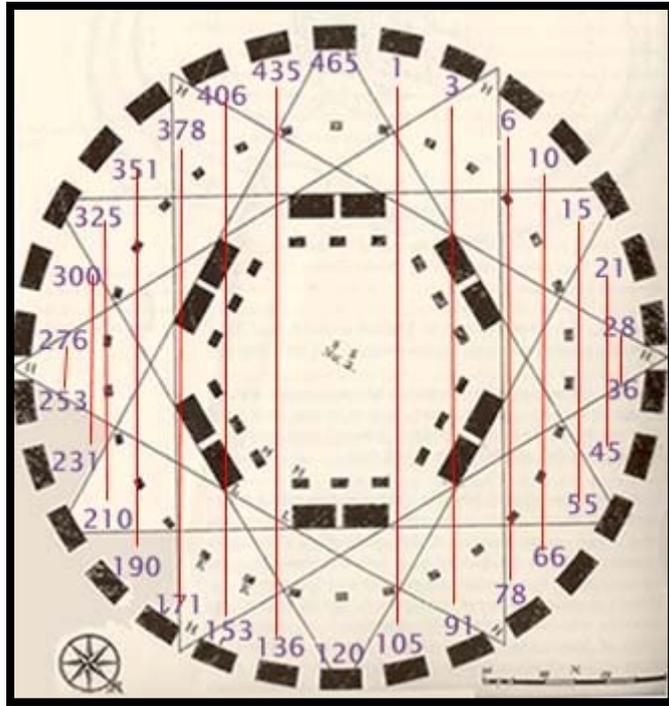
O tipo de ressonância era escolhido de acordo com a necessidade ou ritual—no caso das pirâmides e do ritual de iniciação de um faraó ou sacerdote, as forças envolvidas naquele “mergulho” nas águas primordiais em ressonância com a pirâmide em determinadas datas abria totalmente os chakras Anja e Sahashara, despertando no iniciado poderes de *clarividência*, *telepatia*, *intuição*, *projeção astral* e muitos, muitos outros.

Nós dizemos que os *círculos* e *pirâmides* eram observatórios espaciais, mas a verdade é que, dentro de certos campos energéticos gerados nestes locais, os sacerdotes possuíam uma visão astral tão desenvolvida que as visões e cálculos que faziam em transe eram tão avançadas e precisas quanto os melhores observatórios astronômicos do século XX. Isto permitiu a eles construírem tabelas de relações entre planetas, períodos e signos precisas o suficiente para fundamentar a ciência da Astrologia, conforme eu já expliquei nestas matérias^[2].

Claro que os *círculos*, *pirâmides* e *cavernas* também possuíam funções ritualísticas e de celebrações. Faziam às vezes das igrejas e templos de encontro nas vilas.

Graças ao estudo e conhecimento dos *COMPUTADORES CELESTES*^{[4][5]}, das *projeções astrais* e das *rodas astrológicas*, os antigos conseguiam prever com exatidão as reencarnações de seus reis, líderes espirituais e Avatares. Preste atenção no que eu disse neste parágrafo e anote com cuidado estas palavras, pois serão muito importantes algumas colunas mais para frente!

Para exemplificar estes circuitos telúricos, aqui está um mapa da estrutura de *Stonehenge* vista de cima. Repare nas linhas energéticas que cruzam as pedras externas do círculo. Ao todo, são *12 pontas na estrela*, que serviam para marcar a posição do sol e planetas em comparação com os *12 signos* e para canalizar as energias de Ley e Telúricas para o interior do círculo.

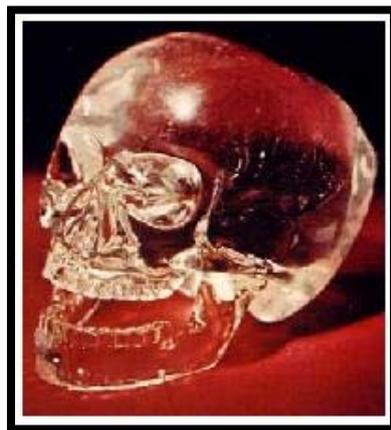


As pedras centrais fecham um circuito mais poderoso em conjunto com 6 pedras externas (os pontos 465-55-210 e 325-15-120), que eram usados em determinadas datas para rituais específicos. Estas datas eram *solstícios*, *equinócios* e *noites de lua cheia* (os chamados *sabbaths* e *esbaths*). Os ritos incluíam *aumento da fertilidade*, *da produção*, *curas*, *preparação da saúde das pessoas para o inverno rigoroso*, *aumento das habilidades artísticas*, *de caça*, *pesca*, *uma fusão maior com a natureza*, etc.

Os mais observadores já devem ter percebido que esta curiosa estrutura de pedras que descrevi forma uma estrela de Davi. Mas o que um símbolo “*judeu*” está fazendo em um monumento celta? “*Coincidência*”, é claro!

Além destas mega-construções em pedra, os antigos também utilizavam-se de cristais para focar e canalizar estas energias, de modo a harmoniza-las com seus pontos, a nível pessoal, planetário e sideral (nos monumentos de pedra).

Na *Atlântida*, os cristais eram usados como computadores maravilhosos que deixariam os nossos no chinelo. Computadores movidos por energia mental, capazes de armazenar nossos pensamentos e emoções (pense nos *cristais de Krypton*, da *Fortaleza da Solidão* no filme do *Superman* e você vai ter mais ou menos uma noção do que eu quero descrever). Ligados entre si através das Linhas de Ley, em uma “*internet*” capaz de buscar conhecimentos nos chamados “Registros Akashicos” que fazem o Google™ parecer uma lista de supermercado básica (claro que os antigos estavam em outro patamar de evolução, e não usavam este tipo de tecnologia para baixar músicas piratas ou visitar sites pornográficos).



Aqui eu preciso fazer um parêntesis. Quando eu digo que os antigos possuíam uma tecnologia sensacional, com VIMANAS, engenharia genética, supercomputadores e tudo mais, você pode se perguntar “mas e os homens das cavernas? E os primitivos?” e a resposta é: a Terra sempre está povoada por regiões de evolução mental, espiritual e cultural MUITO distintas... enquanto os *atlantes* e *lemurianos* tinham toda esta tecnologia ao seu dispor, em outras regiões do planeta estavam quase-macacos venerando o sol e a lua como se fossem deuses. Se você achar tão difícil assim compreender este cenário, compare a *Noruega* com a *Serra Leoa* nos dias de hoje, século XXI.

Dizem que estes cristais ainda estão por aí, a maioria submersos, mas alguns chegaram até a gente através dos *incas*, *maias*, *astecas* e um ou outro *tesouro templário*, mas nos falta tecnologia para ativá-los, pois estes cristais não são ativados por aparelhos, mas por ondas mentais específicas que ainda temos de evoluir um tanto para atingir estes patamares...

Hoje em dia, cristais podem ser usados para regular nossa energia. Colocando-os sobre os nossos chakras e fazendo certas respirações e meditações, conseguimos ativar (através das frequências de nossos pensamentos pela meditação) algumas das características destes cristais. O grande problema é que a imensa maioria das pessoas não tem a disciplina mental necessária para ativar corretamente estes cristais através da visualização (que é uma técnica que existe em praticamente *TODAS* as ordens iniciáticas – é o be-a-bá da magia) então os resultados são algo muitas vezes falhos e imprevisíveis, o que dá margem pra charlatanismo e especulações, colocando em total descrédito estas técnicas (como trocentas outras coisas sérias que foram estragadas pelos humanos estúpidos).

Memórias de uma Antiga Civilização Hi-Tech

por Daniel Perez



Seria o Templo de Hórus em EDFU, Egito, uma CPU?

De volta à 2 de março de 1999, **Richar Hoagland** fez uma aparição em um especial da FOX chamado "A Abertura do Túmulo Perdido". O programa mostrou opiniões divergentes em relação aos mistérios antigos do Egito.

Egiptólogos da corrente em voga e pensadores como **Zahi Hawass** afirmam que os antigos egípcios construíram todos os monumentos como as Pirâmides e a Esfinge e afirmam que qualquer outra teoria é ridícula.



Pesquisadores alternativos, como **Hoagland**, sugeriram que *os monumentos do Egito foram construídos por uma civilização anterior de alta tecnologia*. Um pedaço de evidências apresentadas no especial da FOX mostrou um glifo em um templo em Abidos, no Egito.

O glifo em particular tinha vários objetos bizarros, parecendo alta-tecnologia:



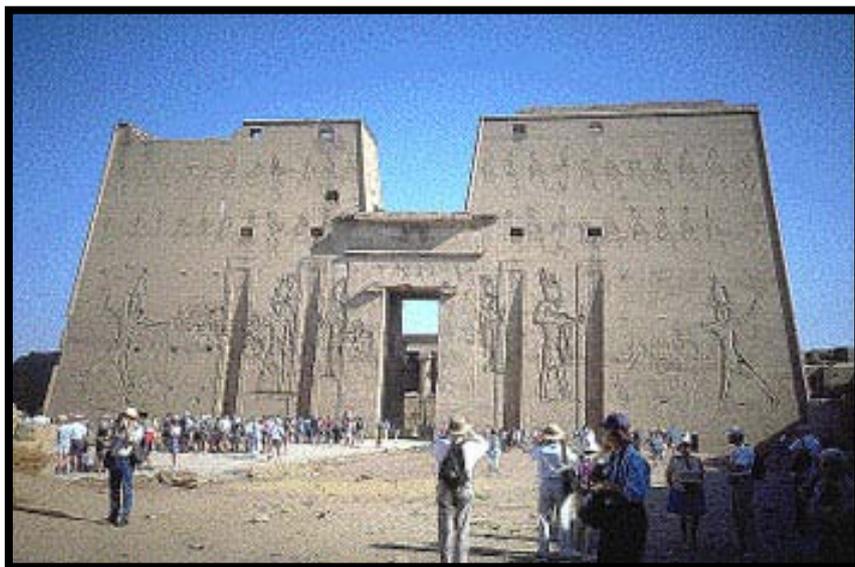
Uma das características mais marcantes deste glifo era um personagem que se assemelhava a um *helicóptero*.



Este glifo foi encontrado em um Templo que foi originalmente construído por **Seti I** em Abidos, que foi um centro de culto dedicado à *adoração de Osíris*. Era esta a única evidência no *Egito* sobre a memória residual de uma civilização de alta tecnologia pré-histórica?

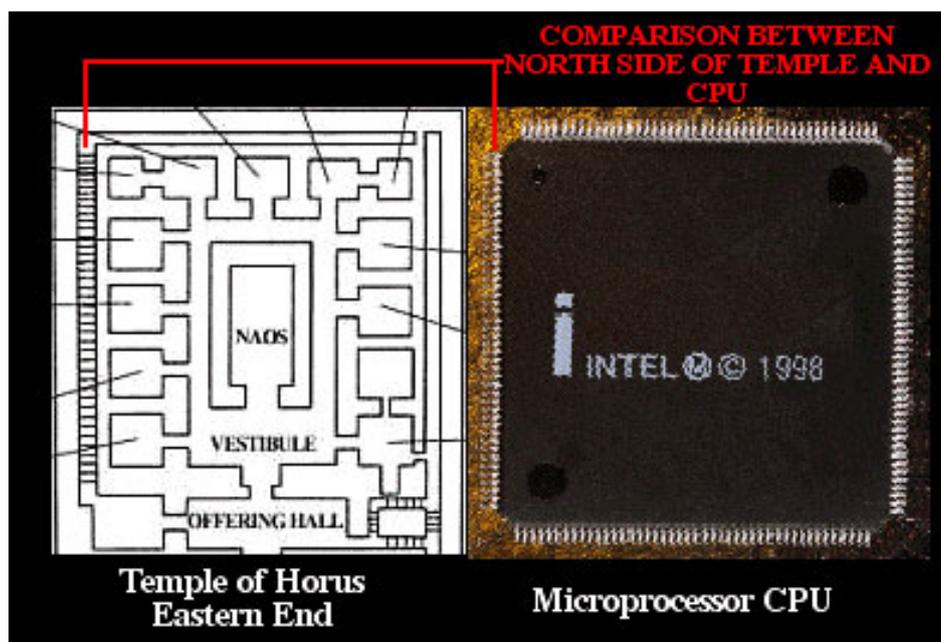
Foi até uma descoberta feita por **Daniel Perez**, que mantém o site.

Durante o curso de navegação na *Internet* por informações para criar uma página sobre um assunto completamente diferente, **Perez** deparou com um site mostrando o templo de **Horus** em Edfu, *Egito*. Este templo foi construído para o culto de **Hórus**, o filho de **Osíris**, que vingou a morte de seu pai.

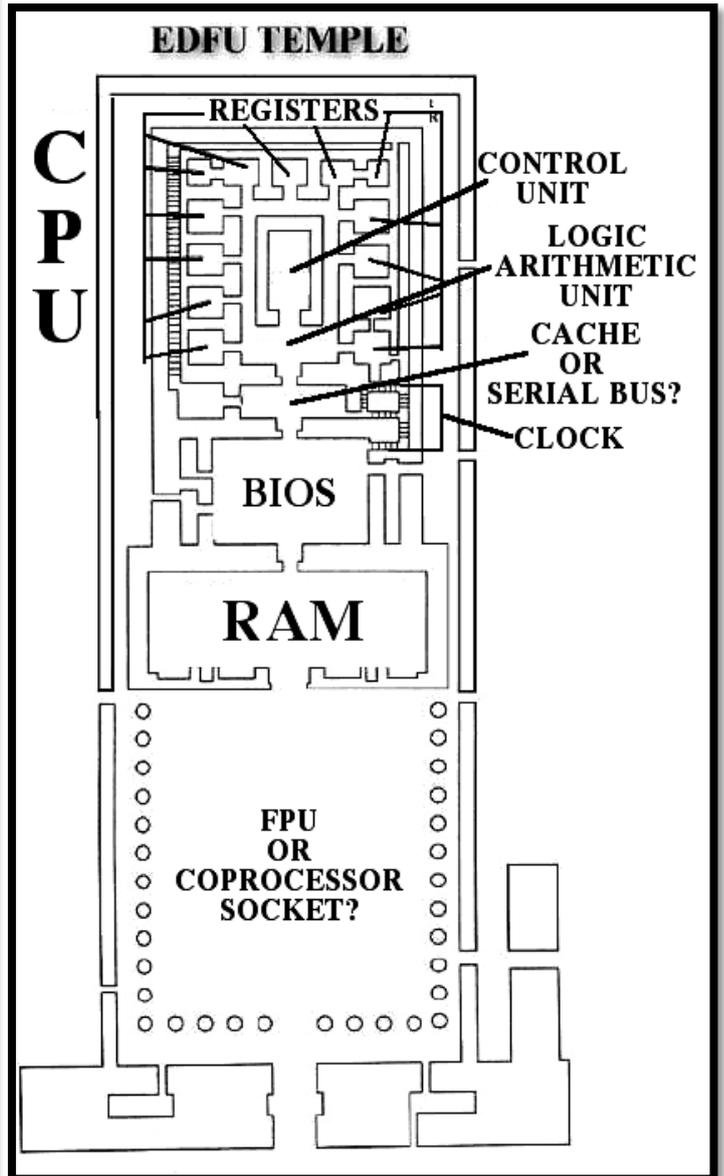
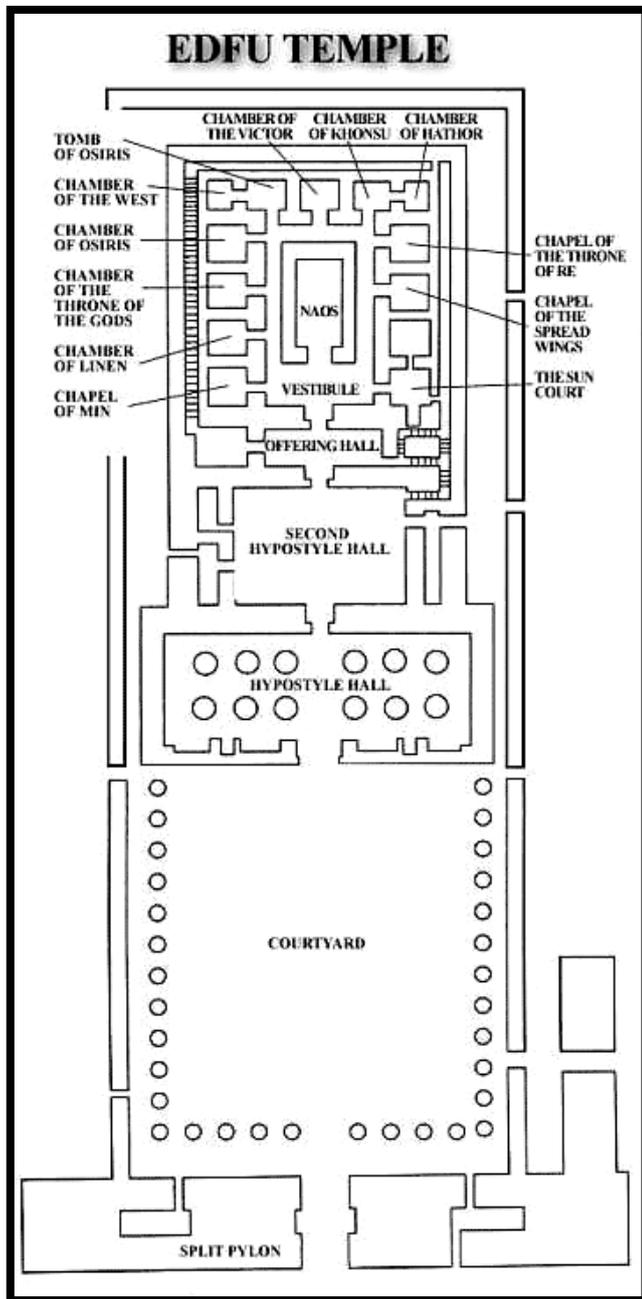


Nesta mesma página da web tinha um mapa do Templo de Hórus.

Ao olhar para esta imagem e baseando suas observações sobre os seus conhecimentos de *eletrônica*, **Perez** notou que o extremo oriental do templo (em cima da imagem) parecia muito semelhante à estrutura de um *microprocessador*. O que chamou a atenção de **Perez** foi as linhas espaçadas no lado direito (lado norte) do templo.



Então, olhando para a imagem inteira, tornou-se óbvio que a totalidade do Templo de Hórus correlacionada com os componentes de uma CPU e *hardware circundante* que é encontrado com computadores modernos.

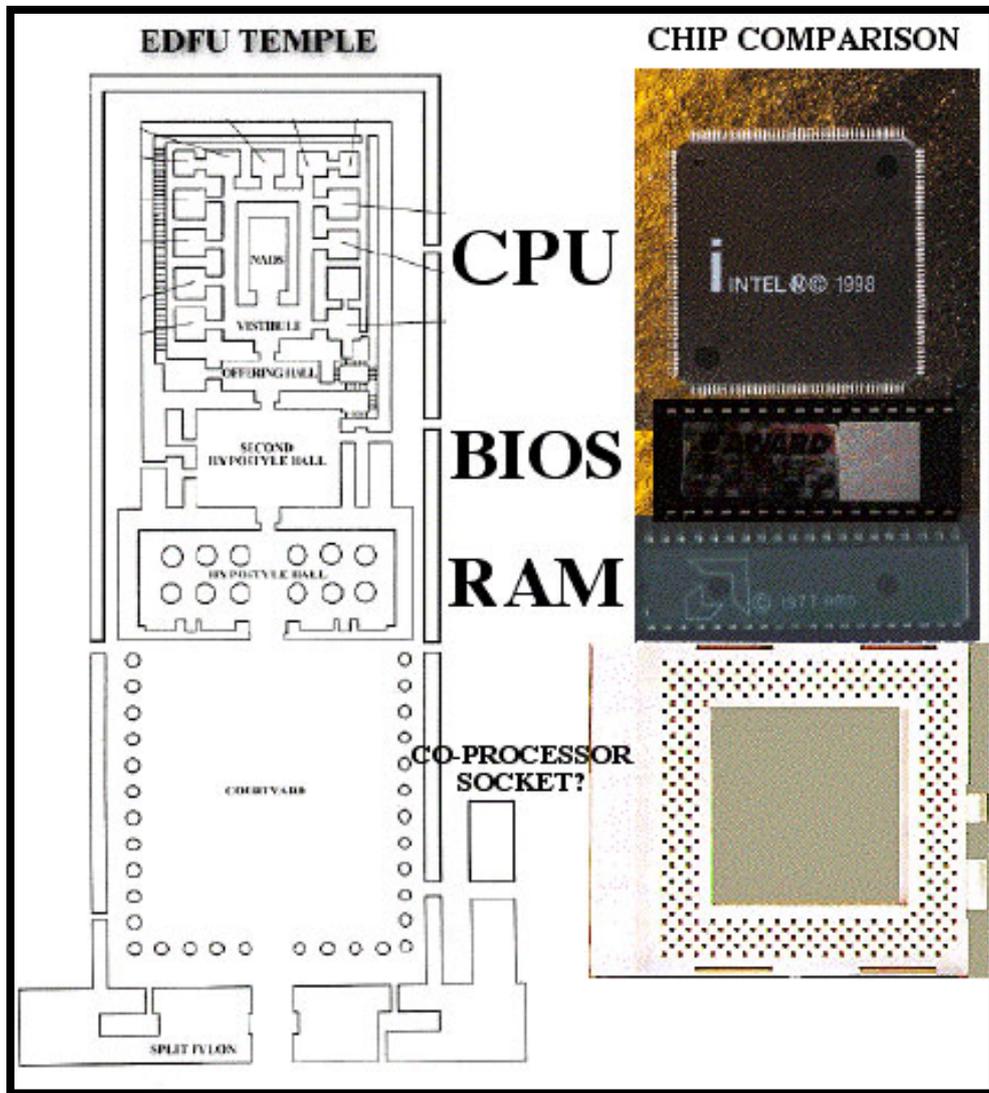


Cada seção do Templo de Horus correlacionada com um segmento de uma CPU e o hardware necessário em torno de uma CPU para funcionar.

A CPU / Santuário Interior

A parte mais importante do Templo de Hórus, o extremo leste, tem uma estrutura semelhante ao interior de uma CPU. As seções menores consistem de *Câmaras* em torno de um *Salão de Oferendas*, um *Vestíbulo* e uma área chamada de *Naos*, que na tradição egípcia contém a parte mais importante deste templo particular, uma estátua do deus **Hórus**.

As *Câmaras* em torno da extremidade oriental do Templo seria, logicamente, lugares para guardar objetos ou informação, talvez para uso posterior em um ritual. Dentro de uma CPU, segmentos conhecidos como registro executam a tarefa de armazenar a informação a ser processada posteriormente.



A próxima câmara interna é um Portal, que é definido no *Webster's Dictionary* como "um curso que oferece acesso (como a algo novo)". Em questão semelhante, a seção aritmética e lógica de uma CPU oferece seções do exterior de um microprocessador de acesso à área principal da chamada *Unidade de Controle*.

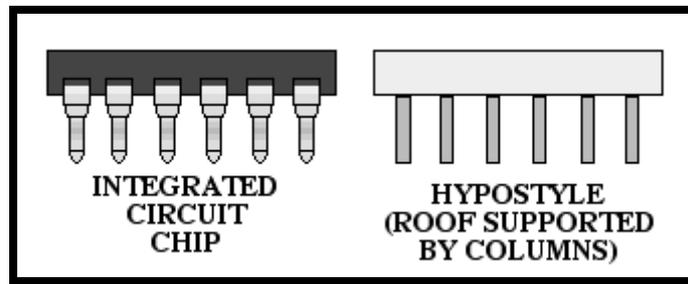
A *NAOS*, é obviamente o centro do templo e, simbolicamente, controla e trabalha em conjunto com todos os rituais e tradições que a rodeiam. De forma semelhante, a *Unidade de Controle* de uma CPU controla e funciona em conjunto com todas as outras seções de um microprocessador.

O inferior direito do santuário interno do templo (área da CPU) são duas pequenas seções que se assemelham a miniatura de *circuitos integrados* que são utilizados em computadores como relógios do sistema para a CPU.

À entrada para esta seção interior do Templo de Horus é uma arca chamada "*O Salão de Oferendas*", que contém os itens a serem trazidos do "*Segundo Hipostilo*". O *Cache* de uma CPU contém os dados que devem ser trazidos do exterior, especialmente a partir do próximo componente de um computador, o chip da *BIOS*.

O Chip BIOS / Segundo Hipostilo

A palavra "*Hipostilo*" no *Webster's Dictionary* é definida como "um telhado assentado em linhas de colunas". Se você percebeu, qualquer chip de *Circuito Integrado*, incluindo o chip *BIOS*, parece com um telhado assentado em linhas de colunas. O "teto" seria o corpo do chip e as colunas seriam os pinos de metal salientes no chip.



O chip *BIOS* executa a função de "*carregar o sistema operacional*" da CPU certificando se todos os acessórios estão no lugar, transfere o controle para a *BIOS* e carrega o programa a ser usado na *Memória de Acesso Aleatório* (RAM).

De forma semelhante, o "*Segundo Hipostilo*" é um local de encontro para deixar o templo pronto para os rituais de "*culto ao deus*" a serem realizados, temporariamente transfere o controle do templo para esta sala, quando o ritual do "culto ao deus" está prestes a começar e é usado para trazer a tradução da celebração ritual (um programa) para aqueles que no próximo "hipostilo" exterior que não tem talento suficiente para estar no santuário interior.

RAM / Salão Hipostilo

Memória de Acesso Aleatório é uma memória de curto termo usada para prender temporariamente os programas a serem utilizados por um computador. No caso do templo, "*o computador*" é a civilização egípcia e o "*programa*" é uma celebração realizada no salão hipostilo exterior para aqueles que não estão qualificados ou obrigados a estarem no santuário, ou que são membros temporários.

Pátio / Um Soquete Co-Processador

O pátio aberto do templo tem vários pilares em torno delem dentro de uma parede em três lados. Um soquete que é utilizado para conter um chip co-processador (ou *Floating Point Unit*) em uma placa-ãe do computador seria uma comparação lógica a esta área, se os "*pilares*" são interpretados como "*buracos*" e a área aberta é a área oca do "*soquete*".

Conclusão

O plano do Templo de Hórus se assemelha a coleção de uma *CPU*, um chip de *BIOS*, um chip de memória *RAM* e um soquete de *Co-Processador* encontrados em computadores de hoje em dia. Computadores, obviamente, não existiam no Antigo Egito, *porque eles não tinham a tecnologia e o conhecimento*.

Tempus Interludium

por Ernest L. Norman

Parte I

7 de outubro de 1969 - Durante os últimos cem anos ou assim, os povos do hemisfério ocidental têm estado tremendamente interessados e intrigados com a *sabedoria do Antigo Egito*, como ela havia sido desenterrada e, aparentemente, traduzida pelos esforços dos arqueologistas. Até agora, porém, os aspectos mais importantes neste Egíptologia não foram reconhecidos e, em particular, o significado de certas conexões que esta Egíptologia teve, em um sentido histórico, com a civilização muito mais antiga e extinta há muito tempo da **Atlântida**.

Em particular, as *pirâmides do Egito*, um assunto de grande mistério e intensa polêmica, até mesmo para a exploração da gigantesca pirâmide de **Gizé** (ou *Pirâmide de Khufu* ou *Quéops*, em Gizé) com aparelhos de raios cósmicos em uma tentativa de divulgar certas câmaras internas supostamente desconhecidas. Como quase todas outras culturas éticas, religiosas, ocultas, e até mesmo superstições da Terra, a pirâmide egípcia na verdade é um remanescente vestigial, em forma degenerada feita em pedra, que antes era na verdade um grande instrumento eletrônico, projetado e construído por *mestres cientistas* de outro mundo e colocada em uma planície **Atlântica** para fins de geração de energia ilimitada derivada do cosmos interdimensional.

Como existia na Planície Atlante há 15.000 a.C., era construída de metais, não de pedra. A *configuração geométrica das pirâmides* foi propositadamente colocada em relação com *pólos magnéticos norte e sul* e com os quatro lados representando *inceptação máxima da superfície*. Na superfície metálica da pirâmide foram *colocadas milhões de pequenas células*, cujo propósito era absorver as energias cósmicas e convertê-las em energia elétrica que poderiam *transformar certos tipos de motores elétricos acoplados em enormes geradores*.

Nossas atuais câmaras modernas utilizam uma *pequena célula de selênio*, que *absorve luz e transmite-a em energia elétrica* que se abre, e perde a abertura do diafragma da câmara, um paralelo com as *células da pirâmide que cobria todas suas quatro faces*, e como a pirâmide tinha, possivelmente, *mil metros de altura cobrindo noventa e seis hectares de terreno*, o número total de células envolvidas quando conectados juntos podem *gerar um tremendo poder*. (A grande *pirâmide de Quéops*, em **Gizé**, tinha 482 metros de altura cobrindo 13 acres).

A história de **Amon Ra** que veio a **Atlântida** cerca de 15.000 a.C., chegou em uma nave espacial, juntamente com uma série de *cientistas e técnicos* que começaram a construir uma pirâmides na planície **Atlântica**; uma pirâmide que era exatamente semelhante a construída na planície da **Antiga Lemúria** cerca de 140.000 anos antes daquele tempo. A história da construção da pirâmide foi mais tarde, através de sucessivas gerações de pessoas da terra e transmitida como era, *degenerou-se em lendas não totalmente precisas e com elementos importantes do misticismo*.

A típica história da "**Torre de Babel**" do *Velho Testamento* foi derivada a partir desta lenda, ou seja, as antigas pessoas tribais acreditavam que os **Lemurianos** *estavam construindo uma torre para o céu, etc.*

Então, era **Amon Ra** e seus *técnicos* que tinham construído a pirâmide de **Atlântida**, no interior do qual foi dedicada a *diferentes seções, salas, etc., todas integradas no desenvolvimento e na distribuição do enorme poder que era gerado por estes geradores no cofre subterrâneo sob o piso*.

No centro da pirâmide e no chão estava o painel de comando—não como os painéis de comando das casas de hoje, mas sim, era uma *caixa de metal de cerca de 20 metros quadrados* que continha um *robô* ou um *computador* que, em sua função na conversão e distribuição de energia e do enorme poder envolvido, *gerava um campo*

eletromagnético em torno dele de tal intensidade que o metal parecia brilhar muito, como um forno superaquecido fica vermelho.

Este brilho dava a aparência de que a caixa era realmente pura energia cristalina. Esta caixa também realizou outra importante função.

Do alto da caixa tinha uma esfera metálica de 3,048 metros de diâmetro e a partir desta esfera, que era na verdade um polo positivo, uma protuberância de energia parecida com chama ficava em linha reta em direção ao ápice da pirâmide, onde, a partir de uma longa haste, haviam outras esferas semelhantes de metal penduradas.

O objetivo pelo qual esta “*chama*” de energia existia era de extrema importância técnica, na medida em que as *oscilações total de energia da rede gerada nas células na superfície externa da pirâmide* eram, neste processo como a “*chama*”, *convertida em energias utilizáveis de alta frequência que eram transmitidas para as casas e outros edifícios nas proximidades das cidades Atlantes, eliminando a necessidade de fios, transformadores, postes, etc.*, com o qual estamos acostumados em nossas cidades de hoje. *A nossa gama de radares modernos utilizam esse método de radiação de energia de ondas curtas para cozinhar alimentos.*

Agora é facilmente compreensível que, em tempos antigos, seja **Lemúria** ou **Atlântida**, quando os ignorantes, supersticiosos nativos aborígenas do planeta viram ou ouviram sobre essa maravilhosa tecnocracia científica, não puderam entender e se tornou um grande mistério para eles. A caixa quadrada no meio do chão tornou-se um cubo de energia pura; a chama, que derivaram a partir do topo ascendente em direção a bola metálica pendurada parecia imóvel, mas realmente *vibrava ou oscilava milhares ou milhões de vezes por segundo*, a uma velocidade demasiado incompreensível para se ver ou sequer entender por nossa matemática de hoje.

No início deste século, **Nikola Tesla** desenvolveu a sua famosa Bobina de Tesla, no topo da qual, a partir de uma bola esférica, grandes flâmulas-relampejos de energia estendiam-se a muitos metros de distância para os objetos próximos. Estava **Tesla**, através de uma memória psíquica, tentando reproduzir a grande maravilha técnica que ele viu no grande templo de **Atlântida**? E muitos milhares de anos antes, quando os antigos egípcios construíram as pirâmides de Gizé, cobriram a superfície externa com um material monolítico parecido com alabastro de uma composição desconhecida, na tentativa de duplicar a superfície branca metálica da pirâmide de **Atlântida**.

No entanto, os egípcios, descendentes dos aborígenes que sobreviveram ao cataclismo, lembraram apenas vagamente, psicologicamente; apoiados, sem dúvidas, nas lendas do antigo templo **Atlante** que *tentaram duplicar*. No entanto, com nenhuma das ciências ou da tecnocracia, e pouco conhecimento ou nada de eletrônica, eles só poderiam construir as suas pirâmides de blocos de pedra e cobri-la com um alabastro branco.

Talvez a ciência trazida à **Lemúria** e **Atlântida** pelos *Lemurianos* serão, no futuro próximo, duplicados na Terra. Já diversos países através do mundo estão construindo usinas de grande poder, derivando grande poder a partir do átomo. No entanto, isso é muito bruto, quando comparado com a ciência da pirâmide Atlante, que converte a partir dos campos eletromagnéticos do sistema solar e do universo interdimensional, uma vasta fonte de energia que pode ser projetada por feixes de raios e refletida de torre a torre (como o nosso sistema de microondas de hoje), tremenda energia que alimenta e ilumina as cidades de todo o mundo.

O futuro traz a promessa de que tudo isso e muito mais voltará para a terra. O povo de amanhã terão luxos e conveniências inimagináveis, um modo de vida que ultrapassa até as mais fantásticas histórias de ficção científica; ainda que, nossa atual humanidade será capaz de sobreviver? Na verdade não. A mistura homogênea de raças apresenta um estado muito baixo de mentalidade, *uma sociedade heterogênea rasgada e torcida com restrições e separada por cismas irreparáveis*.

E é bastante possível prever em que no futuro, caso venha a chegar, a raça do homem que vai ocupar será muito diferente das quais vivem atualmente—uma comparação com os atlantes de pele-dourada em sua sociedade belo-

científica que, através de sua ilustre filosofia, permitiu os de pele escura dominarem e destruírem o mundo. E não é evidente que neste momento, a história está começando a se repetir?

Historicamente falando, a antropologia sempre revogou muito seriamente o modo de vida nas civilizações antigas que se tem descoberto. Não houve nenhuma evidência aparente de qualquer outro tipo de sociedade ou ecologia que iria sugerir um certo aspecto científico da vida vivida pelos Antigos. Em alguns casos, no entanto, isso pode estar muito longe da verdade. *Aparelhos científicos ou eletrônicos*, como poderiam ter sido utilizados em qualquer civilização antiga necessariamente, relativamente frágeis, os aparelhos de tamanho pequeno e portátil, e podem ter desaparecido há muito tempo, pelo menos parcialmente em potes, panelas, jóias ou sinos de templos e essas coisas.

Por exemplo: Um relatório arqueológico cita a *descoberta de baterias eletrolíticas em uma cidade pré-babilônica antiga de mais de 4.000 a.C.* Artesãos naquela época usavam *galvanoplastia* em jóias com ouro, assim como é feito hoje em dia. As baterias realmente geravam eletricidade quando o eletrólito era atualizado.

Também cerca de 4.000 a.C., segundo a arqueologia, a *antiga civilização minóica* floresceu algures no Mediterrâneo ao longo da península grega. Os minóicos eram ditos terem sido altamente cultos, eles fizeram belas cerâmicas, jóias, e outros artefatos delicadamente gravados e coloridos; o interior de suas casas, o chão e as paredes dos quais exibiam belos murais. Descrições de suas casas, diziam ter ar-condicionado, mas de portas e janelas totalmente abertas, aparentemente sem qualquer meio de cobertura ou fechamento. Agora isso é muito absurdo; até mesmo a vida selvagem primitiva em uma cabana de palha pode cobrir a porta com uma pele de animal selvagem.

O clima nas áreas do Mediterrâneo pode se tornar bastante frio no inverno; a neve cai na Itália e na Grécia, e os verões são insuportavelmente quentes. Embora as casas minóicas eram aparentemente todas construídas de blocos de pedra esculpida e tetos com vigas, sistemas diferentes certamente teriam sido usados para fechar as aberturas de portas e janelas.

Portas e caixilhos de portas, molduras e vidros das janelas poderiam ter desaparecido há muito tempo nas mãos de vândalos ou pessoas que pretendiam utilizar a madeira para seus próprios propósitos. Vidro, corado ou não, também teria sido útil. Os interiores das casas poderiam ter sido aquecidos com urnas de metal ou braseiras que queimam óleo de palmeira ou de baleia. E há uma possibilidade de que essa civilização minóica, ou até civilizações mais antigas, *poderiam ter desfrutado de tecnocracias elétricas e mecânicas muito antes do nosso tempo presente.*

A partir da *grande pirâmide central em Atlântida*, *feixes de energia seriam retransmitidos a partir de refletores nos topos das montanhas em diferentes lares onde esses raios de energia seriam convertidos em calor, luz, ou até mesmo para resfriar a casa.* A proposta aqui é relativamente simples. Um globo de vidro redondo ou esfera de aproximadamente um pé de diâmetro e cheio de determinados gases nobres que apresentem fluorescência e emitem uma luz suave e branca, assim como nossa luz fluorescente moderna. Aquecimento ou resfriamento também é simples: o ar é feito de moléculas de gases, cada molécula composta de um número de átomos. A energia elétrica de uma determinada frequência quando irradiada através do ar é convertida em calor através de histerese nos campos eletromagnéticos dos átomos.

A mesma proposição no sentido inverso faz o ar tornar-se frio, lembrando e claro, que toda a atmosfera da Terra está sempre convertendo esta determinada energia eletromagnética em calor. Falando do ponto de zero absoluto - 496 graus Fahrenheit - todo o ar sobre a superfície da terra é relativamente quente, mesmo nos pólos. Arrefecimento ou aquecimento do ar em qualquer ponto significa apenas diminuir ou aumentar a histerese eletromagnética.

Em uma casa minóica, por exemplo, um pequeno objeto de 30 cm² no chão de qualquer sala pode ser tanto o aquecedor e o resfriador. Seria, segundo os ditames de um termostato, irradiar as energias certas para a sala que retarda a histerese e torna o ar mais frio, ou acelerar a histerese e tornar o ar mais quente; um processo muito diferente do nosso atual bruto, volumoso, ineficiente e enorme sistema de aquecimento e resfriamento que deve

sempre tanto aquecer o ar em uma fornalha ou resfriá-lo por meio de equipamentos de refrigeração e, com um ventilador, emití-lo para a sala através de um duto de grande porte.

Novamente, qualquer uma destas pequenas unidades de ar condicionado teria certamente desaparecido há milhares de anos atrás. Pessoas supersticiosas podem tê-las destruído pensando que eram más, ou convertida em jóias ou armas, ou destruídas de outras maneiras. Somente os esqueletos de pedra das casas que permaneceram carregam apenas um pequeno fragmento do depoimento a respeito de uma maneira grandiosa e maravilhosa vida vivida em uma dessas cidades antigas da época da **Atlântida**.

(Amon Ra: A tradução literal de **Amon Ra** significa *deus-sol*. Os nativos supersticiosos, quando viram a nave branca e brilhante, pensaram que o *deus-sol tinha vindo à terra*, daí o nome de **Amon Ra**.)

A descrição técnica dos bancos gerador-osciladores e a geração da "chama", embora muito complexo, pode ser facilmente entendido com esta explicação simplificada: *Na câmara subterrânea sob o piso ficava a combinação motor-gerador montada em um eixo vertical*. Esta peça de uma máquina funcionava exatamente semelhante aos nossos motores de histerese sincrônicos de Pabst atuais, ou seja, exatamente no sentido inverso ao dos motores comuns que têm um rotor girando dentro de bobinas de campo estacionário fixas.

No motor Pabst, o rotor está parado e os terminais de campo de metal giram em torno dele, semelhante a uma gaiola. A combinação motor-gerador **Atlante** funciona da seguinte maneira: *um enorme motor externo de corrente alternada (AC) rodava a gaiola, que era na verdade um grande número de ímãs de alto gauss e alta intensidade extremos afixados na estrutura de metal que girava em torno do que seria normalmente o rotor, que foi feito a partir de um núcleo de ferro macio de elevada permeabilidade. Enrolado em torno de um grande número desses pólos estavam quase incontáveis milhares de voltas de fio isolado*.

Estas bobinas eram, por sua vez, conectadas a diferentes bancos de células na superfície exterior da pirâmide. A seqüência desta fiação era tal que, quando os ímãs giravam em torno do rotor, as células e as correntes magnéticas assim geradas eram em seqüência extremamente rápida, que construía uma altíssima frequência de oscilação de voltagem que era lançada nas duas bolas que eu descrevi anteriormente. O objetivo desta lacuna era estabilizar essas oscilações nas condições de resistência ao ar livre.

Como todo eletrofísico conhece certas leis fundamentais de eletrônica—aumentando a frequência, aumenta a voltagem (tensão) ou potência—é por isso que um feixe de laser pode perfurar um diamante com menos energia do que a luz de uma lanterna pequena. A energia de um raio de cinco metros de comprimento a partir de uma Bobina Tesla (500.000 ciclos por segundo) é inferior a dois milionésimos de ampères e causaria apenas uma leve sensação de formigamento. Um raio viaja a partir de uma nuvem para a terra contendo apenas energia suficiente para ascender uma lâmpada de cem watts por cerca de trinta segundos.

Cientistas eletrônicos de hoje, no entanto, estão ainda um pouco confusos sobre a *proposição de tensão versus frequência*. Eles esticam um cabo laminado de meia polegada de espessura através do campo por centenas de quilômetros de altura a partir de torres de aço e promovem eletricidade através destes cabos em cidades distantes, com tensões superiores a 300 mil e apenas 60 ciclos de frequência alternada por segundo, enquanto que um pequeno raio de energia da finura de um lápis oscilando em centenas de milhões de vezes por segundo poderia ser refletido de torre a torre através do país; um feixe de transporte de energia suficiente para energizar a maior cidade.

Em 1899, no Colorado, **Tesla** enviou raios elétricos através da terra e iluminou lâmpadas a cinco milhas de distância.

Discos voadores ou *naves espaciais* são energizados e voam exatamente pelo mesmo princípio utilizado pelos motores osciladores-geradores Atlantes, ou motor Pabst de histerese sincronizada. Talvez, quando alguns elementos da nossa sociedade pseudo-científica pararem de negar o sempre aparente cosmos infinito e os incontáveis bilhões de diferentes tipos de civilizações que vivem em incontáveis bilhões de planetas, eles vão começar a, pelo menos,

admitir a possibilidade de que as viagens espaciais através da galáxia ou do Universo não é apenas viável, mas vem acontecendo há milhões de anos.

Enigmaticamente, muitos destes pseudo-cientistas retrógrados e teimosos tem, de alguma forma, vindo a defender ou participar do nosso esforço espacial atual. Já realizamos a Lua e Marte é o próximo alvo de tentativa na década de 1990.

Parte II

No capítulo anterior descobrimos as *pirâmides do Egito, Khufu ou Quéops, etc.*, bem como as pirâmides em outras partes do mundo—na península de *Yucatán, Inca, Peru, etc.*—foram, em *suas formas estranhas e geometria aparentemente sem sentido*, na verdade, um remanescente decadente de várias pirâmides enormes que existiram em **Atlântida** e ainda na mais antiga **Lemúria** que era, na realidade, geradores eletrônicos altamente desenvolvidos e projetados por *Mestres Cientistas* de outro mundo. Nossa descrição desta pirâmide, tal como existia na **Atlântida** está longe de terminar, porém, vamos continuar a explorar este resultado mais surpreendente.

Resumidamente, um enorme gerador de rotação gaiola acionado por um motor foi ligado a um computador eletrônico que era alojado em uma caixa metálica de 6 m² no andar logo acima do gerador. Este computador automaticamente faz e quebra as ligações—com bancos de células coletoras de energia na superfície externa da pirâmide de forma seqüencial que uma tensão oscilatória enorme era criada. Na esfera de 3 m que ficava em cima da caixa de metal, esta eletricidade oscilante descarregava mais de duzentos metros em linha reta até uma bola de metal similar pendurada a partir do ápice da pirâmide em uma longa haste de metal.

Em nossa década de 90, um cientista chamado **Steinmetz** arremessou raios com trovão a partir de duas grandes esferas metálicas a 100 m de distância de uma maneira que é algo estranhamente semelhante ao processo usado na **Pirâmide Atlante** há 16.000 anos atrás. Essa descarga através das duas esferas de metal serviu como *circuito LC*, como é chamado, e novamente uma semelhança com o nosso wireless moderno, um motor girando uma roda sem aro rotativo a partir do qual se projetava um número de raios, na verdade eletrodos. Como a roda girava cerca de 2.000 rpm (rotações por minuto), uma crepitante faísca branca saltou dos raios para o outro eletrodo posicionado sobre uma meia polegada de distância dos raios. Foi essa faísca que criou a tensão de alta intensidade necessária.

Agora, no topo da **pirâmide Atlante**, tinha *uma coluna de metal de 15 m, algo como a espessura de um mastro, que terminava em um banco circular que parecia ser os raios de uma roda. Cerca de 10 pés de comprimento e 16 polegadas de diâmetro, estes raios se projetavam em um número de intervalos irregulares, cada um cuidadosamente apontado como um rifle, para um receptor próximo ou distante.*

Estes raios eram na verdade compostos de uma mistura exótica de metais e formados em um agregado homogêneo cristalino sob extrema pressão e histerese magnética. Cada haste ou raio, então, continha milhares de milhões de pequenos cristais, cada um apontado, por assim dizer, em direção à extremidade plana externa haste. Eles absorvem a energia e como um menino que comeu muita melancia, eles atingem certa capacidade e descarregam sua energia em direção à extremidade externa da haste.

A rede total destas cargas e descargas de oscilações eram da ordem de milhões de megacíclos por segundo, e tal como funcionava a partir do final da haste, um feixe de energia corrente pura surgia—e no ritmo de mais de 186.000 milhas por segundo diretamente para um receptor, um feixe de enorme energia. Tão similar as nossas primeiras versões do laser moderno: um bastão sintético de rubi, uma polegada de diâmetro e contendo muitas moléculas de cromo; essas moléculas de cromo eram carregadas com eletricidade a partir de uma fonte externa de bancos condensadores e outros equipamentos associados que geravam o impulso de alta frequência.

Conforme os átomos das moléculas de cromo atingiam seu ponto de saturação, eles descarregavam as suas energias, que começavam a oscilar de maneira ping-pong a partir de cada extremidade da fendida haste óptica. Quando essa energia oscilante atinge certo ponto, ela descarrega através da extremidade mais levemente fendida em um único feixe reto e coerente de grande intensidade e energia.

Novamente, estariam esses cientistas modernos duplicando, a partir de uma memória psíquica, o que viram e ajudaram a destruir na **Antiga Atlântida**?

Os feixes de energia que emergiam a partir da **pirâmide Atlante** eram interceptados por hastes metálicas similares de metal cristalizado que, por causa da oscilação de forma semelhante e frequência, não apresentava resistência ao enorme poder do feixe. O feixe, em seguida, viaja direto através da haste ou era quebrado e separado em feixes por um prisma de cristal, que por sua vez envia feixes pulsantes através das hastes cristalinas e em uma nova tangente para outro receptor.

Ao utilizar estes feixes de energia em uma habitação, uma esfera de metal instalada no topo de uma haste de metal, como um mastro de pequeno porte, contendo um cristal de certas configurações prismáticas que dirige o feixe para baixo através do centro oco da haste para um instrumento desembolsador que energiza toda a casa por meios de indução, de forma que os globos de cristal branco-leitoso brilhem com a luz, liguem os motores, etc.

Na terra do Egito e todas as outras terras onde haviam pirâmides, os egípcios tentaram duplicar a roda de raios que brilhava com uma coroa azul-branco e que disparava raios de luz intensa em diferentes direções. Os egípcios cobriram sua pirâmide de pedra com uma grande invenção parecida com uma esfera coberta com pequenas placas de ouro polido de maneira escalar; e conforme a terra girava, raios de luz eram refletidos em todas as direções.

Vários milhares de anos depois, *essas esferas de metal com escamas de ouro tinham desaparecido*, por isso teve o revestimento de alabastro branco, exceto para seções pequenas perto do topo, a fim de usar as pedras de superfície menor em cidades próximas para fins de construção.

No século XIX, os canhões de **Napoleão** dispararam contra o nariz da Esfinge, seus artilheiros usaram o grande monólito para praticar tiro ao alvo. **Atlântida** chegou inesperadamente ao esquecimento pelo próprio poder que gerou, usado errôneamente nas mãos de negros ignorantes que tentavam dominar o mundo.

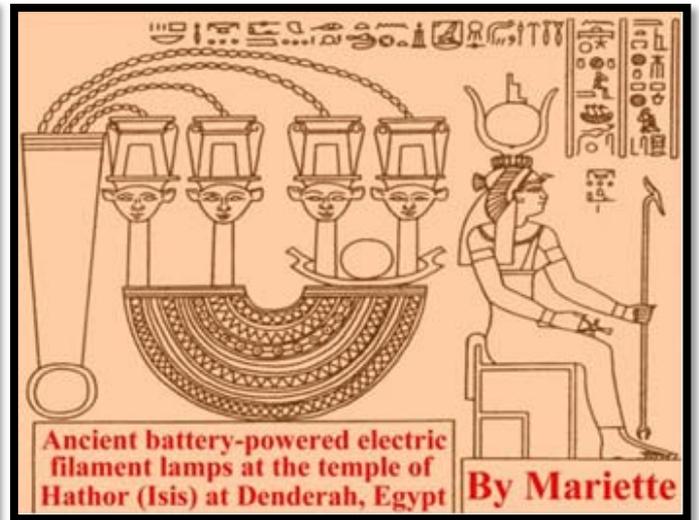
Novamente, em nossos dias, poderia o conflito racial nos Estados Unidos e outros países ser uma re-manifestação psíquica da destruição do mundo há mais de 12 mil anos atrás?

Sim, a história se repete; os egípcios modernos usavam em seus templos e palácios um cocar de metal e tecidos de metal entrelaçados com fios de ouro que pendia sobre os ombros como fizeram os antigos **Atlantes** quando, depois que os cientistas se foram, os **Atlantes** começaram a adorar o fogo no templo pirâmide.

O cocar metálico mais um manto metálico era necessário para protegê-los do forte campo eletromagnético da pirâmide, e de alguma forma o cocar metálico chegou ao nosso tempo moderno na forma de um lenço, usado pelas mulheres em uma igreja católica, ou o barrete (birettum) usado pelo padre. Esse é o caminho do terráqueo primitivo.

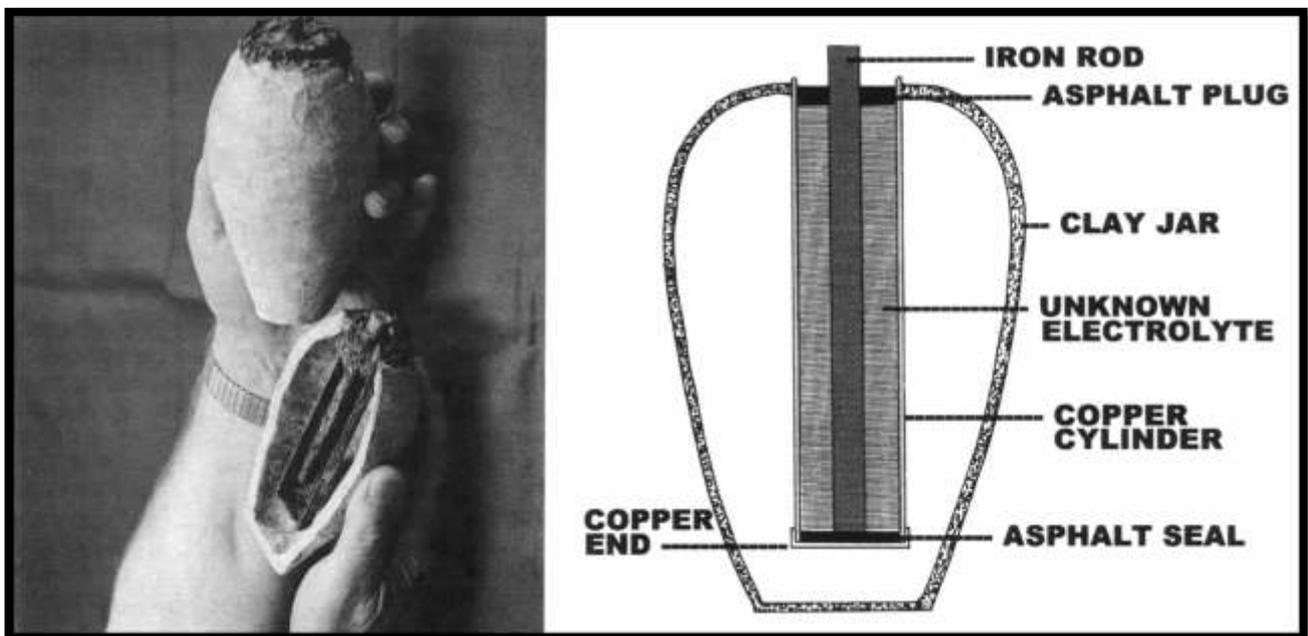
Embora ele possa construir um feixe de laser gasoso contínuo, dispará-lo através de um telescópio para a lua onde é refletido através de um refletor plantado pelos astronautas da Apollo 11, e recebê-lo na terra onde, no seu pulso, este raio mede com precisão a distância para menos de uma milha; mas este mesmo homem constantemente revoga e vilipendia a criação de tudo sobre ele pela leitura das lendas supersticiosas da sua chama "*Bíblia Sagrada*", conforme ele monta sua nave através do espaço!

Ou que ele constantemente degenera e vilipendia sua vida terrana, polui o ambiente e os princípios criativos da vida, que criam sua casa planetária e tira-o do seu passado primitivo, apensar de suas tendências sempre destrutivas e degeneradas.



Essas então chamadas baterias de Bagdá, descobertas na década de 1930, são agora notícias antigas, e as evidências de que *os antigos usavam-nas para galvanizar alguns dos artefatos* armazenados em museus ao redor do mundo é também do conhecimento comum. No entanto, para os leitores que não estão familiarizados com a descoberta dessas células elétricas antigas, vamos chamar o cientista de foguetes alemão **Willy Ley** para nos atualizar. Em um artigo de 1939 na revista *Astounding*, ele escreveu:

"**Dr. Wilhelm Koenig** do *Museu do Iraque* em Bagdá informou recentemente que um instrumento peculiar foi descoberto por uma expedição do seu museu no verão de 1936. A descoberta foi feita no *Khujut Rabu'a*, não muito longe do sudeste de Bagdá. Ela consistia em um vaso de barro, cerca de 14 centímetros de altura com seu diâmetro maior de 8 centímetros. A abertura circular no topo do vaso tinha um diâmetro de 33 milímetros. Dentro deste vaso, *um cilindro feito de folha de cobre de alta pureza foi encontrado* - o cilindro tendo 10 centímetros de altura e com um diâmetro de cerca de 26 milímetros, quase exatamente 1 polegada.



Uma réplica e esquema de uma das células elétricas antigas (baterias) encontradas perto de Bagdá.

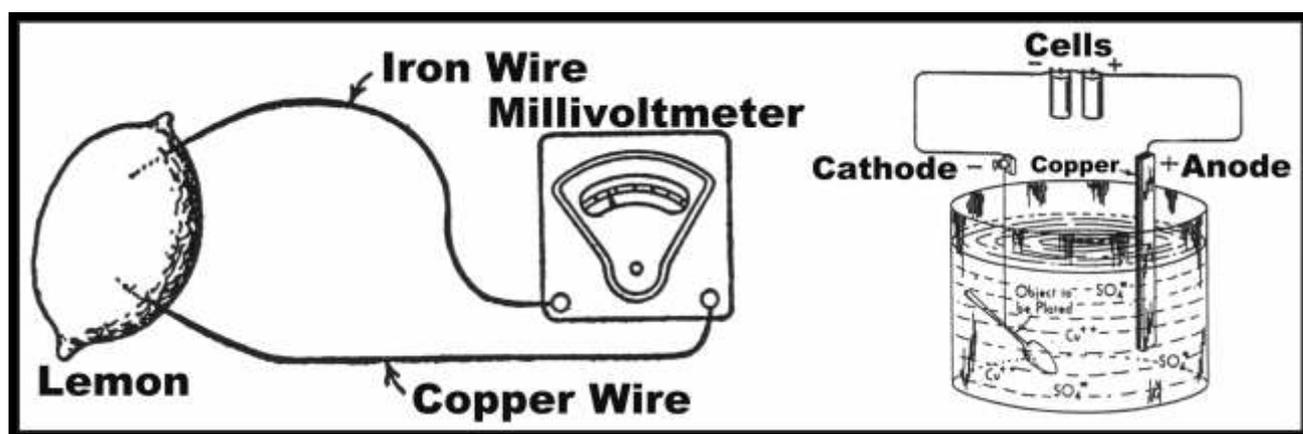
"A extremidade inferior do cilindro de cobre foi coberta com um pedaço de folha de cobre, a mesma espessura e qualidade, como o cilindro em si. A superfície interna da folha de cobre redonda - aquela que se formou no fundo da cavidade interna do cilindro - foi coberta com uma camada de asfalto de 3 milímetros

de espessura. Uma tampa grossa e pesada do mesmo material foi relegada na extremidade superior do cilindro. O centro da tampa era formada por um pedaço sólido de ferro - agora, 75 milímetros de comprimento e originalmente 1 centímetro de diâmetro. A parte superior da barra de ferro mostra que primeiramente, enquanto a extremidade inferior estava parcialmente corroída, para que a haste esteja apontada agora no extremo inferior e, pode-se seguramente assumir que no início era de espessura uniforme.

"Um conjunto deste tipo não pode muito bem ter qualquer outro propósito senão o de gerar uma corrente elétrica fraca. Se alguém se lembra que ele foi encontrado entre as relíquias do impertubável *Reino de Pártia*—que existiu de 250 a.C. a 224 d.C.—alguém sente-se naturalmente muito relutante em aceitar essa explicação, mas realmente não há alternativa. O valor desta descoberta aumenta quando se sabe que os quatro vasos de barro semelhantes foram encontrados nas proximidades de *Tel'Omar* ou *Seleukia*—três deles contendo cilindros de cobre similares ao encontrado em *Khujut Rabu'a*. Os achados em *Seleukia* foram, aparentemente, menos bem-preservedos—não existem mais hastes de ferro em evidência. Mas perto dos quatro pedaços de ferro fino e hastes de cobre foram encontrados, que podem ter sido *utilizados como fios condutores*.

"*Baterias*" similares também foram encontradas nos arredores de Bagdad nas ruínas de um período um pouco anterior. Uma expedição liderada pelo Professor **Dr. E. Kühnel**, que agora é diretor do *Museu Staatliches em Berlim*, descobriu vasos muito parecidos com peças de cobre e ferro, em *Ktesiphon*—não muito longe de Bagdad. Estes achados datam do tempo em que a dinastia dos *Sassanides* governaram a *Pérsia* e os países vizinhos—224 d.C. - 651 d.C.

"Enquanto a data provável da invenção esteja totalmente aberta a conjecturas, parece provável que ela foi feita dentro ou perto de Bagdad, uma vez que todos os achados conhecidos foram feitos nos arredores desta cidade. Deve admitir-se, naturalmente, que os objetos dos *Sassanides* tinham alguma utilidade para eles, e **Dr. Koenig**, o descobridor dos mais bem preservados de todos os vasos, sugere que este uso pode estar ainda em evidência em Bagdá. Ele descobriu que o ourives de Bagdá usava um método primitivo para galvanizar os seus produtos. A origem do seu método não pode ser verificada e parece datar de vários anos. Desde que baterias galvânicas do tipo encontrado geraria uma corrente suficientemente poderosa para galvanizar pequenos objetos formados de prata, que poderia muito bem ser que a origem do método tenha que ser buscada na antiguidade." ^[iii]



Uma simples célula de baixa tensão elétrica e um simples banho de galvanoplastia e o processo.

Galvanização ou galvanoplastia, basicamente, exige apenas varas ou fios, um par de simples células elétricas (baterias) conectada a um banho de produtos químicos comuns em que os itens a serem revestidos são colocados. No entanto, além dos materiais já mencionados, a utilização do vidro, chumbo, zinco, e alguns tipos de eletrólitos,

como soda cáustica e ácido sulfúrico, produzem tipos mais fortes de baterias não-recarregáveis do tipo-Bagdá de baterias primárias—bem como poderosos armazenamentos recarregáveis ou baterias secundárias que poderiam ter sido utilizadas para a iluminação elétrica antiga.

Os antigos tinham acesso a todos estes materiais:

Povos da Idade do Bronze faziam vidro ao redor de 3.000 a.C., e os egípcios manufacturavam esferas de vidro fabricadas cerca de 2.500 a.C. Mais tarde, alexandrinos fabricaram tipos modernos de vidro, durante o período ptolomaico—quando o Farol de Alexandria se levantou.

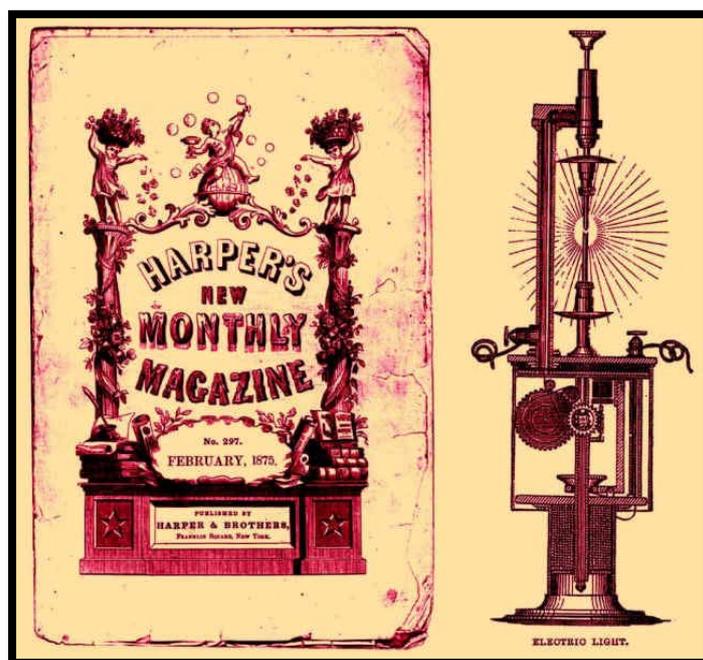
O homem pré-histórico derretia chumbo. Um velho pedaço de chumbo trabalhado no *Museu Britânico* remonta a 3800 a.C. Vários milênios depois, os romanos usavam-no em certa medida em suas panelas, canecas de cerveja, e encanamentos; e muitos provavelmente envenenavam seu cérebro no processo. A insanidade resultante pode eventualmente ter contribuído para a queda do império.

Com relação ao zinco antigo, **Rene Noorbergen**, assinalou:

"Em 1968, **Dr. Koriun Megurtchian** da *União Soviética* descobriu o que é considerado a mais antiga fábrica metalúrgica em grande escala no mundo em *Medzamor*, na *Armênia Soviética*. Aqui, 4.500 anos atrás, um povo pré-histórico desconhecido trabalhou com mais de 200 fornos, produzindo uma variedade de vasos, facas, lanças, anéis, pulseiras, etc. Os artesãos de *Medzamor* vestiam boteiras e luvas enquanto trabalhavam e moldavam os seus produtos de cobre, chumbo, zinco, ferro, ouro, estanho, manganês e quatorze tipos de bronze. As fundições também produziram uma variedade de tintas metálicas, cerâmicas e vidros." [iii]

No decurso das escavações de *Ágora*, em *Atenas*, um rolo de *folha de zinco, 98% de pureza*, foi supostamente encontrado em um depósito fechado que data do terceiro ou segundo século a.C. Fragmentos de um caixão de zinco foi relatado tendo sido muito recentemente descoberto em Israel, que, a julgar por um artefato encontrado nas proximidades, remonta a 50 a.C.

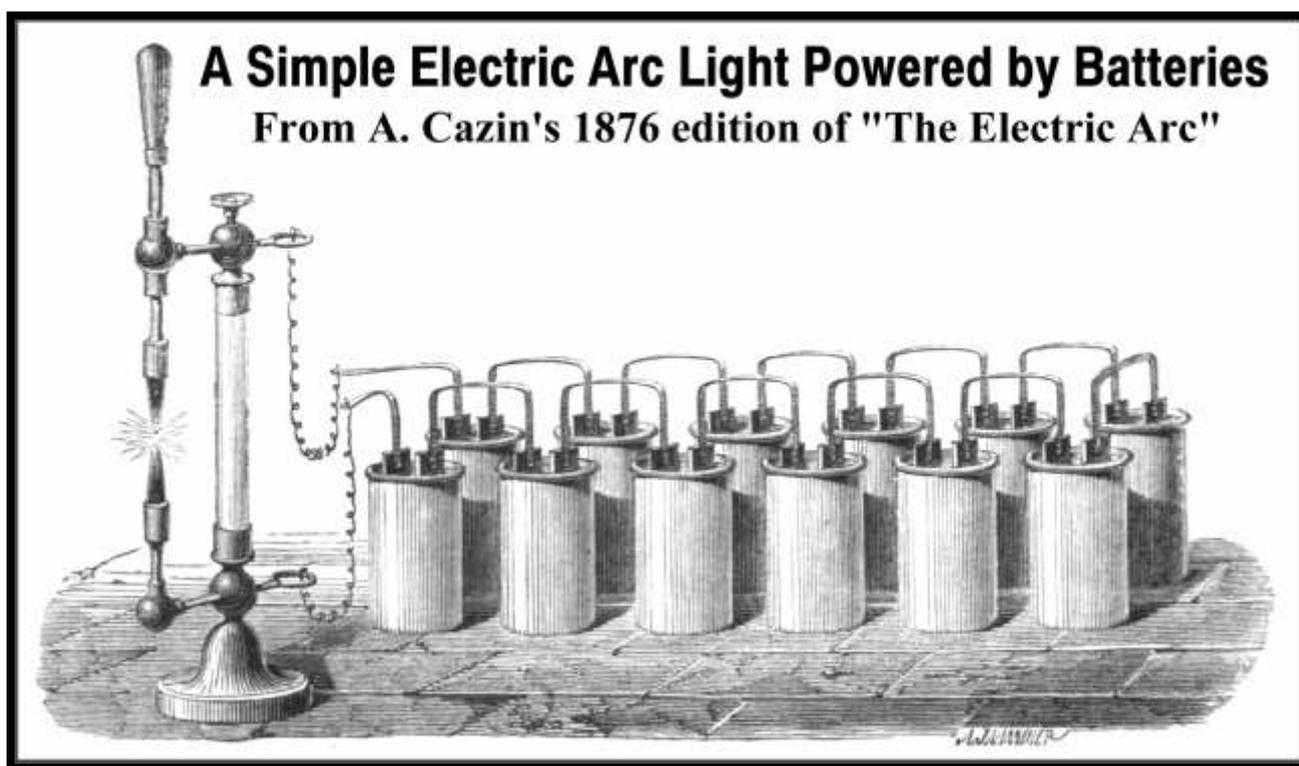
Soda cáustica e lixívia são sinônimos. "As roupas eram limpas na antiguidade", segundo **Charles Singer**, por "lixiviação a partir de natron (bicarbonato de sódio) ou cinzas de madeira"^[iv] de modo que estava disponível para uso como um *eletrólito para ativar poderosas células elétricas na antiguidade*.



Uma lâmpada de arco de carbono popular no século XIX, ilustrada na edição de 1875 acima.

Ácido sulfúrico artificial tem sido feito pelo menos desde os arredores do século VII a.C., e o ácido sulfúrico natural está disponível para uso como um eletrólito de inúmeros anos antes. Um artigo na revista *Harper's New Monthly Magazine*, sob o título de "*Secreção de Ácido Sulfúrico por Moluscos*", aponta para onde o homem moderno e antigo poderia ter obtido ácido sulfúrico natural. Esta publicação singular, que muitas vezes serve como uma excelente fonte de informações históricas raras, relatou:

"O fato notável foi anunciado há alguns anos que o molusco gastrópode secreta ácido sulfúrico livre; e isto, desde então, não foi observado com frequência no caso da gigantesca geléia Dolium, que descarrega a partir de sua tromba uma gota de líquido ou saliva que produz uma efervescência muito sensível em giz ou mármore. Esta secreção a partir de moluscos diferentes, cuidadosamente analisados, apresentaram um percentual considerável de ácido sulfúrico livre, alguns de ácido sulfúrico combinado com ácido clorídrico, com hidróxido de potássio, sódio, magnésio, e outras substâncias; as glândulas secretoras de líquidos constitui de 7-9 por cento do peso total do animal. Com essa secreção ácida existem, pelo menos em algumas espécies, uma evolução de gás carbônico puro, uma glândula, pesando aproximadamente cerca de 700 grãos, resultando em 206 centímetros cúbicos. Os gêneros conhecidos até agora fornecendo esta secreção são Dolium, Cassis, Tritonium, Cassidaria, Pleurobranchidium, Pleurobranchus e Doris. O objeto preciso desta secreção não é totalmente compreendido, embora seja sugerido que este é usado em conchas bivalves perfurantes ou otros moluscos que servem como artigo de alimento." [v]



No entanto, os antigos provavelmente não necessitavam de recorrer a qualquer fonte natural de ácido sulfúrico para o eletrólito em suas baterias. Eles provavelmente, como hoje, apoiavam-se em sua inventividade para fabricar seus próprios. Falando dos antigos assírios (do Iraque) e as substâncias químicas que produziram em 650 a.C., em um documento lido perante a *Sociedade para o Estudo da Alquimia e Química Antiga*, o **Dr. Reginald Campbell Thompson**, o autor do "*Dicionário da Química e Geologia Assíria*", nos informa que:

"As fontes de que nosso conhecimento da química assíria obtidos são uma parte muito pequena das coleções de tabuletas cuneiformes em nossos museus, que talvez possam ser contadas em um quarto de milhão aproximadamente em número, e os de química, quase todo nosso conhecimento vem a partir das tabuletas do século VII a.C. Mas que os *sumérios antigos tinham um conhecimento prático de métodos químicos*, mesmo antes da invenção da escrita, digamos, bem no início do quarto milênio a.C., é de ser

inferido a partir de lindos trabalhos em ouro encontrados por **Sir Leonard Wooley**, em Ur, e as fundições de cobre e bronze encontradas ao longo do sul da *Mesopotâmia*. A palavra escrita, no entanto, de seus métodos sobreviveram apenas por comparação, sendo devida a três causas: primeiro, o analfabetismo dos artesãos; em segundo lugar, o hábito de todas as guildas em esconder os seus métodos com o uso de expressões enigmáticas; e em terceiro lugar, a estreita vigilância dos segredos, que eram frequentemente transmitidos de pai para filho, de boca em boca.



Um jarro de vidro da era de Sargão II (722-705 a.C.) e vaso de vidro transparente do primeiro século.

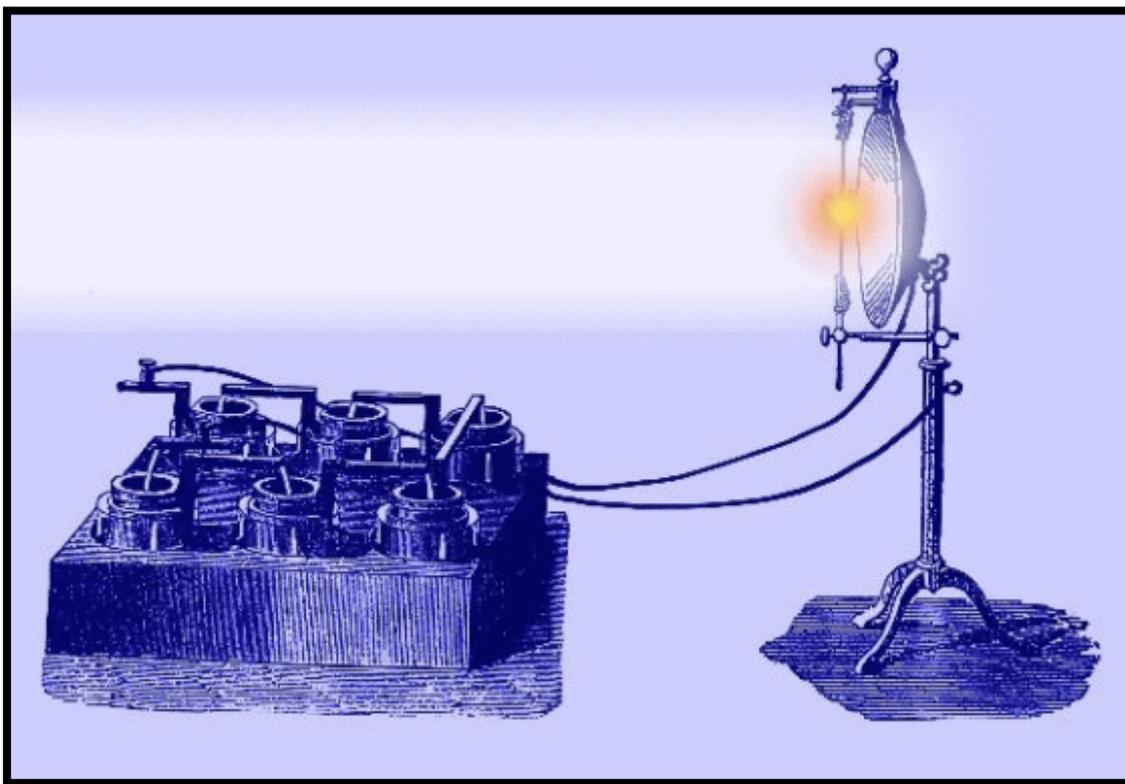
"No século XVII a.C. temos um texto de capital importância para a história da Química em uma tabuleta escrita por um fabricante de vidro. Mais tarde, no século VII, temos uma coleção de receitas de vidro feita na instância do rei **Assurbanipal** (668-626 a.C.). Mas geralmente, temos uma grande coleção de textos médicos que nos permitem identificar inúmeras substâncias em uso durante o primeiro século a.C. Finalmente, devo mencionar inúmeros dicionários Sumero-Assírios que dão listas de palavras químicas, também datam do mesmo período.

"Em 650 a.C. a lista de produtos químicos pode ser dita incluindo sal comum, sal gema, cal, salitre da terra, carbonato de sódio das paredes, nitrato de potássio das paredes, sal amoníaco das plantas, gesso, mercúrio de cinábrio, alume, enxofre preto e amarelo, betume, várias formas de arsênico, óxido de cobre vermelho e preto, crisocola, hematita, minério de ferro magnético, pirita de ferro (que conduz à *Vitriolos*), sulfeto de ferro, sulfato de cobre; e se eu estiver certo, eles tinham uma palavra hannabahru para o ácido sulfúrico fumegante de vitriolo verde." ^[vi]

Agora que nós estabelecemos que os antigos também possuíam todos esses produtos químicos, incluindo *sal amoníaco e ácido sulfúrico, que são excelentes matérias-primas de baterias*, temos que olhar pelo menos um exemplo de um tipo primário e secundário de bateria potente que eles poderiam facilmente ter produzido para energizar suas antigas luzes elétricas.

Um exemplo de bateria potente que os antigos poderiam ter manufaturado, usando soda cáustica ou algum equivalente, é a bateria Lalande. **Felix Lalande** e **Georges Chaperon** utilizaram um eletrólito similar para produzir sua bateria primária no século XIX, e é fornecida corrente suficiente para as luzes de energia elétrica da estrada de ferro por muitos dias antes que precisassem ser restauradas. Da mesma forma, *várias células Lalande grandes colocadas em série e paralelas poderiam ter fornecido bastante tensão e corrente para energizar luzes brilhantes na antiguidade por um longo tempo antes de qualquer dos elementos da bateria tivessem necessidade de substituição*. Este tipo de bateria não precisa de fonte externa de eletricidade para revitalizá-la. Depois que tiver descarregada, substituir alguns de seus componentes internos restaura a unidade em plena capacidade. Em um artigo publicado na

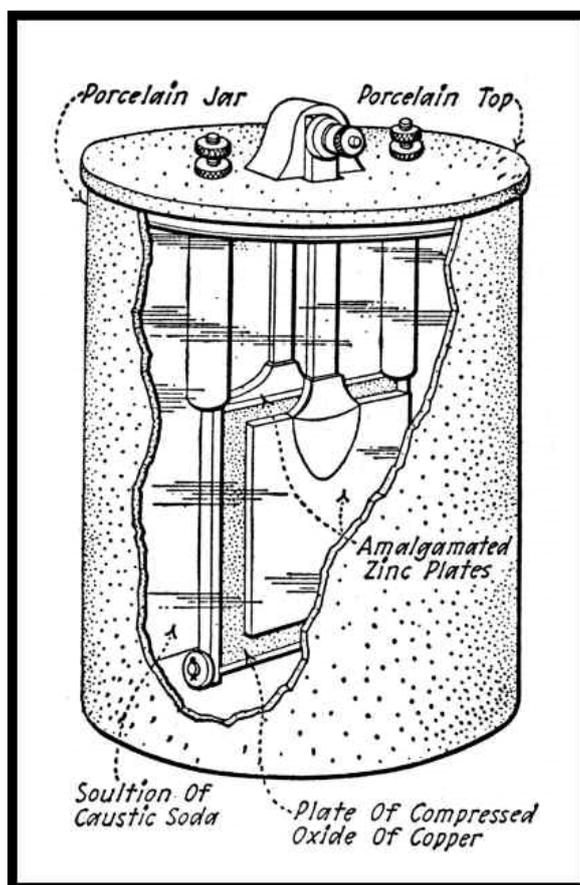
Enciclopédia Britânica de 1929, **G. W. Heise**, um químico pesquisador da *Companhia Nacional de Carbono de Cleveland*, Ohio, e autor de inúmeros artigos em revistas técnicas, explicou as "características de resistência ao desgaste" da *bateria primária*—que seria certamente qualificada para o uso de luz de arco de carbono no holofote sobre o antigo Farol de Alexandria.



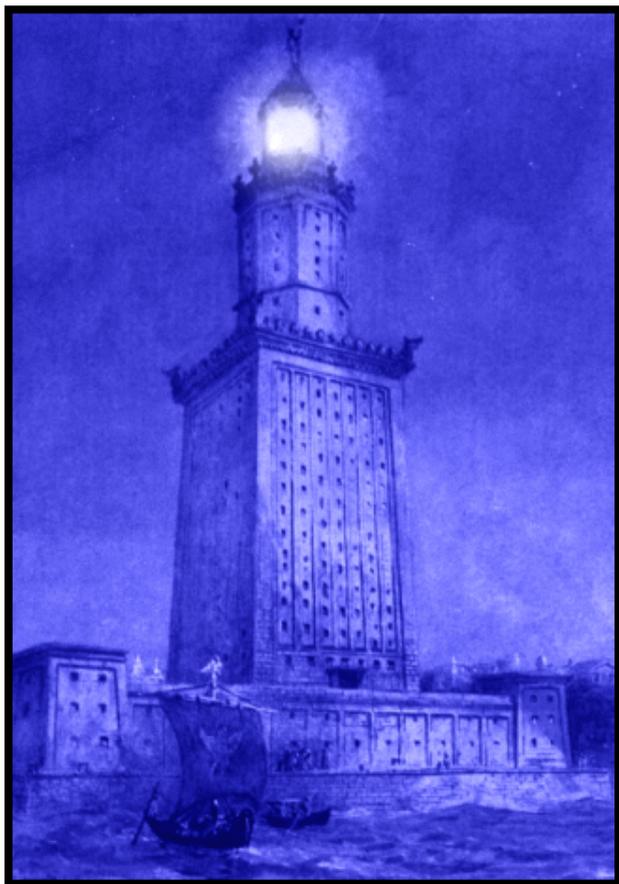
Uma ilustração de um holofote energizado por uma bateria simples ou espelho elétrico.

Ele defendeu: "A célula Lelande é uma das baterias primárias mais eficientes e satisfatórias conhecidas hoje para as classes especiais de serviço para a qual convém. Ela se presta facilmente à construção robusta, é relativamente barata de fazer e operar; é muito confiável na sua ação e tem uma alta corrente de saída por unidade de volume (cerca de 1 hora ampere por 8 cc de eletrólito). A célula é feita em unidades tão grandes quanto 500 a 1.000 horas ampere, porque não quer nenhuma atenção por longos períodos de tempo e devido à sua excelente descarga contínua e características de alta resistência. A célula Lelande é, atualmente, muito utilizada nas operações de sinalização do transporte ferroviário. Ela pode ser feita na forma seca ou resistente a vasão, tanto por gelatinizar a solução de soda cáustica com pequenas quantidades de amido, ou usando expedientes como fazer uma pasta do eletrólito e óxido de magnésio.

"As células de ar do tipo Lalande, em que um carbono poroso acessível ao ar é substituído pelo elemento usual de óxido de cobre, também são variáveis. Estes têm uma curva de descarga ainda mais horizontal do que a célula de óxido de cobre, uma vez que o potencial do cátodo permanece praticamente inalterado durante a vida útil. A célula de ar de soda cáustica tem uma voltagem de circuito aberto de 1,35-1,45 e uma tensão de funcionamento, mesmo em drenos relativamente pesados,



de 1,0 volts—talvez 0,4-0,5 volts superior ao de uma célula padrão de óxido de cobre. O eletrodo de carbono pode ser usado repetidamente, apenas o zinco e o eletrólito requerem renovação cada vez que a célula esteja completamente descarregada. ^{„[vii]}



Uma luz de sinalização ferroviária enviando instruções através dos trilhos, como os Faróis piscavam mensagens sobre o mar, certamente exigiu a sua renovação periódica, mas, eventualmente, uma fonte mais prática e econômica de energia de iluminação, a bateria de armazenamento secundária de chumbo-ácido tomou seu lugar. Esta potência é fácil de construir, pela imersão de duas placas de chumbo em uma solução de ácido sulfúrico em um recipiente de vidro, que os antigos possuíam. No entanto, antes de uma simples célula de armazenamento produzir corrente elétrica, é necessário ser carregada. *Inicialmente para energizá-la, você só precisa conectá-la a uma fonte de corrente contínua, como uma bateria primária ou termopar.*

Nós já sabemos que os antigos fabricavam células primárias (pilhas), como as baterias de Bagdá, que servem à finalidade, mas que poderiam facilmente terem usado um gerador termo-elétrico, que é um dispositivo simples de fazer. Eles tinham apenas que aquecer um dos dois condutores metálicos diferentes unidos, como o cobre e o ferro, para criar um gerador termo-elétrico, que também é chamado de uma termopilha ou aquecedor termo-elétrico.

SOME OLD BATTERY CHARGERS

Glulcher's Thermopile

Clamond's Thermo-electric Generator (or Thermopile)

Grenet's commercial PRIMARY CELLS
(commonly called "bottle batteries")

Sulfuric Acid

A simplified illustration of a SECONDARY (STORAGE) CELL
(commonly called a "battery")

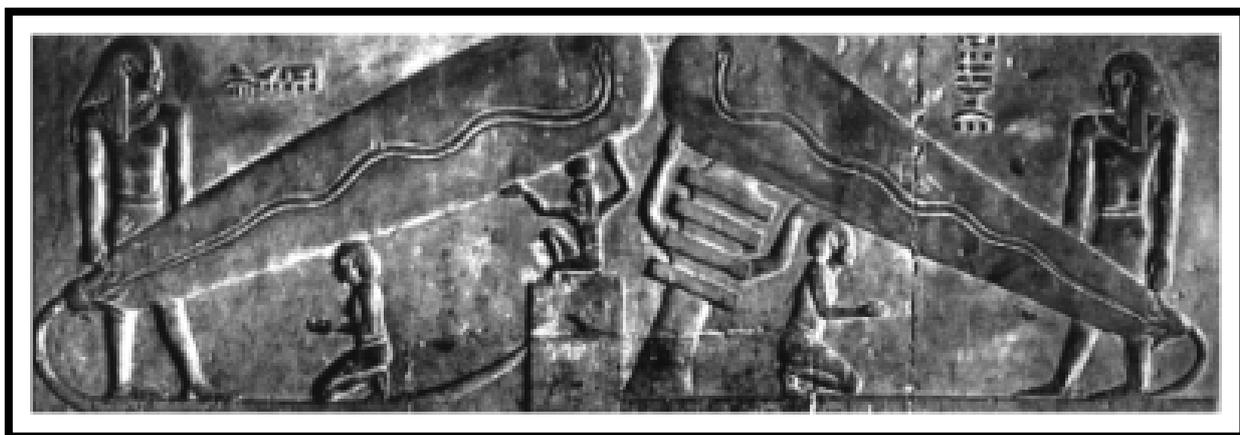
A termopilha Gülcher, sendo mais conveniente, menos onerosa, e mais limpa do que as baterias primárias, foi um meio popular de carregar as baterias de armazenamento no século XIX. Deu um curto-circuito na cerca de 5 amperes de corrente de 4 volts. No entanto, este gerador termo-elétrico dificilmente comparado com a saída de força da termopilha Clamond melhorada de 1879, que produziu 109 volts, com uma resistência interna de 15,5 ohms. *Poderia facilmente iluminar luzes elétricas e também fornecer uma dose letal de energia!* Em 1893, o aquecedor termo-elétrico do Dr. Giraud, 3 metros de altura e 20 centímetros de diâmetro, a carvão, não só podia carregar as baterias, mas também poderia ascender várias lâmpadas elétricas, bem como aquecer uma sala de 21 metros quadrados. Foi uma unidade cara de se construir, mas o custo seria nenhum obstáculo para um governante rico de qualquer cidade antiga, como **Alexandria**. Os *reis da Grécia antiga* governando aquela cidade podiam muito bem ter contado com tipos similares de termopilhas para carregar as baterias de chumbo-ácido ligada ao arco de luz no Farol de Alexandria, um elemento essencial para a segurança marítima e da sobrevivência comercial da cidade.

Células de armazenamento de chumbo-ácido produz uma tensão de cerca de 2 volts cada uma, e os antigos poderiam ter facilmente ligado várias delas em série e paralelas para criar uma potência. Conectando os pólos em pares de pedaços de carbono dos restos de uma fogueira, tocando os dois juntos, e separando-as a uma certa distância curta, irá ascender o arco brilhante de luz. Isso é brincadeira de criança. E não teria não teria tido muito tempo para eles perceberem que a manutenção dessa distância sustentará um arco de luz brilhante de carbono - o tipo que viria a ser refletido no espelho enorme do Farol de Alexandria.

Soa provável? Certamente que sim, e mais ainda se considerarmos que alguns egiptólogos renomados observaram e alguns dos testemunhos antigos surpreendentes da iluminação que não podem ser facilmente explicados de outra forma.

Sir John Gardner Wilkinson (1798-1875), um egiptólogo distinto do século XIX, salientou que *"as antigas pinturas egípcias oferecem algumas representações de candeeiros, lanternas, ou qualquer outro tipo de luz."* ^[viii] Como pode ser—quando os antigos egípcios estamparam em quase todos os seus monumentos todas outras inovações importantes que moldaram sua vida diária? Talvez, como uma autoridade mais contemporânea, **Robert Temple**, ^[ix] observou, no que diz respeito a todas as antigas lentes não reconhecidas anteriormente guardadas em museus do mundo, a resposta reside no fato de que *as pessoas não estão procurando luzes elétricas antigas, então eles simplesmente não as reconhecem.*

As observações de **Wilkinson** nos lembra do que o proeminente astrônomo **Sir J. Norman Lockyer**, que também estudou antigos templos e túmulos egípcios em profundidade, observou em 1894. Em seu *"Dawn of Astronomy"*, ele chamou a atenção para um enigma, na época, quando ele destacou: *"Em todos os túmulos recém-inaugurados há quaisquer vestígios de qualquer tipo de combustão ter acontecido, mesmo nos recantos mais íntimos. Isso é tão claramente evidente que meu amigo M. Bouriant, rindo, enquanto nós estávamos discutindo este assunto em Tebas, sugeriu a possibilidade de que a luz elétrica era conhecida pelos antigos egípcios."* ^[x]



Holofotes de arco de carbono em uma cripta do templo Denderah.



As provas extensivas previstas no *"O Espelho Elétrico no Farol de Alexandria e Outras Iluminações Antigas"*^[xi] demonstram claramente essa *"possibilidade"*. Este trabalho também inclui reproduções das extraordinárias ilustrações de excelente qualidade descobertas nas paredes da cripta abaixo do antigo Templo de Hathor (Isis) em Dendera. Elas parecem claramente retratar *holofotes elétricos de arco de carbono e lâmpadas de incandescência*. Sacerdotes aparentemente usavam para iluminar o templo, assim como diversos túmulos e, mais importante, o poderoso Farol de Alexandria. Assim, a casual sugestão de **M. Bouriant** que os antigos egípcios podem ter empregado luz elétrica não é mais um motivo para riso.

Com referência à limpeza notável de uma antiga tumba egípcia particular, **Dr. F. L. Griffith**, professor de Egiptologia da *Universidade de Oxford*, em um artigo intitulado *"A Revolução Religiosa no Egito"*, escreveu: "Há poucos exemplos da arquitetura em pedra no Egito mais agradável do que esse admiravelmente proporcionado sepulcro, imaculadamente branco de alguém como o governador de **Akhenaton** classificado como chefe dos notáveis. É cortado em falésias calcárias que formam um semicírculo em volta à planície de Tell el-Amarna."^[xii]



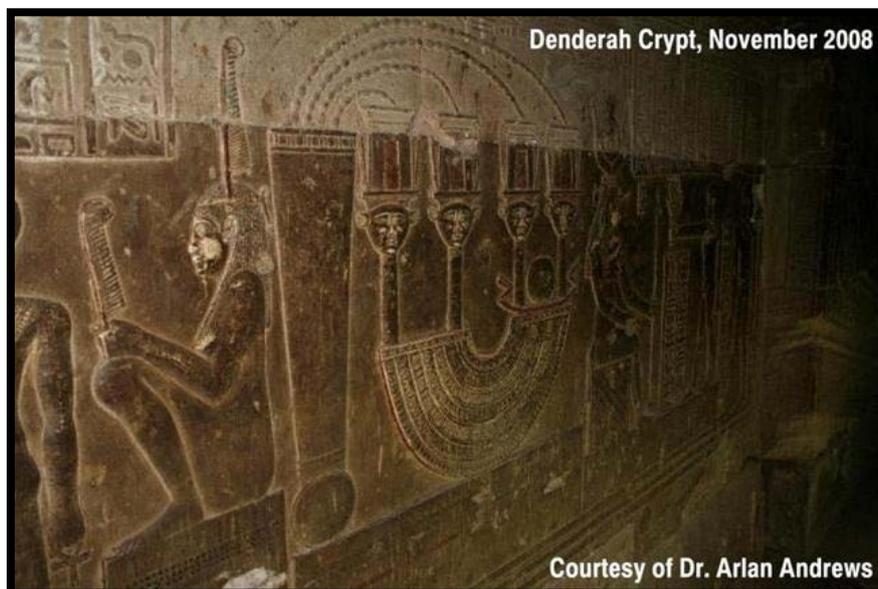
Lanternas a pilhas e lâmpadas nas criptas do Templo de Hathor (Isis) em Dendera.

Profundas e escuras tumbas como esta e os relevos descobertos em Dendera, *deveriam ter exigido uma luz elétrica para iluminá-los o suficiente para os antigos artesãos terem embelezado suas paredes com a cor correta e finalmente imagens detalhadas da vida do falecido. Eles nunca poderiam ter conseguido com a luz de velas turvas, lâmpadas de óleo mal feitas, ou tochas de fumaça que teriam privado-os de oxigênio essencial, que teria matado-os, e deixado feias marcas de fuligem agarrando todas as paredes e tétos do túmulo.*



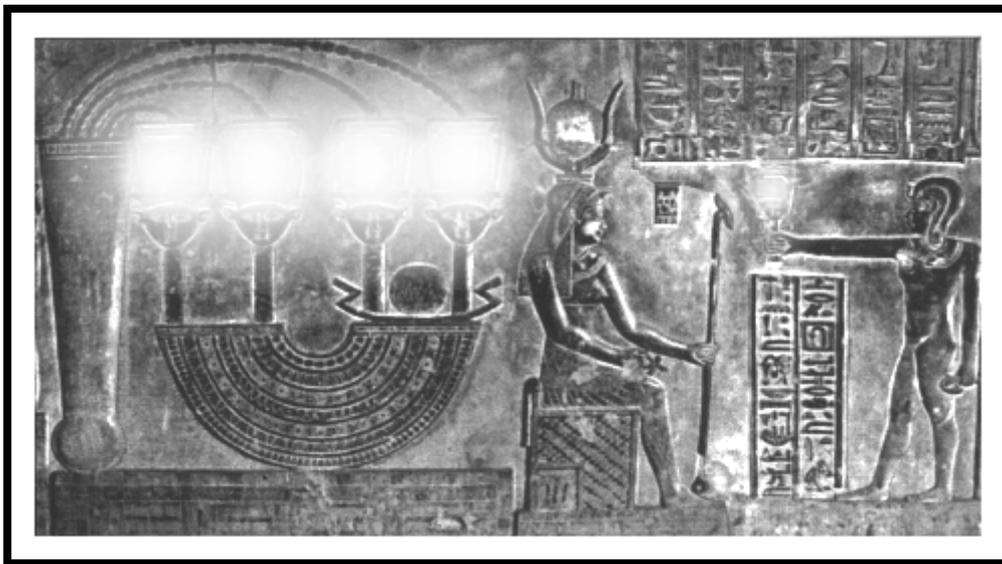
*Cripta de Dendera em Novembro de 2008 (foto de **Dr. Arlan Andrews**).*

Vários escritores têm sugerido que os antigos egípcios iluminavam seus túmulos pelo reflexo dos raios de luz solar com um arranjo de espelhos. No entanto, *espelhos que absorvem luz não são uma boa opção para imprimir complexos projetos que exigem mais do que a aparência periódica do Sol—no céu limpo, livre de poeiras, luz do dia. Ao lado disso, o labirinto de salas em alguns túmulos teriam causado problemas insuperáveis para os técnicos na tentativa de manter um grande número de espelhos criticamente alinhados e rastrear continuamente uns aos outros, já que eles tentaram capturar e arremeter ao redor os raios decrescentes do nosso sol elusivo. Além disso, alguns técnicos ou artesãos confinados em um complexo-tumba egípcio teria, eventualmente, que ficar na frente de um dos refletores e assim quebrar um elo fundamental na cadeia complexa de luz abruptamente, deixando os outros para baixo da linha lutando na escuridão total.*



Além disso, os artesãos usando luzes a óleo nunca poderiam ter removido completamente a fuligem das paredes e tetos depois de terminar suas tarefas porque teriam de limpar as manchas com as mesmas luzes-fumegantes que as produziram. Assim como os outros, exceto com o uso de lâmpadas elétricas limpas, eles poderiam ter conseguido decorar meticulosamente cerca de 400 sistemas de túmulo, sem vestígios de qualquer resíduo de fumaça? Claro, alguns túmulos mostram agora sinais de fuligem deixada das luzes de óleo de ladrões que haviam violado-os—mas **Lockyer** falou de "túmulos recém-abertos".

Além de todo o senso comum de que fortemente se apoia a necessidade de iluminação elétrica antiga, permanecem vários exemplos significativos de testemunhos antigos que não podem ser razoavelmente explicados de outra forma.



Uma foto manipulada da luz elétrica antiga em uma cripta de Dendera.

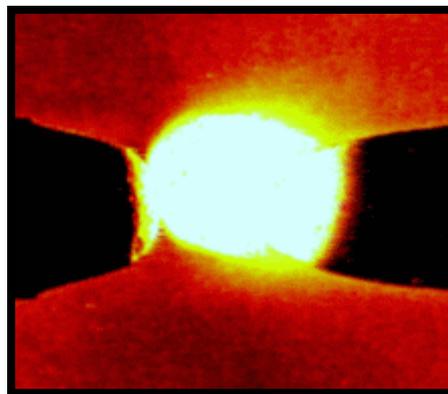
No segundo século, um templo sírio abrigava uma estátua de uma deusa com um desses tipos de luzes montado na cabeça. Escrevendo na época, **Luciano de Samosata** sobre o Eufrates, diz: "Ela carrega em sua cabeça uma pedra chamada 'lâmpada', e que recebe o nome de sua função. Aquela pedra brilha na noite com grande clareza e fornece todo o templo com a luz, como acontece com lâmpadas [de óleo]. Durante o dia, ela brilha palidamente, mas tem um aspecto muito ardente."^[xiii]



Luzes de arco de carbono pendurado em um hotel francês do século XIX

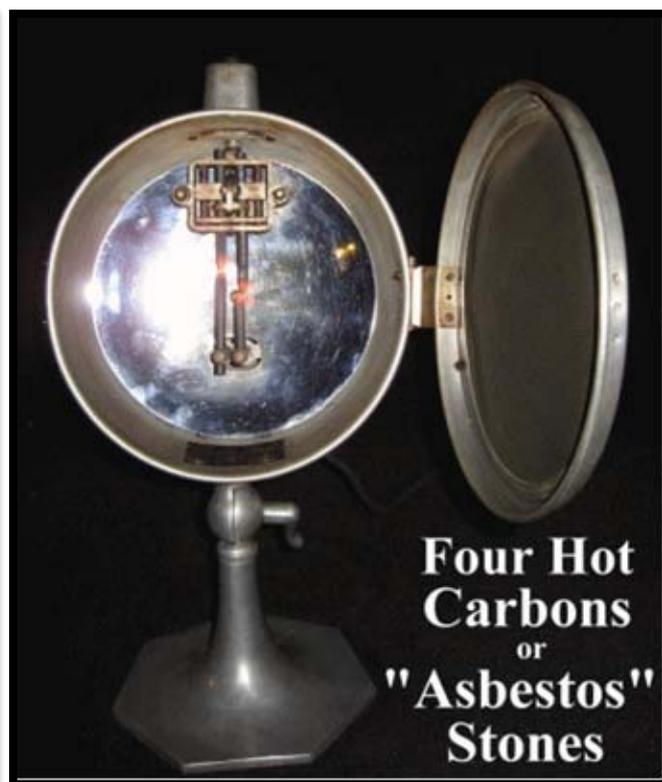
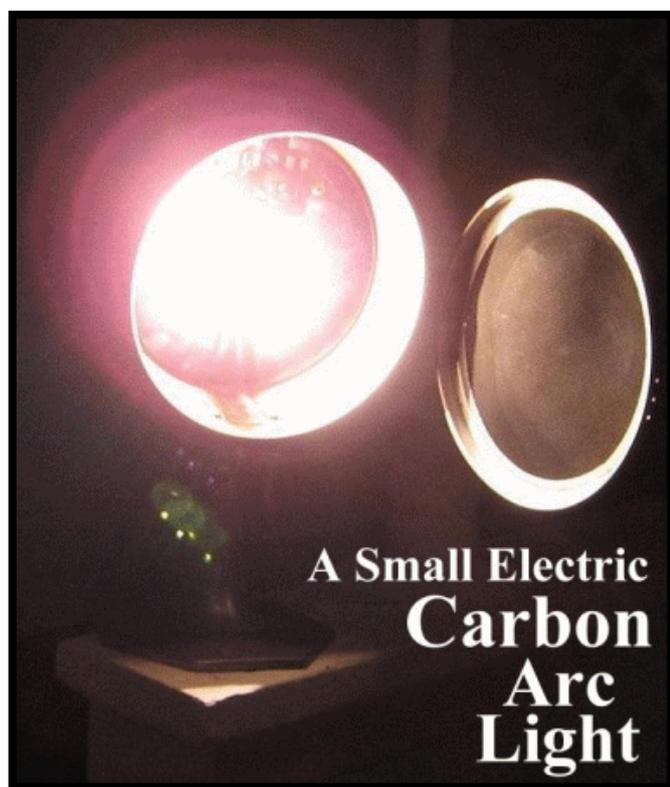
Isto, obviamente, parece com algum tipo de luz elétrica uma vez que **Luciano** claramente chamou a pedra de "lâmpada"—e era poderosa o suficiente para iluminar todo o templo. Além disso, uma luz elétrica, de qualquer tipo para esse assunto, normalmente brilha à noite e muito mal durante o dia. No entanto, desde que **Luciano** chamou uma lâmpada de "pedra", talvez fosse a única maneira que ele sabia como descrever o carbono, o carbono de uma lâmpada de arco de carbono simples. E, já que ele disse que tinha um "aspecto ígneo" durante o dia, isso nos faz pensar que poderia ter sido algum tipo de luz de arco de carbono ardente, como as usadas para iluminar as cidades do século XIX e holofotes poderosos.

Um par de séculos mais tarde, em sua *Cidade de Deus*, **Santo Agostinho** (354-430 d.C.) assinalou que no Egito: "*Havia, e ainda existe, um templo de Vênus, em que uma lâmpada queima tão fortemente ao ar livre que nenhuma tempestade ou chuva a apaga.*" Ele culpou "a existência" desta luz maravilhosa, provavelmente uma luz de arco elétrico, sobre os milagres da "*magia negra*", realizada por demônios e por homens [os **illuminati**]. Ele também escreveu:



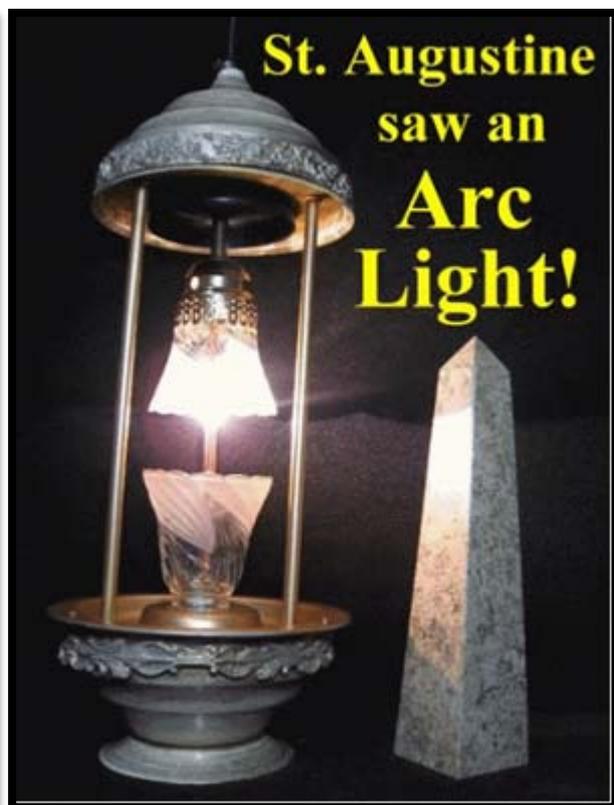
"Demônio arco de luz" de **Santo Agostinho**

"Nós adicionamos à luz inextinguível uma série de outras maravilhas do ser humano e de origem mágica—que são os milagres das artes negras do demônio realizada pelos homens, e milagres realizados pelos próprios demônios. Se optar por negar a essas realidades, estaremos em conflito com a verdade dos livros sagrados em que acreditamos. Assim, tanto a engenhosidade humana concebeu na lâmpada inextinguível algum artifício baseado na pedra de amianto, ou então ela foi inventada por arte mágica para dar aos homens algo para admirar no santuário; ou talvez algum demônio não se apresentou sob o nome de Vênus, com tal efeito que este prodígio foi exibido para o público lá, e lá permaneceu por tantos anos." [xiv]



Um arco de luz da coleção de **Larry Brian Radka**.

Este Padre da Igreja alegou também que a "*pedra de amianto, que não tem seu próprio fogo, e ainda, quando recebe o fogo, chamas tão ferozes com um fogo que não é o seu próprio e não pode ser apagado*". Isto aponta para o carbono em um arco de luz recebendo seu fogo a partir de uma fonte elétrica—uma antiga bateria—"não própria".



“É completamente independente da ação do ar.”

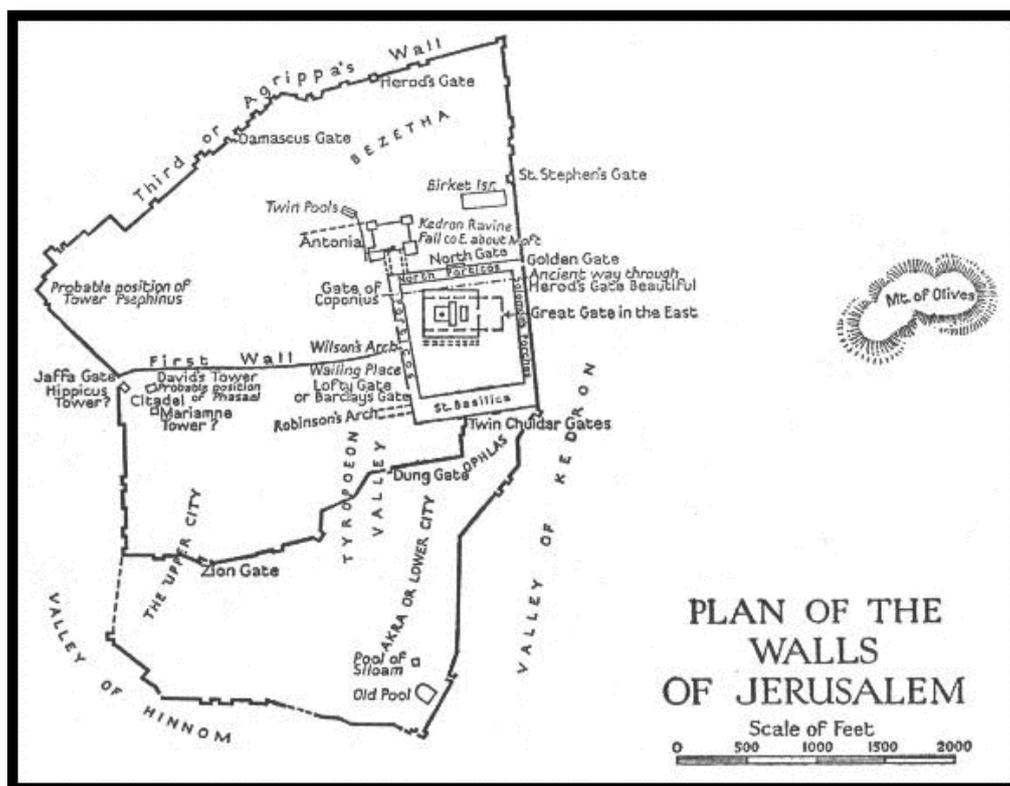
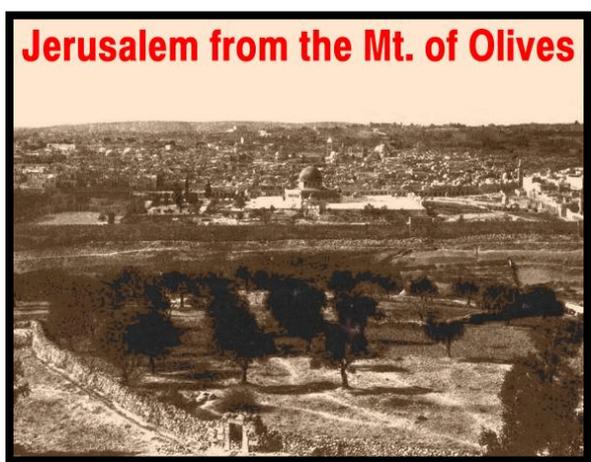
Além disso, ele também afirmou que *"nenhuma tempestade ou chuva a apaga"*. Isso também aponta para a luz do arco elétrico, porque a *Enciclopédia Chamber's* sustenta que *"pode ser produzido em um vácuo, e abaixo da superfície da água, óleos, e outros líquidos não-condutores e, portanto, é bastante independente da ação do ar."*^[xv]



Holofotes de arco de carbono irradiando para fora do Electric Building na exposição de 1893, em Chicago.

Alguns séculos depois, a tecnologia da luz de arco de carbono ainda sobreviveu. Holofotes elétricos iluminavam as noites de Jerusalém, em seguida, e uma parte substancial da mesma em que, lançando seus raios a uma distância grande de um outro edifício sagrado—a santa Igreja Circular da Ascensão no Monte das Oliveiras. Arculf (Arculfus), um bispo franco, talvez de Périgueux, que visitou e explorou a Terra Santa, acompanhado por Peter, um monge borgonhês, que atuou como guia, relatou os detalhes e efeitos de oito luzes brilhantes—e algumas outras também. A *Enciclopédia Católica*^[xvii] dá-nos um pouco sobre seu maravilhoso relatório, como segue:

"**São Bede** relaciona (*Hist. Eccles. Angl.*, V, 15) que **Arculf**, no seu regresso de uma peregrinação à Terra Santa, cerca de 670 ou 690, foi pego por uma tempestade na costa da Escócia. Ele foi hospitaleiramente recebido por **Adamnan**, o abade do mosteiro ilha de Iona, a quem ele deu um relato detalhado das suas viagens à Terra Santa, com as especificações e desenhos dos santuários tão precisos que **Adamnan**, com a ajuda de algumas fontes estranhas, foi capaz de produzir um trabalho descritivo em três livros, tratando-se de Jerusalém, Belém, e as principais cidades da Palestina e de Constantinopla. **Adamnan** apresentou uma cópia deste trabalho a **Aldfrith**, rei de Nortúmbria, em 698. Ele pretende dar um relatório fiel do que **Arculf** realmente viu durante sua viagem. Quanto a este último, juntou-se ao zelo de um antiquário à devoção de um peregrino durante seus nove meses de estadia na Cidade Santa, a obra contém muitos detalhes curiosos que poderiam nunca terem sido registrados."



Os dois seguintes trechos, de *A Peregrinação de Arculfus na Terra Santa (Sobre o Ano AD 670)* foi traduzido pelo **Rev. James R. MacPherson** em 1985. Ele diz: "A tradução foi feita o mais literal possível, em trechos onde a restituição exata de qualquer importância arqueológica ou controversa, como na descrição dos locais e prédios." Aqui estão os trechos, descrevendo um dos edifícios e os efeitos de seus brilhantes holofotes elétricos:

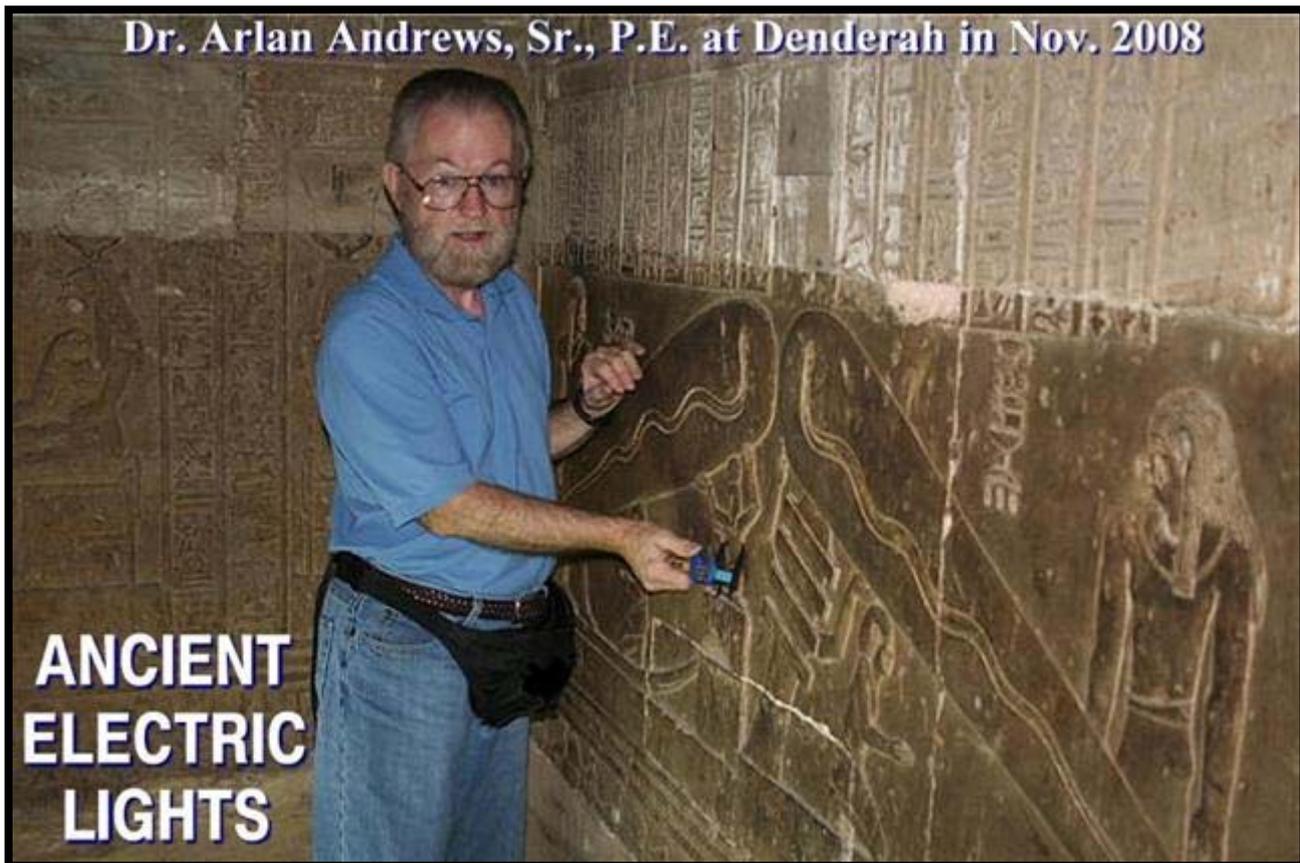
"No lado ocidental da igreja já mencionado acima [antes], quatro janelas duplamente foram formadas no alto com venezianas de vidro, e *nessas janelas queimam como muitas lâmpadas colocadas em frente a elas, dentro e perto delas*. Estas lâmpadas penduradas em correntes, e colocadas de maneira que cada lâmpada possa ficar nem superior nem inferior, mas pode ser vista, por assim dizer, fixada em sua própria janela, oposta e perto da qual ela é especialmente vista. *O brilho destas lâmpadas é tão grande que, quando sua luz é derramada abundantemente através do vidro a partir do cume do Monte das Oliveiras, não somente ilumina a parte da montanha mais próxima da basílica circular para o oeste, mas também o caminho sublime que sobe por etapas até a cidade de Jerusalém desde o Vale de Josafá, claramente iluminado de uma forma maravilhosa, mesmo em noites escuras; enquanto a maior parte da cidade mais próxima que fica na mão oposta é igualmente iluminada pelo mesmo brilho*. O efeito desta coruscação brilhante e admirável das oito lâmpadas grandes e brilhantes durante a noite na Montanha Sagrada e no local da Ascensão do Senhor, como **Arculf** relatou, é derramar nos corações dos espectadores um entusiasmo maior do amor Divino, e para ferir a mente com um certo receio, juntamente com enorme compunção interior."

"Isso também aprendemos com a santificada narrativa de **Arculf**: Que naquela Igreja redonda, além da luz normal, das oito lâmpadas acima mencionadas brilhando dentro da Igreja durante a noite, são normalmente *adicionadas na noite da Ascensão do Senhor quase inúmeras outras luzes, que, por seu brilho terrível e admirável, derrama abundantemente através do vidro das janelas, não apenas ilumina o Monte das Oliveiras, mas faz-o parecer estar totalmente em chamas; enquanto toda cidade e os outros lugares do bairro também são iluminados.*"^[xvii]

Velas e candeieiros antigos nunca poderiam ter começado a acender-se em uma "cidade inteira" a uma milha de distância, mas os *espelhos elétricos* de **Arculf** (holofotes), conforme descrito acima, são bastante adequados. *No entanto, os astutos sacerdotes mantendo as luzes brilhantes em faróis antigos, templos e túmulos mantiveram sua tecnologia holofote em segredo, porque eles precisavam para inspirar os seus rebanhos ingênuos a fim de reverenciar sua religião*. No entanto, eles não poderia resistir se gabando de sucessivas gerações de **Illuminati**—*habilmente adornando sua sabedoria elétrica em seus monumentos*. Infelizmente, até há relativamente pouco tempo, muitas pessoas não levaram a sério o testemunho da iluminação elétrica deixado por nós, embora a prova e as técnicas terem se destacado na frente dos nossos olhos há milhares de anos. Os antigos magos da eletricidade devem estar desgostosos com a sua incapacidade para induzir a observação produtiva em gerações modernas, ou talvez estejam rindo alto em algum lugar de nossa sabedoria cega do passado ao invés disso.

A *verdade elétrica* que Edison e outros tropeçaram no século XIX é meramente vinho velho derramado numa garrafa nova, e a *Bíblia confirma isso ao afirmar que não há nada novo sob o sol*. No entanto, o nosso orgulho muitas vezes parece estar inclinado a aceitar o fato.

No entanto, uma sábia escritora define essa fraqueza humana aparte e admite corajosamente a verdade—mais de um século atrás! *"Sempre que, no orgulho de alguma nova descoberta, lançamos um olhar para o passado, encontramos, para nosso desalento, certos vestígios que indicam a possibilidade de, se não a certeza, que a alegada descoberta não foi totalmente desconhecida dos antigos"*, escreveu **Madame Blavatsky**, em *Isis sem Véu*. *"Em geral, é afirmado que nem os habitantes do início dos tempos de Moisés, nem mesmo as nações mais civilizadas do período Ptolomaico estavam familiarizados com a eletricidade. Se permanecemos impertubáveis nesta presente opinião, não é por falta de provas ao contrário.*"^[xviii]



Com relação aos relevos antigos da luz elétrica, **Dr. Arlan Andrews, Sr.**, um engenheiro profissional, recentemente relatou em um e-mail para mim que *"Uma coisa que ninguém lembra, mas que você pode ver na imagem [acima], é que os painéis de Dendera foram terminados em outro lugar e, em seguida, colocados lá embaixo—você pode ver as bordas. Não há nenhuma maneira que poderia ter sido tão finamente esculpida no lugar, mesmo com luz elétrica, e nada mais explica a aparência segmentada."* Algumas de suas fotos mais interessantes de Dendera (e Giza) aparecem no *Arcanae* do **Dr. Alan** na revista *UFO*.



Observe as semelhanças notáveis nestes holofotes de arco de carbono padrões.

Também é notável a assinalar que alguns autores identificaram os feixes de luz na parede do templo de Dendera, acima como lâmpadas elétricas, que é altamente improvável. Você já viu lâmpadas deste tamanho? Não! Além disso, as lâmpadas são transparentes ou translúcidas, pelo menos, para permitir que a luz seja emitida por meio delas. Portanto, se estas eram lâmpadas, então poderemos ver pelo menos um esboço opaco das partes invisíveis dos sacerdotes de pé, atrás delas. No entanto, as partes inferiores invisíveis de seu corpo teriam sido completamente bloqueadas, mesmo por um pequeno raio de holofote de carbono de arco que atravessava na frente deles (como a citada acima). Além disso, *as serpentes alongadas não são filamentos de luz elétrica práticos, mas bem conhecidos símbolos antigos para a luz e electricidade*. Para mais ilustrações e muito mais informações sobre os antigos relevos luz-elétrica em Denderah, leia *O Espelho Elétrico no Farol de Alexandria e Outras Iluminações Antigas*.

A Tecnologia dos Deuses

por William Saylor

"Eu preferiria viver em um mundo onde a minha vida é cercada de mistério do que viver em um mundo tão pequeno cuja minha mente pudesse compreendê-lo." – H. E. Fosdick

"Há mais fé na dúvida honesta do que em todos os seus Credos." – A. L. Tennyson

Os Deuses e Suas Máquinas Voadoras

O principal atributo dos deuses é que eles podiam voar. Aqui estão algumas dicas:

Quando voando, **Quetzalcoatl** apareceu aos antigos mexicanos como uma serpente emplumada: "... primeiro ele voa, bem alto, vai bem acima, e ele apenas desce..." E quando ele voa ou desce, sopra um vento forte. Onde quer que fá, ele voa." (Baldwin, 1998)

Você não imagina que tipo de aeronave pode aparecer aos nativos como uma "*serpente emplumada*", acompanhado por um "*grande vento*"?

"... E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e **Elias** subiu ao céu num redemoinho." (2 Reis 2:11)

"E **Jeová** ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvens, para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite..." (Êxodo 13:21)

Jeová aterrissa no Monte Sinai. "E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E **Moisés** levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte... E todo o monte Sinai fumegava, porque **Jeová** descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente..." (Êxodo 19:16-18)

"...E levantou-me o Espírito, e ouvi por detrás de mim uma voz de grande estrondo, que dizia: Bendita seja a glória do Senhor, desde o seu lugar. E ouvi o ruído das asas dos seres viventes, que tocavam umas nas outras, e o ruído das rodas defronte deles, e o somido de um grande estrondo..." (Ezequiel 3:12-13)

Jeová desce sobre os lugares altos com um grande calor: "Porque eis que Jeová está para sair do seu lugar, e descerá, e andaré sobre as alturas da terra. E os montes debaixo dele se derreterão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo. (Miquéias 1:3-4)

Uma referência aos deuses que voam no Mahabharata:

"Os deuses, em carros nascidos nas nuvens... brilhantes carros celestiais em concurso partiram para o céu sem nuvens." (Sitchin, 1985)

Sitchin (1985) também menciona o *Maratus voador*:

"...estrondo tão alto que o vento faz as montanhas tremem e rolarem... (conforme eles) levantam-se para o alto... essas maravilhas em verdade, de tonalidade vermelha, rápidas em seu curso com um grande

estrondo sobre os cumes do céu... e espalham-se com feixes de luz... brilhante, celestial, com raios em suas mãos e capacetes de ouro sobre suas cabeças."

Rei egípcio Pepi sobe às alturas:

"Como uma estrela imperecível; Voa que voa! Ele voa para longe de ti, ó homens! Ele não está mais sobre a terra; ele está no céu! Ele corre para o céu como uma garça. Ele beijou o céu como um falcão. Ele saltou para o céu como um gafanhoto." (Frankfort, 1948)

Um mensageiro angelical anuncia a **Manoá** sobre o nascimento de **Sansão** para sua esposa, e que, depois de dizer a Manoá que seu nome é secreto:

"... sobe às alturas em uma chama de fogo do altar." (Juízes 13:2-15)

Naymlap, o deus principal dos índios do Equador, foi:

"levado ao céu pelo deus da pedra falante." (Sitchin, 1990)

Von Däniken (1982) afirma que as "*ardentes carruagens celestiais*", descritas por **Enoch** e **Elias**, também são encontradas na mitologia Budista (**Padmasambhava**) e Hindu (**Ardjuna**). Aparentemente, todas as crianças na Índia estão bem cientes dos antigos deuses voadores e suas aeronaves, que eles chamaram de **Vimanas**.

No conto sumério de **Nergal** e **Ereshkigal** (Pitchard, 1975), existem indícios de que *houveram períodos em que os deuses não eram capazes de viajar a partir de um local para outro*, talvez porque suas posições orbitais ou o alinhamento planetário não eram favoráveis:

Anu abriu sua boca para dizer para Kaka:

Vou te enviar, Kaka, para a Terra sem Retorno,
Para Ereshkigal... tu deve dizer: "Tu não és capaz de chegar,
No teu ano tu não poderás ascender à nossa presença, E nós não podemos descer,
Em nosso mês, não podemos descer na tua presença..."

Provavelmente, a descrição mais conhecida das aeronaves dos **AAs** (possivelmente naves espaciais) está no livro bíblico de **Ezequiel**. É uma descrição muito convincente por um observador muito perspicaz. A partir dessa descrição, o ex-engenheiro da **NASA**, **J. F. Blumrich** projetou e patenteou a sua impressão do veículo (Blumrich, 1974) (Fig 7-1). Uma pequena cabine, onde **Ezequiel** observou o "*Senhor*", repousando em cima do corpo do veículo.

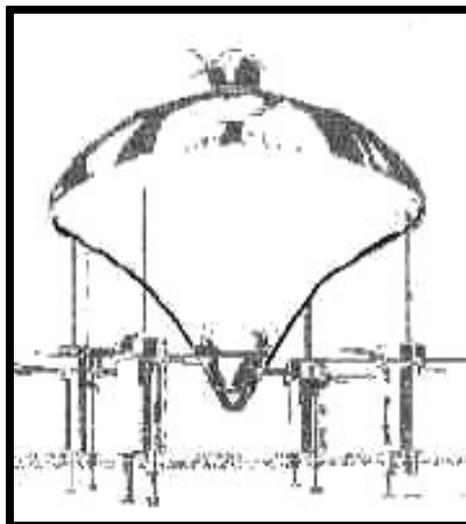


Fig. 7-1

O corpo, que **Ezequiel** chamou de "*firmamento de fogo*", terminou em um único motor principal. Preso ao corpo estavam quatro motores de helicóptero e lâminas, que permitia ao veículo pousar verticalmente sem usar o motor principal, que teria coberto o pobre **Ezequiel** com entulho ou soprado-o para longe!

Não tão bem conhecido, e mais interessante na minha opinião, é o conto do "Divino Trono-Carruagem" dos **Manuscritos do Mar Morto** (Vermes, 1962). A introdução à peça lê:

"O Divino Trono-Carruagem tira sua inspiração de **Ezequiel** (1:10) e está relacionado com o *Livro do Apocalipse*. Ele descreve a aparência e movimento do **Merkabah**, a Carruagem divina apoiada e elaborada pelos querubins, que é ao mesmo tempo um trono e um veículo. O 'pequena voz' de bênção é desenhada a partir de 1 Reis 19:112: foi em uma 'voz mansa e delicada' que Deus manifestou-se a **Elias**. Em nosso texto de Qumram, essa voz é pronunciada pelos querubins e é interessante observar que, embora a Bíblia não define a fonte da voz, a antiga tradução aramaica do 12 Reis (Targum de Jônatas) a atribui a seres angélicos chamados 'aqueles que abençoam em silêncio'."

"O Trono-Carruagem foi um tema central de meditação na antiguidade, bem como no esoterismo e misticismo judaico medieval, mas os guardiões da ortodoxia rabínica tendem a desencorajar a especulação. O uso litúrgico do capítulo de Ezequiel sobre a Carruagem é expressamente proibido no Misnah; isso ainda estabelece que *nenhum homem sábio pode compartilhar a sua compreensão da Markabah com uma pessoa menos esclarecida do que ele...*"

Não sendo um "homem sábio", acho que estou livre para compartilhar a minha especulação a respeito da Merkabah. É claro que os antigos hebreus não tinham palavras para descrever a tecnologia que eles estavam observando; sem levar em consideração que **Ezequiel** fez um trabalho muito impressionante com as palavras à sua disposição.

A descrição do veículo em operação, extraída de Vermes por Barnstone (1984) lê-se:

"... e as bênçãos absolutas dos querubins. E conforme eles se levantam, há uma pequena voz divina e louvor alto; há uma pequena voz divina conforme eles dobram suas asas.

"Os querubins abençoam a imagem do Trono-Carruagem acima do firmamento, e eles louvam a majestade do firmamento ardente sob o assento da sua glória. E entre as rodas que giram, anjos de santidade vêm e vão, como se fossem uma visão ardente da maioria dos espíritos santos; e sobre eles fluem aparentes riachos de fogo, como bronze reluzente, um brilho de muitas cores deslumbrantes, de maravilhosos pigmentos magnificamente misturados. Os espíritos do Deus Vivo movem-se perpetuamente com a glória da *maravilhosa Carruagem*.

"A pequena voz de bênção acompanha o barulho conforme eles se afastam, e no caminho de seu retorno eles adoram o *Santo*. Ascendentes, eles sobem maravilhosamente; fixando, eles ainda permanecem. O som do louvor jovial é silenciado e há uma pequena voz de bênção em todo o acampamento de Deus."

Aqui está outra vez, como minhas "*interpretações*" em parêntesis:

"...e os querubins (*e os objetos com asas - os helicópteros*) bênçãos absolutas (*faz um som suave semelhante a oração*). E conforme eles se levantam (*conforme as hélices do helicóptero se elevam*), há uma pequena voz divina (*as hélices fazem um som sibilante no ar*) e louvor alto (*junto com o barulho do motor*); há uma pequena voz divina conforme eles dobram suas asas (*quando o motor principal é interrompido, apenas o som sibilante das hélices é ouvido conforme eles descem e param*).

"Os querubins (*os helicópteros*) abençoam a imagem do Trono-Carruagem acima do firmamento (*faz um som suave como a oração*), e eles louvam a majestade (*e eles falam mais alto, e em espanto, sobre o brilho*) do

firmamento ardente abaixo do assento de sua glória (*do motor, em marcha lenta brilhando sob o corpo principal da aeronave*). E entre as rodas girando (*entre as hélices do helicóptero*), os anjos da santidade vêm e vão (*finas mudanças de padrões*), como se fosse uma visão ardente da maioria dos espíritos santos (*de chamas e vapores do motor principal*); e sobre eles flui regatos de fogo aparentes, como bronze reluzente, um brilho de muitas cores deslumbrantes, de maravilhosos pigmentos magnificamente misturados (*o escapamento dos motores do helicóptero, misturado com o escapamento multi-colorido do motor principal*). Os espíritos (*os helicópteros*) do Deus Vivo movem perpetuamente com a glória (*sempre se movem com o fogo do escapamento*) do Carro maravilhoso (*do veículo maravilhoso*).

"a pequena voz de bênção (*o som suave das hélices*) acompanha o estrondo (*acompanha barulho do motor principal*) conforme eles partem, e no caminho de seu retorno eles adoram (*eles fazem um barulho alto*) o Santo (*o deus-piloto*). Ascendentes, que sobem maravilhosamente (*as lâminas ascendem rapidamente*); fixando, eles ainda permanecem (*as lâminas se interrompem e param*). O som do louvor jovial é silenciado (*o barulho do motor principal cessa*) e há uma pequena voz de bênção (*as hélices do helicóptero reduzem a velocidade e param*) em todo o acampamento de Deus."

Eu não acho que haja uma melhor descrição da "*nave espacial*" de **Ezequiel**!

Outro conto interessante é o do encontro de Elias com o Senhor. Em 1 Reis 19:11-12, **Jeová** se dá a conhecer para **Elias** (*Eli-yahu*):

E Deus lhe disse: Sai para fora, e põe-te neste monte perante o Senhor. E eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante do Senhor; porém o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto; E depois do terremoto um fogo; porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada.

Minha tradução: Quando a espaçonave se aproxima, o escapamento foi primeiro percebido como um vento forte; enquanto descia a montanha, o motor causava uma vibração na terra abaixo dele; o escapamento do motor ardente, em seguida, entrou em vista de **Elias**; e, finalmente, os principais motores estão parados e apenas o som das hélices do helicóptero é ouvido como lento e pára.

Zecharia Sitchin (1998) apresenta uma interessante descrição da ascensão de **Elias** ao céu. Este, aparentemente, foi também o momento em que **Ezequiel** escreveu sobre suas experiências com a aeronave do Senhor—cerca de 592 a.C.:

"... um carro de fogo, e cavalos de fogo, vieram. E separaram-se entre ambos (Elias e Eliseu), e Elias subiu em uma tempestade no céu. E Eliseu estava vendo, e ele estava chorando: 'Meu pai, meu pai! a carruagem de Israel e seus cavaleiros!' E ele não o viu novamente..." (2 Reis 2:11)

Se seu idioma não inclui as palavras aeronave, ou foguete, ou nave espacial, ou qualquer outra coisa que poderia levar os homens através do ar, o que você poderia chamá-lo, senão uma "carruagem"? E parece claro que algumas delas eram o que hoje chamamos de aeronaues VTOL (vertical take-off and landing, aterragem e decolagem vertical).

Então, não me resta dúvidas de que os AAs possuíam a tecnologia para vir à Terra em naves espaciais, e para se deslocar sobre a Terra em vários tipos de aeronaves que não necessitavam de pistas.

Antigas Guerras Nucleares

"Nós viramos a chave, vimos os flashes, assistimos durante dez minutos, depois desligamos tudo e fomos para casa. Naquela noite eu soube que o mundo estava destinado a sofrer." – O físico **Leo Szilard**, construtor de bombas atômicas

"(Foi) um único projétil, carregado com todo o poder do Universo. Uma coluna incandescente de fumaça e chamas, tão brilhante quanto a mil sóis, subiu em todo o seu esplendor... era uma arma desconhecida... que reduziu a cinzas toda a raça dos Vrishnis e dos Andhakas... os corpos estavam tão queimados a ponto de serem irreconhecíveis. O cabelo e as unhas caíram; cerâmicas quebraram sem causa aparente, e os pássaros ficaram brancos... depois de algumas horas todos os alimentos estavam infectados..." – O **Mahabharata**

Durante a primeira "guerra da pirâmide" egípcia, entre **Horus** e **Seth**, Horus ataca:

"... (e ele) solta contra eles uma tempestade que não nem ver com seus olhos, nem ouvir com seus ouvidos. Ele trouxe a morte para todos eles em um único momento..." (**Sitchin**, 1985)

Isso soa para mim como o pulso de raios-gama e nêutros partido de uma arma nuclear sub-quilotons, o que não tem bola de fogo e a radiação nuclear se estende muito além da onda de choque.

Zeus combate os **Titãs**:

"O vapor quente rodou em torno dos Titãs, nascido de Gaia, chama rosa de brilho indizível ao ar superior. O Brilho intermitente da Pedra-Relâmpago, seu raio, cegou os seus olhos de tão forte que era. O calor impressionante apoderou-se do Caos... Era como se a Terra e o amplo Céu acima se unissem, um forte acidente, como se a Terra fosse atirada às ruínas. Também os ventos trouxeram estrondo, terremotos e tempestade de poeira, trovões e relâmpagos." (Sitchin, 1985)

Eu diria que isso foi uma grande arma nuclear que foi detonada sobre ou próximo ao solo, produzindo uma *grande nuvem-cogumelo*.

Zeus conquistando **Tifão**:

"Uma chama brotava do senhor ferido no escuro, áspero, isolado vale do Monte, quando ele foi golpeado. Uma grande parte da enorme terra foi arrasada pelo terrível vapor, derretendo como o estanho derrete quando aquecido pela arte do homem... no brilho de um fogo ardente a terra derretia." (Sitchin, 1985)

Referências Bíblicas para guerras nucleares:

- A destruição de Sodoma e Gomorra:

"... (Abraão) olhou para Sodoma e Gomorra... e ele sentiu e viu uma fumaça saindo da terra, como a fumaça de uma fornalha." – Gn 18:27

"... e o Senhor enviou trovões e saraiva, e o fogo desceu sobre a terra; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito." – Êxodo 09:23

"E aconteceu que, como eles fugiram para diante de Israel, e foi na descida de Beth-horom, lá o Senhor derrubou do céu grandes pedras em cima deles até Azekah, e morreram; foram mais os que morreram das pedras de saraiva do que aqueles que os filhos de Israel mataram à espada." – Josué 10:11

"Então o fogo de Deus desceu do céu, e o consumiu a ele e aos seus cinquenta." – 2 Reis 1:12

Tu os farás como um forno de fogo no tempo da tua ira; o SENHOR os devorará na sua indignação, e o fogo os consumirá. – Salmos 21:9

“Um fogo vai adiante dele, e abrasa os seus inimigos em redor.” – Salmos 97:3

“Tu serás visitado pelo Senhor dos Exércitos com trovões, e com terremotos, e grande ruído, com a tempestade, e labareda de fogo consumidor.” – Isaías 29:6

Existem muitas outras pistas sobre guerras nucleares. **Childress** (2000) discute a guerra atômica antiga, primeiro Hattusas (Bogazkoy) na Turquia, onde *“as partes da cidade são vitrificadas, e as paredes de rocha são parcialmente derretidas”*. Ele então discute Sodoma e Gomorra, e compara-as com Hiroshima e Nagasaki.

Ele acha que Sodoma, Gomorra, Zoar, Admá e Zeboim (Gn 14:2) foram destruídas, criando o Mar Morto. Ele cita **L. M. Lewis**, *“Pegadas nas Areias do Tempo”*, que defende as explosões atômicas. E ele cita do **Mahabharata** uma excelente descrição de uma batalha atômica na qual é dado a **Arjuna** uma *“arma celestial”* que ele não pode usar contra seres humanos *“pois poderia destruir o mundo”*, mas ele poderia usá-lo contra *“qualquer inimigo que não seja humano”*.

A partir do **Mahabharata**, como citado por **Charles Berlitz** (1972), é provavelmente a melhor descrição de uma guerra atômica antiga que se pode encontrar:

“(Foi) um único projétil, carregado com todo o poder do Universo. Uma coluna incandescente de fumaça e chamas, tão brilhante quanto a mil sóis, subiu em todo o seu esplendor... era uma arma desconhecida... que reduziu a cinzas toda a raça dos Vrishnis e dos Andhakas... os corpos estavam tão queimados a ponto de serem irreconhecíveis. O cabelo e as unhas caíram; cerâmicas quebraram sem causa aparente, e os pássaros ficaram brancos... depois de algumas horas todos os alimentos estavam infectados... para escapar deste fogo, os soldados se atiraram nos riachos para se lavarem e a seus equipamentos.”

Steinhauser (1975) relata uma história do Ramayana:

“... quando o deus Rama foi ameaçado por um 'exército de macacos' (homens ou robôs?) ele colocou uma 'flecha mágica' em ação. Ela produz um flash de iluminação 'mais forte do que o calor de cem mil sóis', transformando tudo em pó. O cabelo dos sobreviventes caem, suas unhas se desintegram. Sabemos de tais armas mágicas a partir de Sodoma e Gomorra, e de Hiroshima e Nagasaki.”

Mohenjo-Daro e Harappa, no Paquistão: **David Davenport** (1996), que passou 12 anos estudando os escritos antigos hindus e provas no antigo sítio de Mohenjo-Daro, *declarou em 1996 que a cidade foi destruída de imediato há 2.000 anos a.C.* As ruínas da cidade revelam o epicentro da explosão, que mede 50 jardas de largura. Naquele local tudo foi cristalizado, fundido ou derretido. Sessenta jardas do centro, os tijolos foram fundidos em um dos lados indicando uma explosão... o terrível acontecimento misterioso de 4000 anos atrás foi registrado no **Mahabharata**.

De acordo com o texto:

“fumo branco quente que era mil vezes mais brilhante que o sol se levantou no infinito brilho e reduziu a cidade a cinzas. Água ferveu... cavalos e carruagens de guerra foram queimados aos milhares... os corpos dos caídos foram mutilados pelo calor terrível de maneira que eles não mais pareciam seres humanos...”

De uma das mais antigas crônicas da Índia... o Livro de Dzyan:

“A separação não trouxe a paz para estas pessoas e, finalmente, a sua ira chegou a um ponto em que o governante da cidade original levou consigo um pequeno número de seus guerreiros e eles se ergueram no ar em um enorme recipiente de metal brilhando. Enquanto eles estavam há muitas léguas da cidade de seus inimigos, eles lançaram uma grande lança brilhante que se conduzia sobre um feixe de luz. Ela se estourou na

cidade de seus inimigos com uma grande bola de fogo que subiu ao céu, quase até as estrelas. Todos os que estavam na cidade foram horrivelmente queimados e até mesmo aqueles que não estavam na cidade—mas perto—também foram queimados.

Aqueles que olharam para a lança e a bola de fogo ficaram cegos para sempre. Aqueles que entraram na cidade a pé, adoeceram e morreram. Até o pó da cidade foi envenenado, assim como os rios que fluíam através dela. Os homens não se atreviam a chegar perto dela, e que gradualmente se desfez em cinzas e foi esquecida pelos homens. Quando o líver viu que ele havia feito ao seu próprio povo, retirou-se para seu palácio e recusou-se a ver qualquer um. Então, ele reuniu em cerca de si os guerreiros que permaneceram, e suas esposas e filhos, e eles entraram em seus navios e subiram um por um para o céu e partiram. Nem eles retornaram."

Childress (1999) também apresenta esboços da Cidadela de Mohenjo-Daro e uma discussão de sua destruição pela explosão nuclear. Harappa e Mohenjo-Daro eram as principais cidades da "Cultura Harappa" do Vale do Indo, uma civilização incrivelmente uniforme e urbana avançada entre 2500 e 1500 a.C., o início das quais ainda permanece obscuro.

Sobre Parshaspur perto de Srinagar, na *Caxemira*, **David Childress** (2000) afirma:

"É uma cena de total destruição; enormes blocos de pedra estão espalhados sobre uma vasta área, dando a impressão de aniquilação explosiva."

Zecharia Sitchin (1985) dedica um capítulo inteiro a uma discussão da guerra nuclear nos tempos antigos na Mesopotâmia e na península do Sinai. Neste livro, ele sugere ainda a destruição das "instalações espaciais" no Sinai por armas nucleares. Ele oferece como evidência:

"... a imensa cavidade no centro do Sinai e as linhas de fratura resultantes (ver figura), a vasta área plana circundante coberta com pedras escurecidas, traços de radiação ao sul do **Mar Morto**, a nova extensão e forma do **Mar Morto**—ainda está lá, quatro mil anos mais tarde".



Ele sustenta que a precipitação radioativa desta operação eliminou a área ao redor da Suméria por um período de 70 anos, até 1953 a.C.

Então, usaram os deuses armas nucleares em suas batalhas entre eles e com a humanidade? Você é o juiz!

A Biotecnologia dos Deuses

"Existem 193 espécies de macacos e símios, 192 delas são cobertas de pêlos. A exceção é um macaco nu auto-denominado *Homo Sapiens*" – **Desmond Morris**

"É difícil dizer o que é impossível—pois o sonho de ontem é a esperança de hoje e a realidade de amanhã." – **Robert Goddard**

Contos de diversas fontes sugerem que os deuses possuíam um conhecimento avançado de biologia muitos milênios atrás:

O deus egípcio **Toth** ajudou Ísis, a esposa de Osíris, a extrair do desmembrado Osíris o sêmem com que Isis estava impregnada para dar à luz a Horus.

"Os códices Telleriano-Remensis e Florentine declaram que **Quetzalcoatl**, como grande artífice, 'formou' e 'moldou' os primeiros seres humanos à sua imagem, e que só ele—e nenhum outro deus—'tinha um corpo humano'." (Baldwin, 1998)

"Antes de Eu (o Senhor) formar você (Jeremias) no ventre Eu te conheci; e antes de você sair da madre te santifiquei..." (Green, Jay, 1986, Jeremias 1:5)

"... 'embora se diga que na verdade **Zeus**, Rei dos Deuses, a quem chamam de Amon-Rá, era seu pai'. Seti assentiu com a cabeça quando ouviu isto e murmurou: 'Mesmo como Amon-Rá era o pai de Hatshepsut. Sim, os deuses podem de fato serem os pais dos espíritos que habitam os corpos dos reis e rainhas.'" (Green, Roger, 1967)

No conto do nascimento de **Sansão**, a esposa de Manoá, que era estéril, foi visitada pelo "*Anjo de Jeová*", que disse:

Eis que agora és estéril, e nunca tens concebido; porém conceberás, e terás um filho... (porquanto o menino será) nazireu de Deus desde o ventre" (Green, Jay, 1986, Juízes 13:3,5) [*Nazireu*: Dotado de qualidades especiais psíquicas ou físicas a serem usadas no serviço de Deus.]

"O deus Citlaltonac enviou um embaixador para ver a virgem Chimalma... O deus disse a ela que ela iria conceber um filho, o que ela fez logo depois..." (Fernandez, 1982)

Quanto ao nascimento do deus tolteca Huitzilopochtli: "... uma mulher chamada Coatlicue, que foi encarregada de manter limpo um templo no Cerro de Coatepec, perto de Tula, varria o prédio quando viu uma linda bola de penas caírem do céu, e guardou-a em seu seio. Quando ela terminou seu trabalho, e tentou encontrar a bola de penas, ela não estava mais lá, havia desaparecido. Naquele mesmo momento ela ficou grávida, embora ela já fosse viúva há muitos anos." (Demetrio, 1983)

Em sua discussão sobre a história suméria da criação de **Adão** ("*o terráqueo*") a partir de textos da Mesopotâmia (tabletas de argila), **Zecharia Sitchin** (1985) escreve:

"... para alcançar a façanha, Enki sugeriu que um "ser que já existe", a mulher macaco, seja usado para criar o Lulu Amelu ("o trabalhador misto") 'ligando' sobre 'o molde dos deuses' os seres menos evoluídos. A deusa Sud purificou a 'essência' de um jovem macho **Anunnaki**; ela misturou dentro do óvulo de uma mulher macaco. O ovo fertilizado foi então implantado no útero de uma fêmea Annunaki, durante o período necessário de gestação. Quando a 'criatura mista' nasceu, Sud ergueu e gritou: 'Eu criei! Minhas mãos o fizeram!'"

Essas histórias levantam várias questões interessantes:

1. Em tempos pré-históricos, como de fato os deuses incorporaram sua "essência" em macacos fêmeas, uma espécie diferente (mas, possivelmente, do mesmo gênero), para criar os seres humanos modernos, como os textos antigos têm sugerido?
2. Como poderia deuses e humanos, de diferentes, mas possivelmente espécies semelhantes, casar e reproduzir, como sugerido no Gênesis?
3. Dentro de momentos históricos, como é que os AAs incorporaram seu "espírito" nos profetas, humanos novamente de uma diferente mas provavelmente espécie semelhante?
4. Como poderia os antigos "*deuses-reis*" da Mesopotâmia e Egito *se casar com seus familiares próximos, como um costume necessário, e se reproduzirem sem dano aparente para o patrimônio genético da família?*

Antes de especular sobre como essas coisas foram feitas, será útil listar alguns dos métodos de bioengenharia em uso no momento presente:

- **IVF: fertilização in-vitro.** Espermatozóide e óvulo da mesma espécie são fundidos in-vitro. O embrião é implantado no útero. Um método comum de tratamento da infertilidade desde o 'bebê de proveta' britânico de 1978.
- **CSCT: transferência de células híbridas** (ou transferência nuclear). Uma fertilização in-vitro no qual células somáticas 'doadoras' (pele, por exemplo) é fundida in-vitro com o óvulo 'hospedeiro' de uma espécie diferente, mas semelhante (do mesmo gênero). O embrião é implantado no útero de acolhimento.
- **RDNA: DNA recombinante.** Uma vez que, na maioria dos casos, o DNA não pode ser transferido diretamente de um organismo para outro, nesta técnica um fragmento de DNA desejável, isolado das células 'doadoras' do animal, é incorporada no plasmídeo de uma bactéria benigna (vetor). A bactéria reproduz o fragmento como parte de seu próprio DNA e as células de bactérias híbridas são injetadas de volta no animal. Este é o método atual de 'terapia gênica' humana, mas seria de se esperar que a técnica também pudesse ser usada para transferências de células de espécies híbridas se a bactéria for benigna para ambas as espécies.
- **HESC: Células tronco embrionárias humanas.** Uma célula humana somática é fundida in vitro com um óvulo de-nucleado de uma espécie diferente. "Estas células diferenciadas começam a crescer como um embrião e depois voltam a se tornarem células-tronco embrionárias, que podem se transformar em praticamente qualquer tipo de tecido para transplante"

Então, vamos especular.

A declaração de **Zecharia Sitchin** sobre o desenvolvimento de Adão soa como a nossa técnica atual de transferência de células híbridas (**CSCT**), a "essência" sendo os fragmentos de DNA (genes) que os deuses queriam incorporar no óvulo da mulher macaco. *O Adão resultante, um híbrido como mulas, era estéril. Mais tarde, algum procedimento foi empregado para permitir a "criatura mista" procriar.*

Incorporando o "espírito" (*certos traços ou habilidades*) dos deuses para os profetas, aparentemente *uma reprogramação parcial ou seletiva do sistema nervoso central poderia ter sido realizada através da técnica de DNA recombinante.*

Finalmente, o costume dos antigos "deuses-reis" da Mesopotâmia e Egito de se casar com suas irmãs e reproduzir sem danos aparentes ao patrimônio genético da família, teria sido possível *através da técnica de transferência inter-espécies clonadas de células (CCSCT)* no seguinte cenário:

1. Colher um óvulo de uma fêmea humana e remover o DNA;
2. Coletar uma células da pele de um deus vivo, ou um deus morto, cujas células têm sido preservadas por congelamento (ou embalsamento?);
3. Fundir a célula epitelial e o óvulo in vitro, e estimular eletricamente o embrião para começar a se dividir;
4. Implantar o embrião de volta para a fêmea, cujo sistema imunológico irá aceitá-la.

Se tudo correr bem o humano nascerá um clone do deus. Agora repita o procedimento usando uma célula epitelial de uma deusa. Os filhos e filhas clonados dos deuses seriam totalmente geneticamente diferentes, e poderiam casar-se e reproduzir-se sem danos genéticos ou violação das regras relativas ao incesto. Além disso, desde que o filho do deus e sua mãe sejam geneticamente diferentes, eles podem se casar, como era exigido no Egito antigo, sem violar tabus.

Mas e se o deus e o humano são de uma espécie muito diferente, ou mesmo de um gênero diferente? É provável que isto seja *evidenciado pela literatura sugerindo que alguns dos deuses eram assustadores de se olhar, e tomavam muito cuidado para não serem vistos por humanos*, exceto, possivelmente, pelo sumo sacerdote:

Quanto à aparência de **Eleleth** (o anjo). "... agora quanto ao anjo, eu não posso falar do seu poder... Não, realmente, minha boca não pode falar do seu poder e da aparência de seu rosto." (Robinson, 1978, "A Hipótese dos Arcontes")

No conto do nascimento de **Sansão**, a esposa de Manoá diz: "Um homem de Deus veio para me ver, e seu aspecto era como a aparência de um anjo de Deus, muito assustador." (Green, Jay, 1986, Juízes 13:2-14) (Este pode ter sido um andróide).

"**Quetzalcoatl**... só ele, nenhum outro Deus, tinha um corpo humano. Ele era 'el hombre-dios', o deus feito carne, consubstanciado com o espírito divino."

Dentado (*Tlaloc*) ou grotesco (*Xipe Totec*—'O Esfolado'), os deuses, por vezes, se escondiam atrás de peles de seres humanos esfolados.

"... agora que nos é revelado sobre a raça dos deuses, e confessamos juntamente com todos os outros, que têm vindo a ser uma questão pura, e seus corpos são apenas cabeças." (Robinson, 1978, o tratado Asclepius, 21-29)

"...eles (os primeiros terráqueos machos e fêmeas—Adão e Eva?) dizem que estavam nus, e eles se enamoraram um do outro. QUando eles viram seus criadores, eles os detestaram desde que eram formas bestiais." (Robinson, 1978, "A Origem do Mundo")

Nesses casos, provavelmente, as técnicas de DNA recombinante ou a *geração de células tronco embrionárias humanas foram usadas*. Assustador quanto parece, "*as misturas de hominídeos e animais*", descrito pelo sacerdote babilônico **Beroso** (Burstein, 1978) poderiam ter resultado da técnica moderna de células tronco embrionárias humanas. Na verdade, quando essa experiência foi anunciada há dois anos pela *Advanced Cell Technology*, o observador biotecnológico **Jeremy Rifkin** contestou fortemente:

"Eles nunca deveriam, nunca ter feito isso. Não sabemos que tipo de criatura pode se desenvolver a partir daí."

Acho que agora sei de pelo menos um tipo de criatura que possa "desenvolver a partir daí"—o Adão!

Em resumo, parece que nosso conhecimento atual da biologia e da fisiologia animal permite uma compreensão de como os deuses poderiam ter feito suas proezas de bioengenharia. Além disso, uma vez que estamos supondo que os deuses tinham essa capacidade há milênios atrás, é emocionante especular sobre a biotecnologia atual. Eu suspeito que iríamos achar indescritível.

Os Imortais

"Quanto mais a ciência nos ensina o que é a vida, os cientistas ficam mais relutantes em defini-la." – **Leila M. Coyne**

"A eternidade é muito tempo, especialmente perto do fim." – **Woody Allen**

Um atributo universal dos "deuses" era a sua imortalidade, ou pelo menos uma vida muito longa em relação aos seres humanos. Várias referências a essa características seguem:

"Por milhares de anos, em seus olhos, são como ontem quando passa, e como a vigília da noite." (Green, Jay, 1986, Salmo 90:4)

Isto representa um fator de dilatação do tempo de 1/365,000.

"...que um dia com o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia." (Green, Jay, 1986, 2 Pedro 3:8)

Também um fator de dilatação de tempo de 1/356.000.

"... perfazendo um total de 1.200 anos divinos de 432,000 anos da Terra" - O **Vishnu Purana**, citado por Zecharia Sitchin (Sitchin, 1993)

Um fator de dilatação do tempo de 1/360 ou 1/432,000 independentemente da forma como é interpretado.

"Não põe a tua fé no comprimento dos anos, pois os deuses consideram uma vida toda senão como uma hora." (Frankfurt, 1948)

Um fator de dilatação do tempo de 1/52,840 para uma vida de 60 anos.

Mead (1921) escreve:

"Jesus diz a seus iniciados da dissolução do universo após a sua expansão ser concluída 'nos anos da luz'. Maria Madalena pede-lhe: 'Meu Deus, quantos anos de anos do mundo é um ano de luz?' Jesus responde: 'Um dia de luz é como mil anos no mundo, de modo que trinta e seis miríades de anos e meio miríade de anos do mundo são um único ano da luz.'"

Traduzindo, temos 1 dia de luz = 100 anos da Terra. 1 ano da luz = 356 dias da luz = 365,000 anos da Terra, ou seja, como usado aqui "miríade" representa o multiplicador 10.000.

A partir da **Visão de Isaías**:

"Após levar Isaiás para o Céu, o anjo foi requerido a retornar o profeta à Terra. Isaiás disse: 'Por que tão cedo? Eu só tenho estado aqui duas horas.' O anjo disse: 'Não são duas horas, mas 32 anos...' (Slemen, 2000)

Um fator de dilatação do tempo de 1/140,160.

Essas referências parecem implicar que os AAs não viviam para sempre, mas muito mais do que os seres humanos para parecerem imortais. *Os textos relatam que a deusa suméria Inanna tinha idade, mas ela foi considerada imortal.*

Uma vantagem óbvia de ser ainda relativamente imortal é que alguém *poderia se mover sobre a galáxia sem atingir velocidades muito altas e muito caras.* Como o astrônomo **Sandy Faber** observou: *"Se pudéssemos viver mais tempo, não teríamos que acelerar para altas velocidades."* Viver mais tempo em vez de ir mais rápido é, naturalmente, um tema de ficção científica familiar.

Posso pensar em quatro possibilidades para explicar a suposta imortalidade dos deuses:

1. Substituição de órgãos, se os deuses são biológicos, ou substituição de partes se eles não são alguns dos 'anjos' e outros emissários dos deuses que pareciam suspeitosamente robóticos:

Eis que eu envio um anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que te tenho preparado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não o provoques à ira; porque não perdoará a vossa rebeldia; porque o meu nome está nele. (Êxodo 23:20-21)

2. Rejuvenescimento por transferência nuclear de células somáticas.
3. Dilatação do tempo, através de viagens a velocidades relativistas em relação à Terra.
4. Dilatação do tempo gravitacional orbitando um grande buraco negro.

Eu não estou ciente de qualquer referência a substituição de órgãos ou partes pelos deuses; porém rejuvenescimento era provável, já que houve uma "**Árvore da Vida**" que os deuses tinham acesso, mas os humanos não. Zecharia Sitchin (1980) sugere que, *ter relações sexuais no antigo Egito significava que alguém seria imortal, então a nave espacial representava a "árvore da vida", e também era simbolizada pelos obeliscos.*

De acordo com a lista dos reis antigos, *o primeiro rei-deus de Ur reinou por 28.800 anos terrestres*, mas os textos também mencionam que a deusa Inanna cresceu velha e gorda depois de estar por um longo período na Terra. Assim era a **Árvore da Vida** um repositório de peças trocadas, um rejuvenescedor celular, ou era um local tal como nas proximidades de um buraco negro?

Dilatação do tempo através de altas velocidades parece improvável, pois o grau de dilatação do tempo implícito de todas as declarações acima exigiriam velocidades muito próximas à velocidade da luz, que atualmente consideramos ser impossível (embora os físicos recentemente afirmaram ter transmitido fótons, que não têm massa, mais rápido que a velocidade da luz, movendo uma nave espacial mais rápido do que a velocidade da luz parece exigir maior parte da energia em todo o universo).

Rejuvenescimento por transferência nuclear de células somáticas foi, provavelmente, empregado desde que os deuses possuíam uma biotecnologia muito avançada. Neste "processo ainda muito teórico... (o processo) pode 'rejuvenescer' uma célula de idade, restaurando a capacidade proliferativa inerentes nas células no início da vida." (West, 2000)

Rejuvenescimento (substituição) por clonagem é também muito provável. Este procedimento, que pode ser usado para produzir "células jovens de qualquer tipo", evita o "limite de Hayflick" em que os "telômeros" nas extremidades

dos cromossomos são reduzidos cada vez que a célula se divide, até que eles sejam todos usados e a divisão cessa. (Cibelli, 2000)

Eu acho que é igualmente lógico que os *deuses podiam residir*, pelo menos por algum tempo, *em uma órbita de equilíbrio sobre um buraco negro que é enorme o suficiente para fornecer força periódica aceitável em toda a largura da sua nave espacial*. Quão massiva? Se assumirmos uma nave espacial de qualquer comprimento, mas com uma largura de 1km (esta é uma nave espacial grande, pessoal!), orbitando um buraco negro de 32.425 massas solares, a força periódica em toda a largura da embarcação seria uma confortável 1g (a força da gravidade na superfície da Terra). Para o caso de "1200 anos divinos de 432.000 anos humanos", ou seja, uma dilatação do tempo de 0,00278, a razão entre a circunferência do horizonte de eventos para a circunferência da órbita da nave espacial é 0,999992.

Como a circunferência horizonte para essa massa é apenas cerca de 601,585 kms, nossos deus teriam de conduzir com muito cuidado! Mas, nesta órbita, um ano terrestre na vida dos deuses é de 360 anos na Terra. O caso de "... mil anos, em seus olhos, são como ontem, quando ele passa" é mais difícil, pois a órbita da nave espacial teria basicamente que coincidir com o horizonte de eventos.

Mas há um outro indício. No *Conto Sumério de Nergal e Ereshkigal* (Pritchard, 1975), há indícios de que *houveram períodos em que os deuses não eram capazes de viajar a partir de um local para outro*, talvez porque suas posições orbitais ou o alinhamento dos planetas não eram favoráveis:

Anu abriu sua boca para dizer para Kaka:

Vou te enviar, Kaka, para a Terra sem Retorno,
Para Ereshkigal... tu deve dizer: "Tu não és capaz de chegar,
No teu ano tu não poderás ascender à nossa presença, E nós não podemos descer,
Em nosso mês, não podemos descer na tua presença..."

Dilatação do tempo gravitacional é a explicação lógica aqui. O fato de dilatação do tempo é, naturalmente, 12/01, para que os 96.410 km de raio da órbita de **Anu** seja agora uma confortável 665 km maior do que o raio do horizonte. Note que até mesmo esta modesta dilatação do tempo, se não for perto de um buraco negro, seria necessária uma velocidade de 99,6% da velocidade da luz—não é possível segundo o conhecimento atual.

Embora os astrônomos estejam convencidos de que *o núcleo da Via Láctea contém um buraco negro de cerca de 2,6 milhões de massas solares* (Science News, 153:59) é mais de 30.000 anos luz da Terra. Então, como é que é provável que haja um buraco negro suficientemente grande e razoavelmente perto de nós, digamos a nebulosa de Órion? (O sistema solar a ser utilizado na nebulosa de Órion, mas agora é sobre 1500 anos luz de distância). Uma pista pode vir a partir da observação de **Stephen Hawking** (1988) que:

"O número de buracos negros podem muito bem ser ainda maior que o número de estrelas visíveis (cerca de 1011 em nossa galáxia)... então o buraco negro mais próximo de nós, provavelmente, a uma distância de cerca de milhares de milhões de quilômetros, ou cerca de tão longe como Plutão..."

Além disso, o *Instituto Espacial de Ciência Telescópica* relata observações recentes que sugerem que eles podem ser inúmeros:

"Duas equipes internacionais de astrônomos usando o Telescópio Espacial Hubble da **NASA** e telescópios terrestres na Austrália e no Chile, descobriram os primeiros exemplos isolados de buracos negros de massa estelar derivados entre as estrelas em nossa galáxia." (STScI, 2000)

Finalmente, astrofísicos recentemente postularam que pode *haver tanto quanto 25.000 buracos negros dentro de 15 anos luz do centro da nossa galáxia*. (Escude, 2000)

Na falta de outros indícios, vou especular que uma combinação de rejuvenescimento celular para aqueles que são biológicos, peças de reposição para aqueles que não são, e dilatação gravitacional do tempo são, provavelmente, como os deuses conseguiram suas incrivelmente longas vidas em relação aos terráqueos.

Conhecimento Atômico Antigo?

por OOParts Website

"E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. E disse o SENHOR: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito."

Gênesis 6:5-7

Gurkha, voando uma rápida e poderosa vimana arremessou um único projétil carregado com todo o poder do Universo. Uma coluna incandescente de fumaça e fogo, tão brilhante quanto a mil sóis subiu em todo o seu esplendor... uma explosão perpendicular com seus vagalhões de núvens esfumaçadas... a nuvem de fumaça subindo após sua primeira explosão formou círculos redondos em expansão como a abertura de guarda-sóis gigantes... Era uma arma desconhecida, um raio de ferro, um gigantesco mensageiro da morte, que reduziu a cinzas toda a raça dos Vrishnis e Andhakas... Os cadáveres estavam tão queimados para serem irreconhecíveis. Os cabelos e unhas caíram; cerâmica quebrou-se sem causa aparente, e os pássaros ficaram brancos. Depois de algumas horas todos os alimentos ficaram infectados... para escapar deste fogo. Os soldados se jogaram nos rios para se lavarem e a seus equipamentos.

Versos antigos do **Mahabharata**: (6500 a.C.?)

Introdução

"Treze reatores nucleares existiram nos tempos "pré-históricos" ao longo do leito de 200 metros da mina em Oklo - foram descobertos em 1972, e eram comparáveis aos reatores nucleares modernos em poder e calor de combustão.

Esta mina tinha a capacidade de permitir reações nucleares em cadeia auto-sustentáveis". Esta descoberta chocou toda a comunidade científica em 1972. - mas espere - vamos voltar nisso mais tarde.

Ao olharmos um pouco ao que está sendo chamado de provas da guerra atômica antiga (ou simplesmente explosões atômicas), é importante fazer uma distinção.

É importante que possamos estabelecer através das evidências disponíveis, algumas vistas em outras páginas—a de que: *a Bíblia de fato menciona os dinossauros, que o homem e os dinossauros co-existiram como a Bíblia indica; que o DNA é a prova de um criador; que o dilúvio de Noé em todo o mundo aconteceu, e que o mundo foi criado em uma semana como a Palavra diz.*

Temos ponderado sobre a questão da *sofisticação tecnológica das civilizações ante-diluvianas*. Guerra atômica ou capacidade atômica seria outra indicação desta sofisticação e um pouco mais. Pode ser que, se existisse, fosse parte da maldade que Deus viu, como referenciada pela citação do Gênesis 6, na parte superior desta página. A história mais interessante nestas páginas é a história absolutamente verdadeira das minas Oklo.

Por outro lado, haverá consternação que resultaria entre materialistas/evolucionistas, se pudesse ser provado que essa tecnologia de fato existia. Seria muito difícil encaixar esse conhecimento no paradigma atual, não é?

Quanto ao crente, uma confirmação só poderia reforçar nossa confiança de que quando dizemos aos materialistas que *"há coisas no céu e na terra que não sonhou em sua filosofia"*, isso se prova mais verdadeiro a cada dia.

Existem algumas coisas interessantes a considerar, e nós devemos dar uma olhada nelas e formar uma conclusão. É bem possível que rejeitaremos todas as "provas" ou apenas algumas delas. É certamente válido alguns minutos do nosso precioso tempo, sem súplica, para dar uma olhada.

A "evidência" se enquadrará amplamente em quatro categorias.

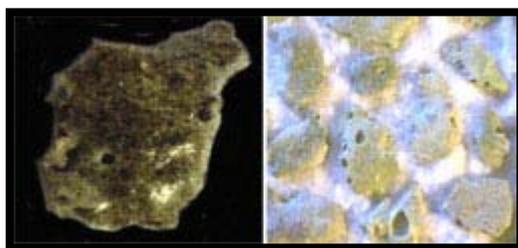
1. Descrições nas quais são acreditadas como os mais antigos textos escritos pelo homem ainda em existência;
2. Descoberta de sítios arqueológicos que demonstram características, incluindo altos níveis de radiação, consistente com uma explosão atômica;
3. As evidências físicas (alterações na areia) semelhantes as encontradas nos locais das explosões atômicas atuais;
4. Evidência de urânio empobrecido com produtos de plutônio.

O item seguinte apareceu no *New York Herald Tribune* em 16 de fevereiro de 1947 (e foi repetido por **Ivan T. Sanderson** na edição de janeiro de 1970 na sua revista, *Persuit*):

Explosões Atômicas Produzem Vidro

Quando a primeira bomba atômica explodiu no Novo México, *a areia do deserto tornou-se vidro verde fundido*.

Esse fato, segundo a revista *Free World*, tem dado trabalho a certos arqueólogos. Eles foram cavando no antigo vale do Eufrates e descobriram uma camada de cultura agrária com 8.000 anos de idade, e uma camada de cultura pecuária muito mais velha, *e uma cultura ainda mais antiga do homem das cavernas*.



Trinitite verde-oliva formada no Novo México, como resultado do teste atômico em 1945.



Trinitite: *a bomba derreteu a areia neste vidro esverdeado. Foi nomeada trinitite após Trinity (Trinity foi o primeiro lugar na história onde uma bomba de plutônio explodiu).*

Recentemente, chegaram a uma outra camada de vidro verde fundido.

É sabido que explosões atômicas em ou acima de um deserto de areia *derreterem o silício na areia e torna a superfície da Terra em uma folha de vidro*. Mas se folhas de vidro do deserto antigo podem ser encontradas em várias partes do mundo, isso significa que gerras atômicas foram travadas no passado antigo ou, pelo menos, *que testes atômicos ocorreram na era turva da história?*

Esta é uma teoria surpreendente, mas que não é desprovida de provas, tais como antigas folhas de vidro no deserto serem um fato geológico. *Os relâmpagos podem às vezes fundir a areia*, os meteorologistas afirmam, mas isto é sempre em um padrão distinto nas raízes.

Estas curiosidades geológicas estranhas são chamadas fulguritos e *se manifestam como formas tabulares ramificadas ao invés de folhas planas de areia fundida*. Portanto, relâmpagos estão amplamente descartados como causa de tais descobertas pelos geólogos, que preferem se apegar *a teoria de um ataque de meteoro ou cometa como a causa*. O problema com esta teoria é que, normalmente, não há cratera associada a estas folhas anômalas de vidro.

Brad Steiger e **Ron Calais** relatam em seu livro, *Mistérios do Tempo e do Espaço*, que **Albion W. Hart**, um dos primeiros engenheiros a se graduar no *Instituto de Tecnologia de Massachusetts*, foi designado a um projeto de engenharia no interior da África.

Embora ele e seus homens estarem viajando para uma região quase inacessível, eles primeiro tinham que atravessar uma grande extensão de deserto.

"Na época, ele estava confuso e incapaz de explicar uma grande extensão de vidro verde que cobria as areias até onde ele podia ver", escreve Margarete Casson em um artigo sobre a vida de Hart na revista Rochas e Minerais (nº 396, 1972).

Ela então continua a citação:

"Mais tarde, durante a sua vida ele passou pela área de White Sands após a primeira explosão atômica lá, e ele reconheceu o mesmo tipo de fusão de silicone que ele havia visto cinquenta anos antes no deserto Africano."

Curiosamente, **Dr. J. Robert Oppenheimer**, cientista chefe do Projeto Manhattan, era conhecido por ser familiarizado com a literatura sânscrita.

Em uma entrevista realizada depois que ele assistiu ao primeiro teste atômico, ele citou o Bhagavad Gita:

"Agora eu me tornei a Morte, a Destruidora dos Mundos". Acho que todos nós nos sentimos dessa forma."

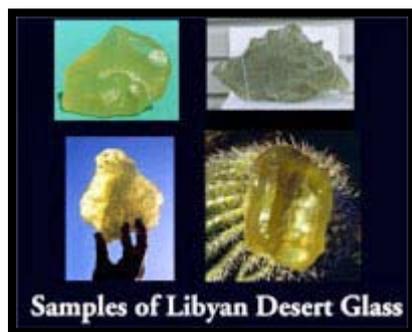
Quando perguntado em uma entrevista na *Universidade de Rochester*, sete anos após o teste nuclear de Alamogordo se essa foi a primeira bomba atômica já alguma vez detonada, sua resposta foi:

"Bem, sim, na história moderna."

David Hatcher Childress
na *Nexus Magazine*

Vidro do Deserto Líbio

Pedaços de vidro do deserto líbio que pesam tanto quanto 16 libras se encontram em uma área oval de aproximadamente 130 por 53 quilômetros. As peças verde-claro-amareladas estão concentradas nos corredores de areia livre entre cristas de dunas norte-sul.



A origem deste imenso depósito de vidro tem sido *atribuída por alguns como explosões nucleares antigas e atividades alienígenas*, mas os cientistas investigando sempre estão satisfeitos com a hipótese do impacto de meteoro.

Um estudo recente (resumo abaixo) também opta por essa explicação, *embora ninguém tenha encontrado uma cratera de tamanho adequado, ou outras evidências*.

Mais sobre Vidro do Deserto Líbio

O vidro do deserto líbio é encontrado largamente espalhado por uma área de 130 km de norte a sul por 53 km de leste a oeste.

O deserto Líbio do Egito é uma das regiões mais distantes e inóspitas da Terra. Desabitada, levada pelo vento e mau agouro, o *Mar de Areia*, perto de planalto de Gilf Kebir, foi no entanto o local de uma descoberta notável em 1932.

As pesquisas no deserto egípcio, sob a direção capaz do inglês **Patrick A. Clayton** (1896-1962) recuperou espécimes (cerca de 50 kg) de um vidro incomum, muitas vezes bonito, transparente até translúcido, gema verde-amarelada, *de alta natureza sílica*.



A área onde o vidro é encontrado.

Após a descoberta, em 1932, do vidro do deserto Líbio, apenas duas outras expedições (ambas na década de 1930) foram realizadas no local até 1971.

Esta última exploração envolveu três cientistas parando por apenas duas horas e coletando cerca de 24 amostras de vidro. Durante esta breve visita, a expedição encontrou acidentalmente o sítio de um pouso forçado de um avião egípcio com os restos de nove homens.

O fracasso das autoridades egípcias para encontrar o avião abatido por mais de três anos é a validação solene do afastamento desta região árida. Em face do exposto, é notável que, talvez, uma maior abundância de vidro do deserto líbio foi disponibilizado recentemente para coleções e estudo do que a qualquer momento desde a sua descoberta há 65 anos.



O vidro do deserto líbio é classificado pela maioria dos meteoricitistas com o grupo de curiosos vidros naturais conhecidos como **tektites**. Em 1900, o Professor **Franz E. Suess** de Viena cunhou o termo Tektite do grego "tektos", que significa "fundido ou derretido".

Tektites são composicionalmente vidros naturais restritos, altamente sílicos, distintamente diferente de outros, derivados do vulcanismo e vidros naturais. Tektites variam em tamanho desde microscópicos (menos de 1 mm) para macroscópico pesando muitos kilogramas.

Elas exibem uma gama de cores maravilhosas de águas claras, de qualidade gema, moldavitas verde-escuro à pálido suave para amarelo-escuro e amarelo-esverdeado do vidro do deserto Líbio, bem como o sombrio e impenetrável negro dos australites.

A humanidade já se perguntou sobre, e estimou, estes objetos enigmáticos, exóticos, por centenas de anos, talvez muito mais tempo. No sítio de Cro-Magnon Vênis de Willendorf (Áustria), datados em 29 mil a.C., pequenas lâminas em flocos de moldavita foram encontradas (agora perdidas!).

Os primeiros registros escritos vêm de meados do século 10 na China referindo-se aos objetos negros e brilhantes encontrados após as tempestades como lei-gong-mo, "*pedras coloridas do deus-trovão*". Aborígenes australianos chamavam as australitas "*ooga*", "olhos arregalados".

A origem e fonte das tektites permanecem um mistério.

Este Objeto Vítreo da Líbia foi encontrado no Túmulo do Rei Tut

... em relação a todos os outros grupos de tektite, os vidros do deserto líbio exibem um notável número de atributos únicos.

Menor índice de refração: 1.4616

Menor gravidade específica: 2,21

Maior teor de sílica: 98%

Maiores partículas de lechatelierite: quartzo fundido

Maior teor de água: 0,064%

Maior viscosidade: quase 6x superior do que australitas na mesma temperatura

Outros atributos únicos: cores, tipos de bolha: 100% das bolhas incluídas são lenticulares ou irregulares



... Não há nenhuma evidência de formação aerodinâmica atmosférica e é, portanto, presumido que o vidro do deserto líbio formou-se como uma folha derretida de alguma sorte, talvez pelo impacto de meteoritos há cerca de 28,5 milhões de anos. Recentes estudos franceses concluíram que os elementos meteóricos no vidro, de proporções quase condritas, "aponta para uma origem de impacto".

Curiosamente, a inclusão do número elevado de partículas lechatelierite (quartzo fundido) no vidro do deserto líbio também aponta para uma temperatura de formação extremamente alta, até 1700º C. Impactos de grandes corpos em alta velocidade são certamente capazes de criar essas altas temperaturas.

Mas, a questão central na determinação do impacto de origem das tektites permanece, ou seja, *como transformar uma massa de rocha triturada em um líquido homogêneo, relativamente livre de bolhas que rapidamente esfria-se se tornando um vidro.*

Mesmo a produção comercial do vidro leva muitas horas para aliviar o derretimento dos seus componentes voláteis. *Nenhum material parcialmente fundido, ou inclusão de pedra anódica, alguma vez foi encontrado no deserto de vidro líbio.*

Além disso, outros vidros de impacto conhecidos (impactitas), tal como os vidros Darwin borbulhantes, espumantes, escoriáceos e contenham materiais parcialmente derretidos. Assim, a controvérsia continua.

Cientistas descobrem Seis Zonas Antigas de Urânio Empobrecido com Produtos de Plutônio

Se você pudesse voltar e ler as notícias e artigos científicos do momento, você pode constatar o choque, consternação e confusão causada pelo anúncio inicial de que material nuclear foi extraído no passado e que subprodutos do plutônio tinham sido criados em Oklo.

Em 1972, um analista francês chamado Bougzigues trabalhando na fábrica de processamento de combustível nuclear Pierrelatte detectou uma pequena mas significativa alteração em uma relação importante entre o Urânio 235 e o Urânio 238. A proporção adequada é bem conhecida e estabelecida nesse campo para que a mudança indique que algo muito fora do comum estivesse acontecendo. A suspeita inicial era que alguém tivesse incluído combustível irradiado com o minério extraído recentemente.

Isto foi rapidamente descartado, pois *não houve assinatura de radiação de urânio associada ao mistério.*

O urânio misterioso foi finalmente rastreado até a mina Gabão em Oklo. *Você precisa entender que aquilo era tão incrível que foi uma reação nuclear de plutônio ocorrida, tal que foi criado e que a reação nuclear em si foi "moderada"!*

Isto significa que *uma vez que a reação fosse iniciada, se você quisesse aproveitar a potência de uma forma controlada, é melhor você ser capaz de preveni-la de explosão e liberar toda a energia de uma só vez.*



Este grupo particular de reatores foi, incrivelmente moderado usando... água. Os primeiros reatores nucleares modernos utilizavam bastões de grafite e cádmio para moderar suas reações.

Naquela época, as pessoas estavam especulando sobre alienígenas e civilizações antigas avançadas. Alguns meses depois da descoberta que abalou o mundo científico, alguém veio com uma explicação um tanto duvidosa quem ao longo do tempo, adquiriu a pátina de certeza absoluta. Foi um reator natural que ocorreu há bilhões de anos.

Existem pelo menos seis zonas de urânio empobrecido (normalmente, significa extraído) e com plutônio como subproduto! *Você tem que realmente estar tentando fabricar plutônio—é um processo complicado.*

No entanto, os cientistas que estudam essas zonas, a priori, é claro, decidiram não considerar que o homem estava envolvido:

1. Eles colocam a sua ocorrência de "bilhões de anos de forma segura;
2. Eles assumem que uma reação de reprodução pode ocorrer naturalmente quando nenhuma evidência do contrário exista, e criar um reator reproduzidor era uma vez um *santo graal tecnológico* que foi difícil de alcançar na finalidade;
3. Eles teorizam que, *embora tenham ocorrido naturalmente no passado distante, que nós não precisamos nos preocupar com isso ocorrendo agora*, como condições diferentes;
4. *A natureza projetou o reator de tal forma que seu combustível e subprodutos perigosos foram "contidos"*.

Os cientistas usam o princípio do uniformismo para tirar conclusões sobre o futuro e o passado.

Se eles não podem usar este "princípio", então eles não podem tirar quaisquer conclusões, porque não se pode afirmar que as condições que existem no universo agora sempre existiram. Aqui embora, como acontece muitas vezes, eles têm que assumir que o passado era muito diferente, já que relacionado à possibilidade de criadores de reações que ocorrem naturalmente. Novamente, os cientistas de outros países se mostram céticos quando ouviram pela primeira vez destes "*reatores nucleares naturais*".

Alguns argumentaram que os montantes em falta de U-235 foram deslocados ao longo do tempo, não divididos em reações de fissão nuclear.

"Como", eles perguntaram, "**as reações de fissão poderiam acontecer na natureza, quando um alto grau de engenharia, física, e atenção aguda e detalhada foram usados na construção de um reator nuclear?**"

Perrin e outros cientistas franceses concluíram que *apenas outras amostras de urânio com níveis semelhantes de isótopos encontrados em Oklo poderiam ser encontradas em combustível nuclear usado produzido por reatores modernos*.

Eles descobriram que as percentagens de muitos isótopos em Oklo se pareciam muito com os dos combustíveis irradiados gerados por usinas nucleares, e, por conseguinte, determinou que um processo natural similar tinha ocorrido.

Outra Visão do Fenômeno

Surpreendentemente, este reator nuclear da mina de urânio foi bem concebido.

Estudos indicam que o reator tinha vários quilômetros de comprimento. No entanto, para tal reator nuclear enorme, o impacto térmico ao ambiente foi limitado a 40 metros em todos os lados. Ainda mais surpreendente é o fato de que os resíduos radioativos ainda não migraram para fora do local da mina. Eles são mantidos no lugar pela geologia envolvente.

Confrontando com estes resultados, os cientistas consideraram a mina sendo um reator nuclear de "ocorrência natural". O reator Oklo tem sido documentado por sua importância como um *análogo* (um derivado estrutural de um composto de origem) *na eliminação dos resíduos de combustível nuclear*. Mas poucas pessoas são ousadas o suficiente para ir um passo além. Por uma questão de fato, muitas pessoas hoje sabem que *o reator é uma relíquia*

de uma civilização pré-histórica. É provável que dois bilhões de anos atrás houvesse uma civilização bastante avançada que viveu em um lugar agora chamado Oklo.

Esta civilização era tecnologicamente superior à civilização contemporânea. Comparado com este enorme reator nuclear "natural", nossos atuais reatores nucleares são muito menos impressionantes. A questão é: por que uma civilização altamente avançada desapareceu? Isso é algo para se refletir sobre.

O livro da *Química Radioativa Básica* (ed. C. Claire) utilizado pela *Universidade de Tsinghua* tem o seguinte parágrafo:

"O urânio natural na mina Oklo, em Gabão, na África Ocidental, contém uma quantidade anormal de U235. É tão baixo como 0,29%, ao invés de 0,72% normal. Isto significa que muitas cadeias de fissão nuclear auto-sustentáveis ocorreram nesta mina há cerca de dois bilhões de anos atrás.

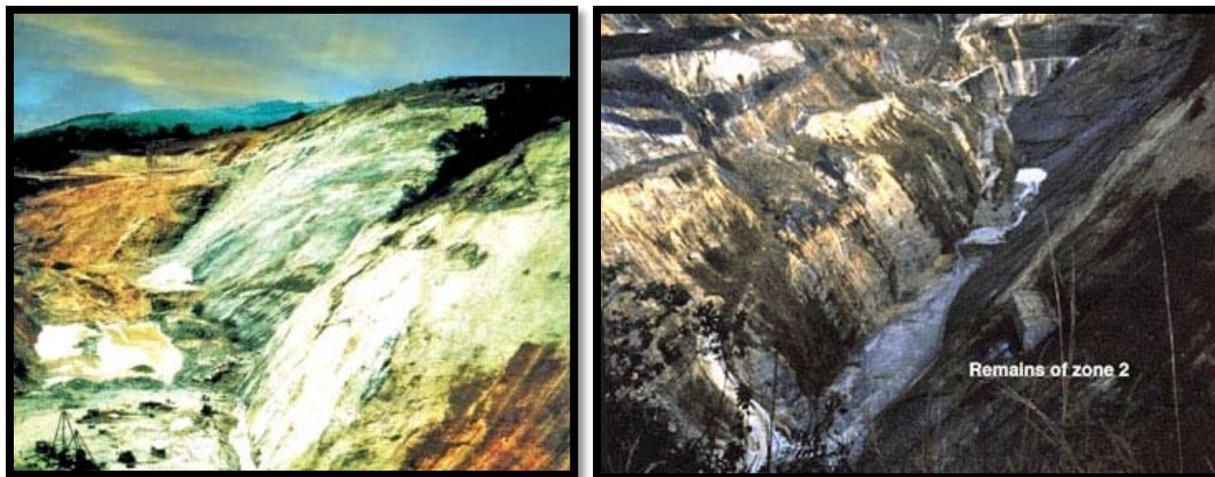
Treze reatores nucleares existiram em períodos pré-históricos ao longo do leito de 200 metros da mina, e eles eram comparáveis aos reatores nucleares modernos na combustão de energia e calor. Esta mina tinha a capacidade de permitir reações nucleares auto-sustentáveis em cadeia..."

Esta descoberta, que chocou toda a comunidade científica em 1972, já foi esquecida pelas pessoas hoje em dia.

OKLO: Um Fenômeno Cósmico Desconsiderado

Em 1972, cientistas franceses descobriram que *várias concentrações naturais de minério de urânio haviam se tornado críticos e inflamaram-se há alguns "2.000.000.000" de anos atrás em Oklo, Gabão.*

A concentração e a configuração do urânio natural e minerais adjacentes naquele momento tinham apenas sustentado a fissão.



As minas Oklo.

De fato, a análise dos resíduos nucleares nas rochas queimadas demonstram que o plutônio também tinha sido criado.

Isto implica que *os reatores reprodutores naturais também são possíveis*, aumentando a possibilidade até então desprezada, *das fontes de calor de longa vida nas profundezas da Terra*, em outros planetas, e dentro de algumas estrelas.

Não se preocupe que o fenômeno de Oklo possa ocorrer hoje na superfície da Terra. A concentração de U-235 físséis caiu consideravelmente nos últimos 2 bilhões de anos devido ao seu decaimento radioativo. Mas, no fundo da terra e em outros corpos celestes, a criticidade nuclear ainda pode ser possível devido a diferentes pressões, densidades, etc.

Em um trabalho estimulante e, geralmente negligenciado, na *Eos*, **J. M. Herndon** oferece quatro importantes fenômenos naturais que podem envolver reatores naturais de fissão:

Reversões Geomagnéticas

Na profundidade da terra, onde as pressões e densidades são elevadas, reatores nucleares naturais podem gerar explosões intermitentes de calor—como fizeram em Oklo—e, assim, provocar o dínamo da Terra a vacilar e reverter.

Aquecimento Planetário

Júpiter, Saturno e Netuno emitem muito mais energia do que recebem do sol. *Reatores nucleares naturais poderiam ser a razão.*

Ignição Termonuclear Estelar

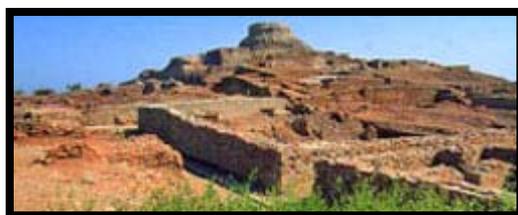
Os astrônomos supõem que *altas temperaturas necessárias para inflamar as reações termonucleares energizando as estrelas vêm do colapso gravitacional*, mas essa fonte não parece ser adequada para alguns cientistas. *Reatores de fissão nuclear poderiam incendiar estrelas como fazem as bombas-H.*

Perda de Matéria

Reatores nucleares naturais são sensíveis. Pode haver muitos objetos do tamanho de estrelas e não-luminosos lá fora que nunca foram inflamados e que não podemos ver através de nossos telescópios.

Evidência em Mohenjo-Daro

Quando as escavações de Harappa e Mohenjo-Daro atingiu o nível da rua, *eles descobriram esqueletos espalhados pelas cidades, muitos de mãos dadas e alastrando nas ruas como se alguma desgraça instantânea e horrível tivesse acontecido.*



As pessoas estavam deitadas, insepultas, nas ruas da cidade.

E esses esqueletos possuem milhares de anos de idade, mesmo pelos padrões arqueológicos. O que poderia causar uma coisa dessas? Por que os corpos não se decompuseram ou foram comidos por animais selvagens? Além disso, não há causa aparente de morte física violenta.

Estes esqueletos estão entre os mais radioativos já encontrados, a par com os de Hiroshima e Nagasaki.

Em um sítio, estudiosos soviéticos encontraram *um esqueleto que tinha um nível de radioatividade 50 vezes maior que o normal.*



Outras cidades foram encontradas no norte da **Índia** que *revelam indícios de explosões de grande magnitude.*

Uma tal cidade, encontrada entre o rio Ganges e as montanhas de Rajmahal, *parece ter sido submetida a calor intenso.* Enormes massas de paredes e fundações da antiga cidade se fundiram, literalmente vitrificadas! E já que não há nenhuma indicação de uma erupção vulcânica em Mohenjo-Daro ou em outras cidades, *o intenso calor a ponto de derreter vasos de barro só pode ser explicado por uma explosão atômica* ou alguma outra arma desconhecida. As cidades foram destruídas totalmente.

Enquanto os esqueletos foram carbono-datados de 2500 a.C., *devemos ter em mente que a datação por carbono envolve a medição da quantidade de radiação perdida.* Quando explosões atômicas estão envolvidas, faz com que, em seguida, pareça muito mais jovem.

Inexplicável Cratera Gigante próxima a Bombaim

Outro sinal curioso de uma *antiga guerra nuclear na Índia* é uma cratera gigante perto de Bombaim. A cratera Lonar, quase circular com 2.154 metros de diâmetro, localizada a 400 quilômetros a nordeste de Bombaim e com idade inferior a 50 mil anos de idade, poderia estar relacionada à guerra nuclear da antiguidade.

Nenhum vestígio de qualquer material meteórico, etc., foi encontrado no local ou nas proximidades, e esta é a única cratera de "impacto" conhecida no mundo de basalto. *Indicações de grande choque* (a partir de uma pressão superior a 600 mil atmosferas) *e um calor intenso e abrupto* (indicado por esférulas de vidro de basalto) *pode ser verificado através do sítio.*

David Hatcher Childress
in *Nexus Magazine*

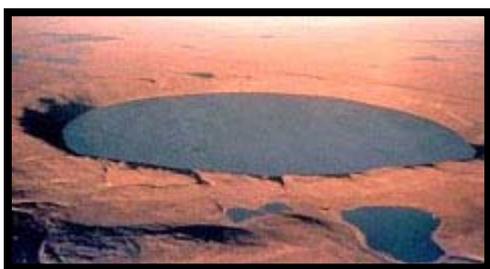


"A cratera se formou em rocha de basalto de espessura de 600-700 m (2.000 a 2.200 pés). Esta rocha é feita de muitas camadas ou fluxos que foram estabelecidos por atividade vulcânica em vários momentos, cinco desses fluxos estão expostos na borda da cratera. Espessuras desses fluxos variam de 5 a 30 m.

A cratera tem cerca de 150 m (500 pés) de profundidade e tem diâmetro médio de 1830 m (1,4 milhas). O aro elevado consiste de 25 m de rochas e 5 m de material ejetado sobre ela. Esta manta que a cobre está espalhada por cerca de 1350 m (4400 pés) de distância da borda da cratera e é constantemente afastada por 2-6º. *A região superior da matéria ejetada contém os depósitos que foram fundidos devido ao impacto*"...

"Lonar é um lugar de obscuridades, especialmente por ser a única cratera meteórica formada em terreno basáltico. Ela manteve-se relativamente intacta devido ao baixo grau de erosão por agentes ambientais, tornando-a um excelente modelo para o estudo. No entanto, várias coisas estranhas acontecem aqui:

1. *O lago possui duas regiões distintas que nunca se misturam—uma exterior neutra (pH 7) e uma interna alcalina (pH 11), cada uma com sua própria flora e fauna. Você pode realmente fazer testes com papel de tornesol aqui e conferir por si mesmo.*



2. *Existe um fluxo perene de alimentação do lago com água, mas não parece haver nenhuma saída aparente para a água do lago. E também é um grande mistério não resolvido de onde vem a água do fluxo perene, em uma região relativamente seca como Buldhana. Mesmo nos meses mais secos de Maio e Junho, o fluxo está constantemente fluindo.*

Lonar desperta questões e mais questões. – **Lilyn Kamath**

Uma Catástrofe Nuclear no Período Paleoíndio?

Introdução

Apresentamos aqui uma teoria notável de catastrofismo terrestre que parece ser apoiada por provas das quais são igualmente notáveis. Um dos autores desta teoria (RBF) é identificado como um cientista nuclear no *Laboratório Nuclear Lawrence Berkeley*.

O segundo autor (WT) é um consultor. As credenciais dos autores parecem tão boas que devemos olhar mais atentamente sobre seus créditos extraordinários relativos a um fenômeno natural que eles acreditam resetar os relógios de radiocarbono no centro-norte da América do Norte e—potencialmente—no resto do planeta.

Estaremos mais interessados na recepção destas declarações concedidas pela comunidade científica.

As Reivindicações

Nas palavras dos autores:

Nossa pesquisa indica que toda a região dos Grandes Lagos (e além) foi submetida a um bombardeio de partículas e radiação nuclear catastrófica que produziu nêutrons térmicos secundários de a partir de interações de raios cósmicos.

Os nêutros produzidos em quantidades anormalmente grandes de ^{239}Pu e alteraram substancialmente a abundância de urânio natural ($^{235}\text{U}/^{238}\text{U}$) em artefatos e outros materiais expostos incluindo rochas silicosas, sedimentos, e toda a paisagem.

Estes nêutrons necessariamente transmutaram-se em nitrogênio residual (^1N) nos carvões datados por radiocarbono, o que explica datas anômalas.

Algumas datas Norte Americanas podem, conseqüentemente, serem até 10.000 anos mais jovens. Então, não estamos lidando com um fenômeno trivial!

Comprovativos

Quatro categorias principais de provas são requeridas e apresentadas em diferentes graus de detalhe.

1. *Anomalamente jovens datas de radiocarbono no centro-norte da América do Norte.* Exemplo: o sítio Gainey, em Michigan. [Outros incluem Thedford & Zander, Ontário; Potts, Nova York; Shoop, Pensilvânia; Alton, Indiana; Taylor, II; Butler & Leavitt, Michigan; e bem ao norte do Lago Grant, Nunavut, e no extremo sudoeste Baker, N.M. - TWC]
2. *As provas físicas do bombardeio de partículas.* Exemplo: artefatos de sílex com altas densidades e feridas de entrada de partículas.
3. *Abundância anômala de urânio e plutônio nas áreas afetadas.*
4. *Anéis de árvores e dados de sedimentos marinhos.*

Os autores afirmam que *a explosão de radiação de uma supernova nas proximidades, por volta de 12.500 anos atrás, não somente reseteu os relógios de radiocarbono, mas também aqueceu a atmosfera do planeta, derreteu as camadas de gelo, e levou a extinções biológicas.*

Se verificado, *o fenômeno alegado também "reseteu" os modelos arqueológicos das colonizações da América do Norte e Sul.* Para ilustrar, teríamos que adicionar mais de 10.000 anos nas datas dos sítios em grande parte da América do Norte!

Comentário

Assim, nós adicionamos *uma outra causa potencial da frequentemente-hipotetizada catástrofe dos 12,500º C que diz ter mudado a história do mundo.* Teorias concorrentes envolvem impacto de asteróides, vulcanismo, uma forte-pancada em Vênus, etc.

Escaravelho de Vidro do Deserto. O que produziu o intenso calor no deserto?

Em 1996, no *Museu Egípcio*, no Cairo, o mineralogista italiano Vincenzo de Michele viu uma pedra verde e amarela incomum no meio de um dos colares de **Tutankamon**.

A jóia foi examinada e constatou ser de vidro, mas curiosamente é mais velha do que a antiga civilização egípcia.



Trabalhando com o geólogo egípcio Aly Barakat, eles rastrearam sua origem à inexplicáveis fragmentos de vidros espalhados na areia em uma remota região do deserto do Saara.

Mas o vidro em si é um enigma para a ciência. Como foi parar lá e quem o fez? A *BBC Horizon* relatou uma teoria extraordinária ligando a jóia de **Tutankamon** com um meteoro.

Céu de Fogo

Um astroquímico austríaco, Christian Koeberl, tinha estabelecido que *o vidro havia sido formado por uma temperatura tão elevada* que só pode haver uma causa conhecida: o impacto de um meteorito com a Terra. *E ainda não houve sinais de uma cratera*, mesmo em imagens de satélite.

O geofísico americano John Wasson é um outro cientista interessado na origem do vidro. Ele sugeriu uma solução que veio diretamente das florestas da Sibéria.

"Quando veio-me o pensamento que era necessário um céu quente, pensei imediatamente no evento Tunguska", disse ele.

Em 1908, uma poderosa explosão destruiu 80 milhões de árvores em Tunguska, na Sibéria. *Embora não houvesse nenhum sinal de impacto de um meteorito*, agora os cientistas acham que um objeto extraterrestre de algum tipo deve ter explodido sobre Tunguska.

Wasson perguntou-se se uma explosão aérea semelhante não poderia ter produzido calor suficiente para transformar o solo em vidro no deserto egípcio.

A Pista de Júpiter

A detonação da primeira bomba atômica em Trinity, no Novo México, em 1945, *criou uma fina camada de vidro na areia*. Mas a área de vidro no deserto egípcio é muito maior.

O que quer que tenha acontecido no Egito *deve ter sido muito mais poderoso que uma bomba atômica*.

Simulação de Impacto

Uma explosão aérea dessa magnitude era impensável, até que, em 1994, os cientistas observaram o cometa Shoemaker-Levy chocar-se com Júpiter. Ele explodiu na atmosfera joviana, e o *telescópio Hubble registou a maior bola de fogo já testemunhada* despontando do horizonte de Júpiter.



Barakat segurando um dos muitos enormes pedaços de vidro no deserto.

Mark Boslough, especialista em modelagem de grandes impactos em supercomputadores, criou uma simulação de um impacto semelhante na Terra.

A simulação revelou que um impacto desse tipo poderia realmente gerar uma cruel bola de fogo atmosférica, criando temperaturas de superfície de 1800° C, e deixando para trás um campo de vidro.

"O que eu quero enfatizar é que é muito maior em energia do que testes atômicos", disse Boslough. "Dez mil vezes mais poderoso."

Lições de Defesa

Quanto mais frágil o objeto de entrada, mais provável estas explosões aéreas acontecem.

No sudeste da Ásia, John Wasson descobriu vestígios de um evento de 800 mil anos atrás, *que era ainda mais forte e destruidor do que o no deserto egípcio*, que elaborou várias bolas de fogo e vidro em mais de 300 mil milhas quadradas, sem nenhum sinal de uma cratera.

"Nesta região, certamente todos os seres humanos teriam sido mortos. Não haveria esperança de sobrevivência para nada", ele disse.

De acordo com Boslough e Wasson, eventos semelhantes ao de Tunguska poderiam acontecer com tanta frequência quanto a cada 100 anos, e o efeito de uma mesma explosão aérea pequena seria comparável a várias bombas de Hiroshima.

Tentar explodir um asteroide, ao estilo de Hollywood, pode tornar as coisas ainda piores aumentando o número devastador de explosões aéreas.

"Há centenas de vezes mais asteroides pequenos do que os grandes que os astrônomos rastreiam", disse Mark Boslough. "Haverá um outro impacto na Terra. É apenas uma questão de quando."

Vimanas: As Antigas Máquinas Voadoras

por VigyanPrasar Website

Existem referências a máquinas voadoras nas esculturas dos templos e nos escritos antigos.

As imagens encontradas em vigas do teto do *Templo do Novo Reinado* de 3000 anos de idade, várias centenas de quilômetros ao sul do *Cairo* e no platô de **Giza**, em Abydos, lembrando aeronaves dos dias modernos.



Referências aos antigos veículos voadores indianos vem de antigas fontes indianas, muitos são os conhecidos épicos indianos antigos, e existem literalmente centenas deles. A maioria deles nem sequer foram traduzidas do sânscrito antigo para o Inglês ainda.

Alega-se que há alguns anos atrás, os chineses descobriram alguns documentos em sânscrito, em Lhasa, no Tibete, e os enviou para a *Universidade de Chandigarh* para serem traduzidos. **Dra. Ruth Reyna** da Universidade disse recentemente que os documentos contém instruções para a construção de naves interestelares!

Seu método de propulsão, disse ela, era "anti-gravitacional" e foi baseado em um sistema análogo ao de "laghima", o poder desconhecido do ego existente na composição fisiológica do homem, "uma força centrífuga forte o suficiente para compensar todos os impulsos gravitacionais".

De acordo com os logues Hindus, é esse "laghima" que permite a uma pessoa levitar. **Dr. Reyna** disse que a bordo dessas máquinas, que eram chamadas de "Astras" pelo texto, os indianos antigos poderiam ter enviado um destacamento de homens para qualquer planeta, de acordo com o documento, que é pensado tendo milhares de anos. Os manuscritos foram também ditos revelarem o segredo de "Antima", "a tampa da invisibilidade" e "Garima", "como se tornar tão pesado quanto uma montanha de chumbo".

Referências de Vôo do Século XIX

Shivkar Bapuji Talpade, nascido em 1864, era um erudito em sânscrito. Seu lugar de nascimento é *Chirabazar* em *Dukkarwadi*, em *Bombaim*. Desde sua tenra idade foi atraído pela **Vaimanika Shastra** (Ciência Aeronáutica) desenvolvida pelo grande sábio indiano **Maharishi Bhardwaja**.

Um estudioso ocidental de Indologia, **Stephen Knapp**, tentou explicar o que **Talpade** fez. Segundo **Knapp**, a **Vaimanika Shastra** descreve em detalhes a construção do que é chamado de motor de turbilhão de mercúrio, o precursor dos motores de íons sendo feitos hoje em dia.

Aeronaves não tripuladas de **Shivkur Bapiju Talpade** voaram a uma altura de 1500 metros antes de cair, e o historiador **Knapp** acrescenta que *informações adicionais sobre os mecanismos de mercúrio podem ser encontrados no antigo texto Védico chamado Samaranga Suthadhara*. Este texto também dedica 230 versos, para usar essas máquinas na paz e na guerra.

O indologista **William Clarendon**, que tem escrito uma descrição detalhada do motor de turbilhão de mercúrio em sua tradução do **Samaranga Sutradhara**, nota, portanto:

"Dentro do quadro de ar circular, coloque o motor de mercúrio com sua caldeira solar de mercúrio no centro da aeronave. Por meio do poder latente do mercúrio aquecido, que configura o turbilhão de condução em marcha, *um homem sentado em seu interior pode percorrer uma grande distância de uma maneira maravilhosa*.

Quatro recipientes de mercúrio concentrado devem ser construídos sobre a estrutura interior. Quando estes forem aquecidos pelo fogo através de fontes de energia solar ou outra, a **Vimana** (aeronave) desenvolve o poder de trovão através do mercúrio. Acrescenta-se também que *este sucesso de um cientista indiano não foi apreciado pelos governantes Imperiais*.

Avisado pelo *Governo Birtânico*, o **Raja de Baroda** parou de ajudar **Talpade**. Seus esforços para fazer-se conher a grandeza dos **Shastras Védicos** foi reconhecido pelos eruditos indianos, quem lhe deram o título de **Vidya Prakash Pra-deep**.

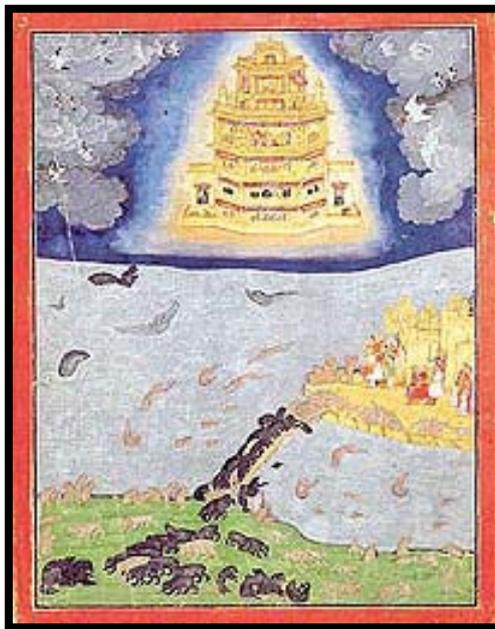
Estudos Anti-Gravitacionais

O Imperador Indiano **Ashoka** iniciou uma "*Sociedade Secreta dos Nove Desconhecidos*": grandes cientistas indianos que eram supostamente para catalogar muitas ciências. **Ashoka** manteve seu trabalho secreto porque temia que a ciência avançada catalogada por estes homens, colhidas a partir de antigas fontes indianas, fossem utilizadas para fins maliciosos da guerra, que **Ashoka** era totalmente contra, tendo sido convertido ao Budismo após derrotar um exército rival em uma batalha sangrenta. Os "Nove Homens Desconhecidos" escreveram um total de nove livros, presumivelmente um cada.

O livro número um era "Os Segredos da Gravitação"! Este livro, conhecido pelos historiadores, mas não realmente visto por eles, tratou principalmente do "*controle da gravidade*". Continua presumivelmente ainda em algum lugar, mantido em uma biblioteca secreta na *Índia, Tibete*, ou em outro lugar (*talvez até mesmo na América do Norte em algum lugar*). Podemos entender o raciocínio de **Ashoka** para querer manter este conhecimento em segredo, supondo que ele existe. **Ashoka** estava também consciente de guerras devastadoras utilizando esses veículos avançados e outras "*armas futuristas*" que tinham destruído o antigo "*Império Rama*" indiano há vários milhares de anos antes.

De acordo com os textos indianos antigos, *as pessoas tinham máquinas voadoras que eram chamadas de "Vimanas"*. O épico indiano antigo descreve uma **Vimana** como uma aeronave de dois andares, circular, com portinholas e um domo, tanto quanto gostaríamos de imaginar um disco voador. Ela voava com a "*velocidade do vento*" e produzia um "*som melodioso*". Havia pelo menos quatro tipos diferentes de **Vimanas**, algumas em forma de pires, outras, como cilindros longos ("*dirigíveis em forma de charuto*").

Em 1875, o **Vaimanika Shastra**, um texto do século IV a.C. escrito por **Bharadvajy**, o Sábio, utilizando textos ainda mais antigos como sua fonte, foi redescoberto em um templo na Índia. Ele livada com a operação de **Vimanas** e incluiu *informações sobre a direção, precauções para vôos longos, a proteção das aeronaves de tempestades e relâmpagos e como mudar a unidade para "energia solar" a partir de uma fonte de energia livre, que soa como "anti-gravidade"*.



O **Vaimanika Shastra** (ou *Vymaanika-Shaastra*) tem oito capítulos com diagramas, *descrevendo três tipos de aeronaves, incluindo aparelhos que não podiam pegar fogo ou quebrar*. Também menciona *31 partes essenciais destes veículos e 16 materiais de que são construídos, que absorvem luz e calor*; razão pela qual eles foram considerados adequados para a construção de **Vimanas**.

Vimanas eram guardadas em **Vimana Griha**, uma espécie de gancho, e era dito às vezes serem *propulsionadas por um líquido branco-amarelado, e às vezes por algum tipo de composto de mercúrio*, embora os escritores pareçam confusos neste assunto. É mais provável que os escritores sobre **Vimanas** antigos escreveram como observadores e a partir de textos anteriores, e eram compreensivelmente confusos no princípio de sua propulsão. O "líquido branco-amarelado" parece muito com gasolina, e talvez as **Vimanas** tinham fontes diferentes de propulsão, *incluindo motores de combustão e até mesmo motores de propulsão à jato*.

É interessante notar que quando **Alexandre, o Grande**, invadiu a Índia, mais de dois mil anos atrás, seus historiadores narraram que em certo ponto *eles foram atacados por "escudos de fogo voadores", que mergulhavam em seu exército e assustavam a cavalaria*. Estes "discos voadores" não usaram nenhuma bomba atômica ou armas de raios sobre o exército de **Alexandre**, no entanto, talvez por benevolência, e **Alexandre** passou a conquistar a Índia.

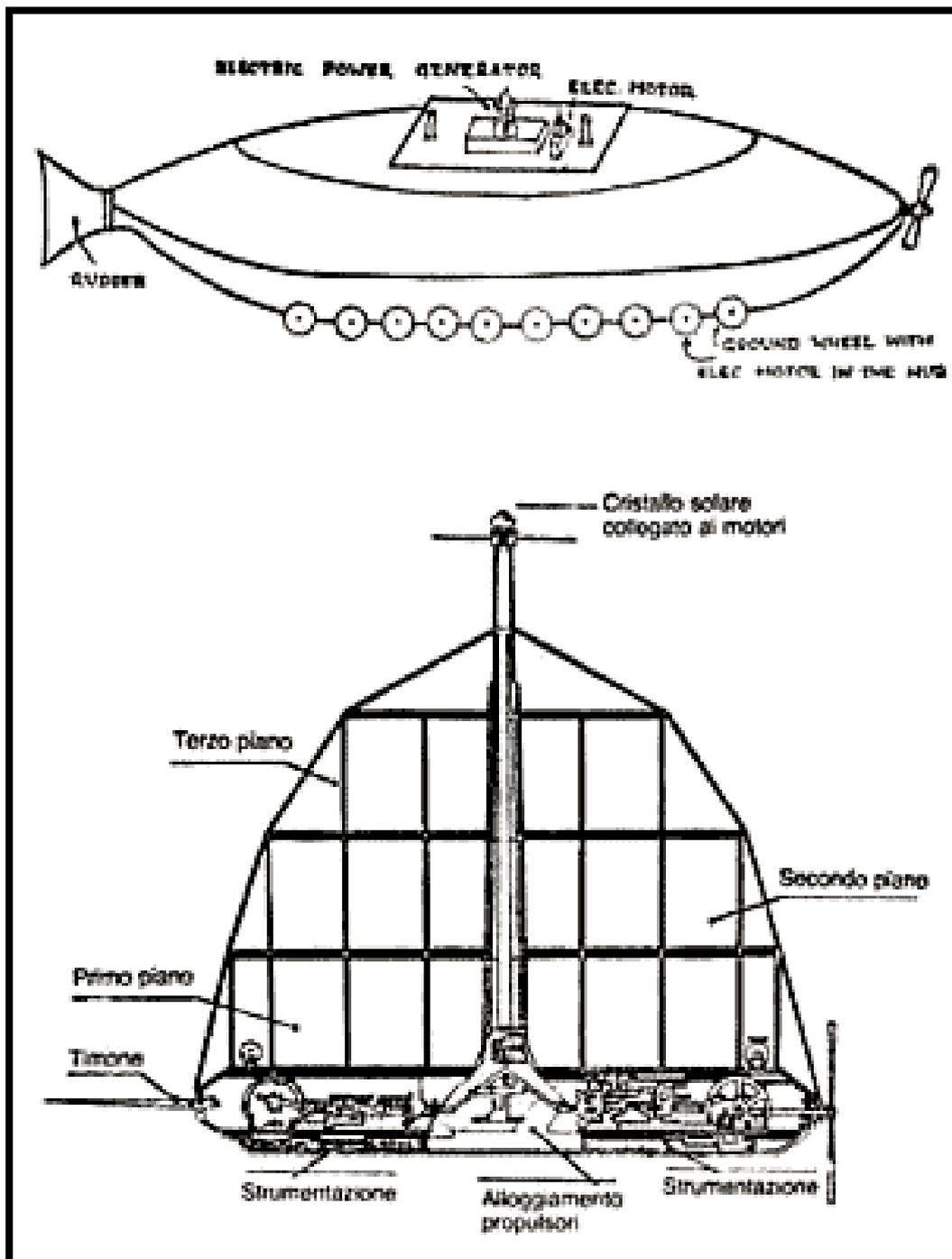
É interessante notar que, os **Nazistas desenvolveram os primeiros motores de propulsão à jato práticos para seus foguetes V-8 de "bombas vibradoras"**. **Hitler** e os funcionários **Nazistas** eram extremamente interessados na Índia antiga e Tibete, e enviaram expedições para esses dois lugares anualmente, a partir da década de 30, a fim de recolher provas esotéricas que eles fizeram isso, e talvez tenha sido a partir dessas pessoas que os Nazistas ganharam alguma de sua informação científica! De acordo com **Dronaparva**, parte do Mahabharata, e o Ramayana, uma **Vimana** foi descrita tendo a forma de uma esfera e nasceu junto a uma grande velocidade em um poderoso vento gerado por mercúrio.

Ela se movia como um OVNI, indo para cima, para baixo, para trás e para frente, quando o piloto desejasse. Em outra fonte indiana, o Samar, as **Vimanas** eram:

"Máquinas de ferro, bem unidas e suave, com uma carga de mercúrio que atira para fora da parte traseira em forma de uma chama acesa."

Outro trabalho chamado **Samaranganasutradhara** descreve como os veículos foram construídos. É possível que o mercúrio teve algo a ver com a propulsão, ou, mais possivelmente, com o sistema de orientação. Curiosamente, cientistas soviéticos descobriram o que eles chamam de "instrumentos de idade antiga usados na navegação de veículos cósmicos" em cavernas no Turquistão e no deserto de Gobi.

Os "dispositivos" são objetos hemisféricos de vidro ou porcelana, terminando em um cone com uma gota de mercúrio dentro. É evidente que os antigos indianos voaram em torno desses veículos, em toda a Ásia, para **Atlantis** presumivelmente, e até, aparentemente, para a **América do Sul**. Escritos encontrados em Mohenjo-Daro no Paquistão (presumivelmente uma das "Sete Cidades Rishi do Império Rama") e ainda não decifrados, também foram encontrados em um outro lugar no mundo: Ilha de Páscoa! Escrito sobre a Ilha de Páscoa, chamado escrito Rongo-Rongo, permanece também não decifrado, e é estranhamente semelhante ao escrito de Mohenjo-Daro.



No Mahavira de Bhavabhuti, um texto jainista do século VIII, colhido a partir de textos antigos e tradições, lemos:

*"Uma carruagem aérea, a **Pushpaka**, transmite muitas pessoas para a capital de **Ayodhya**. O céu está cheio de máquinas voadoras estupendas, escuras como a noite, mas selecionadas por luzes com um brilho amarelado."*

Os Vedas, poemas hindus antigos, que são acreditados serem os mais antigos de todos os textos indianos, descrevem as **Vimanas** de várias formas e tamanhos: a "*ahniotra-vimana*" com dois motores, a "*vimana-elefante*" com mais motores, e outros tipos de chamados depois de alcião, ibis e outros animais.

Infelizmente, **Vimanas**, como a maioria das descobertas científicas, acabaram por ser utilizadas para a guerra. Os **Atlantes** usaram suas máquinas voadoras, "*Vailixi*", um tipo similar de aeronave, para literalmente tentar subjugar o mundo, ao que parece, se os textos indianos estão a ser acreditados. Os **Atlantes**, conhecidos como "*Asvins*" nos escritos indianos, foram aparentemente ainda mais avançados tecnologicamente do que os indianos e, certamente, de um temperamento mais semelhante ao de guerra.

Embora não tenham textos antigos sobre *Vailixi Atlantes* conhecidos, algumas informações vieram através de fontes ocultas esotéricas, que descrevem suas máquinas voadoras. Semelhante, se não idênticas aos **Vimanas**, *Vailixi* eram geralmente "*cilíndricas*" e tinham a capacidade de manobras submarinas, bem como na atmosfera ou até mesmo no espaço sideral. Outros veículos, como **Vimanas**, eram em forma de pires, e aparentemente podiam também serem submersos.

De acordo com **Eklal Kueshana**, autor de "*A Última Fronteira*", em um artigo que escreveu em 1966, as **Valixi** foram inicialmente desenvolvidas na **Atlântida** há 20.000 anos atrás, e as mais comuns são:

"em forma de pratos geralmente de seção trapezoidal, com três tanques de motor hemisférico na parte inferior."

"Elas usam um dispositivo anti-gravitacional que funciona com motores de desenvolvimento de cerca de 80.000 cavalos de potência."

O Ramayana, o Mahabharata e outros textos falam da *terrível guerra que aconteceu*, uns dez ou doze mil anos atrás entre a **Atlântida** e **Rama** usando armas de destruição que não poderiam ser imaginadas pelos leitores até a segunda metade deste século. O Mahabharata antigo, uma das fontes das **Vimanas**, passa a contar a destruição impressionante da guerra:

"... (a arma era) um único projétil carregado com todo o poder do Universo."

"**ANTIGAS AERONAVES VIMANA**"—uma contribuição pelos textos em sânscrito de **John Burrows** são repletos de referências aos deuses que lutaram batalhas no céu usando **Vimanas equipadas com armas tão mortais quanto qualquer uma que podemos implantar nestes tempos mais esclarecidos**. Por exemplo, há uma passagem do Ramayana onde se lê:

*"O carro **Puspaka** que se assemelha ao Sol e pertence ao meu irmão foi trazido pelo poderoso **Ravan**; este carro excelente e aéreo vai a todos os lugares à vontade... esse carro se assemelha a uma nuvem brilhante no céu."*

*"... e o Rei [Rama] entrou, e o excelente carro no comando de **Raghira**, levantou-se para a atmosfera superior."*

No Mahabharata, um antigo poema indiano de comprimento enorme, aprendemos que um indivíduo chamado **Asura Maya** tinha uma **Vimana** medindo doze cúbitos de circunferência, com quatro grandes rodas. O poema é uma verdadeira mina de ouro de informações relativas aos conflitos entre os deuses que acertaram suas diferenças

aparentemente *usando armas tão letais como as que somos capazes de implantar*. Além dos "mísseis flamejantes", o poema relata a utilização de outras armas letais. O "Dardo de Indra" operado através de um 'refletor' circular.

Quando ligado, ele produz um "raio de luz" que, quando focado em qualquer algo, imediatamente "consome-o com o seu poder". Em uma troca particular, o herói, **Krishna**, está perseguindo seu inimigo, **Salva**, no céu, quando a **Vimana** de **Salva**, a **Saubha** torna-se invisível de alguma forma. Implacável, **Krishna** imediatamente dispara uma arma especial:

"Eu rapidamente lancei uma flecha, que o matou perseguindo através do som."

Muitas outras armas terríveis são descritas, sem rodeios, no Mahabharata, mas a mais terrível de todas é utilizada contra o **Vrishis**. A narrativa registra:

*"Gurkha voando em sua rápida e poderosa **Vimana** atirou contra as três cidades dos **Vrishis** e **Andhakas** um único projétil carregado com todo o poder do Universo. Uma coluna incandescente de fumaça e fogo, tão brilhante como dez mil sóis, subiu em todo o seu esplendor. Era uma arma desconhecida, o **Raio de Ferro**, um gigantesco mensageiro da morte que reduziu a cinzas toda a raça dos **Vrishnis** e **Andhakas**."*

É importante notar que, *esses tipos de registros não são isolados*. Eles podem ser correlacionados com relatos semelhantes em outras civilizações antigas.

Os pós-efeitos deste **Raio de Ferro** tem um envolvimento ameaçadoramente reconhecível. Aparentemente, *os mortos por ele estavam tão queimados que seus cadáveres eram irreconhecíveis*. Os sobreviventes se saíram um pouco melhor, já que ocasionou a queda de seus cabelos e unhas. Talvez a informação mais preocupante e desafiadora sobre essas **Vimanas** supostamente míticas nos registros antigos é que existem alguns registros de matéria de fato, *descrevendo como construir uma*. À sua maneira, as instruções são bastante precisas. No **Samarangana Sutradhara** em sânscrito, está escrito:

*"Forte e durável deve o corpo da **Vimana** ser feito, como um grande pássaro voador de material leve. Dentro de uma, deve-se colocar o motor de mercúrio com seu aparato para aquecimento de ferro abaixo. Por meio da potência latente no mercúrio que coloca o turbilhão de condução em movimento, um homem sentado em seu interior pode percorrer uma grande distância no céu. Os movimentos da **Vimana** são tais que podem subir na vertical, descer na vertical, avançar, e voltar para trás. Com a ajuda das máquinas humanas, podem voar no ar e seres celestiais podem descer à terra."*

O Hakatha (*Leis dos Babilônios*) afirma muito claramente:

"O privilégio de operar uma máquina voadora é grande. O conhecimento de vôo é um dos mais antigos de nossa herança. Um presente "daqueles do alto acima". Nós recebemos deles como um meio de salvar muitas vidas."

Mais fantástico ainda é a informação dada nos antigos trabalhos caldeus, **O Sifrala**, que contém mais de cem páginas de informações técnicas sobre a construção de uma máquina voadora. Ele contém as palavras que traduzem o bastão de grafite, bobinas de cobre, indicador de cristal, esferas vibracionais, ângulos estáveis, etc.

Estivemos na Lua em 2309 a.C.?

por Jonathan Gray

Em 1926, o **Professor A. W. Bickerton** declarou o conceito de viagem a lua insensato e impossível. Em 1935, o notável astrônomo **F. R. Moulton** escreveu que o homem jamais poderia viajar no espaço sideral. Em 1957, o **Dr. Richar van der Riet Wooley** (ex *Astrônomo Real*) chamou a idéia da viagem espacial de "*esgoto absoluto*". Oito meses depois, o Sputnik I orbitava a Terra.

Em uma área remota do norte do Tibet estão as ruínas da capital *Nu Hsiung*, descoberta por **Duparc** em 1725. Dentro da cidade, **Duparc** deparou-se em cima de uma massa de monólitos (*uma vez revestidas de prata*), uma pirâmide, parte de uma torre de porcelana azul, e um palácio real, contendo tronos com imagens do sol e da lua. *Havia também uma pedra pedra leitosa branca cercada por desenhos requintados.*

Agora para a seqüência impressionante. Em 1952, uma expedição soviética chegou. Alguns *monges tibetanos* mostraram ao grupo alguns documentos antigos, cujas descrições estavam de acordo com as de **Duparc**.

Mas aqui está a parte de tirar o fôlego: *a pedra branca leitosa*, então dita nos documentos, foi "*trazida da Lua*". Pedra lunar? Isso é possível? **PODERIA O HOMEM REALMENTE TER DEIXADO ESTA TERRA E IDO PARA A LUA EM ÉPOCAS PASSADAS?** Era a viagem espacial um complemento natural à sua civilização? Existem pistas?

Na verdade, existem. Indicações da realidade das viagens espaciais antigas vêm de partes muito distantes do mundo. Tradições escritas e orais são muito comuns—e, ao que parece, *de confiança*.

Historiadores chineses em particular nunca tentaram agradar seus governantes em detrimento da verdade. A morte era preferível ao invés de relatórios mentirosos da história. Como um exemplo, temos a sorte dos historiadores, no reinado de Chi em 547 a.C. Devemos, portanto, levar a sério os relatos históricos da China, mesmo que pareçam à primeira vista ilógicos.

Existe uma tendência nos círculos científicos hoje em dia de levar em conta documentos antigos e até mitologia e folclore—como fontes da história. **Anthony Roberts** expressa da seguinte maneira:

"Lendas são como cápsulas de tempo que preservam seus conteúdos através dos séculos de ignorância."^[1]

Em relação a algumas das crônicas citadas a seguir, provas internas levarão suas próprias provas de autenticidade.

Minha primeira fonte é um velho manuscrito descrito por **James Churchward**, o erudito britânico, que escreveu há décadas antes das pessoas falarem de satélites artificiais e naves espaciais.^[2]

1. **ÍNDIA:** Veículos que podiam girar em torno da terra (ou seja, satélites):

"O combustível é retirado do ar de uma forma muito simples e barata. O motor é algo parecido com uma turbina moderna: ele funciona a partir de uma câmara para outra e não pára ou estaciona a menos que seja desligado. Se nada acontece, continua a funcionar. A nave na qual é construído pode girar o quanto quiser em torno da Terra, só caindo quando as partes das quais é feito se queimarem."

2. **ÍNDIA:** Filósofos e cientistas que orbitaram a Terra "*abaixo da lua e acima das nuvens*" são falados no antigo **Surya Siddhanta**.^[3]

Satélites gigantes feitos de material brilhante e girando sobre um eixo são descritos em detalhes nos textos antigos em sânscrito, até às suas dimensões e interiores, bem como pequenas embarcações que voam entre eles e a Terra.

3. **CALDÉIA:** Dois foguetes "modernos" emitindo raios na traseira, uma caixa como um auto-falante e uma "cópia" de uma cápsula Gemini—estão gravadas em um cinzel de cobre descobertos em Ur.
4. **SUMÉRIA:** Textos pictográficos descrevem três objetos relacionados em exibição em *Sippar*: a esfera dourada (módulo de comando?), o "GIR" (um longo objeto em forma de seta, dividido em vários compartimentos) e o "*alikhmahrti*", significando "progressor que faz a nave ir" (ou seja, um motor, ou mecanismo). Juntos, eles se parecem muito com um foguete de três partes.

Outro sinal explícito é a combinação de duas palavras "DIN" e "GIR". Quando unidas, formam a palavra "g-ds", a cauda parecida com uma barbatana "gir" se encaixa perfeitamente na abertura do foguete como "din", que esgota o fogo de sua cauda.

5. **PERU:** Um vaso de barro 8-1/2 polegadas de altura retrata uma espécie de "*cápsula espacial*" na qual o motor e o escapamento são claramente reconhecíveis.
6. **ITÁLIA:** Uma pintura descoberta no nicho de um quarto no *Salão Palatino de Roma*, em 1961, retrata o que parece ser um foguete. Ele fica em uma plataforma de lançamento. Dele, correm correntes ou cabos; atrás está um muro alto, semelhante a uma parede de vento contrário.
7. **JAPÃO:** Escavações descobriram estatuetas de barro de gente vestida de peculiares "trajes espaciais", com capacetes cobrindo totalmente a cabeça. Sobre os capacetes, estão representações de algo como óculos de fenda, filtros de respiração, antenas, aparelhos auditivos, e até mesmo dispositivos de visão noturna.
8. **ÍNDIA:** O Mahabharata descreve "*carruagens celestes de dois andares com muitas janelas, ejetando chamas vermelhas, que corriam pelos céus como se parecessem cometas... para as regiões de ambos o sol e as estrelas...*"^[4]
9. **GUATEMALA:** Outra descrição antiga menciona "*uma carruagem circular de ouro, medindo 12.000 cúbitos de circunferência e é capaz de alcançar as estrelas.*"^[5]

10. **ÍNDIA:** Outras referências falam de:

- Pushan navegando em naves douradas através do oceano celeste;
- Garuda (um pássaro celestial) carregando Senhor Vishnu em viagens cósmicas;
- Vôos aéreos "através da região do firmamento do céu que está acima da região dos ventos";^[6]
- As Antigos de Dimensões Espaciais.^[7]

11. **NOVA ZELÂNDIA:** Lendas Maori diz sobre máquinas voadoras e viagens à Lua.

12. **CHINA, 3º século a.C.:** Chuang Tzu, na obra intitulada "*Viagem ao Infinito*", relata uma viagem que fez para o espaço a 32.500 milhas da Terra.

13. **TIBETE e MONGÓLIA:** Livros antigos budistas falam das "*serpentes de ferro que devoram o espaço com fogo e fumaça, chegando tão longe quanto as estrelas distantes.*"

14. **TIBETE:** Os três níveis de uma pirâmide na capital *Hsing Nu* comemoram três períodos históricos do passado remoto:

- a era pré-viagens espaciais;
- o tempo quando os homens eram capazes de visitar um dos corpos celestes;
- em seguida, depois, quando eles voltaram para a terra e perderam o poder de viajar no espaço.

Foi aqui que confiou-se sobre o altar uma "*pedra trazida da Lua*".

15. **BABILÔNIA:** A Epopéia de Etana (4.700 anos de idade) nos fornece descrições muito precisas da superfície terrestre a partir de altitudes progressivas—descrições que não foram verificadas em nossa própria era, até vôos de alta altitude aérea da década de 1950 e as primeiras fotos do espaço dos anos 1960.

A descrição deste vôo espacial antigo retrata exatamente o que acontece quando o homem sai da terra (o conceito do qual a Terra se torna pequena, devido à perspectiva de aumento da distância, e mudanças em determinadas cores). ^[8]

16. **O LIVRO DE ENOCH:** O antigo Livro de Enoque diz que no espaço "*era quente como fogo e frio como gelo*" (onde os objetos ficam muito quentes no lado iluminado pelo sol e frio gelado do lado sombreado) e "*um escuro abismo*". ^[9]

17. **PROVÍNCIA CHINESA DE YUNNAN:** Gravuras de foguetes cilíndricos como máquinas, que são mostrados subindo para o céu, foram descobertos em uma pirâmide que surgiu de repente a partir do solo do *Lago de Kun-Ming* durante um terremoto.

18. **GRÉCIA:** *Luciano* retrata a lua como um corpo parecido com a terra que poderia ser alcançado dentro de 8 dias e escreveu uma "ficção" (?) de uma viagem à Lua.

19. **CHINA:** "*Desolado, frio e vítreo*": No ano 2309 a.C. o engenheiro do imperador **Yao** decidiu ir para a lua. O "*pássaro celestial*" forneceu-lhe informações sobre sua viagem. Ele explorou o espaço pela corrente do ar luminoso" (os gases de escape de um foguete de fogo?)

Hou Yih voou para o espaço onde "*ele não percebeu o movimento de rotação do sol*". ^[10] (Essa declaração é de suma importância para corroborar a história, porque é só no espaço que o homem não pode ver o nascer ou pôr do Sol). Na Lua, ele viu o "*horizonte congelado*" e construiu um prédio, "o Palácio do Frio". Sua mulher **Chang Ngo** da mesma maneira viajou para a Lua, que ela encontrou uma "*esfera luminosa, brilhante como vidro, de tamanho grande e muito fria; a luz da lua tem o seu nascimento no sol*", ela declarou.

(O relatório de exploração da lua de **Chang Ngo** estava correto. Os astronautas da Apollo II encontraram a lua desolada com o solo vitrificado—e partes dela ainda pavimentadas com pedaços de vidro. A maioria da lua, em um dado momento, estava em vias de frio extremo. Ela mergulha a menos 250 graus Celcius à meia-noite). O antigo cientista grego **Empédocles** também havia declarado que a lua era feita de vidro. Tal conhecimento preciso implica inspeção no local da lua em um passado remoto.

20. **CHINA:** Uma história deste mesmo período afirma que uma enorme nave apareceu no mar à noite com luzes brilhantes que foram extintas durante o dia. Também podia navegar para a lua e estrelas, daí o seu nome, "*uma nave pendurada entre as estrelas*" ou "*o barco para a lua*". Esta nave gigante que podia viajar no céu ou navegar pelos mares foi visto por 12 anos. ^[11]

21. **CHINA:** O livro "Shi Ching" diz que quando o Imperador viu o crime e vício em ascensão no mundo,

"ele mandou **Chong** e **Li** *cortarem a comunicação entre a terra e o céu*—e desde então, não houve mais subida ou descida." ^[12]

Isto não é uma indicação clara da cessação das viagens espaciais no passado?

22. **TIBETE:** Documentos em sânscrito descobertos pelos chineses em Lhasa são ditos *conterem instruções para a construção de naves interplanetárias*. Vôo para a lua é mencionado (embora não seja indicado quando isto foi realizado ou planejado). Os chineses afirmam que alguns dos dados foram sendo estudados para inclusão em seu programa espacial.

23. **Relíquias na Lua?** Relatórios têm sido feitos sobre estranhas mensagens na superfície da Lua.

- Um objeto em forma de uma espada perto da cratera Birt;
- Estranhas formações em cruz na cratera Eratóstenes e em Fra Mauro;
- Linhas angulares na cratera Gassendi e sete pontos na forma da letra grega maiúscula Gamma no chão da cratera Littrow;
- Dois conjuntos gigantes de letras sob Mare Serenitalis, à esquerda de Mare Tranquilitatis, que lê: "PYAX" e "JAW" em letras maiúsculas, facilmente discerníveis;
- Estranhas trilhas correndo pela parede de uma cratera.

Se tais construções geométricas foram encontradas na terra, a especulação desejaria como os homens as deixaram. Nem todas as descobertas foram anunciadas pela **NASA**—e a exploração mal começou. A **NASA** já excedeu seu orçamento para próximas visitas à Lua. É absolutamente impossível que os futuros astronautas vão descobrir objetos e instalações que mostram que outros seres humanos chegaram à lua em um passado distante.

24. **Era 20 de julho de 1969**, a ocasião do primeiro pouso lunar. Durante o último vôo de reconhecimento ao redor da lua, antes do desembarque, um dos astronautas fez um anúncio inesperado: *ele tinha acabado de ver os contornos do que parecia ser algum tipo de estrutura de sete andares*.

O que foi que ele viu? Poderia ter sido o "Palácio do Frio"? *Por que eles posteriormente eliminaram um total de 11 minutos—incluindo este—de retransmissões?* (Mas há era tarde demais. Nós já tínhamos ouvido falar dele.)

Se houver um único edifício antigo, há muito abandonado na Lua, se houver um único objeto indicando inteligência anterior, se ainda houver um desenho rupestre reconhecível para ser encontrado, então basta pensar que tal descoberta seria refazer a nossa história convencional. Mas espere! Notícias continuam a filtrar—*não só da lua, mas de 40 milhões de milhas de distância no pequeno planeta Marte*.

25. **Um Cientista Soviético** que desertou para o Ocidente afirma que fotografias tiradas por um satélite em órbita mostram claramente os templos em ruínas de uma civilização - no planeta Marte!

O cientista de 58 anos de idade foi um membro de alto escalão de uma equipe el-te que trabalhado em conjunto desde 1961, quando Vostok I levava **Yuri A. Gagarin** como o primeiro homem no espaço. Mas a ênfase crescente da Rússia no desenvolvimento de uma sistema de satélite "*Star Wars*" nuclearizado no espaço levou-o a fugir da Rússia. Ele agora vive sob uma identidade falsa, na Suíça.

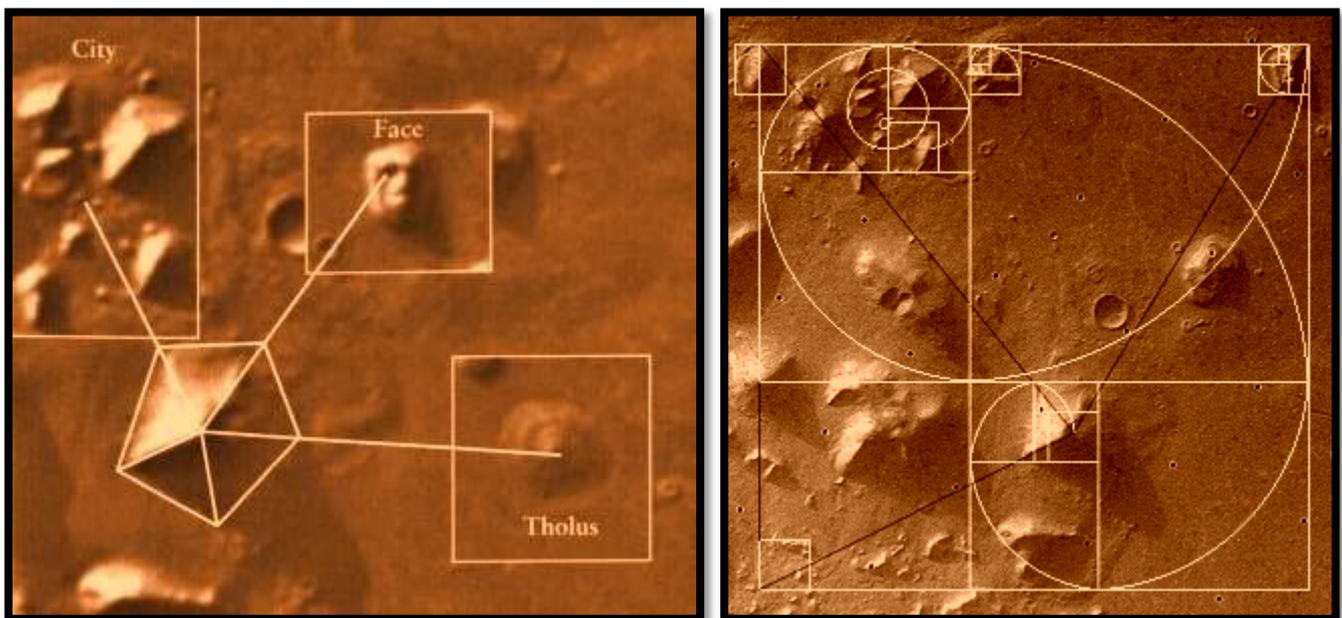
Ele relata que há vários anos, um satélite soviético foi lançado para Marte. Ele chegou ao seu destino em 1982 e está na órbita do Planeta Vermelho desde então. O único objetivo era tirar fotografias e outros dados e remetê-los de volta a um satélite em órbita na Terra. *A tarefa foi realizada com sucesso incrível.*

As fotografias são reforçadas por computador e em cores. O detalhe que elas mostram é muito além de qualquer coisa produzida na América. E não há dúvidas sobre o que elas revelam. A cidade digitalizada pela câmera do satélite é três vezes o tamanho de Moscou e é rodeada por avenidas largas, uma dentro da outra e ligadas entre si por vias menores, como os raios de uma roda de carroça.

Os templos devem ter sido enormes. A maioria está em ruínas, como se desintegrados por um tremendo Marsquake (*Martemoto, paranomasia "terremoto"*). Mas alguns ainda suportam cúpulas de ardózia cinza que medem 2-4 km de diâmetro. *A União Soviética nunca vai admitir esta descoberta incrível, porque revelaria muito do seu progresso tecnológico.*

Fim da história? Não, não é bem assim. Em 4 de fevereiro de 1985, em *Melbourne*, Austrália, **Age** reportou a crença de que trinta cientistas dos EUA fotografaram duas imagens enviadas de volta de Marte em 1976 pela sonda Viking *indicando a existência de uma civilização antiga.*

Richard Hoagland, escritor de ciência e membro do grupo de cientistas conhecido como *Mars Investigation Group*, disse que as fotos mostram o que pareciam ser quatro enormes pirâmides alinhadas simetricamente com um rosto.



Dr. C. West Churchman, um professor da *Universidade da Califórnia* em Berkeley, disse que existem muitos detalhes que apontam para a possibilidade de uma habitação extinta em Marte. O que, então, pergunto eu, é a verdade real sobre o nosso passado? Estivemos em Marte antes?

Alta Tecnologia na Bíblia

por Doug Yurchey

Existem leitores por aí que ficariam surpresos ou ofendidos com a noção de que uma alta tecnologia está descrita na Bíblia. Existem outros leitores que perceberam que a única explicação para os mistérios bíblicos são os antigos *Contatos Imediatos*. Uma boa pergunta é: Por que certos eventos do Velho Testamento são escritos na Bíblia?

A resposta poderia ser que estes foram eventos especiais entre basicamente dois grupos de pessoas:

- Um grupo eram os primitivos ou o estado geral da humanidade nos tempos Bíblicos;
- O outro grupo era formado pelos poucos HUMANOS que ainda retinham e utilizavam a tecnologia original dos dias de **Atlântida**.

Quando os anjos apareciam, sempre eram humanos. Aqueles que causaram o *Grande Dilúvio*; deram a **Moisés** as instruções para construir a Arca da Aliança; e advertiram **Lot** sobre a destruição de *Sodoma e Gomorra*... eram seres humanos. Mas, essas pessoas tinham conhecimento avançado e voavam com "*carruagens*" pelo céu. Eles residiam em todos de montanhas; bem longe do mundo simples dos profetas da Bíblia nas planícies.

O exemplo mais surpreendente de um *Contato Imediato* no **Velho Testamento** é o Livro de Ezequiel. Leia o início do Capítulo 1 na *Bíblia do Rei James*... apenas imagine o que é um pouso de *OVNIs*. Com essa idéia em mente, a experiência de **Ezequiel** é quase compreensível. O Livro de Ezequiel era tão polêmico que quase não sobreviveu aos editores religiosos que jogaram fora o Livro de Enoch.

"*As Naves de Ezequiel*", por **Blumrich**, é um livro premiado que deveria ser lido por qualquer um que investiga os mistérios Bíblicos. **Blumrich** é um cientista da **NASA** e criador do foguete Saturn V. Ele escreveu que seu filho o informou, depois de ler um livro de **Erich Von Däniken**, que o profeta **Ezequiel** descreveu um pouso de astronave. **Blumrich** sabia que podia contestar aquele conceito devido as suas competências técnicas neste domínio. O texto antigo não poderia retratar uma possível nave; ele assumiu. O projetista da **NASA** escreveu que ele nunca esteve tão surpreso quando realmente leu o Livro de Ezequiel. As antigas palavras realmente conformaram um veículo realístico.

No início de **Ezequiel**, o profeta escreveu sobre a aproximação de quatro rostos vindos de cima. *Na realidade, o "quatro" se refere às estruturas de aterrissagem da nave*. **Blumrich** ficou chocado quando leu o relato do Velho Testamento sobre "*pernas retas*" de "*metal polido*" com "*pés redondos*". O próprio cientista da **NASA** projetou as pernas metálicas retas e pés redondos do módulo lunar.

A famosa citação de **Ezequiel** é "*uma roda dentro de uma roda*". Quando o veículo tocou o chão, **Ezequiel** viu rodas. Esta é uma cronologia exata do que aconteceria com um veículo moderno. O *OVNI* pousou, transformou em um veículo que tem rodas e então rolou pelo chão. **Ezequiel** estava familiarizado apenas com rodas de carroças simples que não mudavam de direção. Mas o profeta descreveu rodas que se moviam em todas as direções que eram completamente estranhas para **Ezequiel**.

Enoch foi pai de **Matusalém** e avô de **Noé**. Seu Livro deveria estar no Velho Testamento. Ele surgiu a partir de fontes independentes que validam o texto antigo. O Livro de Enoch foi retirado da *Bíblia pelo Conselho Ecumênico por suas controvérsias*. **Enoch**, como **Ezequiel**, foram levados em muitos vôos pelos deuses (anjos) e testemunharam grandes horrores e belezas.

39/3: "... um vendaval me levou da terra..."

Existem numerosas referências a vendavais que "arreataram" **Enoch** para o céu. Os anjos "*mostraram-me todas as coisas ocultas*" e "*meus olhos viram todas as coisas secretas do céu*". **Enoch** teve visões que "*nenhum homem verá*".

Em 33/4, **Enoch** declara: "*Eu vi um aparato grande e glorioso*".

32/2: "*E daí eu fui ao longo dos cumes da terra, e passei sobre o Mar da Eritréia, e fui para longe dele, e passei sobre o anjo **Zotiel***." (outra nave?)

14/18-19: "*Eu olhei e vi um trono alto: sua aparência era como cristal e as rodas como o sol que brilha... debaixo do trono saíam rios de chamas de fogo tão grande que eu não podia olhar para os mesmos*."

Enoch menciona cristais e rodas. O trono poderia ser um veículo onde os anjos se sentavam e por debaixo eram fogos de um motor de foguete. A "*visão me fez voar e levantou-me para cima e sustentou-me para o céu*."

Existem numerosas referências a **PORTAIS** ou janelas onde visões terrestres e celestiais apareceram.

33/2: "*... portais do céu aberto. 3: E eu vi como as estrelas do céu seguem adianta*."

O Livro de Enoch fala de muita destruição, caos e corrupção na Terra; bem como entre os anjos. Como o Gênesis, **Enoch** faz menções aos "*gigantes*" e os "*Observadores*". Havia os "*Satãs*"—os "*Filhos do Céu*"—"anjos do castigo"—"*instrumentos de Satã*"—e os mesmos anjos do Gênesis: **Miguel, Rafael, Gabriel, etc.** "Deus" nunca é mencionado; só deuses no plural ou anjos. **Enoch** foi levado aos cumes das montanhas onde os deuses residiam. Ele observou coisas que nenhum primitivo poderia entender. Os anjos "*corromperam os filhos do homem*". Foram estes vários humanos que, com a tecnologia, brincaram de Deus e decidiram o destino dos filhos da Terra.

O motivo principal do Livro de Enoch foi considerado heresia e retirado do Velho Testamento. Pode ter sido a sua astronomia precisa. Página após páginas considerando sol, lua, ciclos anuais e estatísticas celestiais. "*Caminhos do sol e da lua*", "*suas órbitas imponentes*", "*cursos dos luminares*" e "*revolver em suas carruagens circulares*" são apenas algumas citações da sabedoria de **Enoch**.

75/8: "*E eu vi no céu que corre no mundo, acima dos portais em que revolvem as estrelas que nunca se põem*."

Só a partir do espaço existem estrelas que nunca se põem. Lembre-se, a *Igreja* durante o tempo da edição ecumênica condenou a astronomia precisa. (Pergunte a Galileu). Os funcionários religiosos queriam que o público pensasse que a Terra era plana, não se mexia e era o centro de todas as coisas.

Durante estes tempos anigos, haviam cientistas malucos (anjos-demônios), que clonavam o que quisessem. Os animais mitológicos eram reais, eram experiências genéticas. Além disso, as guerras dos deuses ocorreu. Guerra nuclear não estava além da capacidade dos anjos. **Robert Oppenheimer**, criador do atomicismo moderno e estudioso de livros da antiga Índia, soube que guerras nucleares aconteceram no *Velho Mundo*. Os desertos de hoje são o resultado de antigas guerras atômicas. Assumindo que estas conclusões sejam verdades: *O Grande Dilúvio* fora provavelmente arquitetado por bons deuses que quiseram reduzir os altos níveis de radiação. Também... as criaturas pervertidas e sua obsessão pelo poder, engenheiros genéticos precisaram ser eliminados numa escala global. A terra era uma bagunça e precisava ser limpa.

Houve um *Grande Dilúvio* que cobriu toda a terra. *Conchas do mar foram encontradas no topo do Monte Everest*. Existe *erosão hídrica na Esfinge*. Toda a terra é um depósito sedimentar. Muitos **Noés** velejaram durante o *Waterworld*. Os chineses tem suas velhas histórias sobre uma Arca e um *Grande Dilúvio*. Numerosas culturas indianas têm suas lendas de um dilúvio, de **Noé** e uma Arca.

A maioria das pessoas não acreditam na história *Bíblica de Noé* por causa de um problema básico: Como algumas pessoas puderam juntar TODOS os animais, alimentá-los e cuidar deles a bordo de um navio por meses? A resposta

vem de... quem controlou a Terra milhares de anos atrás? Os anjos (os humanos com a tecnologia) construíram as Arcas, coletaram os animais e causaram as chuvas. *Os animais escolhidos foram provavelmente os melhores exemplos de suas espécies e merecedores de serem salvos. É cientificamente possível colocar uma forma de vida em animação suspensa reduzida até seu DNA.* Esta era a carga no interior das Arcas.

As amostras de DNA seriam revividas, depois, quando as águas baixassem. Em nenhuma parte da Bíblia menciona-se que Noé saiu e juntou cada animal. Ela apenas diz que **Noé** os transportou na Arca. Se os "*canistréis da vida*" foram todos reunidos para **Noé** pelos deuses e as pessoas simples os levaram para dentro e os guardaram no lugar, isto explica a história de **Noé**.

O mundo começou novamente. Em Gênesis, diz que após o *Dilúvio*: **Noé** foi viver com estes "*deuses*". Foi uma das poucas referências plurais que sobreviveram aos editores da Bíblia. A referência "*deuses*" foi mais tarde mudado para o singular "*Deus*". O termo simplificado foi modificado para acomodar um mundo que se tornou extremamente simples.

Atlântida era o Éden

Compare estas duas lendas. Cada uma era nossa civilização-mãe ou o lugar onde se originou. Cada uma era o Paraíso. Cada uma caiu e teve que deixar a humanidade em desgraça.

Não é exagero como o povo da Terra pode se dividir em duas corridas; uma simples e uma complexa. Se a guerra nuclear aconteceu hoje, os sobreviventes continuariam em comunidades tribais. Depois de gerações, esqueceriam o que era a tecnologia. Mas, os poucos que souberam da devastação nuclear e até mesmo a fizeram... teriam se protegido e seriam poucos que ainda possuiriam conhecimento avançado. *Estes "deuses" poderiam lidar com os numerosos primitivos como quisessem.* Este conceito é história antiga.

A história do Gênesis da destruição de *Sodoma e Gomorra* não é um mistério quando você conecta a idéia de uma tecnologia moderna. Como duas cidades, realisticamente, podem ser apagadas da face da Terra? Os habitantes de *Hiroshima e Nagasaki* sabem a resposta. Dois anjos humanos entraram na cidade e advertiram as pessoas da destruição próxima:

19/17: "*... Fuja pela tua vida; não olhes para trás de ti, nem te detenhas em toda esta planície; escape para o monte, para que não pereças.*"

19/24: "*Então o Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do Senhor do céu.*"

19/26: "*Mas sua esposa olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal.*"

19/28: "*... a fumaça da terra subia como fumaça de uma fornalha.*"

19/30: "*... ele (Lot) temia habitar em Zoar: e habitou numa caverna, ele e suas duas filhas.*"

Os anjos dirigiram **Lot** e sua família para salvar suas vidas correndo para a montanha. Uma massa de terra pode proteger as pessoas de uma explosão nuclear. As cidades foram "consumidas" com "enxofre e fogo". Esta é uma descrição perfeita de um bombardeamento nuclear. Uma nuvem de cogumelo que se move verticalmente poderia ser o significado de "subiu como a fumaça de uma fornalha".

A esposa de **Lot** não o fez; não porque ela olhou para trás, mas porque ela foi atrás do resto de sua família. Um primitivo observando uma explosão atômica ficaria mais que atordoado, eles tenderiam a parar em suas trilhas. Não olhar para trás é um bom conselho para aqueles correndo por suas vidas. A "estátua de sal" poderia ter vindo de

encontrar o corpo dela após a descoberta dos efeitos da radiação. Finalmente, se enconder numa "caverna" por causa da destruição até que a terra estivesse pronta para ser habitada é muito lógico.

Gênesis 1/26: *"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..."*

2/21: *"E o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas, e fechou a carne..."*

Em Gênesis 1/26, há indícios importantes que a criação de **Eva** a partir de **Adão** não foi realizada por um Deus único. Nesta frase, existem três referências no plural: "nós", "nosso" e "nosso".

Esta foi uma operação de *CLONAGEM* observada por um primitivo que não entendia. Primeiro, um dos técnicos fez **Adão** cair em um "sono profundo". Esta foi a anestesia. Em segundo lugar, uma célula deve ser retirada de algum lugar do corpo para criar outro corpo. A área da costela, onde a célula foi tomada. Eles "fecharam a carne" é uma expressão moderna que descreve a conclusão da operação. Mestres clonadores poderiam formar rapidamente um adulto e mudar o sexo a partir do original. Esta idéia foi ilustrada num episódio de *Star Trek Next Generation*, onde um primitivo foi trazido de volta à vida e confundiu o *Capitão Picard* com um deus. Ele orou ao "*Picard*" e mais tarde foi corrigido.

Antes do Mar Vermelho se repartir, haviam dois *OVNIs* que conduziam o povo do Egito.

Êxodo 13/21: *"E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, para levá-los; e de noite numa coluna de fogo, para dar-lhes luz, para que caminhassem de dia e de noite."*

Esses objetos no céu poderiam muito bem ser uma nave espacial quando se considera: nuvens (ou fumaça) de dia e fogo de noite. Motores de foguete poderiam criar fumaça ondulante na luz solar. Mas, à noite, as chamas dos sistemas de propulsão seria o que era visível, principalmente.

Estas carruagens no ar poderiam ter separado as águas do Mar Vermelho com campos de força.

Êxodo 14/22: *"E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em terra seca, enquanto as águas formavam uma muralha (de cada lado)."*

Com o apertar de um botão, desligando o campo de força no momento apropriado, as "águas voltaram e encobriram as carruagens" dos egípcios.

Por todo o Êxodo, este *Senhor Deus* exige que:

"Eu sou o Senhor" e "Eu serei o vosso Deus: e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus."

Em 15/3, há uma referência estranha:

"O Senhor é um homem de guerra."

Isso é curioso porque diz que Deus é um "homem" e não uma forma muito agradável. É mais como Deus fosse um grande tirano; tendo poder sobre as pessoas; exercendo seu poder ao redor só porque ele tem a capacidade de fazê-lo.

Há uma advertência em 19/12 para:

"não subais ao monte, nem mesmo toque a borda do mesmo: qualquer um que tocar o monte, certamente morrerá"

Este *Deus Bíblico* não era Deus.

19/12: "E o monte Sinai estava totalmente em forma de fumaça, porque o Senhor descere sobre ele em fogo... e todo o monte tremia muito."

No Êxodo, **Moisés** recebeu as instruções para construir a Arca da Aliança. O gênio inventivo, **Nikola Tesla**, escreveu em "*The Wall of Light*" que **Moises tinha que ter sido um engenheiro elétrico qualificado**. A Arca, **Tesla** concluiu, era um "condensador" muito poderoso. Ela criava intensas vibrações que poderiam esmagar uma pedra sólida. Os Israelitas carregavam o dispositivo em batalhas e ganhavam as guerras; não diferente das armas de vibração que *Fremen* usou no filme "*Duna*".

Em Samuel:

6/6-7... um homem simples chamado Uzá, desprezando os avisos, tocou a arca impropriamente e foi eletrocutado! "...Uzé estendeu a mão à arca de Deus, e pegou nela; porque os bois tropeçaram. E a ira do Senhor se ascendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por seu erro, e morreu ali junto à arca de Deus". O homem tentou colocá-la de volta no carro de bois e morreu. Eles não tinham o conceito de alta-voltagem.

6/9: "E Davi teve medo do Senhor naquele dia."

A história de **Jericó** é contada no Livro de Josué. O sítio real de **Jericó** foi encontrado. As paredes de pedra tinham mais de dez metros de espessura. O que poderia ter derrubado paredes tão volumosas? De acordo com o Antigo Testamento, era o poder do Senhor. Marchando ao redor do forte de pedra e soprando trompetes não poderia quebrar tais muralhas. A Arca da Aliança estava lá e foi responsável por derrubar as muralhas de Jericó. Existem numerosas referências para, novamente, um grande grito.

Jonas foi levado a bordo de um submarino. Mas, os profetas não conheciam aquela palavra moderna, de modo a descrição tornou-se um "*grande peixe*". Como os 10 Mandamentos foram gravados em pedra? O dedo de Deus poderia ter realizado se eles fossem de laser. A Sarça Ardente, pode ter sido elétrica. A Virgem Maria poderia ter sido inseminada artificialmente.

Os relatos Bíblicos não eram compreendidos há 500 anos atrás ou mesmo há 100 anos. Foi só até o século 20 e sua tecnologia, que nós finalmente pudemos entender o que estava realmente acontecendo [*Jesus disse que estaria conosco até o final da era de peixes...*]. Existem evidências de que a nossa pré-história REAL foi semelhante à ficção científica. A maioria das pessoas rejeita a Bíblia como tolice ou acredita que é a palavra absoluta do Ser Supremo. A Bíblia é o mais surpreendente registo de *Contatos Imediatos*.

Os eventos foram reais; eles aconteceram; mas a verdade é extraordinária.

O Legado de Enoch

Trechos do livro “A Máquina de Uriel”, por Christopher Knight & Robert Lomas

Como o nosso calendário não aceita o ano 0 a.C., conseqüentemente passaram-se 1.999 anos desde o presumido nascimento de Jesus Cristo, e o terceiro milênio somente se iniciaria em janeiro de 2001. Mas os poderes estabelecidos haviam decidido que não deixariam esse inconveniente fato matemático impedir de, oficialmente, designar o ano 2000 como o início do novo milênio. Esse é um exemplo comum da forma como as idéias são consideradas verdades quando nada mais são que convenções populares, sem nenhuma conexão com os fatos reais. E aqueles que apresentem informação contradizendo essas convenções tribais, com freqüência, nem são considerados.

“Há cerca de 10 mil anos houve um salto mundial repentino na tecnologia que não pode ser explicado em termos de mudança normal de incremento”.

“A Máquina de Uriel”, de **Christopher Knight** e **Robert Lomas**, consiste em um estudo catedrático sobre as origens da ciência. Logo em seu primeiro capítulo, eles nos informam da descoberta do Livro de Enoch, primeiramente encontrado por **James Bruce**, e, em seguida, em 1947 com a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em Qumram.

Foram encontradas 9 cópias do Livro de Enoch dentre os Manuscritos do Mar Morto, onde no primeiro capítulo de “A Máquina de Uriel”, página 60, segue:

“[...] Contam a história de estranhos seres alienígenas que eles chamam de “Guardiães”. Trata-se da história de um grupo de pessoas adiantadas que tomam as filhas de homens como esposas. A progênie conseqüente é um grupo de desajustados chamados **Gigantes** ou **Nefilim** que aparentemente alvoroçam a terra. Os crimes cometidos pelos **Nefilim** são apresentados como o motivo pelo qual Deus decidiu provocar o Dilúvio. [...]”

“[...] O livro diz que possuíam muitas habilidades que foram transmitidas aos homens; eles passavam algum tempo entre os homens, mas retornavam para um lugar distante no qual vivem com seu líder, descrito como *Deus Todo-Poderoso*. [...]”

“[...] Os capítulos 17 a 36 contam as viagens de **Enoch** acompanhado de vários seres descritos como anjos e, em algumas vezes, como **Guardiães**. Durante essas viagens, **Enoch** é informado a respeito do próximo *Dilúvio* e características geográficas lhe são mostradas com um certo ar de veracidade; ao mesmo tempo, os **Guardiães** lhe transmitem instruções de como salvar as principais artes da civilização.

Os 35 capítulos seguintes referem-se às parábolas de **Enoch**. Na maioria, trata-se de discursos escatológicos a respeito de sua própria compreensão da natureza do Juízo Final e da forma como esse juízo acontecerá.

Os capítulos 72 a 82 são inteiramente de caráter astronômico, tratando dos movimentos do Sol, da Lua e das estrelas.”

“[...] Essa seção também introduz tabelas celestes contendo segredos nos quais somente **Enoch** fora iniciado e explica como ele transmite essa informação a **Matusalém** a fim de que a escrevesse para uso das futuras gerações.

Em seguida, constam as visões que **Enoch** teve em sonhos. Esta parte é composta de quatro seções que contam a história do mundo em uma sequência de parábolas a respeito das ações de vários animais. Começa pelo início do tempo com *Adão e Eva* e segue adiante até a época do autor, referindo-se à *Revolta dos Macabeus* durante o século II a.C. Depois, ele segue adiante no futuro com uma visão da *Nova Jerusalém* e o advento de um *segundo Adão*.

A seção final é a “*Epístola de Enoch*”, que trata dos conselhos dados a **Matusalém** e à sua família, e descreve o nascimento milafroso de **Noé**, descrito com maiores detalhes nos “*Contos dos Patriarcas*” dos manuscritos do Mar Morto. O “*Apocalipse de Semanas*” conta visão de um juízo final antes da vinda de um novo Céu e de uma nova Terra, e a conclusão é uma invectiva contra os pecadores.”

A partir dos relatos nos fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto conhecidos como *Contos dos Patriarcas*, somos informados sobre o envolvimento de **Enoch**, **Lamech**, **Bitenosh** e **Noé**, a respeito da insegurança da parte de **Lamech** relativo a sua esposa, **Bitenosh**, sobre uma possível inseminação por um dos **Guardiães**, os *Filhos do Céu*, e que se **Noé** é realmente seu filho. A seguir, **Lamech** em dúvidas, dirige-se ao seu pai **Matusalém**, que por sua vez recorre a **Enoch** que já havia deixado a vida terrena sem passar pela morte para o céu mais alto, um lugar chamado *Parvaim*. (É interessante notar que **Enoch** e **Elias** são os únicos personagens da Bíblia que nunca morreram – até mesmo **Jesus**.)

Outro fragmento contém um sermão a respeito do *Dilúvio* que relata a grande abundância que havia no mundo antes. Também proporciona uma descrição detalhada do *Dilúvio* que começa com um tremor de Terra pouco antes do mar ser ejetado de suas profundezas:

“[...] Portanto, tudo o que estava na terra seca foi eliminado, homem e animal, pássaro e criaturas aladas – todos morreram; *nem mesmo os gigantes escaparam*.”

Em II Samuel 21:20, conta uma batalha contra os gigantes, que não apenas são altos mas também têm mais dedos:

“Houve depois outra batalha em Gat. Aí havia um homem altíssimo com seis dedos em cada mão e em cada pé; 24 dedos no total. Ele também era descendente de Rafa.”

Há referências de que esses gigantes sobreviveram ao *Dilúvio*, em várias passagens da Bíblia, até em Gênesis, Deuteronômio e Josué. Também são citados em vários livros apócrifos como o *Livro de Judite*, *Sabedoria de Salomão*, *Sabedoria de Jesus*, o *Filho de Sirach* e o *Livro de Baruch*, que diz:

“Havia gigantes famosos desde o início, que eram tão grandes de estatura, e tão espertos na guerra (...) Mas foram destruídos porque não tinham sabedoria, e pereceram por sua própria insensatez.”

É nos Manuscritos do Mar Morto que consta o relato mais detalhado desses gigantes, em uma seção do Livro de Enoch, que não era conhecida até ser encontrado entre os danificados Manuscritos de Qumram. Essa seção é chamada, simplesmente, o Livro dos Gigantes.

O Livro dos Gigantes

Aqui estão algumas das palavras encontradas nos fragmentos que começam com um trecho que conta a respeito de *um certo conhecimento secreto que os gigantes possuíam e de sua brutalidade para com os homens*:

1Q23 Frag. 9 + 14 + 15 2 [...] eles conheciam os segredos de [...] 3 [...peca]do era grande na Terra [...] 4 [...] e eles mataram muitos [...] 5 [... eles geraram] gigantes [...]

Os gigantes gozam dos frutos da Terra e observam as pessoas bem de perto:

4Q531 Frag. 3 2[... tudo que] a Terra produzia [...] [...] o grande peixe [...] 4 [...] o céu com tudo que crescia [...] 5 [...fruto da] Terra e todos os tipos de grãos e todas as árvores [...] 6 [...] animais e répteis... [tod]as coisas rastejantes da Terra e observavam tudo [...] 8 [...tod]o ato cruel e [...] expressão [...] 9 [...] macho e fêmea, e entre humanos [...]

Os 200 Guardiães escolhem animais para fazer experiências com cruzamentos anormais:

1Q23 Frag. 1 + 6 [... 200] burros, 200 jumentos, 200 [... carneiros do] rebanho, 200 bodes, 200 [...animal do] campo de cada animal, de cada [pássaro...] [...] para miscigenação [...]

Suas experiências com animais e com mulheres humanas resultam na criação de seres monstruosos:

4Q531 Frag. 2 [...] eles profanaram [...] [...]eles geraram] gigantes e monstros [...] [...] eles geraram e eis que toda [a Terra foi corrompida...] [...] com seu sangue e pelas mãos dos [...] [gigantes] que não foi suficiente para eles e [...] [...] e eles procuravam devorar muitos [...] [...] os monstros o atacaram.

A corrupção resulta de seu terrível programa de reprodução:

4Q532 Col. 2 Frag. 1-6 [...] carne [...] tod[os...] os monstros [...] [...] eles se levantariam [...] a Terra [tornou-se corrupta...] poderosos [...] [...] eles estavam considerando [...] [...] dos anjos sobre [...] [...] ao final perecerá e morrerá [...] [...] eles causaram uma grande corrupção na [Terra...] [...]isso não] bastou para [...] “eles serão [...]

O Livro dos Gigantes segue relatando a série de maus presságios que os gigantes passaram a ter anunciando o derradeiro final da sua estirpe pelas mãos de Deus através do dilúvio.

E como os autores de “*A Máquina de Uriel*” bem colocaram, essa história é tão fascinante e notável quanto um conto das Mil e uma Noites, com uma diferença significativa: essa história parecer ser a lembrança de alguma coisa que aconteceu realmente!

“O repentino aparecimento de novas variedades de plantas e animais por volta da época do Dilúvio é aceito porque sabemos que realmente aconteceu. Nossas mentes modernas são condicionadas para aceitar o óbvio como se fosse totalmente natural. Mas esses eventos podem ser tudo, menos naturais.

Logo após o Dilúvio de 9.640 anos atrás, sabemos que as espécies de animais que carinhosamente chamamos de “domesticados” vieram a existir. Será que esses antigos textos hebraicos estavam registrando uma memória racial de uma engenharia genética cuidadosamente programada? Na cidade de Jericó, por exemplo, a evidência é bem clara.

Zoarqueólogos podem distinguir animais selvagens dos domésticos pela análise de seus ossos. Especialistas concordarão de bom grado que há 10 mil anos as pessoas de Jericó abrigaram lobos, bezoares, muflão asiático, javalis, aroques e gatos selvagens. Mas eles têm certeza que apenas algumas centenas de anos mais tarde esses mesmos animais foram substituídos por criaturas desconhecidas. Suas substituições foram respectivamente o cão, o cabrito, a ovelha, o porco, a vaca e o gato doméstico. Os animais anteriores não somente se tornaram bonitos e dóceis – mudaram suas formas e sua natureza para se adequarem às necessidades humanas. Mas como?

Certamente havia pouco tempo para uma evolução normal! Entretanto, pode ter sido suficiente para uma reengenharia das características do DNA das espécies importantes, *necessárias aos sobreviventes humanos no início de uma nova era*. Será que foi isso que ocorreu e motivou as repentinas mudanças em um período tão curto?

Hoje podemos e cruzamos as fronteiras da natureza de reprodução por meios artificiais. É o que denominamos de “engenharia genética”. A natureza somente permite a reprodução dentro das espécies, mas o homem encontrou meios de cruzar novas variedades de animais e plantas. Recentes desenvolvimentos estão causando um grande reboiço parecido com aquele que os registros sugerem que possa ter ocorrido em épocas anteriores ao início da História oficial.

É possível que seja sobre esse assunto que os documentos antigos queiram se referir? Teriam essas pessoas a habilidade de controlar a reprodução interespecies no passado antigo? A resposta automática é dizer, “Isso deve ser impossível” – mas se *nós* podemos fazê-lo, então *não* é impossível.

Uma outra Abordagem para o Fato

Uma das lendas de **Enoch** diz a respeito de sete estrelas que apareceram como grandes montanhas ardendo e descendo em direção à Terra. Seriam essas montanhas, meteoros?

Acredita-se que durante o último bilhão de anos, a Terra deve ter sido atingida por pelo menos 130 mil cometas ou meteoros grandes o suficiente para produzir crateras de mais de 1 km de largura. Cerca de 50 dessas colisões foram tão fortes que criaram bacias maiores do que 1000 km de diâmetro. Evidências comprovam que aconteceram dois grandes impactos nos últimos 10 mil anos: um impacto de sete fragmentos que caíram nos maiores oceanos do mundo (Fig. 7) próximo ao ano 7640 a.C. e um único impacto no *Mar Mediterrâneo* no ano 3150 a.C., aproximadamente.

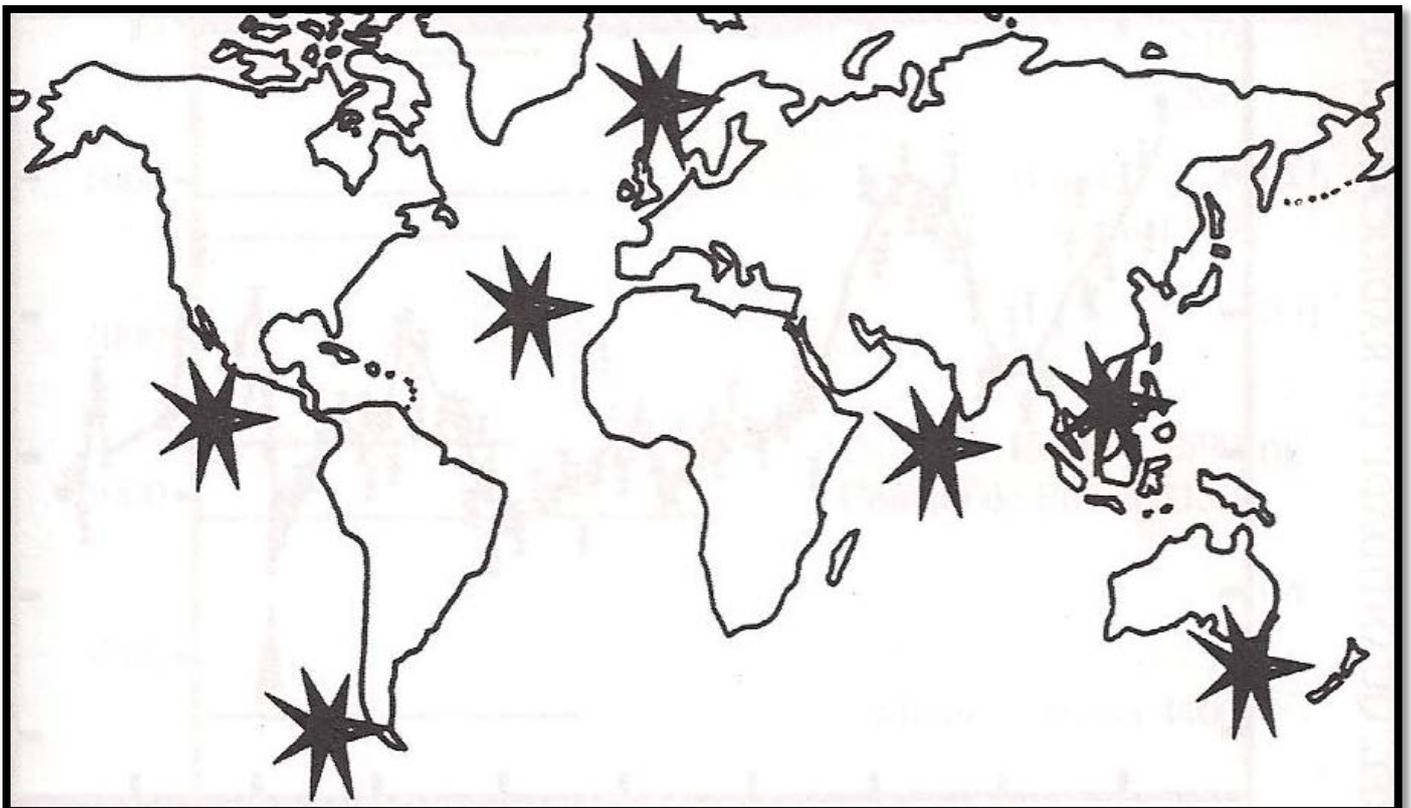


Figura 1: Os sete sítios de impacto do cometa datado de 7640 a.C., conforme Tollmann.

À mérito de ilustração, segue uma lista dos efeitos causados por um impacto extraterrestre para um melhor entendimento:

- Até pequenos meteoritos podem causar explosões significativas pelo fato de possuírem cem vezes mais capacidade de explosão do que TNT por unidade de massa, devido à sua alta energia cinética que aumenta com o quadrado da velocidade;
- Ao cruzar a atmosfera, o asteróide fragmenta-se proporcionalmente ao seu tamanho, gerando uma linha de fragmentos a velocidades acima de 500.000 km/h, e ao colidirem, criam ondas de entulho a milhares de quilômetros de altura e bolas de fogo colossais acompanhadas de bolhas quentes de gases superaquecidos que criam fendas na superfície do planeta gerando explosões em cadeia – o que ocasionaria a extinção imediata de várias espécies;
- Ao atingir o oceano, uma enorme quantidade de energia é transferida do objeto em alta velocidade para o local (energia potencial e cinética). Uma explosão evapora milhares de km³ de água do mar e gera um *tsunami* que pode alcançar distâncias enormes com muito pouca perda de energia atingindo mais de 640 km/h, inundando totalmente as áreas baixas do planeta. O local de impacto torna-se temporariamente uma parede circular de água com uma altura de vários quilômetros, com uma pressão-base de cerca de 5.000 ton/m² – uma situação maciçamente instável. À medida que essa água altamente pressionada volta para dentro do buraco, uma segunda onda *tsunami* é gerada, com 60% do poder da primeira. Após os efeitos iniciais, a atmosfera estaria tão carregada de vapor a ponto de escurecer e aquecer o planeta durante vários anos, devastando, assim, o reino vegetal – parecido com um *inverno nuclear*.

Hoje a ciência sabe que impactos desta magnitude destroem grande parte da camada de ozônio, permitindo maior penetração de radiação ultravioleta nas camadas inferiores da atmosfera, causando uma clara variação na curva de calibração do radiocarbono, levando assim a uma datação imprecisa dos objetos recolhidos pela arqueologia. Sabe-se que o registro fóssil mostra extensões em massa causadas pelo impacto de cometas, seguidas na maioria dos casos de espécies geneticamente diferentes.

Um impacto no mar de um fragmento de cometa de alta energia produz grandes quantidades de ácido hidrolórico e de ácido sulfúrico a partir da água marinha. As descrições de “chuvas sangrentas” mencionadas em muitas das lendas sobre o Dilúvio parecem ser a perfeita descrição do ácido nítrico gerado pelo impacto formado do nitrogênio queimado pela energia do mesmo.

Será que o aparecimento de diversas espécies domesticáveis, logo após o impacto desse particular cometa, pode estar relacionado à temporária falta de proteção causada pela destruição de grande parte da camada de ozônio da Terra?

Eram os Deuses... Arquitetos?

por William Saylor

"He who wonders discovers that this in itself is wonderful" – M. C. Escher

Pirâmides, Plataformas, Dólmens e Montes

Como é sabido, existem literalmente centenas de pirâmides de vários estilos espalhadas pela Terra, na Europa, África, Oriente Médio e Extremo Oriente, Sudeste Asiático e Pacífico Sul, e América do Norte e do Sul.

Alguns dos locais que abrigam os diferentes estilos são:

- **Iraque:** A pirâmide zigurate, reconstruída em Ur, na antiga Suméria.
- **Egito:** A pirâmide escalonada em Saqqara.
- **Egito:** As pirâmides aplainadas de Gizé. **Hancock** e **Bauval** (1996) sugerem que a 'planta baixa' das três grandes pirâmides foram fisicamente estabelecidas em 10.500 a.C., mas que as pirâmides foram construídas cerca de 2.500 a.C. Isso apóia a idéia de que a base rochosa das pirâmides, com suas câmaras subterrâneas, era um antigo terminal de **AA** [*Ancient Astronauts*], e a Esfinge era o marco associado, facilmente identificado a partir do espaço.
- **México:** As pirâmides escalonadas altamente decoradas em Chichen-Itza, Monte Alban, entre outras. No Templo das Inscrições em Pelenque, um eixo corre do túmulo até o chão do templo, semelhante a algumas das pirâmides egípcias. Houve inicialmente um "pente" de 40 pés no topo. Era este um marcador de identificação adicional?
- **México:** A incomum pirâmide elíptica de Uxmal.
- **México:** A enorme e intacta pirâmide de Cholula (Fig. 4-1), à sombra do vulcão Popocatepetl ("*El Popo*"). Seu nome antigo, *Tlachihualtepetl*, significa "*montanha humana*". Na peregrinação de **Quetzalcoatl**, sua primeira parada foi em Cholula, que significa "o lugar de vô", em Nahuatl. A enorme "Pirâmide Tepanapa", 200 m de altura e 1.300 m de lado, é a maior pirâmide antiga das Américas e, possivelmente, a maior do mundo. A construção mais antiga foi datada em 200 a.C. Ela estava coberta de sujeira para escondê-la dos invasores espanhóis e um pequeno santuário foi colocado na parte superior, que os espanhóis substituíram por uma igreja (Fig. 4-1). A pequena parte que já foi escavada revelou uma alvenaria notável (Fig. 4-2).



Fig.: 4-1



Fig.: 4-2

- **México:** Tres Zapotes, um sítio Olmeca (1300-400 a.C.), foi a primeira pirâmide de tijolo de adobe em um sítio Mesoamérico. (Fãs de mistérios, por favor notem: *Antes da chegada de Cortez, TODOS os sítios olmecas foram destruídos, exceto El Tijn, que tinha sido abandonado!*)
- **México:** A pirâmide de cone truncado de Cuicuilco. Em 1917, **Manuel Gamio**, escavando a estrada da *Cidade do México* para Cuernavaca, encontrou uma colina enorme chamada 'Cuicuilco' enconberta por lava pré-histórica. Acabou por ser uma enorme pirâmide antiga ou cone truncado com quatro galerias e uma escadaria central. É uma das poucas pirâmides circulares remanescentes. A base é de 360 pés e tem cerca de 60 pés de altura agora, embora inicialmente tenha sido muito maior. O aqueólogo **Paul Heinrich** informa que a idade pode estar entre 800 e 600 a.C., e não 6.000 a.C. como relatado por outros. (Miller, 2000)
- **México:** A bela pirâmide em miniatura de Cecília, D.F.
- **México:** As pirâmides-plataforma em Teotenango, Tenayaca e Tula.
- **México:** A Pirâmide do Sol estilo multi-plataforma, *Teotihuacan*. Em sua discussão de *Teotihuacan*, **John Michel** (1995) cita outro pesquisador: "Durante a década de 1970, **Hugh Harleston Jr...** estabeleceu que a unidade básica de medição em *Teotihuacan* era 1.0594 metros, a mesma unidade que representa a Vara Judaica de 3,4757 pés, a mesma unidade que representa a largura das lintéis do Stonehenge, uma parte de seis milionésimos de raio polar da terra..."
- **Guatemala:** O enorme sítio Maia pré-clássico (150 d.C.-150 a.C.) de El Mirador, com suas dezenas de pirâmides, inclusive a Pirâmide do Tigre que sobe 18 andares de altura, provavelmente a maior pirâmide já construída pelos maias.
- **Peru:** Templo Moche do Sol. Os Moches anteriores construíram este templo em forma de pirâmide a partir de 140 milhões de tijolos de adobe.
- **Peru:** Pirâmide Sipan. Esta pirâmide-tumba Moche perto da cidade de Sipan mostra que algumas das pirâmides Sul-Americanas eram túmulos, como no Egito e Mesoamérica.
- **Peru:** Pirâmides de Cahuachi. Um sítio cerimonial de seis pirâmides, a mais elevada tendo cerca de 70 pés, em vista panorâmica um pátio murado de 4.050 metros quadrados. (Morrison, 1988). **Hadingham** (1987) menciona que o "grande templo" era uma pirâmide escalonada. Ele cita a estimativa de **Helaine Silverman** de que o período de maior atividade em Cahuachi foi curto, cerca de 200 anos, e o local foi misteiosamente abandonado por volta de 200 d.C., juntamente com outros vários sítios importantes.
- **Peru:** As pirâmides de Tucume. "Cobrindo mais de 540 hectares, incluindo 26 pirâmides principais, assim como também estruturas menores... construídas por volta de 1100 a.C. pelo povo da cultura Lambayeque..." A maior das pirâmides de tijolos de adobe, Huaca Larga, tem 2.300 pés de comprimento, 910 pés de largura e 65 pés de altura. (Heyerdahl, 1995). Robert Schoch (1999) escreve: "A maior das pirâmides, chamada Tucume... tinha pouco mais de 200 pés de altura, mas continha um terço a mais de volume que a pirâmide de Quéops, em Gizé."
- **Peru:** Huaca del Sol, Vale de Moche. Esta é uma pirâmide de 120 pés na costa norte peruana. A pirâmide com 1,5 milhões de tijolos de barro é a maior montanha artificial na América do Sul. Diante de Huaca del Sol, através da praça principal, tem um monte menor, Huaca del Luna. O local fica ao pé do Cerro Blanco, um marco óbvio do espaço pare este cerimonial (Hadingham, 1987).

- **Bolívia:** A pirâmide-plataforma Akapana, em *Tiahuanaco*. Os arqueólogos bolivianos datam o sítio em 1580 a.C. Akapana mede 688 pés de lado e 49 pés de altura. "O interior de terra tinha a forma de uma pirâmide e cobertos com pedras encaixadas." (Demetrio, 1983)
- **Java:** Pirâmide Canisukuh, lembrando o estilo das pirâmides mexicanas (Childress, 1996). Quem levou este estilo através do Pacífico?
- **Ilhas Ryukyu:** A pirâmide submersa Yonaguni. Esta pirâmide-plataforma-escalonada única, com 240 m de comprimento e 90 m de altura, apoiada a 75 pés abaixo d'água, **foi datada em 8000 a.C.!** (Dopatka, 2000)
- **China:** A Pirâmide Branca, perto de Xi'an. Hartwig Hausdorf (1998) diz que existem 90-100 pirâmides na China, próximo a Xi'an, a mais alta tendo cerca de 200 pés. Xi'an, aliás, é o sítio do fantástico "Exército de Terracota" de Qin Shi Huang.
- **Polinésia:** "Modestas pirâmides" em Tongatabu; um tempo-pirâmide no Taiti; a pirâmide-plataforma escalonada Langi, em Tauhala (uma pedra grande, 24 x 7 pés e pesando 30-40 toneladas, está na parede). Pirâmides antigas também são encontradas em Samoa e em Java. (Childress, 1996)
- **Grécia:** Pirâmide de Hellinikon, perto de Argos. O autor escreve: "... construída no estilo reminescente de paredes ciclópicas..." Sua base é de 15 x 13 metros, e a parede mais alta ainda de pé com apenas 14 pés. A partir das fotos, é provável que teria ficado cerca de 10 metros maior quando terminada. A análise termoluminescente da pirâmide, em 1997, rendeu a data de construção em 2720 a.C., mais antiga do que os arqueólogos declararam ser a pirâmide de Quéops! (Tsoukalow, 2000)
- **Ilhas Canárias:** As pirâmides de Guimar. Thor Heyerdahl escreve: "... Elas foram pirâmides escalonadas construídas conscientemente, de acordo com princípios semelhantes aos do México, Peru, e antiga Mesopotâmia."
- **Estados Unidos:** Monte-pirâmide Monk, em Cahokia, Illinois, uma pirâmide-plataforma de tijolo de barro. Uma grande parede de pedra ou sala foi recentemente descoberta no interior do monte, mas não tem sido escavado desde outubro de 2000.
- **Yonaguni:** Situada entre o Mar da China Oriental e o Mar das Filipinas, cerca de 300 milhas de Okinawa, está a ilha de Yonaguni-Jima. Fora de sua costa está um enorme monumento aparentemente feito pelo homem (feito por deus?) com aproximadamente 100 pés abaixo da superfície. É uma pirâmide-plataforma com 600 pés de largura, 90 pés de altura, construída de pedras megalíticas precisamente cortadas. A pirâmide, aparentemente parte de um centro cerimonial, foi datada em 8000 a.C., 5000 anos antes da mais antiga pirâmide do Egito!

A melhor pista que temos de que os deuses orquestraram a construção de pirâmides é o conto de **Gudea** que construiu o templo-zigurate de *Lagash* (aparentemente o deus **Kothar-Hasis** era o único autorizado a projetar os templos.

Ele provavelmente era o mesmo "*Artesão grego divino Hephaestus*" que construiu o templo de morada de Zeus, e o deus egípcio Thoth).

Pois o templo de *Ninurta*, em *Lagash*, foi dado instruções elaboradas e contínuas a **Gudea** pelos deuses. Ele construiu uma zigurate de sete camadas, chamada Eninnu, recorrendo a uma tabela engenhosa, que deu uma vista

de cima e 7 escalas—uma para cada camada (**Zecharia Sitchin** descreve esta história em detalhes no seus livros de 1976 a 1993. Veja também as figuras 748, 749, de **Pritchard**, 1969).

Zecharia Sitchin faz uma conexão interessante com a sua afirmação de que as três grandes pirâmides de Gizé estão a 52 graus, mas as pirâmides posteriores neste ângulo desmoronaram e foram construídas a 43,5 graus, e *ele afirma que as pirâmides de Teotihuacan também estão a 43,5 graus.*

Além disso:

"embora a segunda pirâmide de Gizé ser menor do que a Grande Pirâmide, seus picos estão na mesma altura acima do nível do mar, porque a segunda é construída em terreno mais alto, o mesmo se dá em Teotihuacan, onde a menor Pirâmide da Lua é construída em terreno há cerca de trinta metros acima da Pirâmide do Sol, dando a seus cumes alturas iguais acima do nível do mar."

Devemos observar também que tanto a Grande Pirâmide de Gizé e a Pirâmide do Sol em Teotihuacan têm um eixo descendente escavado na rocha sobre a qual as pirâmides foram construídas.

Um dos problemas na escolha de um local de pouso para uma aeronave de elevação vertical é a poeira e a sujeira gerada pelos gases de escape. Antes das pirâmides serem construídas, este problema foi aparentemente minimizado pelo pouso em afloramentos rochosos de grande porte.

O problema é melhor resolvido, no entanto, pousando em pirâmides escalonadas, ou plataformas em degraus, desde que a camada em cada nível efetivamente desviasse o escape (Fig. 4-3).



Fig. 4-3: Deflexão do escapamento do foguete por um modelo de pirâmide escalonada



Fig 4-4: Pirâmide Zoser no Egito

As zigurates em Urand, na Babilônia, e a pirâmide Zoser, no Egito (Fig. 4-4), as pirâmides das Ilhas Canárias, e na maioria das pirâmides mexicanas e sul-americanas, empregaram este projeto.

Curiosamente algumas das pirâmides egípcias têm câmaras múltiplas que parecem ter sido construídas ao longo dos períodos de tempo, por exemplo, a pirâmide de Sneferu tem uma câmara subterrânea, uma segunda câmara perto da superfície, e uma terceira câmara acima da pirâmide, como se o sítio estivesse em uso antes, possivelmente muito antes da pirâmide ser erguida, provavelmente como um local de aterrissagem e alimentação.

As câmaras da Grande Pirâmide também seguem este padrão; a primeira tendo um metro de profundidade, então a segunda câmara (da 'Rainha') construída em baixo do centro da pirâmide, e a terceira câmara (dos 'Reis') mais para cima. Este padrão sugere que a meta era proporcionar graus contínuos e crescentes de proteção superior.

As pirâmides de Miquerinos, Unas, Teti e a maioria das outras *também tinham câmaras subterrâneas*. Na verdade, as pirâmides de Miquerinos e algumas outras nem sequer tinham câmaras nas pirâmides em si—todas as câmaras eram subterrâneas! Obviamente este projeto faria abrigos excelentes, e eu suspeito que as grandes pirâmides, e qualquer ocupante infeliz, se tivessem sido localizadas no "ponto de impacto" em Hiroshima e Nagasaki, teriam

sobrevivido. A forma piramidal teria desviado de forma eficaz a onda de choque e a bola de fogo, e os pulsos de nêutrons e raios gama teriam sido atenuados para níveis insignificantes pela massa de pedra.

Zecharia Sitchin (1985) oferece, em vez, uma função fantástica para as *pirâmides de Gizé*: a de que elas foram construídas pelos **Nefilim**, e não pelo homem, como parte de uma grade de orientação para "o espaçoporto *Tilmin*".

Ele desenvolve uma teoria que liga as pirâmides e as "cidades sagradas" em uma grade de orientação e comunicação para a abordagem de dois corredores, um de oeste para leste sobre a Mesopotâmia e um de oeste para o leste sobre o Sinai.

"Criada pelos deuses (**Annunaki**), foram marcos e balizas para o espaçoporto no Sinai, e já existia muito antes do reinado começar no Egito.

"A grande pirâmide era... a montanha através da qual **Utu** ascende..."

Em relação as pirâmides de Gizé, alguns estudiosos afirmam que as pedras foram puxadas para cima com longas rampas em trenós, fazendo referência ao quadro familiar do túmulo de Djehutihotepe de 204 trabalhadores que deslocam sua estátua de 60 toneladas em um trenó (Fig. 4-5).

Mas isso só prova que esta estátua foi movida em um trenó. *Não tenho conhecimento de uma única imagem ou inscrição que descrevam os métodos utilizados para a construção das grandes pirâmides.*

Nós simplesmente não sabemos como elas foram feitas.

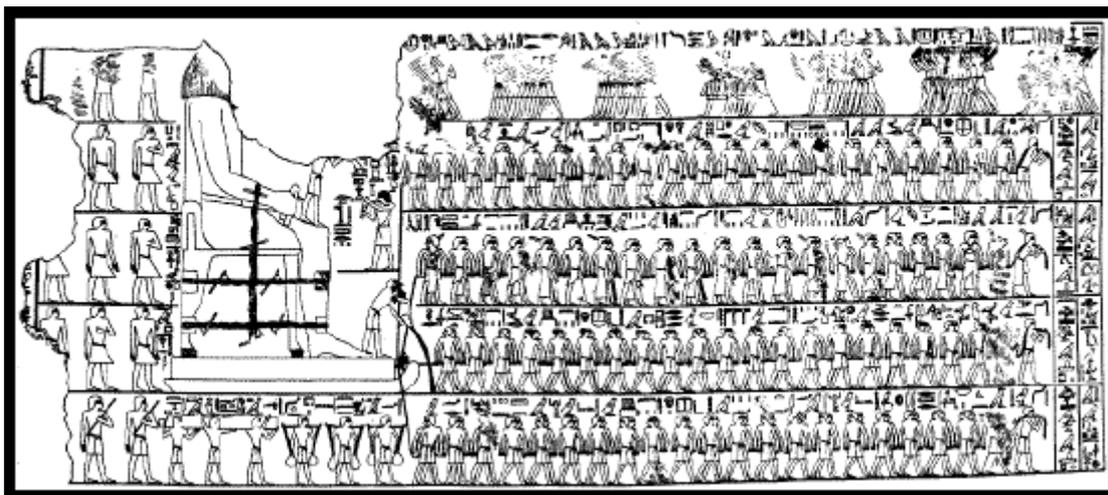


Fig. 4-5

Aliás, **Mark e Richard Wells** (2000) descobriram uma semelhança surpreendente no alinhamento e tamanho das três estrelas no Cinturão de Órion e o alinhamento e tamanho das grandes pirâmides de Gizé, no Egito; Xi'an, China; Teotihuacan, México. Não perca a redação deles.

Então nós temos pirâmides de alturas que variam de 30 pés a mais de 400 pés, comprimentos de 100 pés a 2300 pés, alguns com câmaras internas e algumas sólidas; escalonadas e aplainadas; quadradas, redondas e bases elípticas; construção em tijolos de pedra, barro e adobe; altamente decoradas ou lisas; algumas cobertas com pequenos edifícios.

Destes vários estilos, tamanhos, e composições, penso que podemos concluir que *as pirâmides tinham várias funções*: cemitérios, monumentos, locais de desembarque, estações de abastecimento, abrigos e locais de culto; e há evidências de que muitas delas tinham várias funções simultaneamente.

Mas uma coisa parece certa—*as pirâmides, plataformas e montículos ao redor do mundo eram lugares onde os deuses e os homens se uniram.*

Os Construtores de Megálitos

Jeová questiona **Jó**:

“Agora cinge os teus lombos, como homem; e perguntar-te-ei, e tu me ensinarás. Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra angular?”

(Jó 38-3-6 como traduzido por **Sitchin**, 1998)

A literatura contém muitas referências às enormes pedras lavradas que foram utilizadas nas construções antigas em todo o mundo, algumas das quais são as seguintes (ver também Cohane, 1977, capítulo 12):

- **Egito**, A Grande Pirâmide de Quéops: "... consiste de 2,5 milhões de pedras de 1-40 toneladas cada uma. É preciso um motor 300 cavalos e elevador hidráulico para pegar uma placa de 7 toneladas de granito". Os maiores blocos de Gizé pesavam 200 toneladas. Os maiores blocos em Tiahuanaco pesavam cerca de 400 toneladas...
- **Egito**, complexo Djoser de pirâmides: "touro mumificado foram encontrados em sarcófagos de pedra pesando 80 toneladas." (Fig 5-1)

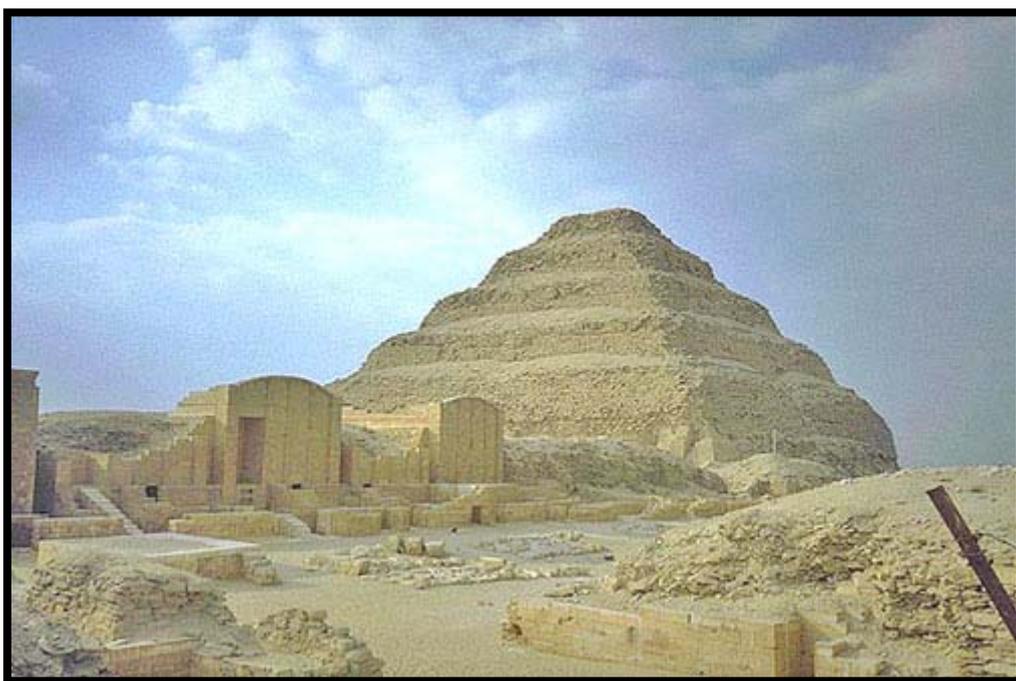


Fig. 5-1

- **Egito**, pedreira Assuão: "O 'Obelisco Inacabado' perto de Assuão ainda está em sua pedreira, totalmente destacado, exceto sua parte inferior. Se tivesse sido extraído, ele teria 41,75 metros (137 pés) de altura com uma base de cerca de 4,2 metros de cada lado. O peso total seria de cerca de 1.168 toneladas, mais pesado do que qualquer pedaço de pedra alguma vez tratado pelos antigos egípcios."

- **Egito, Templo de Hatshepsut em Karnak**: "... um dos maiores obeliscos em pé restantes em Karnak. Ele tem 29,5 metros (96,7 pés) de altura e pesa 323 toneladas."
- **Egito, Karnak**: "O sétimo e último dos obeliscos em Karnak... é o maior obelisco sobrevivente, com uma altura de 36 metros." Este obelisco de 118 pés foi removido para Roma na antiguidade, e agora fica na Piazza San Giovanni em Laterano. Foi reduzido para 32 metros (105 pés), quando foi re-erigido no século XVI, e seu peso atual é de 455 toneladas. (Fig 5-2)



Fig. 5-3: *Obelisco em Karnak.*

- **Egito, Luxor**: "Ramsés II colocou dois obeliscos diante do Templo de Luxor, dos quais apenas um permanece, o outro foi levado para Paris. O obelisco de Luxor é feito de granito vermelho; ele tem 25 metros (82 pés) de altura e pesa 254 toneladas."
- **Bolívia, Tiahuanaco e Puma-Punku**: "... pedras pesam até 400 toneladas..." "... pedras de até 100 toneladas cada, foram extraídas há 10 quilômetros de distância." "Um bloco de arenito vermelho na plataforma de Puma Punku pesa 131 toneladas. Ele foi arrastado por 10 quilômetros."
- **Inglaterra, Stonehenge**: "... 160 pedras, 4-37 toneladas cada." "As pedras 'sarsen' foram movidas 20 milhas de Avebury, algumas pesando 30 toneladas e 30 metros de altura."
- **Inglaterra, Avebury**: "Haviam aproximadamente 200 pedras nos círculos, a maior das quais com mais de 55 toneladas, para ser arrastada de um quilômetro ou mais a partir de Downs."
- **Irlanda, Dublin**: "... a pedra angular do túmulo megalítico em Brenanstown, pesando aproximadamente 67 toneladas."
- **México, La Venta**: "... alguns dos retratos (olmeca) das cabeças em pedra pesando até 25 toneladas." "Pedras pesando até 30 toneladas foram encontradas em Mitla."
- **México, Quirigua**: "... a maior estela Maia, em Quirigua, medindo 10,7 x 1,5 x 1,27 metros, e pesando 65 toneladas." "o sítio de Quirigua é onde o maior monólito do mundo Maia se encontra. É o Stella E, pesando 65 toneladas e 35 metros de altura. Foi extraído há cerca de três quilômetros de distância."
- **Peru, Sacsahuaman**: "... uma pedra de 27 pés de altura e pesando mais de 300 toneladas."

- **Peru, Ollantaytambo:** Em relação aos seis monólitos colossais em Ollantaytambo, "Os blocos de pedra gigantes têm de onze para quase catorze metros de altura, média de seis metros ou mais de largura, e variam na espessura de cerca de três a mais de seis metros." "... alguns pesando até 250 toneladas." "... os blocos de pedra gigantes foram extraídos da montanha no lado oposto do vale. Os pesados blocos de granito vermelho, depois de terem sido extraídos, cortados, e moldados, foram então transportados da montanha, ao longo de dois córregos, a elevados até o sítio Ollantaytambo, cuidadosamente levantados, colocados exatamente no lugar e, finalmente, fundidos." (Sitchin, 1990). (Observe a frase "fundidos")
- **Líbano, Baalbek:** "... as pedras colossais, as Trilitos, cada uma pesando cerca de 1100 toneladas; este é um peso cujo nenhum equipamento moderno pode sequer chegar perto de elevação e movimentação." (Fig 5-3). "Nenhuma das máquinas de hoje poderiam mover esses megálitos. O maior bloco tem 21 x 4 x 4 metros e os outros dois têm 19,5 x 4 x 4 metros. Juntos, eles têm 60 metros de comprimento e 960 metros cúbicos de volume. Os blocos foram extraídos cerca de 400 metros distante."

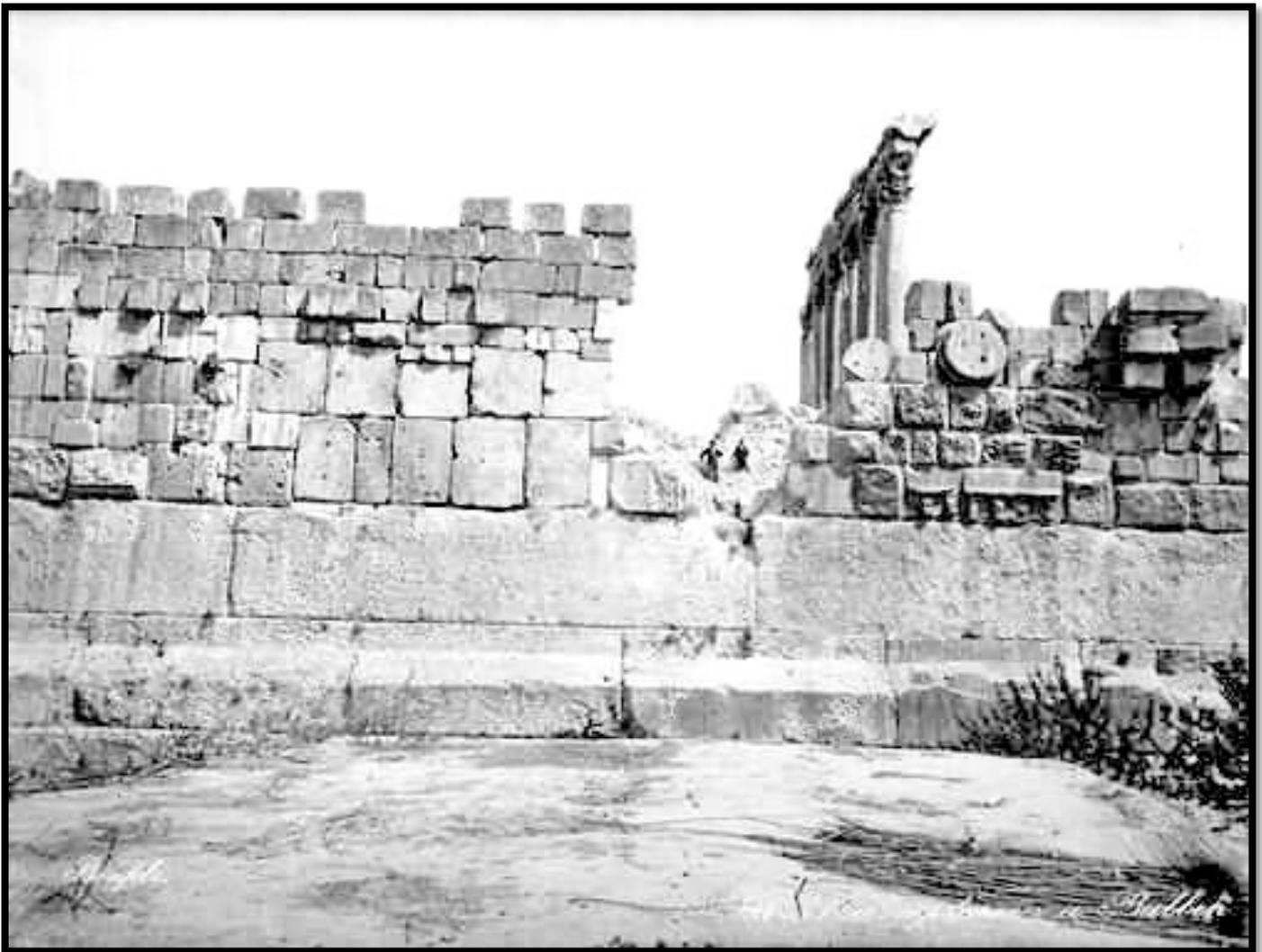


Fig 5-3: *Trilito em Baalbek.*

"O primeiro destes blocos para a direita (o Trilito) mede 65 pés de comprimento, o segundo 64'10", o terceiro 63'2". Eles tinham todos 14'g" de altura e 12' de espessura."

"... a pedra na pedreira, Hajar-el-Hibla ("**pedra da gestante**"—imagem abaixo) tem 69' de comprimento, 16' de largura, e 13'10" de altura... esta enorme pedra pesa cerca de 1000 toneladas." (Fig 5-4)



Fig 5-4: Hajar-el-Hibla em Baalbek.

- **Israel, Jerusalém, o Monte do Templo:** "As pedras foram cortadas com tamanha precisão que nenhuma argamassa foi necessária para encaixá-las juntas. Alguns destas silhares (colunas) são de até 35 pés de comprimento e pesam até 70 toneladas." "O Pórtico Real, no extremo sul do monte foi construído na forma de uma basílica com quatro linhas de 40 colunas cada, com 50 pés de altura... pesaria cerca de 85 toneladas cada um." "cerca de 60 pés ao norte do Arco de Wilson... existem quatro blocos de 11 pés de altura, um dos quais tem 42 pés de comprimento e 14 pés de espessura, dando um peso estimado de 1.200.000 libras..."
- **França, Carnac:** "... o 'longo monte' de 650 pés (Er-Grah), e sua relação com o monolito Grand Menhir, 65 pés de altura e pesando 350 toneladas (agora caídos)..."
- **Malta:** "No Tarxien existem três templos e um Hal-Saflieni, um hipogeu de rochas cortadas. Os templos incorporam blocos de pedra pesando até 24 toneladas cada uma."
- **Grécia, Micenas, o 'Tesouro de Atreu':** "Um ou os lintpeis sobre as portas de entrada mede 8 x 5 x 1.2, com um peso estimado de 120 toneladas." "... é coberta por duas placas enormes, muito bem cortadas e polidas, das quais a interior mede 3'9" de espessura, e 27.5' de comprimento sobre a sua mais baixa e 29' na superfície superior; sua largura é de 17', e é calculada pesando cerca de 300.000 libras Inglesas."
- **Ilha de Páscoa, Rapa Nui:** Das 300 estátuas em pé, a mais alta tem 65 pés; das 200 inacabadas na pedreira, uma teria 164 pés de altura.

Hoje, com aço de alta resistência, somos capazes de mover objetos pesados sobre rodas de aço, por exemplo, uma autoclave de 200 toneladas foi movida 750 milhas ao longo das estradas ocidentais dos EUA em uma plataforma com 112 rodas e alimentada por dois grandes tratores a diesel.

No entanto, algumas coisas são grandes demais para serem movidas sobre rodas, e em vez, rolos de aço são usados. O Farol Cape Hatteras de 198 pés de altura foi movido sobre uma meia milha em 1999. Pesa bem mais de 1000 toneladas.

Para mover o farol, uma estrada de cascalho compactado foi construída, na qual grandes placas de aço foram colocadas. Trilhos de aço foram, então, colocados nas placas da estrada na direção do movimento. Para realizar o movimento, "carrinhos" nos cilindros de aço foram colocados sobre os trilhos e foram dirigidos por poderosos carneiros hidráulicos. Um total de 400 toneladas de aço foram utilizadas diretamente sob o farol de apoio. O farol seria deslocado alguns metros e, em seguida, as placas e trilhos de trás seriam destrancados e deslocados para a frente.

Objetos de várias toneladas podem também serem movidos em "esteira de tanque", que são essencialmente rolos de aço correndo em pistas de aço.

Também guindastes de aço foram construídas, que podem levantar centenas de toneladas. A corporação de engenharia de Nova York tem um enorme guindaste hidráulico que pode levantar 500 toneladas, que é usado para levantar guindastes menores para os topos dos edifícios em construção. A **NASA** construiu um guindaste com uma capacidade de elevação de 430 toneladas, que é usado para levantar o ônibus durante o anexo com os tanques de combustível.

Tem sido sugerido que as grandes pedras nos lugares em antigos sítios megalíticos foram movimentados em rolos de madeira. *Eu acho que esses autores não estão conscientes da força relativa entre madeira e aço.* Apesar de uma viga-T de aço, montado verticalmente com ambas as extremidades fixas pode suportar uma carga de cerca de 100 toneladas, uma viga de madeira de 10 polegadas do mesmo tamanho só pode sustentar cerca de 10 toneladas. E se a viga de madeira é colocada de maneira que a carga seja fibra-transversal ao invés de contínua, ela estilhaçará sob uma carga muito menor.

Além disso, mesmo se elas não estilhaçarem, elas irão se deformar sob a carga e deslizará em vez de rolar; isso aconteceu quando 20 pessoas tentaram mover uma réplica de uma das estátuas na Ilha de Páscoa, e só pesava 9 toneladas! Então, podemos realmente imaginar um grupo de povos pré-históricos deslizando blocos de 1000 toneladas em Baalbek? Alguns egiptólogos sugerem que os enormes obeliscos foram movidos em rolos de madeira, mas nem sequer um tenha sido encontrado. É claro que é absurdo afirmar que essas pedras foram movidas sobre rolos de madeira.

Assim, quando consideramos as pedras de quilotoneladas usadas nos antigos sítios megalíticos, especialmente os montros em Baalbek, vejo três possibilidades:

A primeira é que uma tecnologia comparável à nossa existia naquela época, empregando ligas metálicas de alta resistência, sistemas hidráulicos e motores potentes. *No entanto, esse tipo de tecnologia envolve a utilização de muitos materiais, incluindo ouro e cerâmica, que duraria muitos milênios, e eu não tenho conhecimento de qualquer relato de descobertas de artefatos deste tipo.*

Além disso, uma vez que esta tecnologia existiu por toda a Terra, essa possibilidade requer a suposição difícil de que os membros desta civilização inteira desapareceram, ou pelo menos "esqueceram" a tecnologia, mais ou menos na mesma época, ou em uma conspiração mundial, eliminando de todos as ferramentas. *Este cenário é altamente improvável.*

Existem algumas referências a uma segunda possibilidade, que nos leva ao mundo *psi*—que as pedras foram movidas por seres possuindo a capacidade de controlar o campo gravitacional local:

- Giza, Egito: *"Então disse o Faraó: 'Onde está o pariro no qual Imhotep escreveu as palavras de poder que foram para a construção da pirâmide de Zoser, sim, e de Seneferu meu pai também... As palavras de poder podem ser encontradas e faladas por ninguém senão ele - e se ele as pronunciar, as três grandes pirâmides deverão levantar em Gizé e lá ficarão para sempre. Mas se ele não as pronuncia, tudo o que você constrói, e seu filho constrói, e seu neto constrói após ele, sucumbirá e desmoronará-se-á e se tornará como as areias*

do deserto." (Green, 1967). Em seu site "Giza Oracle", Patrick Cook apresenta um argumento convincente de que a Grande Pirâmide não foi construída pelos antigos egípcios.

- Uxmal, México: "... a obra de construção foi fácil para eles... tudo que eles tinham que fazer era assobiar e as pedras pesadas se moveriam para o lugar."
- Tiahuanaco, Bolívia: "... (as pedras foram) carregadas através do ar pelo som de uma trombeta."
- Giza, Egito: "... um mago disse ter levantado no ar uma enorme abóbada de pedra de 200 côvados de comprimento e 50 côvados de largura." (Hancock, 1995)

No entanto, com o nosso nível atual de tecnologia, as idéias relativas à anti-gravidade e levitação nos leva para o reino do sobrenatural, e por isso estão fora dos limites nestas páginas.

A terceira possibilidade é que aeronaves e cabos estavam disponíveis na época que tinham o poder e a força para levantar e mover as pedras.

Claro que não sabemos ao certo como estas pedras extremamente pesadas foram extraídas, movidas e montadas, e fora de uma revelação, provavelmente nunca saberemos. Mas sabemos que, mesmo as construções mais pesadas de hoje em dia não são feitas com pedras de quilotons; *é difícil, lento e caro.* Logicamente, a única razão dos antigos para construir com pedras tão grandes é porque foi fácil para eles fazerem isso.

Considere Baalbek, no Líbano, onde encontramos uma enorme plataforma subjacente, e antecede as ruínas do magnífico *templo romano de Júpiter*. Ele contém as maiores pedras já utilizadas em construções. Como foi construído? E por quem?

Aqui estão algumas pistas:

- **Michel Alouf** (1999) discute as muitas teorias sobre os construtores das porções pré-romanas do sítio. Ele chegou à conclusão de que o templo Baalath foi construído por **Salomão**, com base na seguinte passagem bíblica (Reis I, IX, 17-19):

"E Salomão edificou Gezer e Beth-Horon, a menor, e Baalath e Tadmor (Palmyra) no deserto, na terra, e todas as cidades-armazéns que Salomão tinha, e as cidades para suas carruagens, e cidades dos cavaleiros, e tudo o que Salomão quis edificar em Jerusalém, e no Líbano, e em toda a terra do seu domínio."

- **Childress** (2000) menciona o Kebrá Nagast, o guia espiritual dos etíopes, que diz que **Salomão** tinha um veículo voador; também que existem montes no Paquistão e no Irã onde acredita-se que **Salomão** tenha desembarcado.
- Pela tradição dos antigos judeus, **Jeová** não foi o único deus no universo, ele era o *"único deus deste povo em particular"*; e embora pelo ato da aliança os israelitas tinham se comprometido à regra da lei de Jeová, Rei Salomão (950 a.C.) tinha permitido o culto, aparentemente até mesmo em Jerusalém, de um deus rival, Baal, cujo principal templo estava em Baalbek (Baalath).
- Próximo ao Portão Dourado (Jerusalém) está uma pequena mesquita, a *"Kurst Suleiman"*. Aqui a lenda nos diz que, o *"Rei Salomão sentou-se observando Jinn e Genii trabalhando para construir seus grandes monumentos em Jerusalém, Baalbek, e Palmyra."* (Cornfeld, 1972) (Jinn era um tipo de Gênio Persa, ou "Genius", que tinha o irritante hábito de roubar vacas—para comer, eu suponho).

- Durante todo o antigo Oriente Médio, nós encontramos imagens de uma ou mais pessoas que voam em "discos alados". E nós encontramos um "genie", também chamado de "homens-pássaros" por estudiosos, que são representados como seres humanos poderosos com asas (Fig. 5-5), e às vezes com a cara de uma águia, e chamado de "homens-águia". Virginia Marin escreve que **Genie**, ou **gênios**, foram "... *todo-poderosos. Eles possuíam grande capacidade natural e inventiva. Eles era inteligentes e possuíam uma grande capacidade mental...*"

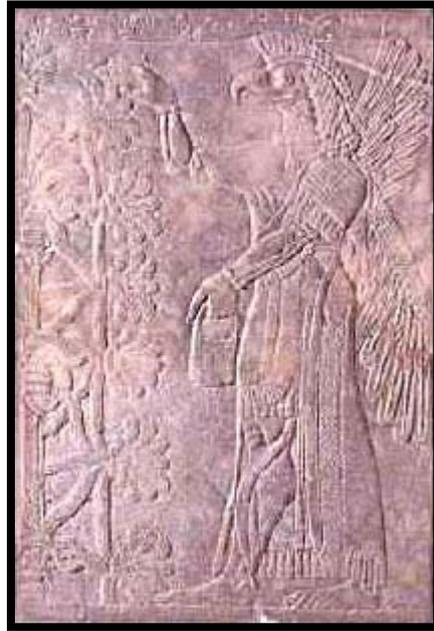


Fig. 5-5

Concluo esta página especulando que as pedras eram movidas por estarem suspensas a partir de aeronaves operadas pelos poderosos "gênios" AA.

Puedo estar loco, mas as pedras estão lá!

Mestres Maçons

Jeová questiona **Jó**:

*"Agora cinge os teus lombos, como homem; e perguntar-te-ei, e tu me ensinarás. Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua **Pedra Angular**?"* (minha ênfase)

(Jó 38-3-6 como traduzido por **Sitchin**, 1998)

Uma característica única de muitos dos sítios megalíticos são as pedras poligonais que foram usadas, as "**Pedras Angulares**".

Em Sacsahuaman, acima de Cuzco, no **Peru**, há uma pedra de **Hatun Rumiyoq**, uma enorme pedra poligonal com 12 cantos, que se intertrava perfeitamente com as pedras adjacentes. Cantaria poligonal foi usada em vários locais no Peru (Fig. 5-1,2), Grécia (Fig. 6-3), Líbano (Fig. 6-4), Turquia, Egito e Bolíbia, e na Ilha de Páscoa, entre outros. Também perto da base da pirâmide de Quéops.

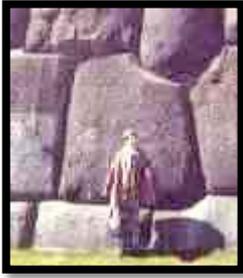


Fig. 6-1
Peru



Fig. 6-2
Peru

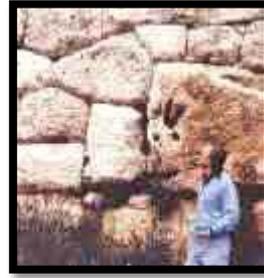


Fig. 6-3
Delfos, Grécia



Fig. 6-4
Baalbek, Líbano

Além de serem requintadamente talhada e encaixada, algumas das pedras eram na verdade fundidas juntamente.

Examinei as articulações fundidas no Coricancha, em Cuzco (Fig 6-5, às vezes soletrado Koricancha, que em quíchua significa "o curral de ouro"), em Ollantaytambo, no Peru, no interior da Grande Pirâmide do Egito (Fig. 6-6) (Eu estava espantado com essas articulações), e em Delfos, na Grécia.

Quanto a Ollantaytambo, **Sitchin** (1990) escreve que os blocos gigantes foram "... *cuidadosamente levantados, colocados precisamente no lugar e, finalmente, fundidos juntamente.*"

Outra habilidade dos mestres maçons foi o uso de blocos individuais esculpidos como cantos, no Egito (Fig. 6-7), e Peru, entre outros (ver também Zink, 1979).

Alvenaria Fundida



Fig 6-5
Coricancha, Peru



Fig 6-6
Grande Pirâmide, Egito



Fig 6-7
Canto monólito

Então, vamos especular sobre a técnica dos mestres pedreiros.

Estou inclinado a pensar que a formação e fusão das pedras poligonais poderia ter sido realizada da seguinte forma: Duas pedras irregulares encostadas uma na outra (Fig. 6-8a).

Um feixe de alta temperatura (*acetileno ou maçarico elétrico, laser, feixe de íons?*) é passado para frente e para trás através do ponto de contato A das pedras, resultando na primeira junta fundida (b); a terceira pedra é colocada na parte superior das duas primeiras e o corte de alta temperatura é realizado nos pontos de contato B e C (c), resultando em três juntas fundidas (d).

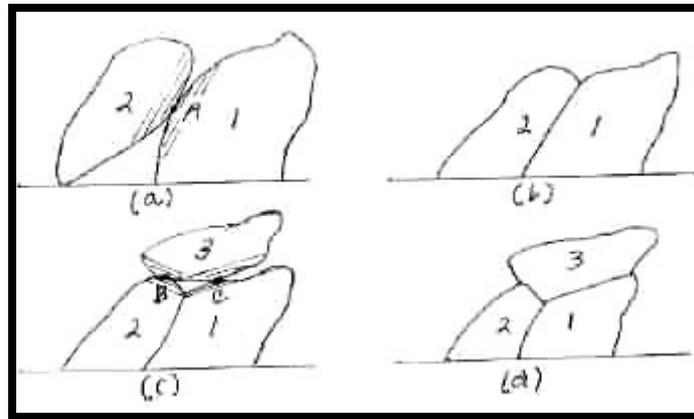


Fig. 6-8: Ilustração da união e fusão de pedras poligonais.

Este cenário, é claro, exige que aceitemos que os construtores destas antigas estruturas e, principalmente pré-históricas, poderiam facilmente pegar pedras de quilotons e colocá-las em cima uma das outras e assim produzir um feixe suficientemente quente para fundí-las juntas.

Eu acho que eles podiam.

Artistas do Deserto

"A realidade deve prevalecer sobre as relações públicas, pois a natureza não pode ser enganada."

– Richard Feynman

"Somente nos últimos anos, desde o desenvolvimento das comunicações universais que nos permitiu comparar as antiguidades de nossos próprios países com os dos outros, temos sido capazes de ver a extensão da vasta ruína em que todos vivemos.

Se ignorarmos todas as alterações na paisagem resultantes nos últimos três mil anos e considerar o mundo como ele deve ter parecido em tempos pré-históricos, o padrão que emerge é um modo incomparável com a nossa ideia de civilização que é fácil perder completamente o seu significado. Para o que encontramos é isto: *Um grande instrumento científico está alastrado em toda a superfície do globo.*

Em algum período, milhares de anos atrás, quase todos os cantos do mundo foram visitados por pessoas com uma missão especial para cumprir.

Com a ajuda de um notável poder, pelo qual eles poderiam cortar e levantar enormes blocos de pedra, estes homens criaram vastos instrumentos astronômicos, círculos de pilares eretos, pirâmides, túneis subterrâneos, plataformas de pedra ciclópica, todos conectados entre si por uma rede de trilhas e alinhamentos, cujo curso de horizonte a horizonte foi marcado por pedras, montes e aterros."

– John Michell (1995)

Em 1975 eu voei sobre a planície de Nazca, no Peru, uma vez que as figuras e padrões só podem ser reconhecidos a partir do ar, juntamente com um pequeno grupo de intrépidos companheiros vendedores-de-mistérios.

Para mim, as linhas de Nazca representam a parte mais convincente de evidências físicas de apoio a hipótese dos **Astronautas Antigos (AA)**. Apesar de centenas de escritores terem gerado milhares de páginas sobre as linhas e

figuras, eu não tenho sido capaz de encontrar uma explicação lógica de como elas foram feitas, ou por quem, ou para que finalidade. *Parece óbvio que as linhas foram feitas a partir do ar.*

Elas poderiam ter sido utilizadas como pontos de referência para serem vistas do espaço, ou talvez os **AAs** estavam simplesmente extravasando sua impulsão artística em um conveniente "desenho mecânico" gigante; porém, o que eu sinto ser mais provável é que eles usaram a planície de Nazca para *testar e calibrar o instrumento que eles usavam na América do Sul, e talvez em outros lugares na Terra, para delinear "estradas" e "ceques" radiais ligando locais importantes.*

Eu acho que as linhas foram provavelmente criadas por meio de um instrumento que poderia varrer rasos caminhos de larguras diferentes. Eu acho que "a vassoura" foi provavelmente algo tão simples como um fluxo operacional de alta pressão de água, da mesma maneira como usamos uma mangueira de jardim para lavar o cascalho de nossas calçadas. Certamente, com a planície e Nazca a beira mar, teria sido uma fonte abundante de água.

Alguns dos desenhos menos precisos sugerem que a vassoura pode ter sido um dispositivo de argolas em suspensão que foi guiado pela mão, semelhante a metralhadora montada em bombardeiros antigos; porém, a grande precisão de muitas das figuras sugere que *o mais provável era um dispositivo informatizado que utilizava imagens pré-armazenadas, tais como roteadores computadorizados modernos.*

Para estes desenhos, a aeronave teria que pairar muito estavelmente.

Aqui está como eu acho que eles foram feitos:

O desenho "**Agulha e Linha**" de 2800 pés de comprimento (Fig. 3-1, adaptada da *Discover Magazine*, Dezembro de 2000) começa na parte inferior da figura como um feixe de largura; o feixe é direcionado para uma linha conforme se move a "agulha"; o artista, então, usa um movimento oscilatório para delinear as fronteiras de um platô; e acaba desenhando uma espiral, um motivo comum em sítios antigos (talvez seja a sua assinatura nos dizendo que é da galáxia, o que também acontece de ter a forma de uma espiral gigantesca!)

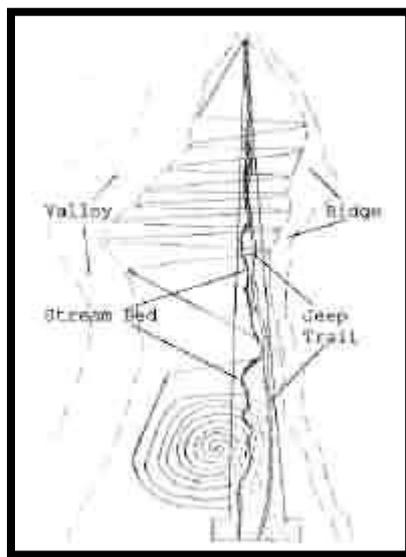


Fig. 3-1: Imagem da "Agulha e Linha", Nazca, Peru.

Embora a maioria das figuras fossem simplesmente contornadas com linhas estreitas, o recurso de largura variável da vassoura, como se pudesse também fazer com o bocal de uma mangueira de água, permitiu a elaboração de figuras "preenchidas".

A aranha de 140 pés de comprimento (Fig. 3-2) é uma das figuras mais conhecidas de Nazca. As linhas que se estendem da perna direita traseira da aranha estabelecem que o desenho começa neste movimento. A linha de entrada, a linha paralela à direita, começou com um feixe largo que era voltado para uma linha, e os quartos traseiros do inseto foram desenhados em primeiro lugar.

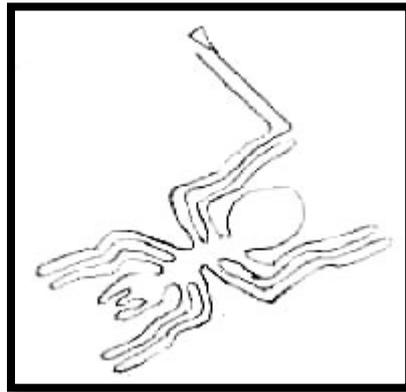


Fig. 3-2: A "Aranha".

A maioria das outras figuras de animais foram desenhadas nesta mesma maneira, com uma linha de entrada, uma linha de esboço contínua do animal, e uma linha de saída paralela à linha de entrada. Na Fig. 3-3, o par de linhas de entrada-saída aderem o "beija-flor" no bico.

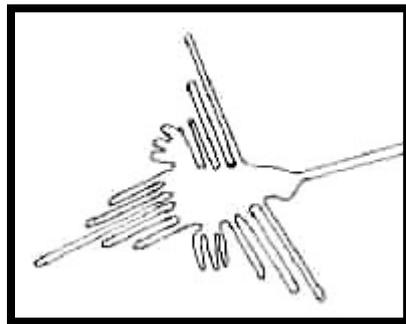
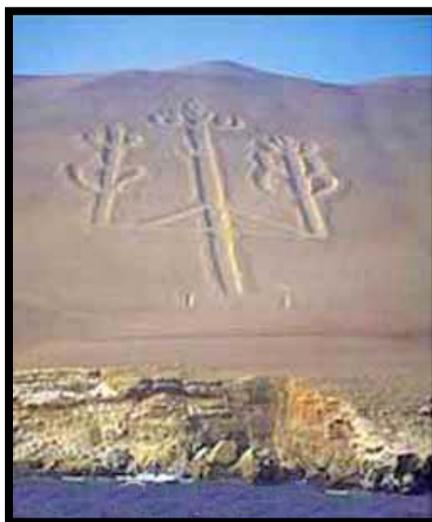


Fig 3-3: O "Beija-flor".

O "Tridente de Paracas", um desenho de 600 pés de altura sobre a baía de Paracas demonstra que a potência do feixe da vassoura pode ser ajustado para fornecer uma escavação muito mais profunda do que as que foram usadas em outros lugares; também os sulcos da figura espiral de Nazca foram relatados tendo "quase um pé de profundidade".



Aliás, o Tridente é o maior *petróglifo* na América do Sul. **Zecharia Sitchin** (1990) faz um argumento bastante convincente de que o Tridente de Paracas foi o símbolo do deus sumério **Adad**, ou, ISH.KUR ("*Ele das montanhas longínquas*"), que estava no comando da mineração da América do Sul. Seu outro epíteto foi ZABAR DIB.BA ("*Aquele que obtém bronze e divide*").

Aparentemente, a *vassoura dos AA* ajudaram a criar as suas notáveis 25.000 milhas de "estradas" do sistema Inca. Hadingham (1987) relata que:

"Ao longo da costa norte... várias seções de estradas incas correm por 25 milhas ou mais sem praticamente qualquer desvio notável. A principal artéria costeira, em particular, muitas vezes ignora pequenos obstáculos geográficos, passando diretamente sobre colinas rochosas ao invés de curvar ao seu redor."

Para outras referências sobre as linhas de Nazca, ver **Isabella** (1978), **McIntyre** (1978), **Hadingham** (1987), **Morrison** (1988), **Von Däniken** (1998).

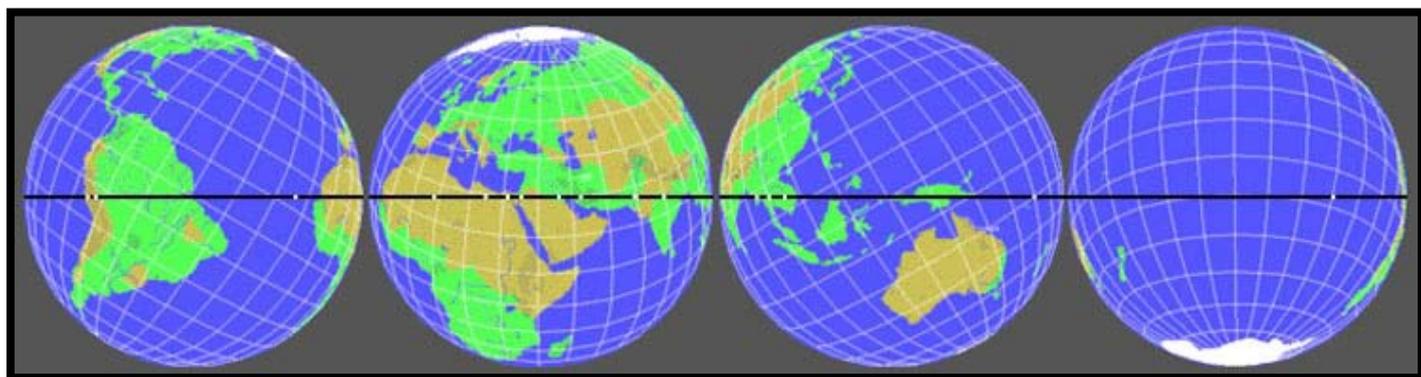
Embora as linhas de Nazca serem as mais famosas, *linhas semelhantes foram relatadas na Bolívia, nos EUA, Chile, e como Linhas de "Ley" na Grã-Bretanha.*

Outros enormes desenhos terrenos podem ser encontrados no Deserto de Atacama, no Chile, a 2.000 pés de altura, cerca de 600 quilômetros ao sul de Nazca. O deserto é literalmente coberto, por muitas milhas, com "geo-glifos". Juntos, eles constituem o "*jardim zoológico do Atacama*", imensas figuras estilizadas.

Viajando mais 250 milhas ao sul, na região da província de Tarapacá, em uma montanha chamada Cerro Unitas, encontramos o "**gigante**", uma enorme figura terrena (600 pés) com "*antenas*" que irradia a partir do lado e topo da sua cabeça. O desenho "*não pode ser reconhecido a partir do solo, uma vez que envolve-se sobre a crista da montanha.*" (Clarke, 1982)

Isso eu considero ser prova irrefutável de que estas figuras foram criadas a partir do ar.

A sua localização ao lado da "*montanha solitária*" também sugere que foi um farol. É o maior desenho terreno conhecido de uma figura estilizada.



O 30º Paralelo

A Ilha de Páscoa está exatamente alinhada ao longo de uma linha reta em torno do centro da Terra, com as linhas de Nazca, Ollantaytambo, Tassili n'Ajjer e a Grande Pirâmide do Egito. Outras maravilhas do mundo que estão dentro de um décimo de um grau deste alinhamento incluem: Persépolis, a capital da antiga Pérsia; Mohen Daro, antiga capital do Vale do Indo; Khajuraho, cidade templo do império Chandela no centro da Índia; o Oráculo de Zeus-Amon em Siwa; e a cidade perdida de Petra. A antiga cidade suméria de Ur e os templos de Angkor no Camboja e Tailândia estão dentro de um grau de latitude deste alinhamento.

Zecharia Sitchin (1980) escreve sobre o 30º paralelo, informando que nesta linha se encontram o sítio de *Tilmun* e as "cidades sagradas" de *Giza-Heliopolis* (Egito), *Eridu* (Mesopotâmia), *Persépolis* (Pérsia), *Harappa* (Vale do Indo), e *Lhasa* (Tibete).

Ele sugere ainda que *"na verdade, estávamos a estudar todos esses sítios, toda a Terra iria provavelmente ser abrangida."*

O deserto de Naza—um sítio de ensaio e calibração para dispositivos usados para marcar a Terra? Pelos AA? A partir do ar?

Eu acho que sim!

Diapasões e a Tecnologia Megalítica

por Montalk

Oficialmente, diapasões de forquilha foram inventados em 1711 por **John Shore**, um músico britânico. Extra-oficialmente, *os traços de sua existência remonta a tempos antigos celtas e egípcios.*

Atualmente eles são utilizados principalmente para *testes de audição, afinação musical, manter o tempo em um relógio de quartzo, e ensinar os princípios da vibração e ressonância* na sala de aula. A comunidade de saúde alternativa usa diapasões de forquilha *para fins de cura.*

Mas qual era a sua utilidade para os antigos? Eu acredito que eles foram usados principalmente para corte, perfuração, e levitar pedras. Vou dar algumas informações nesta nota sobre estas aplicações.

Primeiro considere esta foto das Pedras Pictas Abernethy em **Perthshire**, Escócia:



Nela você vê claramente um diapasão de forquilha e um martelo. Se ambos estão em escala, então o diapasão é bastante grande.

Um martelo seria necessário para atingir um garfo tão grande. Este *garfo era provavelmente feito de bronze*, assim como são feitos os sinos de bronze, devido à rigidez ideal e resistência do material permitindo vibrações prolongadas. Outros materiais como pedra, ferro, cobre e madeira são inadequados. Além disso, os vestígios da civilização Picta/Celta remete à Idade do Bronze.

À direita do garfo está o que parece uma bigorna, machado, ou chifre.

Chifres têm aplicações acústicas, como explicado na *Wikipedia*:

Um auto-falante cônico é um auto-falante completo, ou, elemento auto-falante que usa uma chifre para aumentar a eficiência global do elemento de condução, normalmente conduzido por um diafragma de um

eletroímã. O chifre em si é um componente passivo e não amplifica o som a partir do elemento de condução como tal, mas melhora a eficiência de acoplamento entre o auto-falante e o ar.

O chifre pode ser pensado como um "transformador acústico", que fornece impedância entre o material relativamente denso do diafragma e o ar de baixa densidade. O resultado é uma maior saída acústica de um determinado condutor.

Também vale a pena ressaltar que *esta pedra é colocada em frente de uma torre de pedra redonda*.

Se você ler os trabalhos de **Phil Callahan** você saberá que essas torres, feitas de pedra altamente diamagnéticas, *serviram funções exóticas/ocultas*. Seu piso interno é feito de terra e elevado do solo em diferentes níveis, que Callahan teoriza *permitir o fino ajuste da frequência de ressonância no interior da torre, variando a altura do espaço interior*.

Embaixo está uma tulipa crescendo a partir de uma superfície arredondada, com padrões de turbulência reminiscentes dos padrões cimáticos em líquidos.

Para efeito de comparação, aqui está uma imagem do líquido que está sendo submetido a vibrações (do livro de **Hans Jenny** "*Cymatics, Volume 1*", página 58):



Na foto acima, vibrações formam ondas estacionárias no líquido, que transmite correntes verticais na água que forma padrões de turbulência no corante ou óleo. Esses padrões vibracionais induzidos são virtualmente idênticos aos elementos de design encontrados nos artefatos Pictos e Celtas.

Em seguida, considere estes símbolos em uma estátua egípcia de **Ísis** e **Anubis** (da Cristalinks):



Aí você vê dois diapases unidos uns aos outros por cordas.

A forquilha esquerda se une em dois nós de vibração, a direita a três, possivelmente implicando uma relação de frequência 2:3 entre as duas forquilhas, que é o intervalo musical conhecido como "quinto perfeito" (também conhecido como power chord pelos metaleiros). Abaixo deles está uma folha de quatro formas, padrão remanescente mais uma vez de uma flor. Em seguida, um prato ou lente convexa. E mais abaixo, à esquerda, a mesma bigorna ou alto-falante portátil de forma reluzente.

Então, quais são as chances de que uma velha pedra Picta na Escócia mostrar vários dos mesmos símbolos como uma escultura do antigo Egito? Ambos mostra diapases de forquilha, forma de flor, forma de brilho, e as possíveis associações líquidas (em um o redemoinho cimático líquido, e outro um prato que pode conter líquidos).

Apenas a pedra Picta mostra um martelo, e apenas a escultura egípcia mostra um garfo extra ligado por cordas. *Essas diferenças se limitam a sugerir diferentes formas de fixação da forquilha em vibração.*

Considere a seguinte anedota relatada em 1997 (do kellynet):

Alguns anos atrás, uma amiga americano abriu a fechadura de uma porta que leva ao almoxarifado de um museu egípcio medindo aproximadamente 8 x 10 pés. Dentro, ela encontrou centenas" do que ela descreveu como "diapasão de forquilha".

Estes variaram em tamanho de cerca de 8 polegadas a aproximadamente 8 ou 9 pés de comprimento, e que se assemelhavam a catapultas, mas com um fio de tensão esticado entre os dentes do "garfo". Ela insiste, incidentalmente, que estes eram definitivamente não-ferrosos, mas "aço".

Esses objetos se assemelhavam a uma letra "U" com um cabo (um pouco parecido com um tridente) e, quando o fio era arrancado, eles vibravam por um período prolongado.

Ocorre-me perguntar se *esses dispositivos poderiam ter endurecido brocas ligadas ao fundo de seus cabos e se eles poderiam ter sido utilizados para o corte ou gravura em pedra, uma vez que fossem postos a vibrar.*

Os detalhes técnicos nesta anedota são muito inteligentes para serem confeccionados, na minha opinião.

A ampla forma-U não é algo que você sempre vê em diapasões de forquilha comerciais, mas *são precisamente aquilo que é necessário para ter cordas amarradas entre os dentes.*

Observe como a foto egípcia acima também mostra cordas e diapasões, e isso é verificado a partir de um antigo artefato egípcio. *Cordas amarradas desta forma* (quer entre garfos, ou entre os dentes de um garfo), como em uma harpa, piano, ou violão, *podem ser apertadas para o tom exato assim como o diapasão de forquilha, e, assim, curvando ou arrancando-as, o garfo pode ser posto a vibrar, sem necessidade de um golpe.*

Este recurso é igualmente nunca visto nos modernos diapasões de forquilha comerciais. Curvar a corda seria o ideal, já que ele faria uma vibração constante, assim como um violino pode ser inclinado para fazer uma nota prolongada. Aqueles garfos maiores que tinham 8-9 metros de comprimento indica seriamente alguns sons baixos e/ou altos e prolongados eram exigidos.

Considerando que *diapasões de forquilha podem hoje serem vibrados por meio de amplificadores eletrônicos que usam um campo magnético pulsante para definir os dentes em movimento*, nos tempos antigos um simples golpe, arquear, e um puxão faziam o trabalho igualmente bem.

Essas vibrações podem ser aplicadas na perfuração, corte, e levitar pedras.

Perfuração Sônica

Você não pode perfurar e dar formas a pedras *como se fossem de metal ou madeira*, especialmente pedras duras como o granito, porque são feitas de partículas minerais extremamente rígidas que superaquece e desgasta as brocas.

Normalmente, leva-se um disco de cortar diamantes especial e uma broca girando lentamente, muito fluído de arrefecimento, e uma evolução muito lenta para perfurar granito.

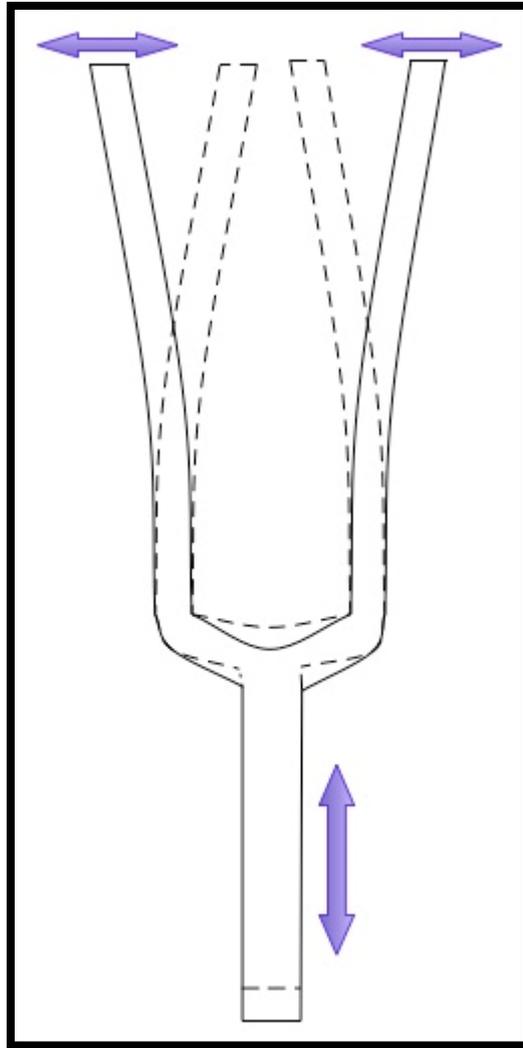
O melhor método é a perfuração sônica. *As vibrações sonoras são enviadas através de uma broca ou até mesmo um tubo de metal, de modo que a extremidade em contato com a superfície da pedra funcione como uma britadeira de alta-frequência. A broca mal precisa virar, já que é o impacto e fragmentação vibracional que fazem o trabalho.*

Comparado ao sistema convencional, este método é mais rápido, coloca menos desgaste na ferramenta, e gasta menos energia.

Então, concebivelmente alguém poderia girar a manivela de um diapasão de forquilha grande em uma haste de corte, no meio de um tubo de perfuração ou broca, e assim ter uma broca sonora que pode lidar com pedras duras. Mesmo um tubo de cobre cortaria um granito neste caso. Ou, em vez de um tubo, o final poderia ser plano como um formão ou pá de corte ao invés da broca.

Para fazer um diapasão de perfuração sônica, *a frequência de ressonância da haste de corte deve coincidir com a frequência do garfo que estiver anexado.*

O modo como isso funciona é que *as vibrações transversais a partir dos dentes move o fundo da forma-U para cima e para baixo, que emite vibrações longitudinais ao longo da haste de corte.*



Na frequência de ressonância da haste, estas vibrações criam ondas estacionárias com vibração máxima no início e no final da haste, e um ponto de nenhuma vibração no meio onde um cabo perpendicular pode ser anexado, se necessário.

Aqui estão alguns links sobre perfuração sonora e a física do diapasão:

- [Tuning Forks For Vibrant Teaching](#)
- [NASA research into ultrasonic drilling](#)
- [Technical info on sonic drills for mining applications](#)

A frequência de um diapasão é aproximada pela seguinte equação:

$$[f = 1/T^2 \sqrt{(A E)/\rho}]^{(1)}$$

[f] é frequência (Hz)

[T] é o comprimento dos dentes (m)

[A] é a área transversal de um dente ([m²])

[E] é o módulo de Young do material do garfo (pascal)

[ρ] é a densidade do material do garfo ([kg/m³])

A frequência de uma haste de metal é:

$$[f = 1/(2 L) \sqrt{E/\rho}]^{(2)}$$

$$[f = v / (2L)]$$

[f] é frequência (Hz)

[E] é o módulo de Young do material da haste (pascal)

[rho] é a densidade do material da haste ($[(\text{kg})/\text{m}^3]$)

[L] é o comprimento da haste (m)

[v] é a velocidade do som no material da haste ($[(\text{m}/\text{s})]$)

Se o garfo e a haste são feitos do mesmo material, e se os dentes têm uma seção transversal quadrada com largura [W], em seguida, definindo essas frequências iguais e simplificando:

$$[L = T^2 / (2 W)]^{(3)}$$

[L] é o comprimento da haste (m)

[T] é o comprimento dos dentes (m)

[W] é a largura do dente (m)

Esta simples equação diz quanto tempo para fazer uma haste de um diapasão de qualquer tamanho (mais uma vez, desde que o garfo tenha uma seção de dentes transversal quadrada e ambos garfos e haste sejam feitos do mesmo material... se não, então essa equação será ligeiramente mais complicada, mas tudo que você faz é igualar (1) e (2) e resolver por [L]).

Então, vamos conectar alguns números, para ter uma idéia de como uma broca de perfuração sônica seria. Dentes de 30 cm de comprimento e 3 cm de espessura contribui para uma frequência de ressonância de 1100 Hz e exige uma vara de 1,5 m de comprimento. Aqui está uma imagem desenhada à escala (imagem da direita):

Observe o quão comprido a haste é, em relação ao garfo, e como ele realmente se parece com um tridente ou arpão, e pode funcionar como tal se os dentes são afiados. *Esta é uma reminiscência de Netuno, o deus da Atlântida. Este símbolo aquático aparece no mito egípcio de Hórus (deus falcão) golpeando seu inimigo com um arpão, bem como os egípcios associando seus ancestrais antediluvianos com o símbolo do arpão.*

Os celtas igualmente têm suas lendas sobre a chegada na Europa, depois de fugir de uma ilha afundando para o noroeste (provável Groelândia ou Islândia).

Em outras palavras, uma civilização antediluviana saindo do oceado com tecnologia avançada, incluindo diapasões de forquilha tipo arpão, pode ter se separado após o cataclismo, alguns fundando o Egito, outros se tornando os antepassados dos Druidas/Celtas/Pictos.



Levitação de Pedras

A Grande Pirâmide, megálitos antigos, Stonehenge, e o "Castelo Coral" de **Edward Leedskalnin** na Florida, são testemunhos de uma tecnologia secreta, que permitiu que as pessoas com métodos simples moverem as pedras até várias centenas de toneladas de peso.

Tudo aponta para o som sendo o ingrediente principal.

Isto não é o mesmo que a levitação acústica demonstrada em laboratórios de física hoje em dia, onde as bolas de ping-pong e objetos similares de peso leve *são levitados pelo impacto da pressão do ar das ondas estacionárias produzidas por megafones muito altos*. Pelo contrário, eu quero dizer o som sendo o iniciador de um processo que acaba por alterar a gravidade diretamente.

Isso é mais evidente no tamanho das pedras megalíticas.

- Porque os antigos não usaram pedras menores que eram mais fáceis de carregar?
- Por que eram pedras de 10-500 toneladas mais prevalentes do que aquelas abaixo de uma tonelada?

Provavelmente porque quando menor a pedra, maior a sua frequência de ressonância, e mais difícil é produzir um som potente com uma frequência exigida, com diapasões e/ou voz humana.

Ambos forquilha e voz humana têm uma faixa de frequência limitada, geralmente 100-3000 Hz. *Se você converter essa faixa de frequência em uma faixa admissível do tamanho das pedras, ela corresponde à faixa de tamanho das pedras megalíticas no mundo.*

Foi somente após a perda desta tecnologia que os edifícios e estruturas de pedra foram construídos com blocos muito menores. Você vê isso em *Micenas, Malta, Machu Picchu, Baalbek, e Egito*, onde as primeiras pedras são enormes e precisamente ajustadas, enquanto que aquelas adicionadas mais tarde são menores e geralmente marcadas pela força.

Isso só pode ser porque as antigas eram em formadas e colocadas no lugar através de *uma tecnologia exótica que atenuava a gravidade.*

O maior megálito é a **Pedra da Gestante** em Baalbek. Ela tem 21,5 metros de comprimento, feita de granito vermelho, e pesa cerca de 500-1000 toneladas. *Sua frequência de ressonância, como a de uma haste de metal, depende do seu tamanho e da velocidade do som através dela.* A velocidade do som em granito vermelho é de aproximadamente 4500 m/s, fornecendo uma frequência de ressonância de 105 Hz.

Se a sua largura de 4,8 metros é utilizada em vez disso, a frequência é de 469 Hz. Outro exemplo, os típicos blocos da Grande Pirâmide têm um comprimento de 2,2 metros, e com uma velocidade do som através do calcário sendo de 3000 m/s, sua frequência de ressonância é 682 Hz.

Todos estes estão bem dentro da faixa de frequência ideal dos diapasões de metal e da voz humana. Diapasões só vão tão alto em tom antes da viscoelasticidade do material em que a altura é muito alta e o toque abranda-se muito rapidamente.

Da mesma forma, a voz humana só vai até tal altura. Se a voz é utilizada, é provável que através do método místico do canto harmônico, *um método de manipulação vocal que produz um som claro de toque semelhante à um diapasão.*

Aliás, o canto harmônico *estabelece as ondas estacionárias dentro do crânio e não dentro da cabeça, tal como um som ressonante faz dentro de uma pedra, como descrito abaixo.* A seção transversal do crânio tem similaridade com a visão superior do Stonehenge, no sentido de um arranjo circular de minerais em torno de um conjunto de pequenas pedras no centro, *neste caso as pedras menores sendo as formações calcinárias dentro da glândula pineal.*

Além disso, se você prestar atenção nos primeiros 15 minutos de **Encontros com Homens Notáveis** (autobiografia de **Gurdjieff**), você verá exatamente o método usado para fazer as pedras cantarem.

E finalmente, veja o *Capítulo 18* do **Mensageiros do Amanhecer**, para discussão sobre *o som que está sendo usado para psicometricamente extrair conhecimento a partir de crânios ociosos de mestres espirituais falecidos*, semelhante à forma como, de acordo com as **Transcrições Cassiopéias**, o Stonehenge *foi usado para baixar informações para o chacra coronário através do canto harmônico* (denominado "canal tonal" nas transcrições).

Piezo-Eletro-Gravitação

Então, como o som faz essas coisas em uma pedra?

Bem, quando uma pedra vibra na sua frequência de ressonância, uma onda de compressão/expansão prepara-se dentro dela. O que faz as pedras únicas é que elas são piezo-elétricas, o que significa que *convertem pressão em eletricidade*.

Portanto, aplicando som a uma pedra, o som é convertido em energia eletromagnética ou eletrogravitacional.

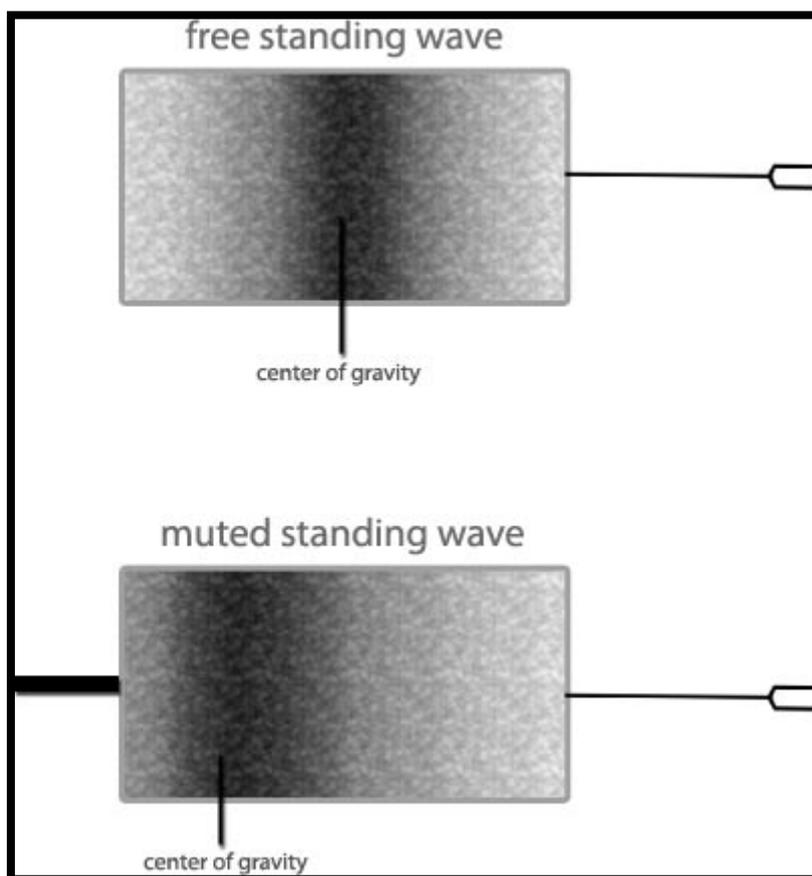
Imagine que—você golpeia um diapasão grande com um martelo, aplica o fundo de sua haste em um lado de uma pedra, a pedra vibra em simpatia, ondas estacionárias surgem dentro da pedra, e as ondas estacionárias transformam-se em ondas eletromagnéticas ou gravitacionais.

Como as ondas gravitacionais são produzidas dessa maneira está implícito nas minhas outras Notas de Pesquisa física. Em suma, *ondas acústicas longitudinais em pedras criam ondas longitudinais de potencial magnético vetorial dentro da pedra, graças ao efeito piezoelétrico, e estes são identicamente ondas potenciais gravitacionais*.

Quando ondas gravitacionais potenciais são feitas para serem ondas estacionárias, você tem um nó gravitacional estável ou antinodo no centro da pedra—essencialmente um centro de gravidade artificial vibrando. *Isso por si só pode afetar o peso da pedra* (para não mencionar, *pode abrir portais se o nó gravitacional é suficientemente intenso*).

Agora, emudecendo adicionalmente o extremo oposto da pedra (digamos através de uma haste não vibrante pressionado contra ela) o nó move-se um pouco para fora do centro, *assim desequilibrando o centro de gravidade da pedra*. Se moveu-se para cima, a pedra vai se tornar mais leve.

O ponto de bloqueio e o ponto de vibração aplicada podem ser deslocados para direcionar as pedras.



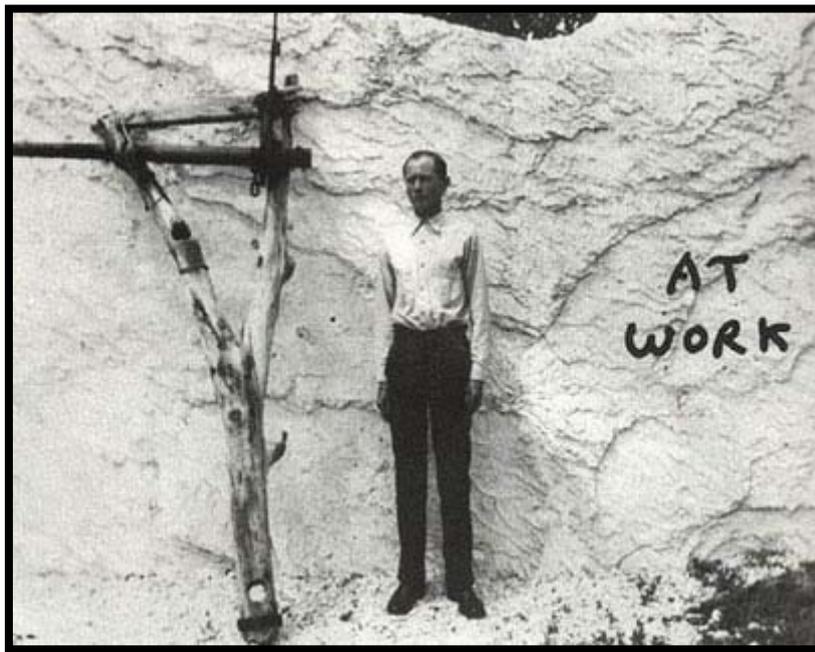
Assim, a mesma tecnologia usada para perfurar, cortar e dar forma às pedras, também pode ser usada para levitá-las através de um processo de acoplamento acústico-elétrico-gravitacional.

Aqui está uma foto de **Edward Leedskalnin**, um pedreiro lituano que sozinho construiu o seu parque-rochoso na Flórida. É um mistério como *ele foi capaz de levantar essas pedras pesadas e até mesmo empacotá-las e mover todo o parque por 10 milhas sozinho para um novo local*.

Lá você verá um eixo de metal com um fio enrolado em torno dele, montado em um galho que funciona como um suporte eletricamente isolante.

Esteve presente um diapasão eletromagnético que **Leedskalnin** aplicava aos blocos extraídos do coral? Será que o garfo (ou melhor, a haste de metal) vibra acusticamente e também eletromagneticamente? Seria este cabo subindo até o lado direito do aparelho o cabo de alimentação?

Talvez... Eu estou apenas incluindo-a aqui porque é uma foto interessante (imagem abaixo):



É possível, no entanto, que algo mais seja necessário para levantar uma pedra do que uma mera vibração; talvez a vibração apenas desprende a pedra um pouco das leis da física e, *em seguida o poder etérico/psíquico/consciente deve ser aplicado para fazer o movimento*.

Mas não tenho dúvidas de que o som aplicado a pedras, a criação de ondas estacionárias dentro delas, e o efeito piezoelétrico desempenham um papel neste processo.

O ponto desta *Nota de Pesquisa* é mostrar como o uso engenhoso de uma tecnologia simples pode concebivelmente produzir efeitos maravilhosos que nem mesmo a tecnologia moderna pode reproduzir, porque a tecnologia moderna tem sido castrada e impedida de acessar os segredos da energia etérica e gravidade.

Geometria Sagrada no Reino Quântico

por David Wilcock

Como ilustrado em nosso volume anterior, a maioria das imagens cosmológicas unificadas que temos descrito neste livro são fornecidas em excelentemente detalhadas através das escrituras **Védicas**, que datam-se como tendo 18.000 anos de idade. É altamente provável que toda a cosmologia que estamos discutindo fosse bem conhecida, tanto pelos **Atlantes** quanto pelos **Ramans** durante os tempos antigos.

Em seguida, cerca de 12.000 anos atrás, um cataclismo mundial causou a destruição de ambas as civilizações. Conforme os anos passaram, *aqueles que herdaram o conhecimento científico teriam mais e mais dificuldades em ver o "grande panorama"*.

Quase todas as tradições sagradas, incluindo as dos **Vedas**, *insistiam que havia uma ordem oculta que unifica todos os aspectos do Universo*, e que, *com estudo sábio e visualização das formas geométricas subjacentes desta ordem, a mente do Iniciado poderia ser conectada com a Unidade do Universo, permitindo que grandes feitos da consciência e da capacidade mente-sobre-matéria acontecessem*.

Algumas dessas visualizações foram descobertas com o *estudo das mandalas*, tais como a formação **Sri Yantra**.

Outros optaram por participar de danças, onde os movimentos e as músicas estavam em sintonia com estes padrões geométricos. Ainda outros preferiram montar, esculpir e/ou desenhar essas formas com um esquadro e compasso, daí a importância do principal símbolo da fraternidade **Maçônica**, que tem a letra "**G**", simbolizando "*God*" (Deus), "*Geometria*" e o "*Grande Arquiteto do Universo*", rodeado por um compasso sobre ela e um esquadro abaixo.

Grupos Pré-Maçônicos como os **Templários** escolheram para codificar essas relações geométricas em suas estruturas sagradas, como os vitrais nas catedrais.

Geometria Sagrada e os Sólidos Platônicos

Assim, a pedra fundamental do conhecimento para as escolas de mistério sobre esta ordem oculta no universo tem sido sempre a Geometria Sagrada. Temos escrito muito sobre este assunto em nossos livros anteriores, e o leitor é convidado a consultá-los para uma maior compreensão. Em suma, a geometria sagrada é simplesmente uma outra *forma de vibração*, ou "*música cristalizada*".

Considere o exemplo que segue:

Primeiro, nós vibramos uma corda de guitarra. Isso cria "*ondas estacionárias*", ou seja, ondas que não se movem para trás nem para frente em toda a corda, mas permanece estável em um só lugar. Vamos ver algumas áreas onde existe um extremo do movimento vertical, que representa a parte superior e inferior da onda, e outras áreas onde não há movimento vertical, conhecidas como nodos. Os nódulos que se formam em qualquer tipo de onda estacionária serão sempre de modo uniforme entre eles, e a velocidade da vibração irá determinar quantos nodos aparecerão. Isto significa que quanto mais a vibração aumenta, mais nodos vamos ver.

Em duas dimensões, podemos usar tanto um osciloscópio ou vibrar um plano circular "*placa Chladni*" e ver o desenvolvimento dos nodos que formarão formas geométricas comuns como o quadrado, triângulo e hexágono, quando conectados juntos.

Este trabalho tem sido repetido muitas vezes pelo **Dr. Hans Jenny, Gerald Hawkins** e outros.

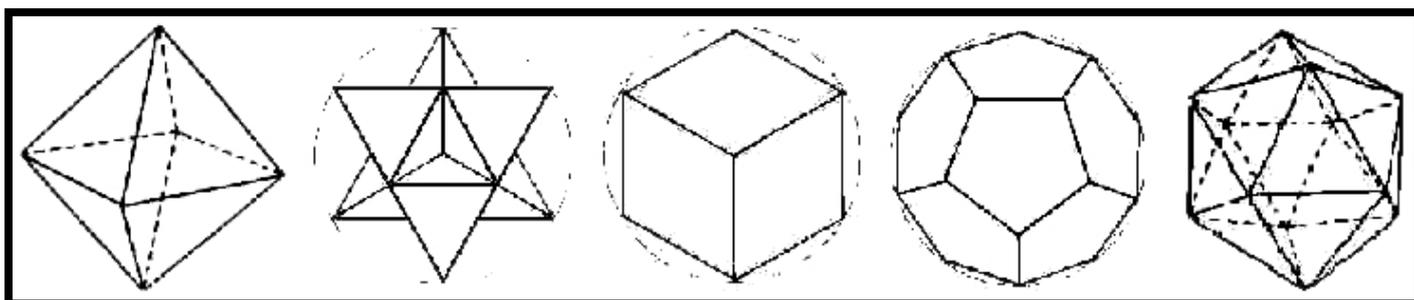
- Se o círculo possui três nodos igualmente espaçados, então eles podem se conectar para formar um triângulo;
- Se o círculo tem quatro nodos igualmente espaçados, ele pode formar um quadrado;
- Se ele tem cinco nodos, ele forma um pentágono;
- Seis nodos formam um hexágono, et cetera.

Embora este seja um conceito muito simples em termos de mecânica ondulatória, **Gerald Hawkins** foi o primeiro a estabelecer matematicamente que tais geometrias inscritas dentro dos círculos eram de fato as relações musicais. Podemos ser surpreendidos ao perceber que ele foi levado a esta descoberta analisando várias formações geométricas que aparecem durante a noite nos campos e plantações do interior britânico.

Isto foi abordado em ambos dos nossos volumes anteriores.

As mais profundas, as mais reverenciadas formas da Geometria Sagrada são tridimensionais, e são conhecidas como os **Sólidos Platônicos**. Existem apenas cinco formações existentes que seguem todas as regras necessárias para se qualificar, e estes são o octaedro de oito faces, tetraedro de quatro faces, cubo de seis faces, dodecaedro de doze faces e o icosaedro de vinte faces.

Aqui, o tetraedro é mostrado como uma "*estrela tetraédrica*" ou tetraedro entrelaçado, significando que você tem dois tetraedros que estão unidos em perfeita simetria:



Da Esq. p/ Dir. – Os Cinco Sólidos Platônicos Básicos: Octaedro, St. Tetraedro, Cubo, Dodecaedro, Icosaedro.

Aqui estão algumas das principais regras para estes sólidos geométricos:

- Cada formação terá a mesma forma por todos os lados:
 - faces triangulares equiláteras no octaedro, tetraedro e icosaedro;
 - faces quadradas no cubo;
 - faces pentagonais no dodecaedro.
- Cada linha em cada uma das formações terá exatamente o mesmo comprimento.
- Cada ângulo interno de cada uma das formações também será o mesmo.

E o mais importante,

- *Cada forma vai se encaixar perfeitamente dentro de uma esfera, todos os pontos tocando as extremidades da esfera, sem sobreposições.*

Similar aos casos de duas dimensões que envolvem o triângulo, quadrado, pentágono e hexágono dentro do círculo, os sólidos platônicos são simplesmente representações de formas de onda em três dimensões.

Este ponto não pode ser forçado com força suficiente. Cada ponta ou vértice dos **sólidos platônicos** toca na superfície de uma esfera em uma área onde as vibrações cancelaram-se de modo a formar um nodo. Assim, o que estamos vendo é uma *imagem geométrica tridimensional da vibração/pulsação*.

Ambos os estudantes de **Buckminster Fuller** e seu protegido **Dr. Hans Jenny** desenvolveram experiências inteligentes que mostraram como os **sólidos platônicos** formariam dentro de uma esfera de *vibração/pulsação*. No experimento realizado pelos alunos de Fuller, um balão esférico foi mergulhado em corante e pulsado com frequências de som "puras", conhecidas como as razões sonóras "Diatônicas".

Um pequeno número de nodos uniformemente distanciados formaria-se em toda a superfície da esfera, bem como finas linhas que ligavam uns aos outros. Se você tem quatro nodos igualmente espaçados, você verá um tetraedro. Seis nodos espaçados, formará um octaedro. Oito nodos espaçados, formará um cubo. Vinte nodos igualmente espaçados é a forma do dodecaedro, e doze nodos espaçados formam o icosaedro.

As linhas retas que vemos nesses objetos geométricos representam simplesmente *as tensões que são criadas pela "menor distância entre dois pontos"* para cada um dos nodos conforme eles se distribuem por toda a superfície da esfera.

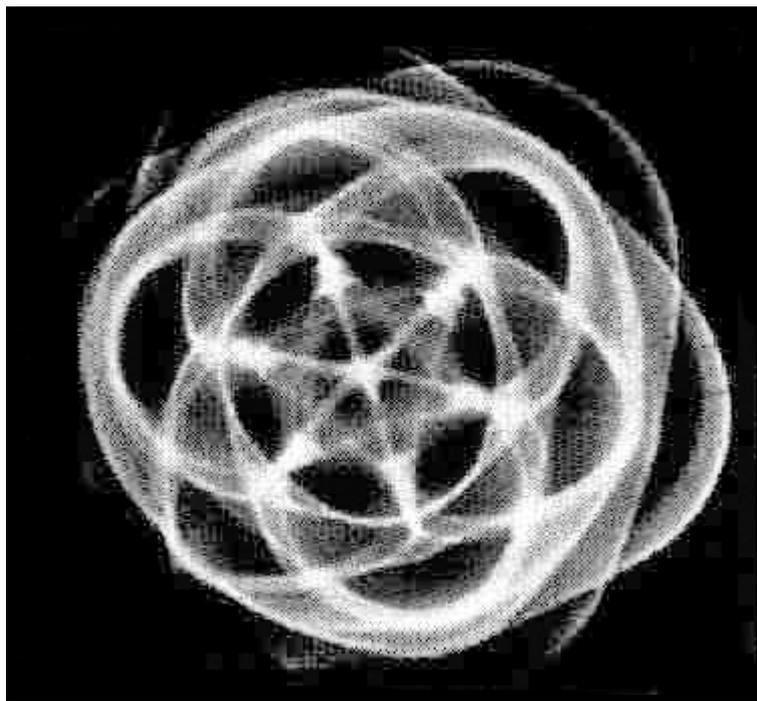


Figura 3.2: Formação do Sólido Platônico do Dr. Hans Jenny em fluido vibracional esférico.

Dr. Hans Jenny realizou um experimento semelhante, uma pequena parte do que é aqui retratado na *Figura 3.2*, onde uma gota de água que possui uma suspensão de partículas muito finas de cor clara, conhecida como "suspensão coloidal".

Quando uma gotícula de água mais ou menos esférica com partículas foi vibrada em várias frequências musicais "Diatônicas", *os sólidos platônicos aparecerão dentro*, rodeados por linhas curvas elípticas que ligariam juntos seus nodos, como podemos ver na foto, onde é claro que há dois tetraedros na área central.

Se a gota fosse uma esfera perfeita, em vez de uma esfera achatada, então as formações seriam ainda mais visíveis.

Sólidos Platônicos e “Simetria” em Física

O mistério e significado dos **Sólidos Platônicos** não foram completamente perdidos para a ciência moderna, conforme essas formas *se encaixam em todos os critérios necessários para a criação de "simetria" em física de muitas maneiras diferentes.*

Por esta razão, eles são vistos frequentemente em teorias que lidam com multi-dimensionalidade, onde muitos "planos" precisam se cruzar de maneira simétrica, para que possam alternarem-se em um número de maneiras e permanecerem sempre nas mesmas posições em relação umas às outras. Essas teorias multi-dimensionais incluem a “Teoria do Grupo”, também conhecida como “*Teoria de Calibre*”, que sempre apresenta vários modelos platônicos de "circundar" espaços hiperdimensionais.

Essas mesmas “*funções modulares*” são consideradas as mais avançadas ferramentas matemáticas disponíveis para o estudo e compreensão das “*dimensões superiores*”, e a teoria das “Supercordas” é inteiramente construída a partir delas. Em suma, os **Sólidos Platônicos** *já são conhecidos por ser a chave mestra para abrir o mundo das "dimensões superiores"*. Lembre-se que temos apenas mencionado brevemente os pontos acima, pois eles têm sido bem abordados em nossos volumes anteriores, e a chave é a simetria.

Quando mantivermos em mente a *qualidade simétrica dos Sólidos* como já foi mencionado, as palavras de **Dr. Wolff**, a partir do Capítulo 5, intitulado *Sobre a Importância de Viver em Três Dimensões* deve fazer sentido para nós:

Pg. 71 - Como seu orientador na exploração, posso dizer-lhe: "Quando você vê uma situação de simetria em um problema físico, pare e pense! Porque você quase sempre encontrará uma maneira mais fácil de resolver o problema usando a propriedade da simetria." Esta é uma das recompensas de brincar com a simetria. As idéias são perfeitas...

Em matemática e geometria, há uma necessidade de ser preciso; portanto, entende-se que simetria é uma função ou uma figura geométrica que permanece a mesma, apesar de:

- uma rotação de coordenadas,
- movimento ao longo de um eixo, ou
- uma troca de variáveis.

Na ciência física, que é a nossa principal preocupação, a existência de uma simetria normalmente significa que uma lei da natureza não muda, apesar de:

- 1) uma rotação de coordenadas no espaço,
- 2) movimento ao longo de um eixo através do espaço,
- 3) mudar o passado no futuro tal que t se torna $-t$,
- 4) uma intercâmbio de duas coordenadas, como a troca X com Y , Z com $-z$, etc. ou,
- 5) a alteração de qualquer variável dada.

Os **Sólidos Platônicos** têm o maior simetria geométrica de todas as formas de existência, embora o **Dr. Wolff** não chame-os pelo nome aqui.

No trecho seguinte do **Dr. Aspden**, ele se refere às formas sólido platônico no éter como "cristais líquido", e explica como *elas podem ter um efeito semelhante a um sólido, até mesmo enquanto elas estão aparecendo em meio fluídico*:

... Físicos do século XIX ficaram intrigados com o éter porque exibe algumas propriedades nos dizendo que é um fluido e algumas dizendo-nos que é um sólido. Essa foi a percepção de um momento quando pouco ou nada se sabia sobre "cristais líquidos". Os monitores de muitas calculadoras de bolso usam sinais elétricos e dependem das propriedades de uma substância que, *como o éter, exibe propriedades características de ambas estados líquido e sólido em função das perturbações do campo elétrico*.

Isso nos dá uma explicação "sólida" por que **Tesla** disse que *o éter "se comporta como um líquido para a matéria, e como um sólido para luz e calor."* Os **sólidos platônicos** na verdade, agem como se fossem quadros estruturais no éter, organizando a energia fluindo em padrões específicos.

Assim, os **Sólidos Platônicos** são as simples formas geométricas da "música cristalizada" que, naturalmente, constituir-se no éter, quando pulsa. Outro ponto importante a lembrar é que, como a hierarquia dos Sólidos Platônicos "cresce" dentro de cada um, *o movimento sempre ocorrerá ao longo dos caminhos em espiral, predominantemente enraizadas na clássico razão "phi"*.

Ondas de torção foram observadas seguindo o padrão "**phi**" também, que deve ser mais explorado quando discutimos o sub-apreciado fenômeno "*poder piramidal*" e o "*efeito estrutural da cavidade*" desbravado por **Dr. Victor Grebennikov** no Capítulo Sete.

Física dos Microgrupos

Quando estávamos terminando a primeira metade deste livro, um novo alerta associado para o novo campo florescente da "*física dos microgrupos*", que muda toda a nossa visão do mundo quântico, apresentando-nos com uma fase completamente nova da matéria que não obedecem as "regras" convencionalmente aceitas.

Microgrupos são pequenas "partículas" que apresentam evidências claras e diretas que os átomos são vórtices no éter, que naturalmente se reúnem em formações Sólido-Platônicas por sua vibração/pulsação. Além disso, essas novas descobertas representam um grande desafio para aqueles que ainda acreditam que devem haver elétrons individuais orbitando um núcleo ao invés de nuvens de elétrons de onda estacionária de energia etérea que se montam em padrões geométricos.

A história dos "*microgrupos*" primeiro entrou no mundo das tendências predominantes em 1989 com a edição de dezembro da revista *Scientific American*, em um artigo escrito por **Michael A. Duncan** e **H. Dennis Rouvray**:

Dividir e subdividir um sólido e os traços de sua solidez amortece-se um a um, como as características do Gato de Cheshire, para ser substituído por características que não são aquelas de líquidos ou gases. Eles pertencem, em vez disso, a uma nova fase da matéria, o microcluster... Eles colocam questões que estão no cerne da física e química do estado sólido, e os campos relacionados à ciência dos materiais.

Quão pequeno deve um agregado de partículas tornar-se diante do caráter da substância, que uma vez formado, é perdido? Como pode os átomos reconfigurarem-se se libertados da influência da matéria que os rodeia? Se a substância é um metal, quão pequeno deve este pequeno aglomerado de átomos evitar o compartilhamento característico dos elétrons livres que subjaz condutividade?

Menos de dois anos após esta história aparecer nas tendências predominantes, a ciência da física dos microgrupos foi realizada em sua própria escola de pós-graduação, livro de autoria do **Satoru Sugano** e **Hiroyasu Koizumi**. O

Microcluster Physics foi publicado pela respeitável corporação Springer-Verlag como o volume 21 em uma série de textos no campo da ciência dos materiais.

Todas as citações deste texto que vamos usar são de sua segunda edição revisada, que foi lançado em 1998.

No texto de **Sugano** e **Koizumi**, somos informados de que com as novas descobertas dos microgrupos, podemos organizar grupos de átomos em quatro categorias básicas de tamanho, cada um com propriedades diferentes:

- **Moléculas:** 1-10 átomos;
- **Microgrupos:** 10-1000 átomos;
- **Pequenas Partículas:** 1000-100.000 átomos;
- **Massa:** 100.000+ átomos.

Quando estudamos a lista acima, esperaríamos inicialmente que microgrupos teriam traços em comum com as moléculas e com as partículas finas de ambos, mas na verdade, eles têm propriedades que nem mostram, como Sugano et al. explica aqui:

Microgrupos consistindo de 10 a 10^3 átomos apresentam nem as propriedades do volume correspondente, nem as da molécula correspondente de alguns átomos. Os microgrupos podem ser considerados como uma nova fase dos materiais situada entre os sólidos macroscópicos e partículas microscópicas tais como os átomos e moléculas, mostrando tanto as características macroscópicas e microscópicas. No entanto, a investigação sobre essa nova fase foi deixada intacta até os últimos anos pelo desenvolvimento da teoria quântica da matéria.

À medida que continuamos a leitura, ficamos a saber que microgrupos não formam aleatoriamente a partir de qualquer grupo de 1-10 átomos; apenas alguns "números mágicos" de átomos vão se reunir para formar microgrupos.

A citação a seguir descreve como isso foi descoberto pela primeira vez, e quando a lemos, devemos lembrar que o "espectro de massas" sendo mencionado descreve a análise espectroscópica que nós vimos no último capítulo. Quando os "feixes de grupos" estão sendo discutidos, isso significa que os átomos (como Na, ou sódio) estão sendo explodidos através de um pequeno bocal para formar um "feixe", que é então analisado.

Mais importante, como a explosão de átomos para fora do bocal, *alguns deles se reúnem espontaneamente em microaglomerados, que demonstram propriedades anômalas:*

As características microscópicas dos microgrupos foram revelados pela observação de anomalias do espectro de massa de um Na [sódio] do feixe de grupo em tamanhos específicos, chamados números mágicos. Em seguida, isto foi confirmado experimentalmente que *os números mágicos vêm da estrutura das camadas dos elétrons de valência.*

Sendo estimulados por estes resultados que marcaram época nos microgrupos metálicos e auxiliados pelo progresso das técnicas experimentais produzindo microgrupos relativamente densos, não-reativos de diferentes tamanhos na forma de feixes de grupo, o domínio de investigação dos microgrupos desenvolveu-se rapidamente nestes 5-7 anos [desde a primeira edição de 1991 do livro.] O progresso é também devido ao aumento de computadores e de técnicas computacionais...

O campo dos microgrupos está atraindo a atenção de muitos físicos e químicos (e até mesmo biólogos!) trabalhando em ambas pesquisas pura e aplicada, como isto é interessante não só do ponto de vista fundamental, mas também do ponto de vista *das aplicações em eletrônica, catálise, engenharia de íons, engenharia carbono-química, fotografia e assim por diante.*

Nesta fase de desenvolvimento, considera-se que um livro introdutório é necessário para iniciantes nesta área, clarificando os conceitos físicos fundamentais importantes para o estudo dos microgrupos. Este livro foi concebido para satisfazer essa exigência. É baseado na série de palestras para alunos de pós-graduação (principalmente em física) da *Universidade de Tóquio*, *Universidade de Kyoto*, *Universidade Metropolitana de Tokyo*, *Instituto Tecnológico de Tokyo* e na *Universidade de Kyushu*, no período de 1987-1990.

Nossa próxima citação vem da primeira área no livro de Sugano e Koizumi, onde são dadas informações específicas sobre as propriedades físicas de alta anômalia dos microgrupos.

Embora sejam apenas ligeiramente menor do que as partículas finas em termos do número de átomos, eles são muito mais estáveis. Aqui, *a maior estabilidade se refere ao fato de que os microgrupos queimam a uma temperatura muito maior do que as moléculas ou partículas finas dos mesmos elementos.*

De acordo com David Hudson, (que discutiremos mais tarde), os cientistas russos foram os primeiros a descobrir que os microgrupos devem ser queimados por mais de 200 segundos para revelar um espectro de cores a ser analisado, enquanto todos os outros compostos moleculares conhecidos queimam no máximo de cerca de 70 segundos:

Quando chegamos ao fragmento chamado microgrupo com um raio da ordem de 10 angstroms por dividir ainda mais as partículas finas, vemos que temos que usar uma física diferente do que para as partículas finas. A diferença essencial é derivada do postulado teórico, apoiado em parte por meio de experimentos, que os microgrupos de uma determinada forma e tamanho podem, em princípio, serem extraídos e suas propriedades podem ser medidas, *apesar deste tipo de medição ser impossível para as partículas finas.*

Esse postulado pode ser justificado considerando o fato de que grupos de uma determinada forma regular são muito estáveis em comparação com as das outras formas, cujo número é bastante pequeno. Em contraste a este fato, as partículas finas de diferentes formas e um tamanho fixo formando um grande elenco para permitir um tratamento estatístico, *são quase degenerados em energia.* Isso torna impossível a extração de partículas finas de uma determinada forma.

Evidências bem definidas foram obtidas tal que, *microgrupos de elementos metálicos alcalis [1.8] e nobres [1.9] na forma de um feixe de fragmentação têm uma forma quase esférica do tamanho dos números chamados mágicos.* Um número mágico significa um tamanho específico N [ou seja, o número de átomos no grupo] onde anomalias de abundância no espectro de massa são encontrados. Isso indica que os microgrupos desses tamanhos são relativamente estáveis em comparação com as de tamanhos vizinhos.

As formas "*quase esféricas*" que são descritas acima serão vistas nas citações mais tarde, como os **Sólidos Platônicos** e geometrias relacionadas. Nossa próxima passagem é provavelmente demasiado técnica para a maioria dos leitores e podem ser puladas, mas é uma descrição clara de como os "*feixes de fragmentação*" estão sendo feitos e analisados e quais "*números mágicos*" de átomos surgiram.

Além disso, devemos notar que *os grupos que são formados tornam-se eletricamente neutros*, que é outro resultado anômalo e inesperado:

Como exemplo, mostraremos o espectro de massa do feixe de fragmentação do Na na Fig. 1.5. O feixe é produzido pela expansão adiabática de uma mistura gasosa aquecida de Na e Ar através de um bocal. Os grupos Na no feixe são fotoionizados, sua massa analisada por um analisador quadrupolar de massas e, finalmente, detectado por um sistema de detecção de íons. Exames detalhados do experimento verificam que o espectro de massa então observado reflete [eletricamente] os grupos neutros originalmente produzidos pela expansão à jato. As anomalias da abundância do tamanho N, sendo 8, 20, 40, 58 e 93 (Fig. 1.5), são considerados como os números mágicos dos grupos neutros de Na.

Agora preste muita atenção à frase seguinte, já que seu significado pode ser facilmente perdido:

No que se segue, pretendemos mostrar que *esses números mágicos estão associados à estrutura orbital dos elétrons de valência que se deslocam de forma independente em um potencial efetivo esfericamente simétrico...*

O que isto está nos dizendo é que os "elétrons" hipotéticos não estão mais ligados aos seus átomos individuais nos microgrupos, mas movem-se independentemente durante todo o grupo em si!

Lembre-se que em nosso modelo quântico, não há elétrons, *somente nuvens de energia etérica que estão fluindo em direção ao núcleo através do efeito Biefeld-Brown*. Neste caso, o **microgrupo atua como um único átomo**, com o centro do aglomerado se tornando semelhante ao do núcleo atômico positivamente carregado onde a energia carregada negativamente está fluindo dentro.

Curiosamente, em consonância com os *comportamentos fluidicos do éter*, a próxima passagem sugere que os *microgrupos podem ter propriedades semelhantes às de um fluído, bem como um sólido*:

[A simetria dos] microgrupos metálicos parecem revelar que os microgrupos pertencem ao mundo microscópico, como átomos e moléculas, enquanto que as partículas finas pertencem ao mundo macroscópico. Isso é verdade em alguns aspectos, mas não assim em todos os aspectos. No Capítulo 2 vamos discutir que, em temperaturas internas finitas, os microgrupos podem revelar fases líquidas, que foram encontradas no mundo macroscópico...

O trecho seguinte vem de um estudo completamente diferente por **Besley et al.**, referenciado no final deste capítulo, intitulado "*Estudo Teórico da Estrutura e Estabilidade dos Grupos Ferrosos*". Obviamente, seu trabalho baseia-se diretamente a partir do livro de **Sugano e Koizumi** e os resultados que entraram em sua produção.

Aqui, o fundamental é que a pesquisa de Besley et al. aponta propriedades elétricas e magnéticas anômalas possuídas pelos microgrupos que *não são vistas tanto em moléculas como em matérias condensadas*:

Os grupos são também de interesse em seu próprio direito, pois para pequenos aglomerados, existe a possibilidade de efeitos levando a propriedades eletrônicas, magnéticas, e outras que são bastante diferentes daquelas das moléculas ou da matéria condensada. Também tem havido um esforço considerável de investigação para a compreensão das geometrias, estabilidade e reatividade dos grupos metálicos puros em fase gasosa do ponto de vista teórico.

E agora, como pulamos adiante para a página 11 do livro sobre física dos microgrupos de Sugano et al, chegamos ao ponto 1.3.1 chamado Poliedros Fundamentais.

Este é o lugar onde a conexão entre os microgrupos e a *geometria da física de Johnson* se torna facilmente perceptível:

Recentemente, tem sido discutido [1.12] que as formas estáveis dos microgrupos são dadas pelos cinco poliedros de Platão; o tetraedro, cubo, octaedro, dodecaedro pentagonal, e o icosaedro, [ou seja, os **Sólidos Platônicos**]; e os dois poliedros de faces rômbricas de Kepler; o dodecaedro rômbrico e o triacontaedro rômbrico...

É muito importante notar que tetraedros não são preenchimentos de espaço, como mostrado na Fig. 1.9, e o icosaedro, dodecaedro trigonal e pentagonal com cinco vezes a simetria rotacional *são estruturas não-cristalinas*: elas não crescem na estrutura periódica da massa. Se o poliedro é uma estrutura não-cristalina, então o microgrupo tem que passar por uma fase de transição para uma estrutura cristalina no caminho do crescimento no volume.

Para alguém que tenha estudado Geometria Sagrada por muitos anos, é surpreendente considerar que *a um nível muito pequeno para o olho nu, os átomos estão se agrupando em perfeitas formações sólido-platônicas.*

Também é interessante considerar que *alguns destes microgrupos também têm qualidades fluídicas, permitindo que o fluxo de um tipo de estrutura geométrica em outra.* Em seu texto, **Sugano** e **Koizumi** assumiram que certos poliedros, como o *icosaedro e o dodecaedro não são cristalinos*, e devem, portanto, sofrer uma mudança de fase antes que eles pudessem se tornar um objeto cristalizado maior.

No entanto, mais adiante neste capítulo, iremos apresentar duras e irrefutáveis evidências de que todo o modelo da cristalografia é falho, e que sob certas circunstâncias, formações muito semelhantes aos microgrupos podem ser formadas em níveis maiores de tamanho, de dois ou mais elementos atômicos agrupados.

Com importância, conforme o leitor passa rápido pelo resto do livro do Sugano et al, dezenas de diagramas de átomos agrupados em **Sólidos Platônicos** são vistos. Nós aprendemos que *os agrupamentos em "números mágicos" de átomos vão, em todos os casos, formar-se em uma das estruturas geométricas mencionadas acima.*

Se tomássemos um tetraedro, por exemplo, e construísse a partir de um certo número de bolinhas de tamanhos iguais, então teríamos um número "mágico" exato de bolinhas para construir um tetraedro de um determinado tamanho. Isto é assim como o modelo das *"esferas de embalagem fechada"* de **Buckminster Fuller**, e em sua forma mais simples é expressa pela visão que se você colocar três bolas para formar um triângulo e, em seguida, colocar uma quarta bola acima dele no meio, você vai ver a forma do tetraedro.

Ainda mais interessante, na página 18 do livro *Física dos Microgrupos*, Sugano et al. tem uma fotografia de um grupo de ouro consistindo de *"cerca de 460" átomos, onde podemos ver claramente a estrutura das esferas embaladas dos átomos de dentro formando uma geometria inconfundível.*

Essas imagens são obtidas por um microscópio eletrônico de varredura em ampliação muito grande, e a estrutura geométrica do cuboctaedro [Fig. 3.3, E] é **claramente visível em uma série de ângulos diferentes**. Curiosamente, o grupo é visto submetendo-se a diferentes alterações geométricas a partir do cuboctaedro para outras formas em sua estrutura de imagem para imagem, *novamente sugerindo uma qualidade fluídica*, e invisíveis "pressões" no **éter** em trabalho.

Figura 3.3 é um diagrama artisticamente desenhado de como o "número mágico" de 459 átomos esféricos irão embalar-se juntamente para formar um grupo de forma cuboctaédrica, enquanto 561 átomos do grupo na forma de um icosaedro.

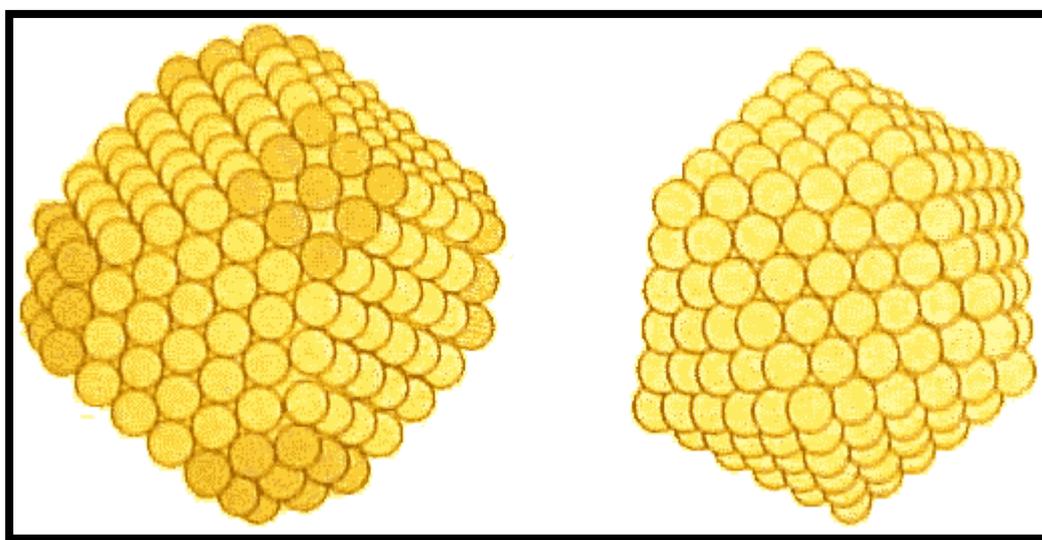


Figura 3.3: Grupo cuboctaédrico de 459 átomos (E) e grupo icosaédrico de 561 átomos (D).

Nossa próxima citação vem da seção 3 do estudo de Besley et al., que discute o modelo dos "superátomos" e deixa muito claro que *a natureza individual dos átomos em um microgrupo é perdida em favor de um comportamento em grupo.*

Mais uma vez vamos ver a citação dos números mágicos e dos elétrons movendo-se através de toda a estrutura ao invés de apenas através de seus átomos-mãe; vemos também a hipótese de que "*orbitais geométricos*" são de alguma forma formados no microgrupo.

Para pequenos grupos de metais simples, como os metais alcalinos, estudos espectroscópicos de massa revelaram a presença de nuclearidades preferenciais ou "números mágicos" correspondendo particularmente em picos intensos. Estas experiências conduziram ao desenvolvimento do modelo dos superátomos (esféricos), onde a real geometria do grupo (ou seja, as coordenadas nucleares) são desconhecidas e sem importância (talvez porque os grupos sejam fundidos ou rapidamente fluxionários) e os elétrons de valência do grupo são assumidos para mover um potencial esféricamente médio central.

O modelo dos superátomos, portanto, explica os números mágicos em termos de enchimento de orbitais eletrônicos dos grupos, que são análogos aos orbitais eletrônicos dos átomos. Para nuclearidades um pouco maiores ($N \sim 100-1500$ [total de átomos no grupo]), existem oscilações periódicas nos picos do espectro de massa que têm sido atribuídos ao ajuntamento conjunto dos orbitais eletrônicos nos superorbitais.

A observação das oscilações de longo período nas intensidades dos picos no espectro de massa dos grupos metálicos muito grandes (com até 10^5 átomos) levou à conclusão de que tais grupos crescem através da formação geométrica de orbitais tridimensionais dos átomos e que, para estas nuclearidades, é o preenchimento geométrico ao invés dos orbitais eletrônicos que transmite a estabilidade do grupo extra.

Certamente, a idéia de "superorbitais" de elétrons sugere uma mistura fluídica em conjunto de átomos no mundo quântico. Novamente, *parece que toda a idéia de elétrons é falha*, já que a próxima passagem de Besley et al. nos diz que o modelo dos "superátomos" onde a "*partícula*" *elétron* preenchem-se em "*orbitais geométricos*" **não funciona para o que é conhecido como metais de transição.**

Uma vez que não pode haver elétrons individuais neste ponto, Besley et al. lança a hipótese da existência das "forças angulares explícitas dependentes de muitos corpos". Em suma, um modelo etérico quântico de "cristal líquido" é essencialmente necessário para explicar as forças que criam os microgrupos:

Para os metais de transição não há claras evidências de que o modelo dos superátomos se mantém, mesmo para baixas nuclearidades... esperamos que um modelo que introduza as forças explícitas angular-dependentes de muitos corpos (como no modelo MM [Murrell-Mottram] que nós adotamos) será melhor para explicar as preferências estruturais dos grupos.

Quando pensamos através dos resultados desses estudos dos microgrupos, não devemos esquecer que os **Sólidos Platônicos** são facilmente formados pela vibração de uma área esférica de um fluído. É bastante surpreendente que os pesquisadores dos microgrupos não parecer ter percebido essa conexão.

A visão predominante da mecânica quântica como um fenômeno de partículas tem um forte domínio sobre as mentes dos investigadores científicos que elaboram explicações envolvendo "orbitais geométricos" de elétrons devam ser invocadas. A questão fundamental que deve ser abordada *é como e porque essa geometria se forma—e a idéia de um meio quântico de vibração fluídica, é de longe a resposta mais simples.*

Um microgrupos são simplesmente um "átomo etérico" maior em uma forma geométrica perfeita.

David Hudson e os Elementos Ormus

ELEMENTOS ORMUS CONHECIDOS	
Elemento	Número Atômico
Cobalto	27
Níquel	28
Cobre	29
Rutênio	44
Ródio	45
Paládio	46
Prata	47
Ósmio	76
Irídio	77
Platina	78
Ouro	79

Tabela 3.1: Microgrupos metálicos conhecidos ou elementos "Ormus" na patente de David Hudson.

Em seguida, apresentamos o trabalho de **David Hudson**, que descobriu uma substância que acabou contendo microgrupos em uma mina de ouro em sua propriedade no final de 1970.

Ele gastou vários milhões de dólares analisando e testando esses materiais misteriosos de várias maneiras, e em 1989 Hudson patenteou sua descoberta dos microgrupos nomeando-os *Elementos Monoatômicos Orbitalmente Reorganizados*, ou "**Ormes**." [O nome é geralmente alterada para "*Ormus*" ou elementos "*Estado-M*" quando discutidos em tempo real de forma a não interferir com os direitos autorais de Hudson.]

Hudson exibe um amplo conhecimento da física dos microgrupos em suas palestras publicadas a partir do início dos anos 1990, mas seus resultados são mais controversos do que os que encontramos no livro de Sugano et al. ou de outras fontes predominantes publicadas. *A patente de Hudson foca as estruturas dos microgrupos que ele encontrou nos seguintes elementos metálicos preciosos.* (Devemos notar aqui que **Sugano** e **Koizumi** têm demonstrado que os microgrupos foram encontrados em elementos não-metálicos também).

Hudson revelou que *todos os microgrupos dos metais acima existem em abundância na água do mar.* Ainda mais surpreendente, Hudson descobriu que esses elementos no estado de microgrupos pode ser até 10 mil vezes mais abundante na Terra do que em seu estado metálico comum. As pesquisas de Hudson demonstraram que esses microgrupos metálicos são encontrados ao longo de diversos sistemas biológicos, incluindo muitas plantas diferentes, e que constituem até 5% do material no cérebro de um bezerro por peso.

Além disso:

- eles agem como os supercondutores à temperatura ambiente;
- têm qualidades superfluídicas e;
- levitam na presença de campos magnéticos, uma vez que nenhuma energia magnética é capaz de penetrar através das suas camadas exteriores.

Suas qualidades físicas se comparam com as descrições de vários materiais em tradições alquímicas da China, Índia, Pérsia e da Europa. Várias pessoas se ofereceram para ingerir microgrupos de ouro ou "ouro monoatômico", e têm relatado os mesmos efeitos psíquicos como as mudanças da kundalini mencionadas nas escrituras Védicas da Índia antiga.

Ainda mais controversos são as descobertas patenteadas de Hudson em torno do *aquecimento do microgrupo de irídio*.

Conforme o material é aquecido, seu peso é visto com um aumento de 300% ou mais. Ainda mais surpreendente, conforme o microgrupo do irídio é aquecido a 850 graus Celsius, o material desaparece da vista física e perde todo o seu peso. No entanto, quando a temperatura é novamente reduzida, o microgrupo do irídio reaparecerá e recuperará a maioria do seu peso anterior. Na patente de Hudson, ele tem um gráfico que foi gerado pela análise termogravimétrica, que mostra o efeito em ação.

A idéia de um material ganhar peso, e depois, espontaneamente perder peso e desaparecendo de toda vista física já não é adequado quando combinamos os resultados de **Kozyrev** com as mudanças de **Ginzburg** para as equações convencionais da relatividade e as descobertas de **Mishin** e **Aspden** das *múltiplas densidades do éter*. No primeiro capítulo, Kozyrev mostrou como o aquecimento ou resfriamento de um objeto pode afetar o seu peso de forma sutil, mas mensurável. **Vemis** também que estes aumentos e diminuições de peso ocorrem em explosões "quantizadas" súbitas, e não de uma forma suave e fluente.

D. Vladimir Ginzburg sugere que a massa de um objeto é convertida em campo puro conforme a medida se aproxima da velocidade da luz, e os dados de Mishin e Aspden sugere que a massa é realmente movida para uma maior densidade de energia etérea.

Assim, os efeitos observados e patenteados por Hudson com o microgrupo do irídio fornecem a primeira prova importante neste volume para a idéia de que um objeto pode ser completamente deslocado em uma maior densidade de energia etérea. No caso do microgrupo do irídio, parece que a estrutura geométrica do microgrupo permite que a energia de calor seja aproveitada muito mais eficientemente.

Este aproveitamento das vibrações do calor, em seguida, cria ressonância extrema com uma temperatura inferior relativa, trazendo as vibrações internas do irídio acima da velocidade da luz. (Essas vibrações internas podem já estar relativamente perto da velocidade da luz antes da ressonância ser acrescentada, devido à velocidade com que o éter flui através do "vórtice" atômico de nuvens de elétrons negativos e o núcleo positivo). Então, quando o limiar do ponto de velocidade da luz é atingido, a energia etérea do irídio é deslocada em uma densidade mais alta, assim fazendo com que ele desapareça das vistas mensuráveis.

Quando a temperatura é reduzida, o irídio novamente desloca para baixo na nossa própria densidade, uma vez que a pressão que estava mantendo-o na maior densidade foi agora eliminada.

Anomalias da Formação Cristalina

Agora que nós cobrimos a área anômala dos microgrupos, estamos prontos para enfrentar os problemas mais convencionalmente entendidos da formação dos cristais. O sal de mesa comum é um exemplo perfeito de como dois elementos diferentes, sódio e cloro, podem ligar-se juntos e formar uma *geometria Sólido-Platônica*, neste caso, o cubo.

Dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio formam em conjunto a forma de um tetraedro para criar a molécula água, (que não é um cristal no estado líquido, mas tem uma molécula tetraédrica), e cristais de fluorita formam um octaedro. Cristais que se formam com estas propriedades irão manter a mesma orientação em todo seu corpo, e são simétricos.

Uma descrição mais técnica é que os cristais são:

"sólidos que têm superfícies planas (facetas) que se cruzam em ângulos característicos, e são ordenados em nível microscópico."

A nossa pergunta chave para lembrar aqui seria: "*Por que vórtices de energia esférica acabam unindo-se nesses ângulos característicos e padrões geométricos?*" A resposta, é claro, deve ser encontrada na nossa compreensão dos Sólidos Platônicos como estruturas energéticas "harmônicas" no éter.

A definição clássica de Glusker & Trueblood para como os cristais se formam é que eles são produzidos por:

...um arranjo regular repetitivo de átomos. Qualquer cristal pode ser considerado como sendo construído pela contínua repetição de translação tridimensional de algum padrão estrutural básico.

O termo "translação" significa que giramos um objeto específico por um número exato de graus, tal como 180, que formaria um "duplo" cristal uma vez que existam duas translações, como em um círculo de 360 graus.

Assim, a "repetição de translação" significa que o elemento estrutural básico (átomo ou grupo molecular de átomos) que constituem um cristal pode ser girado de novo e novamente da mesma maneira para formar um padrão repetido. O termo técnico para tal arranjo regular de átomos é *periodicidade*, o que significa que um cristal é feito de "algumas unidades estruturais básicas que se repetem infinitamente, em todas as direções, preenchendo todo o espaço" dentro de si. A mesma estrutura (átomo ou grupo de átomos) continua repetindo na mesma maneira periódica, daí o termo periodicidade.

Nessa teoria clássica da formação "periódica" de cristais, cada átomo mantém o seu tamanho e forma original e não afeta nenhum dos outros átomos, exceto para aqueles que estão diretamente ligados.

É importante perceber que o modelo de periodicidade funcionou muito bem em cristalografia. Qualquer tipo de cristal que tenha sido descoberto poderia ser analisado com este método, e os ângulos entre todas as facetas poderiam ser previstos com base em simples princípios geométricos. Então, em 1912, Max von Laue descobriu uma maneira de usar raios X para iluminar a estrutura interna dos cristais, criando o que é conhecido como "diagrama de difração". O diagrama aparece como um arranjo de pontos de luz sobre um fundo preto.

sto conduziu uma ciência inteira da cristalografia de raios-X que foi formalizada por William H. e L. William Bragg, onde os pontos de luz são analisados geometricamente em relação de uns aos outros, a fim de determinar qual é a verdadeira estrutura do cristal realmente.

Por setenta anos após esta tecnologia ser desenvolvida, cada diagrama de difração que nunca tinha sido observado por cientistas predminantes, ajustam o modelo de periodicidade perfeitamente, o que levou à inevitável conclusão e aparentemente muito simples de que todos os cristais eram um arranjo de átomos individuais como unidades estruturais.

Um dos modelos de periodicidade de regras matemáticas mais simples é que um cristal só pode ter rotações de 2-, 3-, 4-, e 6-vezes (translações). Neste modelo, se você tiver um cristal que é realmente feito de átomos individuais ou moléculas em uma estrutura de repetição periódica, o cristal não pode ter uma rotação de cinco vezes ou qualquer rotação maior que 6.

Os átomos são "supostamente" para manter suas próprias identidades individuais como pontos e não mesclar com outros átomos em um todo maior. No entanto, em termos de geometria pura, o dodecaedro tem simetria de 5-faces e o icosaedro tem simetria de 5- e 10-faces. *Estes Sólidos Platônicos se encaixam em todos os requisitos para a simetria*, conforme descrito pelo Dr. Wolff, anteriormente neste capítulo, mas você simplesmente não pode embalar únicos átomos em conjunto para fazer qualquer uma dessas formas. Então, novamente, o dodecaedro e o icosaedro têm simetria, mas eles não têm periodicidade como formações cristalinas.

Portanto, não houve disposição da ciência para acreditar que uma das formas que aparecem como uma estrutura molecular cristalina—isso era "impossível".

Ou assim pensavam...

Agora entrando no *infame incidente de Roswell*. Segundo o ex-empregado da *Groom Lake/Área 51*, **Edgar Fouché**, **estruturas moleculares foram encontradas no hardware recuperado que não se encaixavam no modelo convencional de periodicidade cristalina**. Estes ficaram conhecidos como "**quasi-cristais**", abreviação para "*cristais quasi-periódicos*". Ambos o icosaedro e dodecaedro apareceram nessas ligas únicas.

Semelhante aos microgrupos mas em maior nível de tamanho, esses **quasi-cristais** foram descobertos tendo muitas propriedades estranhas, tais como força extrema, extrema resistência ao calor e não são condutores de eletricidade, mesmo se os metais envolvidos em sua criação normalmente atuar como condutores! (Isso será explicado à medida que progredimos). Ao contrário dos microgrupos, o que apenas parece ser capaz de ser formado individualmente a partir dos "feixes de fragmentação", *os quasi-cristais podem ser agrupados em ligas utilizáveis*.

Fouché afirma o seguinte em seu site, como nosso grifo:

Já ocupei cargos dentro da USAF que me exigiam as *Autorizações Ultra-Secretas* e 'Q' e Autorizações de acesso aos *Partidos Ultra-Secretos*...

No refeitório do [da ultra-secreta] Groom [instalação do Lago], ouvi palavras como Forças de Lorentz, pulso detonação, radiação de ciclotron, fluxo quântico de transdução de geradores de campo, lentes de energia quasi-cristalina e receptores quânticos EPR. Disseram-me que *quasi-cristais eram a chave para todo um novo campo de tecnologias de propulsão e de comunicação*.

Até hoje eu seria duramente pressionado para explicar-lhes as propriedades únicas elétricas, ópticas e físicas dos quasi-cristais e porque grande parte da pesquisa é secreta...

Quatorze anos de pesquisa dos quasi-cristais estabeleceu a existência de uma abundância de estáveis e meta-estáveis quasi-cristais com simetria de cinco-, oito-, dez- e vinte-faces, com estranhas estruturas [tais como o dodecaedro e icosaedro] e propriedades interessantes. Novas ferramentas tiveram que ser desenvolvidas para o estudo e a descrição dos materiais extraordinários.

Eu descobri que a pesquisa secreta mostrou que os **quasi-cristais são candidatos promissores para materiais de alta energia de armazenamento, componentes de matriz metálica, barreiras térmicas, revestimentos exóticos, sensores infravermelhos, lasers de aplicações de alta potência e eletromagnéticos**. *Algumas ligas de altas resistência e instrumentos cirúrgicos já estão no mercado*. [Nota: Wilcock disse pessoalmente em 1993 que o **Teflon e Kevlar são ambos engenharia-reversa**.]

Uma das histórias que me foram ditas mais de uma vez foi que um dos pares de cristal usados na propulsão do incidente de Roswell era um cristal de hidrogênio. Até recentemente, a criação de um cristal de Hidrogênio foi além do alcance de nossa capacidade científica. Isso agora mudou. Em um *Programa Militar Super-Secreto*, no âmbito do DOE, *um método para produzir cristais de hidrogênio foi descoberto*, [e] em seguida, começou-se a fabricação em 1994.

A treliça dos quasi-cristais de hidrogênio, e outro material não nomeado, constituíram a base para o escudo de plasma de propulsão da nave de Roswell e foi parte integrante do veículo bio-quimicamente projetado.

Uma miríade de cristalografia avançada jamais sonhada pelos cientistas foram descobertas pelos cientistas e engenheiros que ponderaram, analisaram e tentaram reverter a engenharia da tecnologia apresentada com o veículo de *Roswell e mais oito veículos que caíram desde então*.

Indiscutivelmente, após 35 anos de investigação secreta sobre o hardware Roswell, aqueles que haviam recuperado essas tecnologias ainda tinham centenas, senão milhares de perguntas sem resposta sobre o que tinham encontrado, e foi considerado "seguro" introduzir discretamente os "quasi-cristais" para o mundo científico não-iniciado.

Existem agora literalmente milhares de referências diferentes para os quasi-cristais na internet, completamente separadas de qualquer menção dos microgrupos. (Não é um único estudo científico que temos sido capazes de encontrar online mencionando ambos microgrupos e quasi-cristais no mesmo documento). Muitas das referências sobre quasi-cristais são de empresas que são contratadas pelo governo, e é muito fácil ver que estão sendo estudadas com intensidade generalizada.

No entanto, eles são quase nunca mencionados na mídia em geral, mesmo que eles apresentem um desafio único para as nossas teorias existentes da física quântica. A investigação continua, mas é com uma emoção muito moderada.

À **Dan Schechtman** foi dada a honra/dever de ter "*descoberto*" (ou de ser autorizado a re-descobrir) os quasi-cristais em 8 de abril de 1982, com uma liga de alumínio-manganês (Al_6Mn) que começou em um estado líquido fundido e foi então resfriada muito rapidamente. Cristais na forma de um icosaedro foram produzidos, conforme determinado pelo diagrama de difração de raios-X que foi visto, semelhante à imagem abaixo. Os dados de Schechtman não foram ainda publicados até novembro de 1984!

Na imagem à direita da Figura 3.4, podemos ver claramente um número de pentágonos, indicando a simetria quántupla do icosaedro:

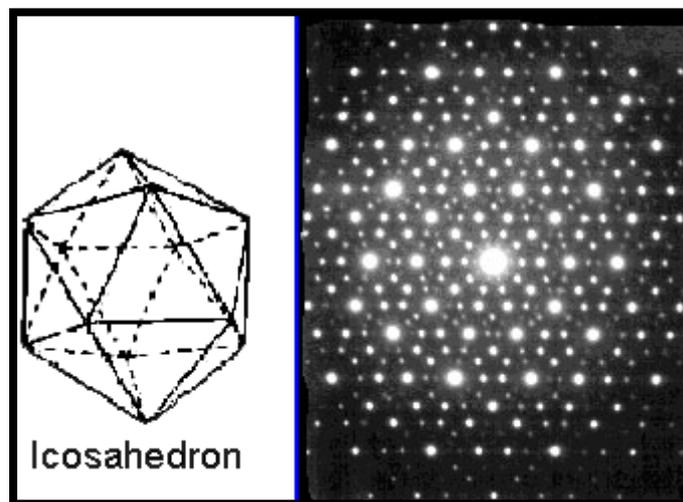


Figura 3.4: O Icosaedro (L) e seu diagrama de difração de raios X de uma formação quasi-cristal (R).

Como dissemos, com o advento dos quasi-cristais, tanto o dodecaedro quando o icosaedro aparecem juntamente com outras formas geométricas incomuns, completando a aparência de todos os cinco **Sólidos Platônicos na esfera molecular de alguma forma**.

Tanto o dodecaedro e o icosaedro possuem elementos de simetria em cinco-faces com as suas estruturas pentagonais.

Figura 3.5, do **An Pang Tsai** de *NRIM* em Tsukuba, Japão, mostra uma liga de alumínio-cobre-ferro quasi-cristalina em forma de um dodecaedro e uma liga de alumínio-níquel-cobalto na forma de um prisma decagonal (10-lados):

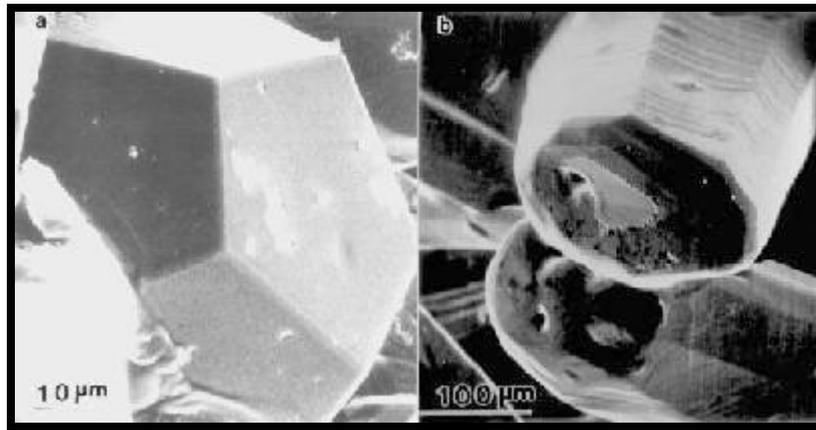


Figura 3.5: Prisma dodecaédrico (E) e decagonal (D) quasi-cristais criados por An Pang Tsai do NRIM.

O problema aqui é que você não pode criar tais cristais usando átomos individuais ligados entre si, mas como podemos ver nas fotos, elas são muito reais. O principal problema para os cientistas, então, é como explicar e definir o processo pelo qual esses cristais estão se formando.

De acordo com **A.L. Mackay**, uma das maneiras de incluir a simetria de cinco-faces em uma definição de cristalografia é o "Abandono da Atomicidade":

Estruturas fractais com eixos de cinco-faces em todos os lugares exigem que os átomos de tamanho finito sejam abandonados. Isto não é um pressuposto racional para os cristalógrafos do mundo, *mas os matemáticos estão livres para explorá-lo.*

O que isso sugere é que, semelhante aos microgrupos, *os quasi-cristais parecem não ter mais átomos individuais*, mas sim que os átomos se fundiram em uma unidade ao longo de todo o cristal.

Enquanto isso possa parecer impossível para os cristalógrafos acreditarem, está realmente entre os mais simples das quatro soluções de A.L. Mackay para o problema, já que envolve geometria tridimensional simples e correlaciona-se com nossas observações dos microgrupos. Novamente, uma vez que os cristais sejam muito reais, *o único obstáculo importante a atravessar é a nossa fixação na crença de que os átomos são feitos de partículas.*

Outro exemplo relacionado é visto com o *consensado de Bose-Einstein*, que foi teorizado em 1925 por **Albert Einstein** e **Satyendranath Bose**, e foi demonstrado pela primeira vez em um gás em 1995. Em suma, um condensado de Bose-Einstein *é um grande grupo de átomos que se comporta como se fosse uma única "partícula"*, com cada átomo constituinte aparecendo ocupando todo o espaço e todo o tempo por toda a estrutura.

Todos os átomos são medidos vibrando na mesma frequência exata e viajando na mesma velocidade, e todos parecem estar localizados na mesma área do espaço. A rigor, as diversas partes do sistema agem como um todo unificado, perdendo todos os sinais de individualidade. *É essa a propriedade que é necessária para um "supercondutor" existir.* (Um supercondutor é uma substância que conduz eletricidade sem nenhuma perda de corrente.)

Normalmente, o condensado Bose-Einstein só é capaz de ser formado em temperaturas extremamente baixas. No entanto, parece que *estamos observando um processo semelhante ocorrendo nos microgrupos e quasi-cristais*, onde já não há um sentido de identidade individual atômica. Curiosamente, outro processo similar está sendo trabalhado com a luz do laser, conhecido como luz "coerente".

No caso do laser, todo o feixe de luz comporta-se como se fosse um "fóton" único no espaço e no tempo—não há nenhuma maneira de diferenciar fótons individuais no feixe de laser. É interessante notar que os lasers, supercondutores e quasi-cristais foram encontrados em todas as tecnologias ET recuperadas desde 1940.

Isto, obviamente, introduz um novo mundo da física quântica para a mesa de discussão. Com o tempo, parece que os quasi-cristais e condensados de Bose-Einstein serão muito mais amplamente utilizados e entendidos como exemplos de como nós nos perdemos em nosso pensamento quântico baseado em "partículas". Além disso, o físico britânico Herbert Froehlich propôs no final dos anos 1960 que *os sistemas vivos frequentemente se comportam como os condensados de Einstein-Bose*, sugerindo uma ordem de maior escala que está operando.

Discutiremos isso em capítulos posteriores que irão lidar com a biologia etérea.

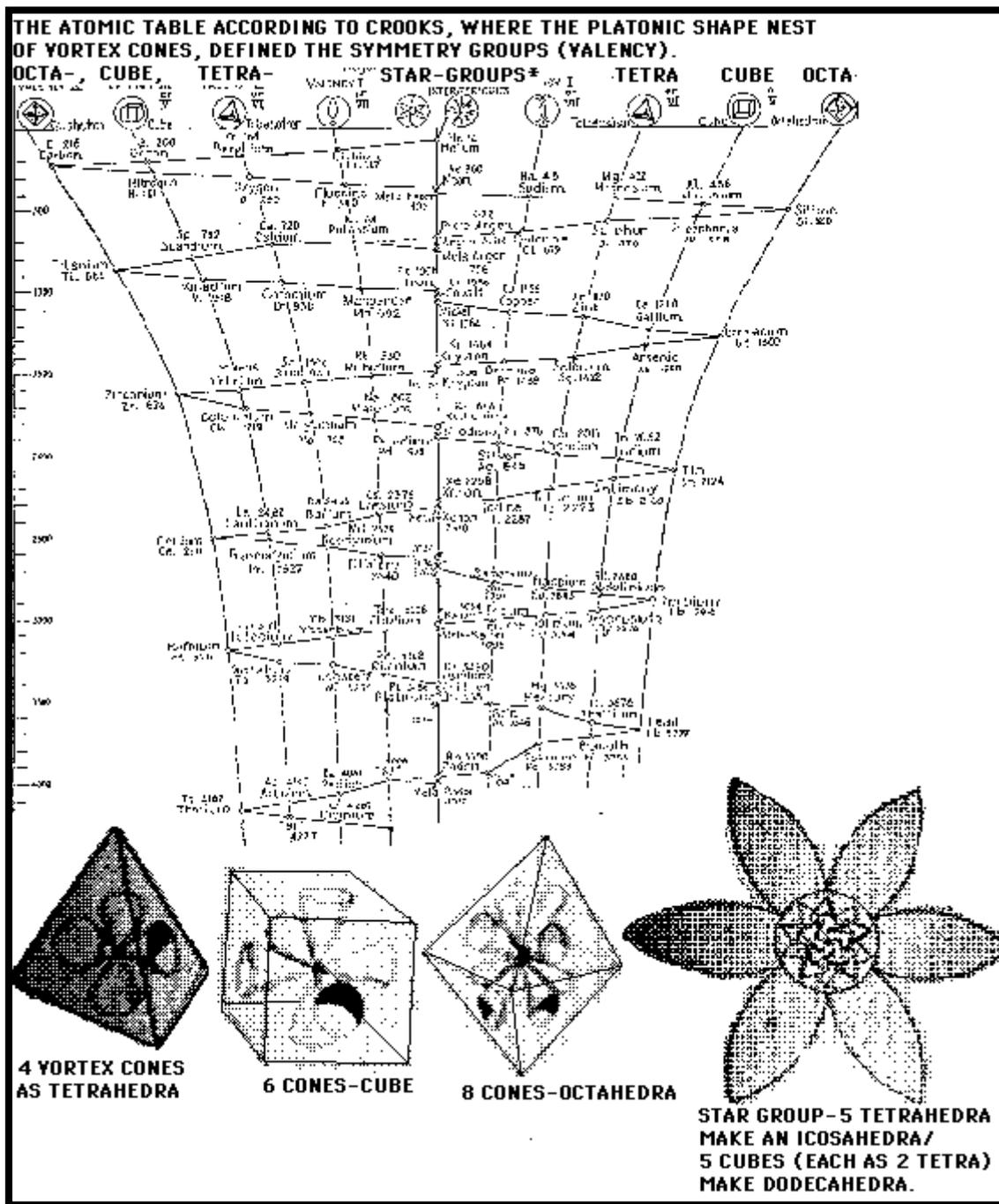


Figura 3.6: Reprodução de Dan Winter da Tabela Geométrica dos Elementos de Sir William Crookes.

Nossa próxima pergunta diz respeito às "núvens eletrônicas" que têm sido vistas no átomo.

Ambos, **Rod Johnson** e **Dan Winter**, notaram que a gota em forma de "núvens de elétrons" no átomo cabem perfeitamente em conjunto com as faces dos Sólidos Platônicos. Winter refere-se às núvens de elétrons como "vórtices cônicos", e a Figura 3.6 é uma cópia infelizmente ilegível da *Tabela Periódica dos Elementos* como originalmente concebida por **Sir William Crookes**, um cientista muito conhecido e amplamente respeitado do início

do século XX, que mais tarde tornou-se um pesquisador no campo da parapsicologia. Na parte inferior da imagem, vemos uma ilustração de como os "vórtices cônicos" se encaixam em cada face dos **Sólidos Platônicos**.

(Parece que uma cópia mais legível da Figura 3.5 pode existir em um dos livros anteriores do Winter. Alguns dos nomes de elementos podem ser vistos ao visualizar a imagem em tamanho completo, e os outros podem ser inferidos pela sua posição relativa para a conhecida Tabela Periódica dos Elementos.)

O quadro é obviamente lido de cima para baixo, e o primeiro elemento que está escrito abaixo dos dois círculos no centro é o Hélio, e a linha então se move para cada elemento sucessivo. A escala para a esquerda é uma série de medidas de grau, começando com 0 na primeira linha e contando em unidades de 10° para cada linha.

Os números escritos em grau na escala são 50, 100, 150, 200, 250, 300, 350 e 400. Isso parece indicar que a teoria de Sir Crookes envolve um conjunto de rotações angulares ou translações dos elementos em termos de geometria conforme passamos de um elemento para o próximo. Podemos ver que a onda é principalmente reta, mas às vezes há "inclinações" na linha que parece corresponder à maior rotação angular que deve ser feita.

Se lembrarmos o que Dr. Aspden escreveu sobre os Sólidos Platônicos no éter, ele afirmou que agem como "cristais líquidos", significando que eles podem se comportar como um sólido e um líquido ao mesmo tempo. Assim, *uma vez que entendemos que as nuvens de elétrons estão sendo posicionadas pelos invisíveis Sólidos Platônicos, torna-se muito mais fácil ver como os cristais estão sendo formados e até mesmo como os quasi-cristais poderiam ser feitos.*

Existem os "ninhos" de **Sólidos Platônicos** no átomo, um sólido para cada esfera maior no "ninho", tal como existem "ninhos" das núvens de elétrons em diferentes níveis de valência que todos co-existem. Os Sólidos Platônicos formam uma estrutura energética e de enquadramento que a energia etérea deve fluir através conforme ela corre para o centro de baixa pressão positivo do átomo. Assim, vemos cada face dos Sólidos agindo como um funil que o fluxo de energia deve passar, criando o que Winter chamou de "vórtices cônicos".

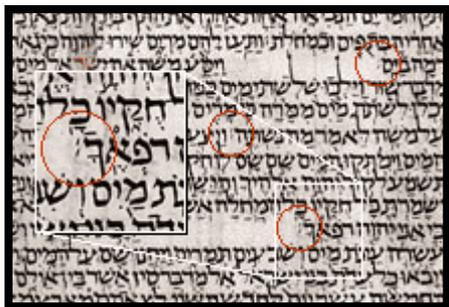
Com o contexto necessário em vista, os conceitos de Johnson da simetria Platônica dentro da estrutura dos átomos e moléculas no próximo capítulo não devem parecer tão estranhas para nós agora do que seria para a maioria das pessoas.

Dado o que vimos com a abrangente pesquisa que ainda permanece, especialmente com a engenharia dos quasi-cristais, *parece que esta informação já está em uso pela humanidade em certos círculos.*

Torah-Kosmos

por *Andreas Szabó*

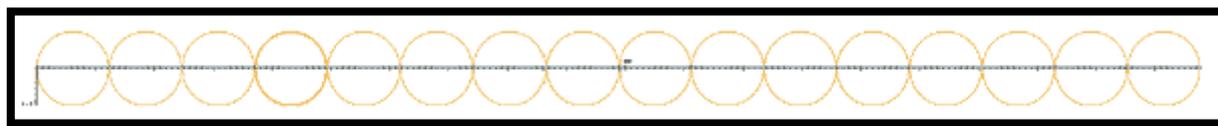
Andreas Szabó descobre ondas-planetárias ocultas (gilgulim) subjacentes à estrutura dos livros de **Moisés**. Será que os *antigos encapsularam sabedoria hermética* em um livro anteriormente conhecido como a Santa Lei de Israel? Sagrado ou Secreto? "Os monopólios espirituais do mundo não vão cair com isso.—Eles já estão aniquilados pelo seu ridículo", diz o depravado decifrador de Moisés durante uma entrevista. "Nós vamos experimentar uma total mudança cultural e política ainda na frente de nossos olhos abertos." - E aqui vamos nós. Leia mais para descobrir por que grande parte da história da nossa assim chamada civilização tem que ser feita novamente a sério.



Versos delimitados no **Codex Leningradensis**

A tendência predominante sabe (e as religiões ensinam), que o esquema de numeração de verso da **Torá** foi feita no século XVI com base em pensamentos aleatórios, mas—como as recentes descobertas indicam—isso não pode ser inteiramente verdade. *Isso pode ser explicado, que as fronteiras dos versos devem ter sido derivadas de um modelo incrível e são muito mais velhas do que amplamente conhecidos* (mesmo que não conhecidos pela maioria dos teólogos). Por exemplo, as fronteiras dos versos já estão presentes na versão 500 anos mais velha da **Torá** conhecida como **Codex Leningrad**, que é datada do início do século XI e é o mais antigo texto massorético hebraico bíblico inteiramente preservado. Ele contém: "sinais após cada poucas linhas do texto manuscrito hebraico e estes sinais são tradicionalmente chamados *SUF-PASSUK*, ou seja, final do verso (lat. passus). Então, essas divisões de verso (*nosso símbolo matemático para "dividir" pode ter sido derivado dos sinais suf-passuk por Leibniz*) são de longe anteriores ao século XVI, e, alguém no século XVI mentiu para nós! Em comparação com uma **Torá** atual, existem algumas mudanças nas fronteiras dos versos, aqui e ali, mas essas mudanças são mínimas.

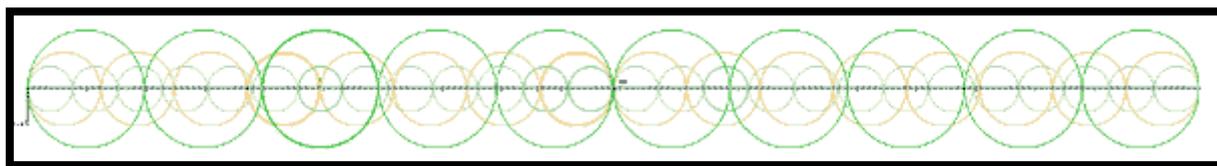
Para começar a entender o modelo incrível, vamos abandonar a hipótese documentária por enquanto (a teoria, que a **Torá** é um trabalho em remendos de escritos separados de diferentes idades, deixe isso por agora) e *ter um olhar para toda a Torá visualizada como uma linha do tempo fictícia, onde cada verso é contado como um dia* (nos estudos da **Torá** é de costume ler um versículo por dia):



Os círculos laranja são cada 364,2422 'dias' ou versos de diâmetro e este é o ano tropical (você pode estudar referências externas em <http://en.wikipedia.org/wiki/Year> para mais detalhes), em que o nosso calendário é baseado. Podemos ver, que de muito perto (não exatamente), mas ainda impressionante 16 (dezesseis) destes se encaixam no texto da **Torá** em uma base de um-verso-ao-dia. Será que os autores da **Torá** representam com o ano? Será esta uma prova de Deus? Vamos tomar agora uma Bíblia e verificar o verso Gênesis 15.5! Este é o Verso #366 pela contagem absoluta desde o Gênesis 1.1 (à esquerda na foto). O versículo diz: Ele [Deus] perguntou para Bram: "Você pode medir as estrelas?"...

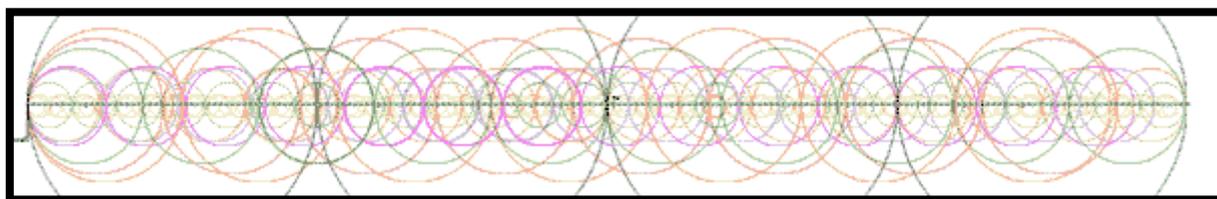
Teriam os anos algum significado para a estrutura da **Torá**? Por que os primeiros 6 dias da Criação, Gênesis 1.1-2.1 medem um total de 365 palavras? Bem, deixando isso para você (até você ler e aprender mais) para decidir o que

isso pode significar e se as coisas do ano são coincidência ou não, vamos dar uma olhada como 16 anos estão em perfeita afinidade com as ondas do **planeta Vênus**:



Os círculos verdes grandes são os ciclos de visibilidade de **Vênus** (583.92 dias, como observado da Terra) e os círculos verdes pequenos são o tempo de Vênus para avançar uma vez em torno do Sol (224,7 dias). Você pode ver claramente que, após 8 anos, do ciclo do ano e o ciclo de Vênus reúnem-se novamente perto de um mesmo dia, e este encontro do ciclo de 8 anos é conhecido pelos astrônomos como o ciclo Octaetéride (pode estudar a referência externa <http://en.wikipedia.org/wiki/Octaeteris> para detalhes). É, também, uma sincronicidade muito boa com o *ciclo das fases da Lua* (a Luação) e também com o tempo que a Lua leva em torno da Terra. A palavra hebraica para "Ano" é **Shanah**. A Gematria para isto é 355 (S+N+H), o número de dias em um ano lunar.

O que precisamos saber aqui é que, o Octaetéride contém 99 luas cheias e que está entre as sincronidades mais impressionantes dos ciclos planetários de todo *bambolê pan-galático*:



Nesta foto, todos os planetas de **Mercúrio a Saturno** são atraídos pelos seus dois ciclos: a visibilidade da Terra e da revolução em torno do Sol (os círculos cinzentos grandes mostram que 16 anos são 4 períodos de ano-bissexto (ou *ciclos de Sírius* para Versos contados como anos)). Podemos ver que, existe apenas uma quantidade muito pequena de "dias especiais", onde dois ou mais "eventos" acontecem juntos. Entre o caos dos ciclos planetários, o *Octaetéride é único e pode ser facilmente pontuado nos céus*, mesmo num céu de hoje, que é inundado por luzes da cidade (pode ver fotos de qualquer um através do images.google.com/moon+venus). Octaetéride é tão típico e curto o suficiente em repetir, que os nossos ancestrais podem ter tido conhecimento de que (talvez sem contagem detalhada), talvez milhares de anos atrás, de modo que, finalmente, *os construtores da Torá estavam prontos para usar uma octaetéride dupla*, ou seja, duas vezes 8 anos são 16 anos, a fé e significativa como um símbolo da Lei Eterna como a base da estrutura da **Torá**. Hoje temos evidências de que o Octaetéride era conhecido em números para os Gregos, Judeus e Babilônios no 1º milênio a.C. e que os Judeus usaram o Octaetéride em seus calendários para a cronometragem até 360 d.C., quando Hillel II (Nota: Hillel significa "Estrela da Manhã", ou seja, Vênus) introduziu o moderno Calendário Judeu.

As razões mais fáceis pelas quais dois dos *Octaetérides* são utilizados para a Torá e não apenas um podem ser entendidas do ponto de um homem que quer fazer uma fácil medida de calendário, norma ou regra. Apesar dos 99 ciclos da lua terem aprox. 2923,6 dias, duas vezes estes seriam aprox. 5847 e então, arredondar em comparação a 5 de 99. Próxima vantagem, o tempo para Júpiter, uma vez em torno do Sol não se encaixa em 8 anos, mas em 18 ele se encaixa. Medindo

os planetas visíveis mais lentos dá a maior segurança temporal às pessoas, que querem, de modo que possa ser verificado, contar os anos e traçar a história ao longo de um período muito longo. *Uma Torá como segue 16 anos, mede muito aproximadamente cerca de metade do tempo revolucional de Saturno*, mas está perto de Saturno compatível com 17 anos: se somarmos 16 anos ao tempo de revolução de Júpiter, conseguimos fechar com o tempo

VALORES ASTRONÔMICOS MODERNOS

Ciclo das fases da Lua	29.53 dias
Ano Tropical	365.24 dias
Octaetéride como 99 Luas	2923.53 dias
Octaetéride Dupla	5847.05 dias
Revolução de Júpiter	4332.59 dias
Revolução de Saturno	10759.21 dias
Alinhamento Júpiter-Saturno	19.85 anos

de revolução de Saturno. Se somarmos apenas 1/2 Torá, em outras palavras, 1 Octaetéride ao tempo de revolução de Júpiter, chegamos perto do período de alinhamento (conjunção) de Júpiter e Saturno. O tempo de revolução de Saturno, aprox. 29.54 anos, pela forma como está perto do período de fases da lua multiplicado pelo ano. Como os ciclos de alguns outros planetas terminam em cerca de meio ciclo no final de uma **Torá**, estes ciclos chegam perto de serem completados, mais ou menos, no final de uma Torá após outra Torá. Um arranjo de uma dupla-Torá é apoiado pelo **Zohar**, onde está escrito que a Torá tem 600.000 letras, na verdade, de grosso modo o dobro da quantidade conhecida. Porque muitos ciclos, exceto a revolução de Saturno, completa pelo menos uma vez em uma Torá agora mesmo, que é de 16 anos, praticamente uma Torá, em outras palavras, 16 anos são um tamanho bem-vindo para uma vata de medir (um cajado para governar) o mundo (em grego: *cosmos*, mas *cosmos* significa também ordem ou arranjo). No meio da **Torá** isso acontece: *Aaron, ou seja, o iluminado, é coroado*.

Torá Cosmos (Kosmos) não pode ser uma coincidência, mas espíritos críticos tropeçam sobre o fato, que um "Torah" hebraico (Torah, Thora, Tora) ou "versos Tora" é nada definitivo em tudo, mas existem muitas versões diferentes fora disso com versos mais ou menos, aqui e ali. Mas essas diferenças são na escala de cerca de apenas 8 versos mais ou menos, e isso se aplica também para o **Códice de Leningrad**, que também não têm divisões do verso "original". Não pode haver uma única variante perfeita em tudo. Em vez disso, *a meta é escolher os ciclos adequados ao examinar um detalhe específico da Torá ou isto está incorporado em calendários*. Até o versículo 339 da Torá, não há diferenças na divisão dos versos entre as diferentes edições da Torá de jeito e maneira. A primeira diferença mínima de um ou dois versos ocorre no final do texto e, mais tarde pode haver outra diferença de um ou dois versos, de modo que até o final, tais diferenças mínimas *acumulam um máximo de 8 versos* mais ou menos todos juntos. Não estamos falando sobre as diferenças de ortografia (letras) ou diferenças formulativas e de tradução (palavras, frases) para as versões **Septuaginta** ou **Samaritana** aqui, o que pode fazer qualquer *Código Bíblico* ou *exegese* material facilmente impróprio. A questão do tema aqui não é *senão o texto massorético baseado na Torá e suas fronteiras de verso, e, por essas estruturas completas e a localização próxima ou exata de algo nele*.

Astrologia na Torá

Para uma prova de partida, que os ciclos planetários poderiam ter tido um significado para os escritores da Torá (que podem ter sido todos os contemporâneos), leia Gênesis 15.17: "E aconteceu que, quando o Sol se punha, e era escuro, eis um fogo fumegante, e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços." Equanto "aqueles pedaços" (vulgata: *divisiones illas*) é às vezes traduzido como animais divididos (por causa do 15.10), o número absoluto deste verso, 378, é o ciclo de visibilidade do planeta **Saturno** e a *"lâmpada ou luz que passa entre os animais divididos"* pode ser **Saturno**, conhecido como a estrela protetora de Israel, em seu caminho ao longo da eclíptica, o plano do sistema solar, *que praticamente divide os sinais zodiacais em duas metades, superior e inferior*.

Em 15.9 três animais compatíveis com o zodíaco são ditos serem divididos em 15.10: *a novilha corresponde a Touro, a cabra a Capricórnio e o carneiro a Áries*. Considere estes sendo os animais. O forno que é um símbolo para o homem (*alquimia*), que é **Aquário**. Uma característica é que, **Capricórnio, Aquário, Áries e Touro** junto com **Peixes** como um fosso entre **Aquário e Áries**, são todos adjacentes após o outro e formando um setor de 150-graus (5 horas) do zodíaco inteiro.

150 graus aqui não é tão importante quanto qualquer anjo. Para 150 graus, em outras palavras, 5 signos de Saturno leva 4483 dias. Que são 150 dias mais de uma revolução de Júpiter e especialmente no tempo de Saturno, que foi de 11.8 vezes visível, enquanto uma revolução de Júpiter leva 11.8 anos. Isto significa que, depois de Júpiter ter passado todos os 12 signos, que leva 150 dias ou 5 meses a mais para a **Terra** ter passado **Saturno** quase 12 vezes e em harmonia com **Júpiter**, enquanto Saturno se move 5 graus nos 150 dias.

Os astrônomos sabem que, Saturno, quando está passando a Terra, por cerca de cinco semanas aparece como movendo-se para trás por causa do nosso ponto de vista da Terra. Os astrônomos chamam isto de movimento

retrógrado e Saturno tem um movimento retrógrado cerca de 136 dias (ver a referência externa das observações planetárias de **John Pratt** para uma descrição detalhada do movimento retrógrado dos planetas). Em nosso tema verso-por-dia, *o movimento retrógrado de Saturno levaria de Gênesis 15.17, onde "a lâmpada" é vista (uma lâmpada é um ponto de onde surge a luz, uma estrela em termos de não-astrofísicos), até Gênesis 21.*

Também se alguém acrescentar os 150 dias como versos ao Verso 365 que é chamado Gênesis 15.4 (um ano), você acaba no início de Gênesis 21, onde **Isaac**, o 21º patriarca nasce. O texto do versículo 365 (Gn 15.4) escreve que **Bram** terá um filho. 150 versos depois que o filho nasce. Isto deve ter uma razão clara que será revelada, mas agora vamos assistir a estrutura, onde ainda alguns detalhes têm de serem contados.

Gênesis 15.17 é o verso de uma aparência de Saturno. A **Kabbalah** explica: no **Sepher Yetzirah** (a escritura hebraica importante sobre as letras hebraicas) *os dois signos zodiacais que são regidos por Saturno*, ou seja, por um lado **Capricórnio**, a besta ou animal e sobre **Aquário** do outro lado, o homem, são atribuídos às **Lâminas 15 e 17 do Taro**, e que são os identificadores numerais do versículo que é observado aqui (Gn 15.17).

Identificadores numéricos são ditos não estarem em nenhuma parte da **Torá**, *mas apenas o sistema de restauração clerical arbitrário*. A partir destes números pode-se dizer algo. Considere que, o capítulo 15 e o 15º patriarca é **Peleg**, cujo nome significa *divisão, a divisão do homem* (Gn 10.25), que atende a divisão da besta (Gn 15.10). Caramba, você pode obter um monte de presentes ao meditar sobre isto. Para isso também considere o **Apocalipse 13.18**, onde o número da besta é o número de um homem.

Você tem que procurar os significados astrológicos tradicionais de **Saturno** e encontrará que correspondem ao conteúdo de Gênesis 15, *especialmente a coisa sobre escravidão*. Note mais adiante que, a escravatura é dita para ter 400 anos, enquanto 400 é o número da letra hebraica **Tav**, que o **Sepher Yetzirah** identifica com **Saturno** (ver *Bill Heidrick's*).

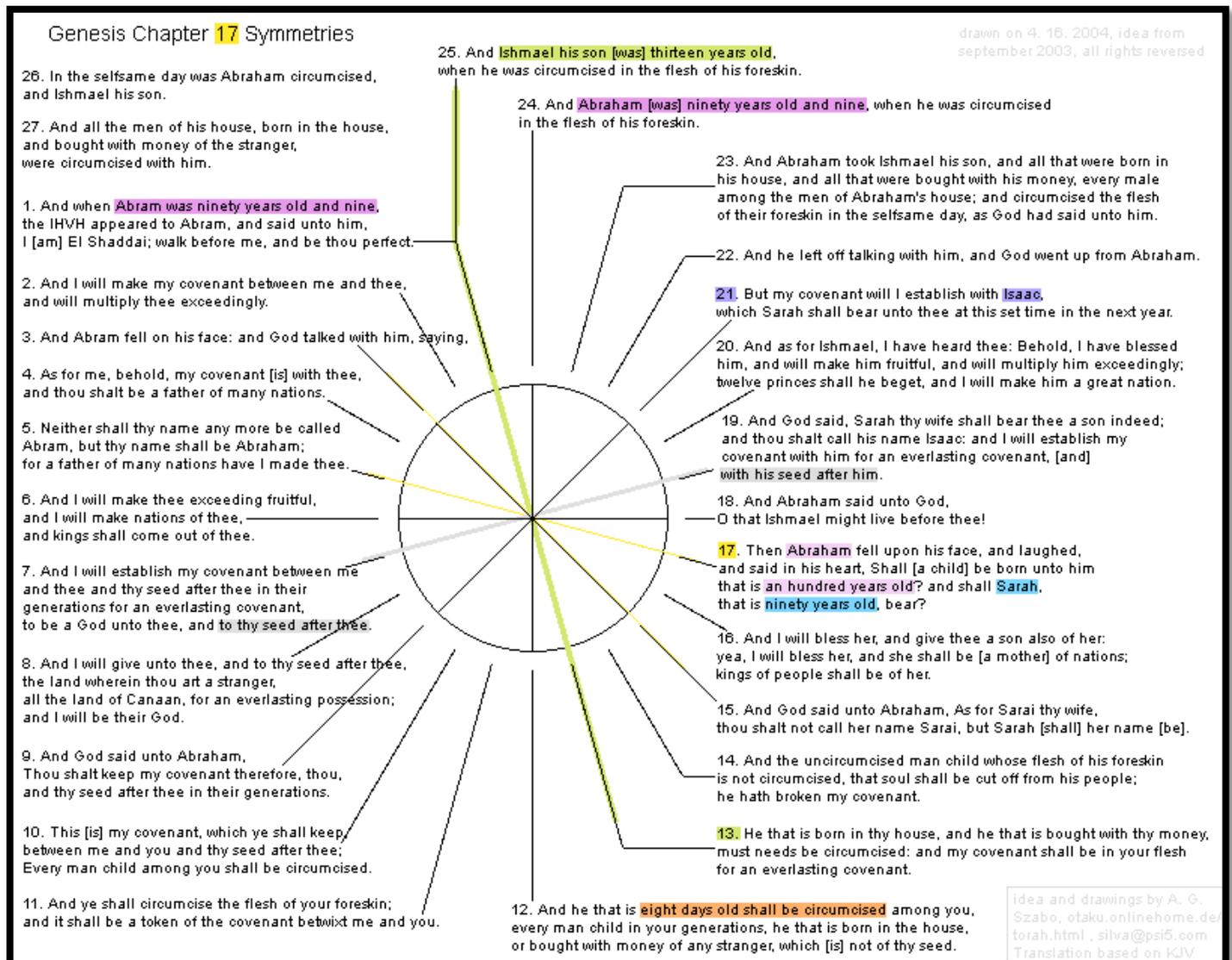
ALGUMAS MEDIDAS ASTRONÔMICAS DA TORÁ

uma Torá tem em torno de 5844 à 5852 versículos

198	Ciclos das Fases Lunares de 29.530588 dias cada (Octaetéride dupla moderna)	5847.05 dias
214	Revoluções Lunares	5846.48 dias
10	ciclos de visibilidade de Vênus	5839.20 dias
26	revoluções de Vênus	5842.20 dias
16	anos, tropical (365.2422) Juliano (365.25), na prática 4x (3x 365 + 1x 366) dias	5843.88 dias 5844.00 dias
11	Ciclos Pascais de 532 anos, cada é 28 ciclos metônicos de 19 anos, 308 ciclos metônicos juntos e isto são 77 ciclos calípticos de 76 anos	5852 anos
19	Hiparco e um Ciclo Calíptico	5851.95 anos
4	Ciclos de Sírius	5844 anos
6	Períodos dos 969 anos de Matusalém (969 anos são 51 ciclos metônicos)	5814 anos
50.5	Ciclos de Visibilidade de Mercúrio	5851.94 dias
66.5	Revoluções de Mercúrio	5850.01 dias
7.5	Ciclos de Visibilidade de Marte	5849.55 dias
8.5	Revoluções de Marte	5839.33 dias
15.5	Ciclos de Visibilidade de Saturno	5860.40 dias
314 316	Ciclos Nodais Lunares (18.63 anos) semelhança a 613 <i>Mitzvot</i> , que são 2 <i>Mitzvot</i> inicial + valor da Torá , em hebraico, escrito TVRH = 400 +6 +200 +5 = 611	5849.82 anos 5887.08 anos
215	Meses Dracônicos	5850.63 dias

relevantes para estudo e previsão de eclipses veja wikipedia "Mês" para explicações questões de pontualidade e calendário previsão de conjunções planetárias (profecia), calendário, conjunções, fertilidade, gravidez

Gênesis Capítulo 17: Torá Octaetéride e Júpiter/Maduk



Os versos do capítulo 17 organizados em um relógio de 24h, como se cada verso lembrasse uma hora.

Depois de aprender os paralelos do número total de versículos da Torá e os ciclos planetários, podemos encontrar o maior milagre em Gênesis capítulo 17. Lá, o primeiro verso é o verso/dia #399 pela contagem absoluta de todos os versos do Gênesis desde 1.1 incluído. Neste versículo a idade de **Bram** é mencionada como 99 'anos' e por causa do versículo 17.26 seu primeiro filho **Ismael**, ao mesmo tempo é de 13 'anos'. Então, olhando para os ciclos planetários em detalhes que você vê, que as idades de Ismael e Bram estão preenchidas: enquanto 398,88 dias são o ciclo de visibilidade de Júpiter, em uma Octaetéride existem 99 ciclos das fases da Lua e 13 revoluções de Vênus em torno do Sol. Outros 13,5 ciclos das fases da Lua medem 398,66 dias, para que exatamente no verso/dia 399 seria a 13ª lua cheia da Torá Cosmos cerca de 5,3 horas antes de Júpiter aparecer. O versículo diz mais: ...e El Shaddai disse a Bram, ele andará na sua frente.

Tudo isso é compatível por acaso? E vai ainda mais adiante pelo fato de que, em Gênesis 17.1, o versículo 399 da **Torá** que corresponde ao ciclo de visibilidade de **Júpiter** por esse número e que é o verso que nós ainda estamos falando, neste versículo a contagem de palavras da Torá chega a 4333, o período de revolução de Júpiter. Isso acontece exatamente com a 5ª palavra deste verso, a palavra SNYm (Shanayim), que significa ano. Isto significa: *os anos são colocados em paralelo ao dia e, como os 'anos' de Abra(ha)m e Co são meses, em outras palavras, ciclos lunares, os anos também são definidos em paralelo aos meses.* Independentemente de qual período de tempo é usado, apenas um ciclo arquetípico se entende (**Tarot: A Roda**).

Para os Israelitas, Júpiter foi/é a estrela real (**Bel-Marduk** na *Babilônia*). Verso 17.6 lê: *...até mesmo os Reis serão seus descendentes.* Em vez de **David**, os Reis de Edom (Esaú) e da pessoa de **Arão**, que é coroado no meio da **Torá**, são pretendidos aqui.

*O número total de versos da Torá é muito próximo ao número de dias de dois ciclos Octaetérides, em outras palavras, duas vezes os 99 ciclos de fases da Lua e no capítulo 17, depois de Bram ser renomeado para Brahma, a sua idade de 99 é mencionada novamente. Essa 'idade' de 99 é apenas a idade de um patriarca que é mencionado duas vezes em toda a **Torá**.*



Marduk/Jupiter com rodas! Os ciclos que era, que são e que serão.

Este é um dos poucos Códigos da Torá verdadeiros. A maioria das letras distanciam códigos, também conhecido como *Códigos da Bíblia, são acaso e tem sido uma farsa das alianças dos usurpadores do nosso mundo dominado pela guerra, sensacionalismo para distrair as pessoas do verdadeiro segredo e a finalidade da Torá que eu revelo.* A palavra verdade, em hebraico **Emet** está invertida em um intervalo de 51 letras nos primeiros versículos do Gênesis, a partir da mesma letra como a palavra-chave **Torá** a partir do término **Thaw** da primeira palavra **Bereshith**.

Gen	1	:	1-5	BRASY<T>	+50 TVRH
	49	:	28-30	VZA<T>	+50 TVRH
Exo	1	:	1-7	SMV<T>	+50 TVRH
	39	:	3-13	TKL<T>	+50 TVRH
Num	1	:	1-3	MS<H>	+50 HRVT
	34	:	9-12	Z<H>	+50 HRVT
Deu	1	:	5-8	<H>TVRH	+49 HRVT
	32	:	3-7	LAL<H>YNV	+49 HRVT

<> = letra inicial na palavra inicial

É claro que estes números são escolhidos em função da Octaetéride com as suas 99 lunações, em outras palavras, 8 anos. Este ciclo é também referido pelo 'mito' moderno da *Disney* e os *101 Dálmatas*, onde 2 são os pais e 99 são as crianças. Dálmatas no padrão de pele e cor se assemelham à Lua e o nome Dalma—é inerente ao sânscrito **Dharma**, significando os mesmos Ensinamentos da Talmud hebraico. Também pode significar os princípios básicos do cosmos e é dito ter uma vez significado um *Deus* idêntico à *Sin* (Lua) babilônica.

Os 8 intervalos a partir do código somados resultam em 398. Não é curioso, este é o número de todos os versos antes do Capítulo 17. No final deste bloco, **Ismael** nasceu (verso 397). Mas, quando o 51 de **Emet** (*verdade*) é usado no lugar do 50 a partir do primeiro TVRH, o número de base 99 ou o montante 398 pode progredir por um. O verso 399 é 17.1, e no verso 17.17, Abraão diz que ele tem quase 100. Ele tem realmente, quando nasce **Isaac** (21.5).

Em **Levítico**, o livro do meio da Torá, a palavra chave é diferente. Lá é **IHVH** e ocorre 4 vezes, ocorre a intervalos de 8, 21, 13 e 34. Enquanto um monte de pistas estão nestes números, por exemplo, sendo por números de Fibonacci e também as relações dos *ciclos Venusianos* ou *ano solar*, a pista necessária agora é aquela que eles resumem a 76. Esta é a idade de Sarai no nascimento de Ismael: no capítulo 17, Sará é 10 anos mais jovem do que Abraão. Assim, quando Abraão de acordo com o versículo 398, Gênesis

Números de Fibonacci e a Proporção Áurea

8, 13, 21 e 34 são números de Fibonacci adjacentes. Isto significa que, cada número é a soma dos dois números anteriores e a relação entre um número maior e seu vizinho menor convergem em Phi, a proporção áurea. Praticamente 89:55 é suficiente. Fibonacci e o Phi estão presentes em demasia no universo, natureza, artes e ciências. São especialmente famosos por descrever as taxas e relações de um crescimento natural e as relações de órbitas planetárias, ou ciclos.

16.16, tinha 68 no nascimento de Ismael, Sarai, então, tinha 76. Daí que, *os 4 intervalos a partir de Levítico pontua os mesmos versos como uma soma fundamental dos 9 intervalos dos outros 4 livros!*

O significado é claro: *o caminho para a verdade começa em Gênesis 17 e atravessa o ramo de Isaac. Não é um caminho de verdade ou da verdade, mas para a verdade, porque a palavra verdade é invertida, tal como a **Torá** sobre o 'outro lado' do 'espelho' do Levítico.*

Gênesis	Êxodus	Levítico	Números	Deuteronômio
Torah	Torah	IHVH	haroT	haroT

Isto prova, a Torá é de uma edição e, o padrão se assemelha aos detalhes da lâmina 10 do Tarô, Júpiter pela astrologia, que mostra uma roda com 8 raios, como os 8 anos do Octaetéride, e mostra as duas palavras aninhadas Tora e IHVH, com 6 letras cada. Em afinidade com essa roda e acima do padrão do código da Torá verdadeiro está a *tradicional sentença hermética de 5 palavras: Rota Taro Orat Tora Ator*, que significa que, *a roda do Tarô diz a lei de Hathor (Egito: Vênus).* A palavra em **Deuteronômio** pela qual a primeira "haroT" (inverso Torá) inicia, é HTVRH: HaThor(ah). Vênus se entende aqui como 10 de seus ciclos de visibilidade de aprox. 584 dias cada, são bem como o número total de todos os versos da Torá. *A roda é um símbolo para o movimento e o 10º patriarca, correspondente ao número da roda, é Noé. Seu nome significa repouso, paz ou silêncio. Mas quando a fêmea como a Hathor aqui, significa movimento. No total, um movimento silencioso, como a do espírito que paira (Ruach Elohim) em Gênesis 1.2. A conclusão é, Torá e Tarô concordam que um ciclo arquetípico está por trás de qualquer verdade imaginável.*

Y	10	10	1	1
Y H	10+5	15	1 1	2
Y H V	10+5+6	21	1 1 1	3
Y H V H	10+5+6+5	26	1 1 1 1	4
	= 72		= 10	

A soma triangular de YHVH é 72 e corresponde com os números triangulares, especialmente o 'sagrado' Tetraktys (direita).

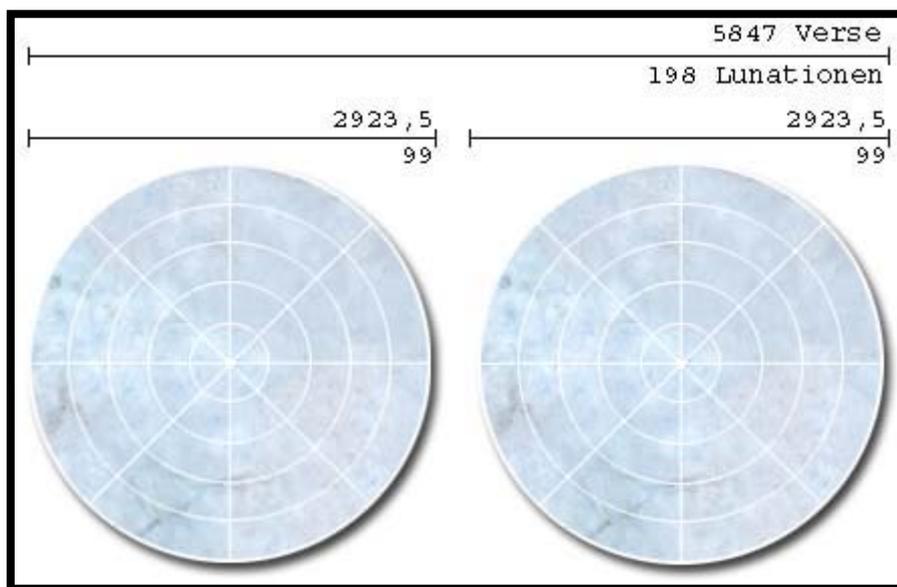
Vamos jogar e tomar a disposição literal: 4 vezes uma Torá de 5847 versos seria 23388 total. O valor de IHVH é 26. Podemos acrescentar 2612 a 4 Torás para chegar a 26000, o número simbólico idealizado de anos do ciclo da precessão dos equinócios. Mas 5847 é uma Torá-Lua de dias, vamos então usar uma Torá de 5850 anos, que é 314 (*soma de Shaddai e semelhante ao Phi*) ciclos lunares nodais (detalhes estão no quadro colorido). Agora o resto para chegar a 26.000 anos depois, 4 vezes 5850 anos é exatamente 26000 anos. O verso 2600, Êxodo 36.36—não curioso suficiente, que este é um número simétrico—escreve sobre a manufatura das 4 colunas laminadas de ouro do tabernáculo, como se uma dessas colunas seja utilizada para combinar uma Torá, de modo que o meio ponto do número simétrico é o 2600 anos entre os dois. A soma de 36 e 36 é 72, a soma triangular de YHVH, que tem a simples soma de 26. Bem, "soma triangular" talvez precise ser explicada para alguns, mas o que multiplicaria os pergaminhos da Torá, cada um deles organizados como uma única coluna e todos os paralelos estabelecidos além de cada um outro significa? Existem paralelos no Texto que podem ser medidos? Bem, vamos ver. Mas, independentemente dos dias ou anos, a fórmula parece também boa quando se baseia em uma **Vênus-Torá** geocêntrica com 10 x 584 = 5840 versos: 4 x 10 x 584 + 2640 são 26000. Um número 40 no final é como uma letra hebraica Mem-final, *que parece uma fusão de um quadrado e um círculo.* Começando no verso 2640, Êxodo 38.9, onde a 89ª lua cheia ocorre por 2640 dias sendo 89.5 lunações, o santuário está circunscrito. Um pátio de frente para o sul é criado, com uma seda branca encobrendo 100 côvados de comprimento em torno dele... pode este pátio coberto ser a volta dos 100 anos de Abraão no nascimento de Isaac? Você sabe, o capítulo 17 pode ser dobrado até uma volta do relógio de 34 horas... e Sarai está 'fechada' (ou velada?) antes e, parcialmente, até mesmo no ano 100 de Abraão. Bem, ela é renomeada para Sara no versículo 15 do capítulo 17, chamada para ser mãe no versículo 16, para que, se 100 é representado por 24, o 16 seria aprox. 66,6 de modo que, enquanto uma Torá são 16 anos,

144000 dividido por 66.6 são um 12º de precessão... mas para obter 26000, deve ser cerca de 66,4 como aprox. 664 dias são a lua cheia em 22.5 meses e Abraão morre logo após o versículo 666 como a idade da morte de Adão foi mencionada no 111º...

De volta à Lua, o número 99 está mais presente em uma forma cifrada em Levítico 12, onde uma mulher deve retirar-se da sexualidade por 66 dias, quando dela nasceu um menino e por 33 dias, quando dela nasceu uma menina. Daí, uma fórmula secreta é insinuada, que resulta na conclusão de que Isaac, o 21º patriarca é um hemafródita, assim como a pessoa na lâmina 21 do Tarô é tradicionalmente escrita para ser um. Também o gênero de Ismael pode ser posto em dúvida, porque somente seu 13º ano é mencionado na Torá, mencionado junto com a pista descrita para o centro da Torá, onde 12 revoluções de Vênus se cumpre.

As Tábuas Torá-Cosmos da Lei Padrão

Torá Cosmos resolve a incompatibilidade entre a tradição judaica e a Torá: a tradição judaica diz que, Moisés recebeu a Torá completa, "a lei", no Sinai, no entanto, a Torá escrita só escreve que ele tem duas Tábuas de pedra com dez mandamentos, que também são chamados e somente pretendem "a lei" nelas. Isso pode ser resolvido. Vamos ilustrar a estrutura da Torá Octaetéride como segue. Ambos os dias em um ciclo de visibilidade de Vênus e o número de dias em um ano são divisíveis pelo número primo 73. Um ano tem cerca de 5 x 73 dias e um ciclo de visibilidade de Vênus tem cerca de 8 x 73 dias. Em uma Octaetéride há 8 anos iguais a 5 ciclos de visibilidade de Vênus e uma Torá escrita é quase duas vezes uma Octaetéride. Daí uma Torá tem cerca de 2 x 5 x 8 x 73 dias/versículos (a importância do número 73 para a Torá): A estrela de oito raios é um símbolo muito antigo, utilizado para o planeta Vênus há mais de 3.000 anos atrás, na região do Tigre-Eufrates (de acordo com a informação de referência no www.symbols.com). Ela também é muito encontrada nas antigas artes megalíticas no norte da Europa (www.mythicalireland.com). A estrela de oito pontas pode ter sido usada como uma bússula ou símbolo de qualquer estrela, mas porque 8 anos ou 5 ciclos venusianos são a fácil mensurável Octaetéride, uma estrela de oito ou cinco pontos pode ter sido usada para simbolizar isto (ou apenas Vênus). Você pode pesquisar no Google por "Pentagrama Vênus" (www.google.com ... venus + pentagrama) para obter maiores informações, especialmente para saber que as cinco posições em que Vênus pode ser visto depois de cada um dos cinco ciclos de aprox. 584 dias em oito anos formam um pentagrama no céu e no zodíaco, ou seja, enormes estrelas de cinco pontas no céu. Essas são as 'Mãos de Deus'.



Projeto secreto das Tábuas da Lei da Torá, descoberto por Adreas G. Szabo.

A propósito, desculpe pelo alemão ou palavras estrangeiras na imagem. Tradução: "*Lunationen*" significa o ciclo de fases da lua, de aprox. 29,53 dias cada, e 5847 versos ou dias é a quantidade exata de versos, ou seja, na edição **Koren Leningrad** semelhante (um padrão moderno) da **Torá hebraica**. Qualquer edição de hoje pode ter até 8 versos a mais ou menos.

O que pode imediatamente iluminar quando você vê a imagem dos discos em conjunto com os livros de Moisés e a **Torá** é a idéia, que estes dois discos poderiam assemelhar-se com as **Tábuas da Lei**. *Em cada disco estão 5 anéis concêntricos, medindo 5 ciclos de visibilidade de Vênus ou 5 'mandamentos'* (ou é um disco com dois lados, pode comparar a imagem na referência externa do **Disco de Phaistor**, encontrado em 1903 d.C. em Phaestos, Grécia www.labyrinthina.com/phaistos.jpg, que pode ter sido *algum tipo de calendário ou dispositivo mnemônico multi-efeitos*).

Então, por esta disposição, tanto as origens tradicionais são verdadeiras (não literalmente): **Moisés** não quer receber os dez mandamentos ou a Torá, ma ele recebeu os dez mandamentos no **Sinai em duas Tábuas de pedra** (a ser considerado como discos ou dois lados de um disco) E que FOI a Torá (*a lei*). Ambos não significam literalmente, mas sim como símbolos de um conceito naturalmente ambíguo. Mesmo como a fruta tem o seu próprio sêmen por si só, a Torá contém em si por dez mandamentos, que simbolicamente são toda a Torá como dez ciclos de visibilidade de Vênus. Dualidade parece ser um princípio comum aqui: duas Tábuas, dois significados da "lei" (isto é, os mandamentos e a Torá), dupla Octaetéride, dois aspectos ou Torá, *oral e escrita, exterior e interior, e assim por diante*. A Torá-Dual-Octaetéride pode ter sido derivada da Medição de ciclos planetários, ou seja, a partir da medição do céu(s) e há realmente dois céus significados em Gênesis 1.1, como o hebraico **Shamayim**, às vezes traduzido como céu, às vezes como céus, é realmente uma dual (-ayim), uma forma gramatical não conhecida em nossa língua. Mas mesmo em nossa língua as Duas ou Dupla teve um efeito com a medida do Tempo: *em um minuto contamos Segundos, não Primeiros*.



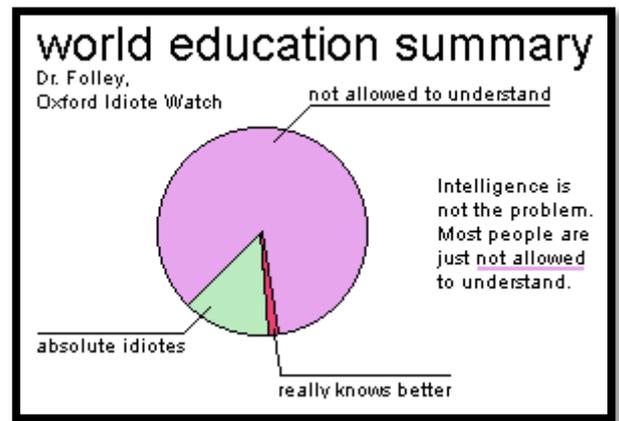
Linguagem sabe, *Sin-ai*, em outras palavras, *Sinai* contém a deusa da Lua babilônica Sin e você lembre-se agora, cuja fase dissemos ser medida pela dupla 99 pela **Torá**. (Resposta: Lua).

Assim, Moisés recebeu a Torá com base (montagem) da Lua, que é a fase do ciclo da Lua, o ritmo oscilante duplo, matematicamente um seno ou senos, das luas novas seguido por luas cheias, que também é chamado de Lunação ou meses sinódicos lunares, também conhecido como a base do calendário judaico.

As Tábuas da Torá, em outras palavras, arranjo de Disco(s) vituais está em perfeita afinidade com o escrito kabbalístico hebraico conhecido como o Sefer Yetzirah. O versículo mais citado do Sefer Yetzirah lê: "*Dez Sephirot do Nada ... cinco oposto a cinco ...*".

Segundo os autores da Torá, que podem ser chamados, respectivamente, **os Mestres do Tempo**, a Torá pela linguagem cósmica de números foi destinada a despertar e ensinar a consciência da eternidade.

Os assuntos revelados nesta publicação são apenas uma pequena janela para o que eu descobri. Vamos responder uma das perguntas padrões que as pessoas perguntam quando lêem este espetáculo: "Como é que a Bíblia, o livro mais estudado e pesquisado por mais de 2000 anos e ninguém descobriu a Torá Cosmos?" ... Bem, a resposta é fácil, que muitos cientistas são apenas idiotas. Aceite isto com humor. O que estou tentando expressar é que muitas pessoas são muito sérias com o que é dito ou escrito sobre eles ou seus assuntos e como isso é feito. Eles estão muito preocupados sobre "grafia correta", "vestuário correto", "citação correta", e "comportamento correto", em vez de estarem preocupados com a ciência correta. Tome isto de forma bem humorada, eu sou um idiota, você vê, então não há nada a perder. Meus círculos não se incomodam.



Você já pensou se não podia haver algo realmente por trás das palavras e letras da Torá? Se não apenas a palavra "nada" satisfizes-lo como uma resposta bem-vinda, o que as pessoas esconderam nelas? O pesquisador feito por si mesmo A.S. sugere: foi seu conhecimento de cronometragem e a sabedoria espiritual hermética derivada dele. Em tempos muito antigos, a *astronomia*, a *astrologia*, a *matemática*, a *sabedoria hermética*, e tais, têm sido uma *ciência (esotérica)*.

Teoria Musical e Cosmologia Antiga

por Ernest G. McClain

Na antiga Mesopotâmica, *música, matemática, arte, ciência, religião, e fantasia poética eram fundidos*. Por volta de 3000 a.C., os Sumérios simultaneamente desenvolveram a escrita cuneiforme, na qual eles registravam seu panteão, e um sistema de base de 60 números. Seus deuses eram determinados números que codificavam as relações primárias da música, com as funções dos deuses correspondendo aos seus números na teoria acústica. Dessa forma os Sumérios criaram um extensivo **modelo tonal/aritmético para o cosmos**. Nesta alegoria de longo alcance, *o mundo físico é conhecido por analogia, e os deuses davam divindade não somete às forças naturais mas também às “sobrenaturais”, entendimento intuitivo dos padrões matemáticos e forças psicológicas*.

A notação matemática cuneiforme, inventada pelos Sumérios, foi completamente explorada pelos *virtuosos cálculos aritméticos da Babilônia*, ascendente político no segundo milênio. A notação emprega poucos símbolos, que são distribuídos em padrões facilmente compreendidos pelos olhos. Assim, poucas exigências são feitas na memória. *Na Mesopotâmia, a mitologia tomava forma concreta; por exemplo, atividades importantes dos deuses podem ser lidas como “eventos” em uma tabuada de multiplicação assinalada como uma matriz de tijolos Sumérios*. A Grécia Antiga simplificou todos os conceitos tonais racionais incorporados nestas alegorias Sumérias/Babilônicas por dois mil anos, simplesmente esperando para ser desmistificada. Além disso, por causa das mitologias religiosas da Índia, China, Babilônia, Grécia, Israel, e Europa usarem fontes e numerologia Suméria, a teologia precisa ser estudada a partir de uma perspectiva musicológica.

Se a ciência é concebida como o conhecimento e a filosofia como amor à sabedoria, então *a invenção da teoria musical é claramente uma das maiores conquistas científicas e filosóficas do mundo antigo*. Quando, onde e como isso aconteceu?

Supondo que o homem de **Cro-Magnon** *processava o som com a mesma biologia que nós processamos, os humanos compartilharam alguns cinqüênta mil anos de experiências auditórias semelhantes*. A teoria musical como uma ciência acústica começa com a definição dos intervalos, a distância entre alturas, por proporções de números inteiros, ou números cardinais, uma descoberta tradicionalmente atribuída a **Pitágoras** no sexto século a.C.

Somente no século dezesseis a.C., quando **Vincenzo Galilei** (*pai de Galileo*, um músico completo) tentou repetir algumas das experiências atribuídas a **Pitágoras**, *aprendidas como sendo apócrifas*, que davam respostas erradas ou inexistentes. Hoje, como presente da arqueologia moderna e estudos linguísticos, nossa consciência das culturas mais antigas do que a Grega tem sido elevada fenomenalmente; isto nos permite anular as fatigadas invenções sobre **Pitágoras** e contar uma história mais provável, *envolvendo heróis anônimos em outras terras*.

Minha história é centrada na Mesopotâmica. Ela demonstra como cada elemento da teoria de afinação Pitagórica estava implícita na matemática e mitologia dessa terra por pelo menos há mil anos, ou talvez dois mil, antes dos racionalistas Gregos finalmente simplificarem o que nós desejamos reconhecer como ciência a partir de sua longa incubação dentro da mitologia.

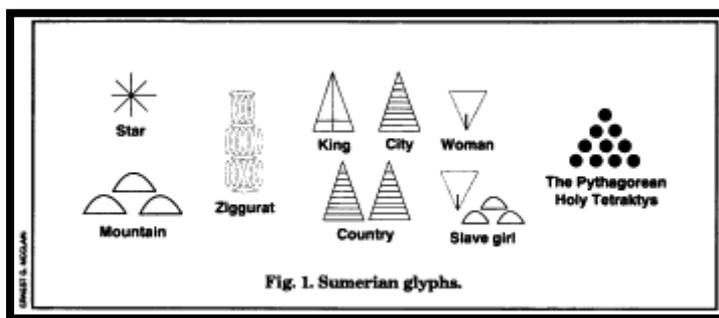
O que parece mais surpreendente na antiga Mesopotâmia *é a fusão total do que nós separamos em assuntos: música, matemática, arte, ciência, religião, e poesia fantástica*. Tal fusão nunca foi igualada, exceto por **Platão**, que herdou as suas formas. As opiniões de **Sócrates** *sobre os princípios gerais dos estudos científicos* no livro 7 da República de **Platão**, com *as alegorias harmônicas* que seguem diretamente nos livros 8 e 9, orienta minha exposição aqui. Os protótipos Mesopotâmicos pelos quais nos levam justificam plenamente o tratamento de **Sócrates** de seu próprio conto como um *“antigo gesto das Musas”*, herdados de uma gloriosa civilização perdida. Acadêmicos que Estudiosos que se tornaram demasiado não-musicais para entender a parta da humanidade na divindade, como **Platão** *temia que pudesse acontecer*, ainda pode confiar nele para a compreensão, por todos de seus muitos escritos

sobre harmônicos e música terem sobrevivido. (Devo reprimir aqui, por razões de espaço, *as extensas alegorias harmônicas dos Judeus, cujas formas paralelas infundem a Bíblia com implicações relacionadas a música desde a primeira página do Gênesis até a última página do Apocalipse.*)

Música era tão importante na Índia antiga, Egito, e China como era na Mesopotâmia e Grécia. *Todas essas culturas tinham imagens míticas semelhantes enfatizando os mesmos números*, que eram tão importantes em definir os intervalos musicais; isso levanta dúvidas se qualquer pessoa alguma vez “inventou” a teoria acústica. Por exemplo, em qualquer cultura que conheça a harpa intimamente como era conhecida no Egito e Mesopotâmica, sua visível variedade de comprimento de cordas e economia de materiais (cordas requerem cuidadosa e frequentemente onerosa preparação) encoraja construtores, como desvio de rumo de sobrevivência estratégica, para perceber a correlação entre o comprimento de corda e sua altura intencionada.

Similarmente, na China, onde por volta de 5000 a.C. os ossos das pernas de grandes pássaros, equipados com orifícios tônicos apropriados para uma escala, aparecem como flautas unidas em rituais funerais, a importância de materiais adequados condicionaram marcadores de ritmo a serem alertas ao comprimento. As proporções básicas poderiam ter sido descobertas muitas vezes em muitos lugares, mais provavelmente por artesãos apaixonados e médicos do que filósofos. Certamente, a descoberta veio até ao quarto milênio a.C., antes mesmo da primeira dinastia Egípcia ser fundada ou os Gregos alcançarem a costa Mediterrânea.

A Nova Perspectiva Emergente



No quarto milênio a.C., os Sumérios, uma população não-Semita *de origem incerta*, desenvolveram uma grande civilização na Mesopotâmica, agora a parte meridional do Iraque. Por razões que foram vigorosamente discutidas mas permanecem não evidentes, eles *desenvolveram um sistema à base de 60 números*. À espera de ser reconhecida dentro dele—e de maneira óbvia para qualquer adepto dos escribas, embora invisível para os analfabetos—*foram os principais padrões da teoria harmônica que aparecem mais tarde na Índia, Babilônia e na Grécia*. Túmulos Sumérios deste período inicial produziam uma messe de harpas, liras, e instrumentos de sopro, e a literatura sobrevivendo em abundantes tabletes de argila em hinos elaborados.

Na escrita cuneiforme dos Sumérios, que foi inventada simultaneamente com o *sistema numérico de base 60*, o *panteão de divindades é racionalizado atribuindo aos grandes deuses a base de 60 números que*, como veremos, codifica as razões principais da música. O glifo, ou símbolo, para o céu ou estrela, seguido de um número adequado, funciona como um “*apelido de deus*”. (Veja a fig. 1. Os valores numéricos das divindades são dadas em Budge 1992.) Os números revelam a sua importância em matrizes triangulares de contadores de seixo.

Além do mais, na mitologia de sua religião, *as responsabilidades e comportamentos dos deuses correspondem com as funções dos números de deus na base acústica de 60*. A cosmologia Suméria é fundamentada na copulação metafórica de arranjos numéricos do macho A e fêmea V, pela qual o “*sagrado tetraktys*” Grego é abstraído.

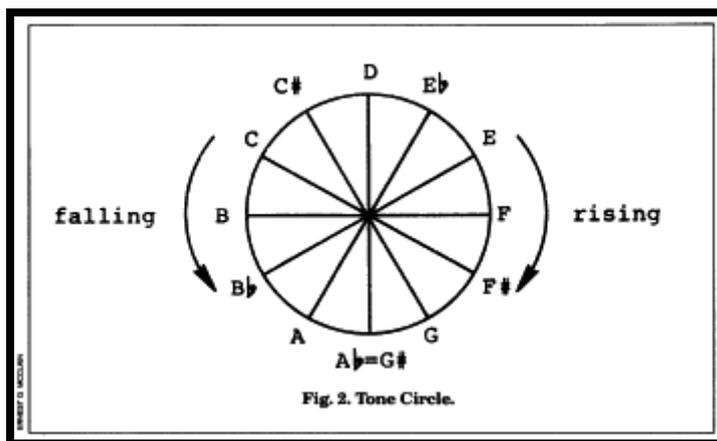
Por exemplo, a cabeça do panteão e pai dos deuses é o deus do céu **An** (o então **Anu**), deus 60, escrito em cuneiforme como um signo 1 excessivamente grande (veja fig. 5). Por causa dos números de base 60 aproveitar significados de valores potencialmente infinitos como múltiplos e submúltiplos de 60 (como a unidade, 1, em sistema numeral decimal), $An = 60$ (escrito como 1) funciona como o centro de todo o campo de números racionais. Em linguagem matemática, An é a média geométrica, sendo a média entre qualquer número e seu recíproco.

Anu/An, então, é essencialmente uma divindade não-faz-nada, como ele foi antes acusado de ser um ponto de referência perfeitamente adequado para representar simultaneamente a banda média do céu, o centro do campo numérico, e o centro, tom referencial (o Grego *mese*) em um sistema de afinação. *Ele estava fadado a ser deposto por líderes mais ativos entre os seus filhos, como a lógica harmônica focada de forma mais clara sobre a estrutura e virtuosismo na computação tornar-se subordinada a uma análise matemática mais profunda.*

Teologia, a partir de seu nascimento como “*discurso racional sobre os deuses*” e em muitas culturas mais tarde influenciadas pelos Sumérios, é alegoria matemática com uma profunda lógica musical. **A teoria de afinação hoje permanece uma ciência antiquada sem qualquer alteração em seus parâmetros de base**—estruturada pelos próprios deuses em disfarce numérico—desde que estreou na Suméria em torno de 3300 a.C.

Para vislumbrar esta nova visão exige que nós deixemos de lado nossa álgebra, nossos computadores, e nosso orgulho em superioridade racional e representar os números a nós mesmos como os antigos faziam: *concretamente*. Temos de aprender a fazer aritmética musical com um punhado de pedras em uma matriz triangular, como nos ensinam os **Pitagóricos**, imitando o padrão de tijolos no glifo Sumério para montanha.

Então, como **Sócrates**, devemos mostrar-nos as implicações harmônicas de que a aritmética com um círculo na areia, para que o círculo seja o cosmos, visto como infinitamente cíclico, como os tons da escala musical (fig. 2).



No que se segue, estou apresentando a aritmética Mesopotâmica como **Platão** ainda praticava no quarto século a.C., estudando suas alegorias aritméticas para pistas de exemplos anteriores. *Platão é o último grande mitógrafo harmônico do mundo Europeu*; nunca mais um grande filósofo fez seu pensamento tão completamente fundamentado em música.

Em retrospecto, decodificar *os harmônicos Sumérios-Platônicos prova-se espantosamente simples*. Qualquer um, mesmo uma criança, que pode contar até dez e cangar ou tocar a escala pode fazer auto-evidente a construção da escala que uma vez modelou o cosmos.

Porque 60 é integralmente divisível por 2, 3, 4, 5, 6, 10, 12, 15, 20 e 30, a aritmética de base 60 pode correlacionar muitos subsistemas, permitindo a manipulação fluente das frações. Este precoce domínio das frações assegurou a definição aritmética adequada das relações de altura—presumivelmente como relação de comprimento de corda em harpas antigas, índices aproximados de comprimento sobre flautas de bambu, ou relações de orifícios tônicos em aulos—não importa quantos tons estão envolvidos e se subir e descer os padrões de altura.

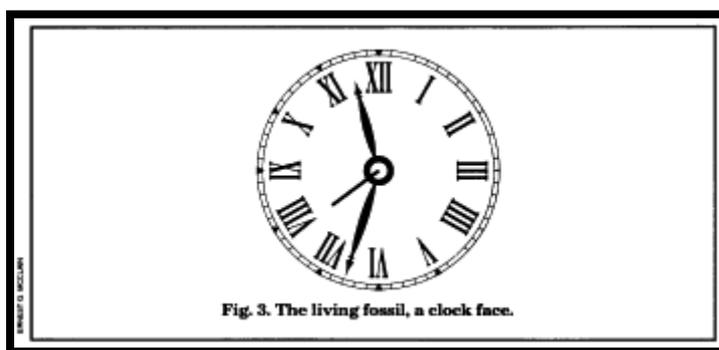
Por volta de 1800 a.C., os Babilônios tornaram-se politicamente ascendentes e reorganizaram o panteão Sumério, mantendo seus deuses números e terminologia matemática relacionada. Eles desenvolveram *a computação base-60 a um nível de virtuosidade aritmética não igualada na Europa até 1600 d.C. e não entendida em tempos modernos até a metade de nosso próprio século* (veja **Neugebauer** 1957). Não até 1945, quando Neugebauer e **A. Sachs** publicaram a tradução da tábula cuneiforme YBC 7289 da *coleção Yale*, o mundo aprendeu que a Babilônia antiga (1800-1600 a.C.) possuiu uma fórmula base-60 para a raiz quadrada de 2 precisamente a cinco casas decimais (1.41421+), ou a fórmula para gerar todos os triplos **Pitagóricos** (um triângulo com lados de 3, 4, e 6 unidades é meramente um exemplo) mil anos antes de **Pitágoras** explicar o primeiro.

Os Gregos, ainda pensavam em termos de unidade de fração Egípcia (de modo que um tom descendente 8:9, por exemplo, foi construído laboriosamente adicionando ao comprimento de referência 1/8 de si mesmo), teria sido surpreendente aprender que os Egípcios, quem eles reverenciavam, *havam sido muito ultrapassados em facilidade computacional por um antigo vizinho*.

A escassez de textos matemáticos Sumérios sobreviventes requer estudiosos para fazer muitas inferências a partir dos sobreviventes da Babilônia mais tarde, e na literatura Suméria há ainda muito por traduzir ou inacessíveis. Dessa forma, como a evidência do avanço linguístico torna-se disponível, a história que conto aqui requer revisão, tornando mais certa em datação, transparente em significado, e rica em detalhes.

Para olhar adiante na história e ver a persistência dos métodos Sumérios/Babilônios, **Ptolomeu**, no segundo século a.C., no **Harmonica**, *registrou todas das algumas vinte afinações Gregas conhecidas a ele com frações sexagesimais (base-60)*. Entre aproximadamente 500 a.C. e 150 d.C., a *astronomia Babilônica e Grega teve sucesso na computação base-60*. Isso foi ainda usado por **Copérnico** no décimo-quinto século e prolonga na astronomia moderna. *O calendário Chinês é ainda calculado por 60s*. Astronomia, no entanto, como a ciência da medição que mais tarde tornou-se, "era praticamente desconhecida na antiga Suméria; pelo menos a partir de hoje temos apenas uma lista de cerca de vinte e cinco estrelas e nada mais" (Kramer, 1963).

Como a Base-60 Sobrevive na Medida do Tempo



Relógios analógicos e de mão equipados com força de rotação para horas, minutos, e *segundos são fósseis vivos da tendência aritmética Suméria* (fig. 3).

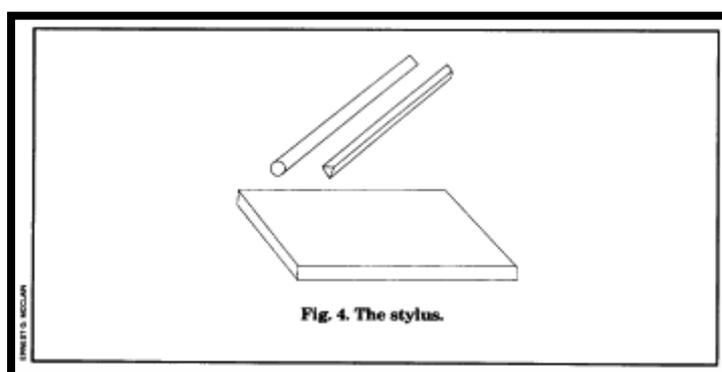
A. Os números têm marcadores visíveis e tangíveis no dial (representando a fixidez do ciclo repetitivo temporal), restringindo os encargos sobre a memória e permitindo operações serem reduzidas a contagem e adição.

B. Sessenta pode ser concebido de, quando quisermos, como uma grande unidade (uma rotação do ponteiro de segundos ou minutos), dando em contrapartida a pequena unidade a implicação de 1/60.

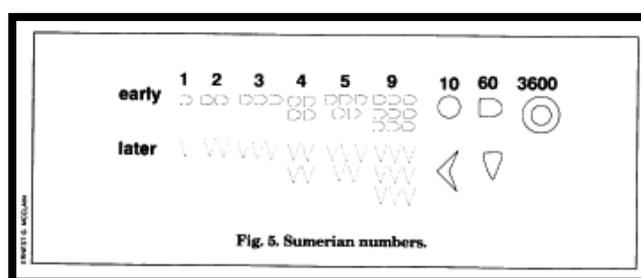
- C. A unidade de grande porte, como alternativa, pode ser concebida como um poder maior de 60 (correlacionando as rotações simultâneas de ambos ponteiros de segundo e minuto), por $60^2 = 3,600$ segundos é também uma hora, ao contrário dando nossa pequena unidade a implicação de $1/3,600$.
- D. Doze horas constitui uma unidade ainda maior (uma rotação do ponteiro das horas) de $12 \times 60 = 720$ minutos, e $12 \times 3,600 = 43,200$ segundos, por outro lado dando a menor unidade a implicação de $1/720$ ou $1/43,200$.
- E. Evitamos a confusão entre esses significados aritméticos alternativos da mesma forma que os Sumérios fizeram, ou seja, lembrando o contexto das perguntas que estamos tentando responder.
- F. A existência de formas alternativas de expressar uma unidade, como nos exemplos acima, aponta e enfatiza a importância dos recíprocos.

Músicos, seguindo **Platão**, ainda projetam as suas tonalidades em um círculo que elimina as repetições cíclicas de oitavas (**Platão**, no Timeu, insiste que Deus faz apenas um modelo de alguma coisa). Assim, hoje, com nossa escala moderna, igual-moderada, podemos identificar qualquer intervalo musical como um múltiplo de um tom normal, para a inveja dos calendaristas, que, tendo de lidar com as irregularidades de dias, meses, e anos, estão com inveja da nossa *perfeita simetria dodecafônica*. Mas a aproximação mais próxima da nossa dodecafônica, escala igual-moderada em números inteiros pequenos ainda que fornecidos pela antiga aritmética de base-60.

Números Sumérios



Os números sumérios foram impressos em tabuletas de argila com um estilete, no primeiro turno, depois triangular, mantido inclinado para alguns números e verticalmente para outros (fig. 4). Números de 2 a 9 foram construídos por repetições da unidade, feita com a ponta do estilete. Um 10 era impresso com o fim; um 60 era feito como um grande 1 por pressionar o estilete com mais firmeza no barro. A equação $60^2 = 3600$ era riscada como um círculo (ver van der Waerden 1963). Apenas alguns símbolos eram necessários, e repetição fez fácil para decodificar, minimizando os encargos sobre a memória. A idéia de um número foi realmente incorporada nos traços necessários para marcá-lo (fig. 5).



Computação foi facilitada pelas tabuletas de "recíprocos, multiplicações, quadrados e raízes quadradas, cubos e raízes cúbicas, ... funções exponenciais, dando número coeficientes para o cálculo prático, ... e muitos cálculos metrológicos, dando às áreas de retângulos, círculos" (Kramer 1963). Muitas cópias dessas tabuletas chegaram até nós.

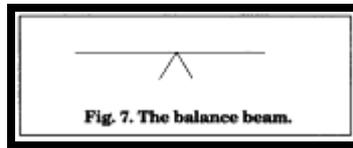
As tabelas de multiplicação padrão une cada número com o seu recíproco e dá proeminência especial para o subgrupo favorecido de números "regulares", cujos fatores principais são limitados a 2, 3, e 5 (fatores primos maiores, necessariamente, levam a aproximações nos recíprocos). "Números regulares" até 60 são mostrados (fig. 6) com os seus recíprocos, transcritos, por exemplo, para que o recíproco de $40/60 = 2/3$ lê-se 1.30, ou seja, $90/60 = 3/2$. Observe que somente as frações mais importantes do 60 são divinizadas ($1/6, 1/5, 1/4, 1/3, 1/2, 2/3, e 5/6$). Os nomes dos tons equivalentes mais próximos na notação moderna. Vários valores exigem três "lugares" sexagesimais (indicado por vírgulas); tabelas auxiliares livremente empregam seis, sete, e ainda mais lugares.

Gods	Sexagesimal reciprocals	Tonal reciprocals	(in modern notation, nearest tonal approximation)
All from 1 to 60	2 30	c# c#	string length versus
	3 20	f# b#	frequency as viewed from
	4 15	c# e#	the perspective of
	5 12	A G	60 = 1 = D:
	6 10	f# b#	
	8 7.30	c# e#	
Marduk	9 6.40	b f	
	10 6	A G	
Ishtar	12 5	f# b#	
	15 4	D D	
	16 3.45	c# e#	
	18 3.20	b f	
	20 3	A G	
	24 2.30	f# b#	
	25 2.24	f b	
	27 2.13.20	e e	
	Sin	30 2	D D
Ea-Enki	32 1.52.30	c# e#	diatonic and chromatic octave
	36 1.40	b f	
	40 1.30	A G	
	45 1.20	G A	
	48 1.15	f# b#	
Bel-Enlil	50 1.12	f b	
	54 1.6.40	e e	
Anu-An	1 1	D D	

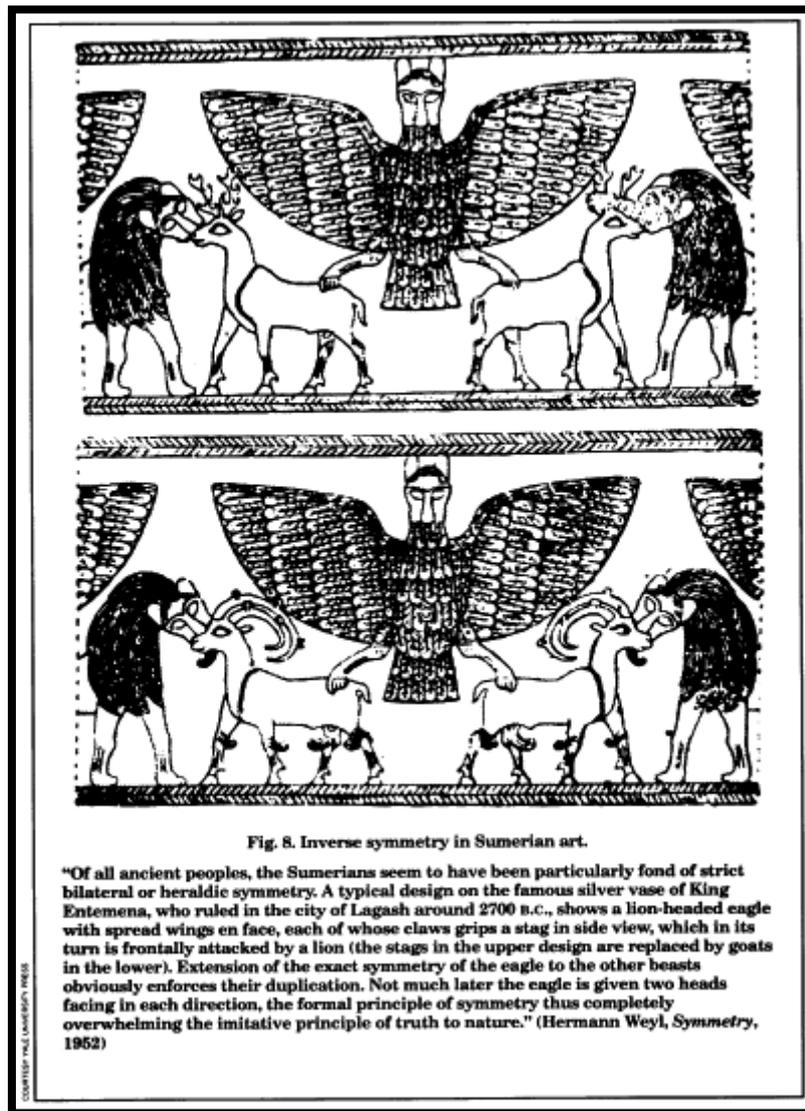
Fig. 6. Tonal interpretation of the sexagesimal system.

Simetria Suméria dos Opostos

Uma pista dizendo que a psique—dos Sumérios, de **Platão**, e de nós mesmos—é afeiçoada pela simetria dos opostos. Inversa, ou bilateral, as condições simétricas do cálculo de base-60, como é condicionada pela dialética Platônica. ("Algumas coisas são provocantes do pensamento e algumas não são... Coisas provocantes... afetam os sentidos juntamente com seus opostos." **República** 524d). Ao se deparar com um espelho que mostra a nós mesmos, com diferentes graus de perfeição, esta simetria dos opostos esquerda/direita no outro lado de um imaginário "plano de reflexão".



A escala conservadora, ou trave de equilíbrio, exemplifica essa noção (fig. 7). *O equilíbrio deve seu funcionamento à gravidade*, mas o seu apelo a nós, sua atratividade, é devido ao nosso ouvido, que além de ser *o órgão da audição também é o órgão do equilíbrio pessoal*. Nossos sentimentos de empatia humana para a trave de equilíbrio afeta a simetria física inversa, ou bilateral, por causa da experiência de equilibrar os nossos corpos, uma atividade dependente da orelha, e não do olho. Todos os cálculos apresentados posteriormente serão alinhados nesta simetria básica, com $Anu/An = 60$ (ou seja, 1) *sobre o ponto de equilíbrio*. A arte Suméria muito elabora esta simetria de opostos (fig. 8).



O Endeusamento dos Números Tônicos

Os números Sumérios deificados, assumidos pela Babilônia, são 10, 12, 15, 20, 30, 40, e 50, todas as partes fracionárias do "pai" $Anu/An = 60$, cabeça do panteão. Seus valores fracionários e os nomes dos deuses são indicados aqui com uma breve descrição das suas funções mitológicas.

Anu/An, 60, escrito como um grande 1, "pai dos deuses", e mais antiga cabeça do panteão, é a unidade de referência. Ele é equivalente em nossa notação a $60/60 = 1$, onde as funções, de acordo com conceitos modernos, como "média geométrica no domínio dos números racionais".

Enlil, 60 (5/6), "deus da montanha" que possui cinquenta nomes, é o guardião especial da humanidade e foi promovido a chefe do panteão por volta de 2500 a.C. A divindade Enlil em base-60 é o que os Gregos conheciam como o número primo humano, 5, em sua base de 10 harmônicos. Por gerar grandes terços de 4:5 e terças menores de 5:6, ele salvou os Sumérios de um tremendo trabalho aritmético, como iremos observar na devida altura.

Ea/Enki, 40 (2/3), "deus das águas doces", e, talvez, a mais movimentada divindade na Suméria, "organiza a terra", incluindo a escala musical. Ele endeusa o divino número primo, 3, na proporção da quinta musical 2:3, a formação mais poderosa em música após a oitava. (Note que o trio dos maiores deuses (40, 50, 60) define a tríade musical básica de 4:5:6 (do, mi, sol, subindo, e mi, do, la, descendo). A razão de 4:5 define a terça maior e a proporção 5:6 define uma terça menor, tomadas, quer para cima ou para baixo, dentro da matriz da oitava musical.)

Sin, 30 (1/2), a Lua, estabelece a matriz oitava Suméria básica como 1:2 30:60.

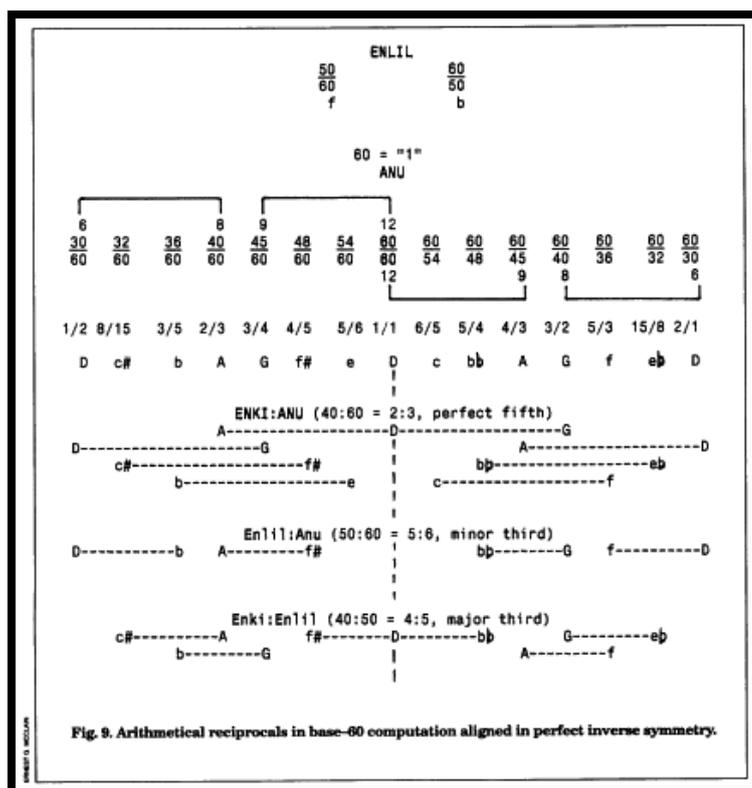
Shamash, 20 (1/3), o Sol, julga os deuses.

Ishtar, 15 (1/4), é a essência do feminino como virgem, esposa, e amante de todos.

Nergal, 12 (1/5), é o duos do submundo.

Bel/Marduk, 10 (1/6), o Baal bíblico, originalmente era uma divindade menor, mas eventualmente se tornou chefe do panteão Babilônico no segundo milênio a.C. Ele herdou todos os poderes dos outros deuses, incluindo os cinquenta nomes de Enlil, em um passo gigante em direção a um monoteísmo "Pitagorizado" contruído sobre os primeiros dez números.

Princípios Harmônicos Gregos na Aritmética Suméria



Aqui estão as principais simetrias aritméticas de base-60 dos harmônicos Sumérios, resumidos na simetria "heráldica" inversa apresentada acima, mas expressa em frações modernas. Cada tom na escala será encontrado a participar em numerosas proporções de deus, e todas as outras proporções são seus derivados por meio de multiplicação (que é o que Platão entende por "casamento" em sua elaborada metáfora da República). Todos os conceitos harmônicos na minha análise, no entanto, são Gregos. A fórmula de Platão para esta construção particular pode ser encontrada no República, livro 8; sua discussão dos princípios harmônicos gerais está no Timeu.

Todas classes de altura gerada pelos números primos 2, 3, e 5, até o índice de 60, estão aqui representadas (fig. 9). Lembre-se que todas as duplas são equivalentes, de modo que 3, 6, 12, e 24 definem a mesma altura que 48, por exemplo.

A. Tons são definidos por números.

B. O significado de um número reside somente em sua proporção com outros números.

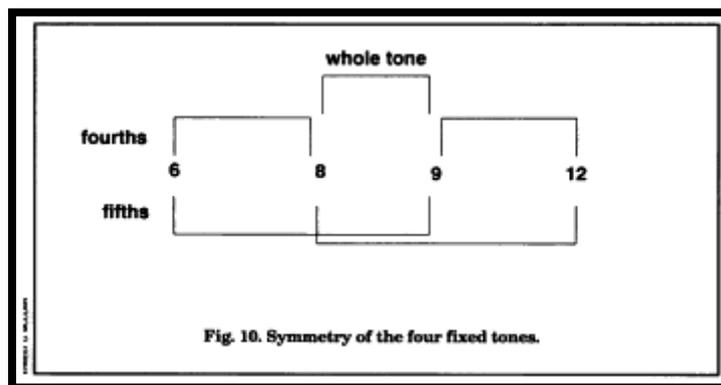
C. Numerosidade é regida pela economia aritmética rigorosa. Por causa dos duplos sentidos Sumérios terem sido assumidos, os números 30, 32, 36, ... são em menor números inteiros para esse contexto. Essa economia é um pouco obscurecida por escrever razões como frações; mentalmente elimina a supérflua referência de 60.

D. Cada número é empregado em dois sentidos, como grandes e pequenos, exibidos aqui como frações de reciprocidade.

E. Os duplos sentidos dos grandes e pequenos exigem o modelo oitavo básico a ser alargado através de uma dupla oitava $30/60 = 1/2$ a $60/30 = 2$.

F. Os tons são agrupados por tetracordes (isto é, em grupos de quatro), cujos limites fixados sempre mostram a proporção musical $6:8 = 9:12$, definindo a oitava ($6:12 = 1:2$), a quinta ($2:3$, isto é, $6:9$ e $8:12$), e o quarto ($3:4$ ou $6:8$ e $9:12$).

Observe como a média aritmética 9 e a média harmônica 8 estabelece uma simetria inversa perfeita (vide fig. 10) e define o tom inteiro padrão como $8:9$. Estes rácios definem os tons fixados somente na teoria de afinação Pitagórica, e eles são invariáveis. **Pitágoras**, pelo que dizem e plausivelmente trouxe para casa esta proporção da Babilônia, no século VI a.C. Na base 60, esses numeros "moldados" necessariamente são multiplicados por 5 em $30:40 = 45:60$.



Observe que Ea/Enki, o deus 40, define essas imagens (DA descendo e G:D subindo) em seu duplo papel como $40:60$ e $60:40$ e, assim, literalmente, "organiza a terra" (como representado pela corda) em do, fa, sol, do, *fundações harmônicas da escala moderna*.

G. O Enlil = 50 tons da classe de alturas b e f sempre pertencem à escala oposta, pois os deuses compartilham esses tons com 36 (ou seja, $30:36 = 50:60$ e 30 e 60 , "início e fim", coincidem), assim, Enlil é livre para supervisionar o sistema, lembrando-nos da *simetria dos opostos*.

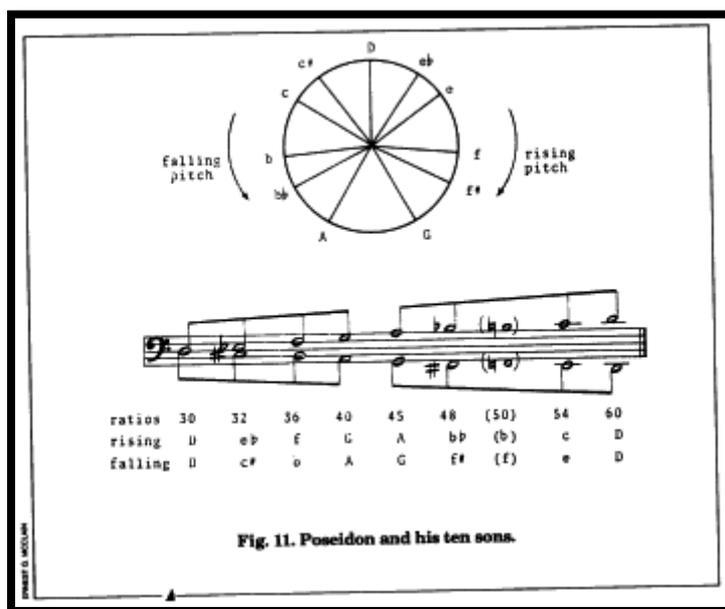
A promoção de Enlil para o chefe do panteão possivelmente simboliza esse insight. Ele desempenha um papel muito ativo, também *gerando vários intervalos que realmente reduzem a numerosidade*, enquanto que o genitor primordial, Anu/An = 60, uma divindade não-faz-nada de pouca importância na Suméria e Babilônia, permanece puramente passiva.

A *dialética Platônica*, no entanto, salienta novamente a importância de um assento t4 invariável na média, "assim tornando a passividade de Anu/An's como *média geométrica na maior força possível da virtude Socrática* como "o Um em Si Mesmo".

H. A versão diminuta ou ascendente desta escala, como anotado [na Figura 9], é do nosso próprio modo maior familiar. É mais comumente notado um tom mais baixo, sobre as teclas brancas do Dó oitavo. A escala crescente, à direita, o seu oposto simétrico é a escala básica da Grécia antiga, Índia, e Babilônia. É mais simples notada um tom mais alto, sobre as teclas brancas no Mi oitavo.

Minha escolha de Ré como o tom de referência é ditada pela necessidade de mostrar opostos ao mesmo tempo, o hábito aritmético normativo Sumério que **Platão** mais parte exigiu de seus alunos na dialética. Futuros *guardiões-filósofos nas cidades idealizadas precisavam se tornar especialistas em pesar os méritos das afirmações contraditórias, exigindo a habilidade de ver os opostos simultaneamente. Música oferecia a oportunidade de fazer isso, por excelência*, e assim começou a formação da infância com ela.

Um Panorama do Calendário e Escala

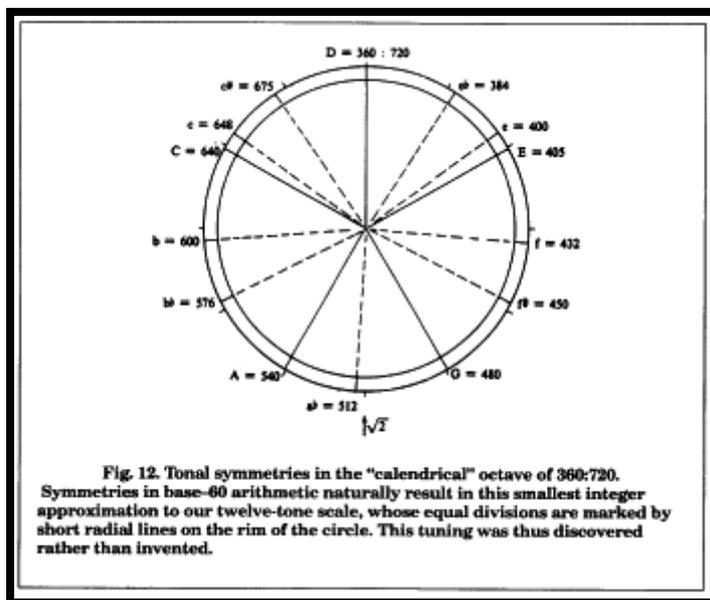


Para agrupar os opostos musicais mostrados acima em um resumo Sumério/Platônico, eliminando todas as replicações oitavas e colocando a nu a estrutura irreduzível ("modelo único de Deus"), precisamos apenas projetar esses tons no mesmo círculo tônico.

Da mitologia de **Platão** (no *Critias*), vem "*Poseidon e seus cinco pares de filhos gêmeos*" (vide fig. 11), alinhados em perfeita simetria Suméria inversa através do plano vertical central de reflexão. (Poseidon, em doze horas, o sucessor Grego do deus da água Ea/Enki, é auto-simétrico, sendo o começo e o fim da oitava, não importa se vamos atravessá-la subindo ou descendo). *Estes onze tons constituem a única simetria de classe de altura até a um índice de 60.*

Mas para fundir frações opostas para que os números—como os tons—mostrem as mesmas razões quando lidos em qualquer direção, é preciso ampliar o dobro numérico 1:2 em 360:720 (vide fig. 12). Se nos ativermos aos números de três dígitos, há, além de *dez filhos de Poseidon*, apenas um outro par de números simétricos, ou seja, 405 e 640 (desde $405:720 = 360:640$). Estes são simbolizados aqui como Dó e Mi para indicar suas diferenças melodicamente

muito pequenas e insignificantes de Dó a Mi. Esta "vírgula" microtonal, diferença de 80:81, quase imperceptível em laboratório e só então por um bom ouvido, foi tomada pelos Gregos como a menor unidade de medida, teoricamente, útil unidade de altura e é aproximadamente 1/9 do seu tom normal de 8:9. O intervalo de tons inteiros entre Lá e Sol (nas fig. 11 e 12) invoca subdivisão semelhante, e a simetria requer um ponto diretamente oposto a nossa referência, Ré. Este local é definido pela raiz quadrada de 2, encontrando-se além do antigo conceito de número, e por isso temos de procurar uma aproximação.



Um candidato musicalmente aceitável (o erro é realmente menos que uma vírgula) agora aparece em Lá-bemol = 512, ou, alternativamente, Sol-sustenido = 512, apenas um pouco torto o nosso valor ideal e com o "rácio de deus" de 4:5 com Dó ou Mi.

Poseidon de Platão e seus dez filhos são mostrados novamente (na fig. 12), juntamente com o nova par de simetria Dó/Mi e do par alternado Lá-bemol/Sol-sustenido (um dos quais está sempre em falta na oitava 360:720). Meu pêndulo vertical agora oscila suavemente para trás e para ambos os lados de seis horas que os números são lidos alternadamente em escala aumentada e diminuta (ou seja, como grandes e pequenos).

Em 512, onde Lá-bemol não é completamente equivalente a Sol-sustenido, os antigos tinham outra escolha senão *aceitar este compromisso aritmético com a simetria inversa perfeita.*

Como eles racionalizam tal complicada simetria inversa, derrotados por causa do compromisso? Lembrando as correlações bastante antigas da escala e de calendário, vamos aplicar a imaginação para o problema deles.

Este modelo base-60 pode ser imaginado como uma correlação adequada com o calendário lunar da Suméria e da Babilônia, uma vez que mais tarde tornou-se o mapa de uma cidade circular idealizada nas Leis de Platão, *calendário e escala musical sendo supostos a ter uma cosmogonia similar.* Observe as seguintes correspondências:

- A.** A escala básica de sete tons requer os trinta dígitos na oitava 30:60, e 30 é endeusado como Sin, a Lua, e o limite da oitava básica.
- B.** Os dois opostos das escalas de sete-tons e o círculo tônico simetricamente dividido *corresponde com as duas estações agrícolas da Suméria*, nas quais a irrigação durante o verão seco complementou a safra do inverno chuvoso.
- C.** Na dupla oitava entre 360 e 720, que une os opostos, existem 360 unidades para corresponder com a contagem esquemática de calendário de $12 \times 30 = 360$ dias. (Eventualmente, os astrônomos na Índia e

Babilônia definiram estas unidades como tithis, ou seja, $1/360$ de uma média do ano lunar de 354 dias, portanto, um pouco menos de um dia solar. Os astrônomos Gregos finalmente definiram as mesmas 360 unidades geometricamente como graus. Nem o desenvolvimento é relevante para a antiga Suméria).

D. Semitons tonalmente aceitáveis mas acústicamente imprecisos, alternadamente pequeno (24:25) e grande (15:16), correspondem aos meses lunares consagrados em ritual, alternado entre 29 e 30 dias.

E. Entre Lá-bemol = 512 e Sol-sustenido 512 (no sentido oposto), um intervalo corresponde com o excesso de um ano solar de 360 e o defeito de um ano lunar de 354 dias a partir de 360. (Cinco dias extra solares e um quarto é cerca de $1/69$ de 360, enquanto o intervalo em que a vírgula é realmente reduzido a cerca de $1/60$ de uma oitava, uma notável quase-correspondência).

Porque qualquer sociedade agrícola bem-sucedida deve encontrar uma maneira de acomodar os ciclos lunares, solares, rituais, e ciclos esquemáticos com o ciclo vegetativo, não precisamos supor que os Sumérios ou alguém realmente acreditava que o ano tem 360 dias. Apenas um musicólogo dedicado à *precisão numérica e economia encontra 720 dias e noites* (ou seja, 360 dias e 360 noites) **cosmogonicamente correto**.

Matriz Aritmética

Todas as relações tonais, aritméticas, e de calendário discutidas acima são coincidências. Elas existem entre os números de base-60 ou ninguém está ciente deles, sobretudo porque 60 é divisível por três números primos, 2, 3, e 5, e não outros, e 60 está sendo usado em um modo de sistema flutuante de ponto decimal.

Se a mitologia Suméria não oferece evidências convincentes de que os Sumérios estavam conscientes das implicações tonais, então o seu estabelecimento de um sistema de base-60, que incluiu tais modelos perfeitos para uma cultura orientada pela Lua e para os harmônicos Pitagóricos dois mil anos mais tarde, seria puro acaso, significando que isso resultou do *"dom de encontrar coisas valiosas e agradáveis não procuradas"*. Mas a prova mais interessante para a auto-consciência harmônica Suméria ainda está para ser mostrada através das **matrizes triangulares** do tipo de **Platão**, funcionando como *"mães" na aritmética harmônica*.

Na Grécia de **Platão**, a sabedoria harmônica da Babilônia e Índia foi transformada em teoria política. Homens agora atuavam os papéis uma vez designados aos deuses. As *quatro cidades modelo* de **Platão** – **Callipolis** (na **República**), **Antiga Athenas** e **Atlantis** (ambas em **Critias**), e **Magnesia** (no **Leis**) – foram *cada uma associada com um modelo musical-matemático específico*, todos gerados a partir dos dez primeiros inteiros. **Todas são redutíveis para um estudo de quatro primos: 2, 3, 5, e 7.**

No **República** e **Leis**, cidadãos idealizados – representados como números – geram apenas no verdor dos anos. Para Platão, isto significa que 2 nunca realmente gera qualquer coisa além do modelo oitavo 1:2, pois essa “virgem, fêmea” mesmo numérica – com todos os seus poderes superiores – designa a mesma classe de altura como qualquer referência 1. (Multiplicando por 4, 8, 16, ... gera somente identidades cíclicas, oitavas diferentes de tons nós já possuímos. Eles eram a *“ama-seca”* de Platão, levando a criança tônica até que esteja velho o suficiente para “andar” como inteiros; por conseguinte, como ele diz, suas *“ama-secas”* requerem uma força física excepcional.)

A tabuada de multiplicação para o 3 x 5 números ímpares masculinos, no entanto, gera uma espiral interminável de quintas musicais (ou quartas) e terços; dentro da oitava feminina 1:2, novas alturas são geradas nas mesmas razões invariáveis. O significado Grego de simetria deve ser na mesma proporção. Assim, *uma “proporção geométrica contínua”* (como 1, 3,9, 27,... ou 1, 5, 25,...) constitui *“a melhor ligação do mundo”*, **maximizando a simetria**, o que é obscurecido pelas aparências, quando esses valores são dobrados para colocá-los em alguma ordem de escala

perfeita. A tabuada de multiplicação para 2 x 5 grafa múltiplos conjuntos de simetrias geométricas tônicas (única realidade de Platão), tanto quanto a imaginação quiser.

A Grécia herdou seus hábitos aritméticos do Egito, incluindo uma afeição pelas unidades de fração na definição de afinações (a relação 9:8 foi pensada como "oito mais um oitavo de si", e assim por diante). Isto despertou a teoria dos números só quando se tornou familiarizado com os métodos da Mesopotâmia. Assim, as viagens de Pitágoras, se lendárias ou não, desempenharam um papel importante. Estes métodos eram aparentemente novos o suficiente no século IV a.C. de Platão para atrair seu comentário extenso, mas velho o suficiente para qualquer novidade por parte de Platão era absolutamente negada por Aristoxenus (fl. circa 330 a.C.) dentro de cinquenta anos.

Platão é responsável por uma surpreendente generalização musical da forma de afinação de base-60 como 4:3 unido com o 5. Seu 3, 4, e 5 correspondem com Sin = 30, Ea = 40, e Enlin = 50, e nos lembra que todos os tons são ligados por quartos perfeitos, 4:3, que define possíveis estruturas tetracordes, ou por terças perfeitas, 4:5. O último Pitagórico que realmente entendeu os "casamentos" Platônicos pode ter sido Nicômaco no segundo século d.C.; ele prometeu uma exposição, mas nenhuma sobreviveu.

Reorganização do Panteão Babilônico

No segundo milênio a.C., os Babilônios reorganizaram o panteão herdado dos Sumérios de uma forma que aponta fortemente para o seu futuro de Pitágoras. Para evitar a destruição de Enlil, que é perturbado por sua confusão e barulho, os deuses reorganizaram sob a liderança de Marduk, deus 10, o Baal bíblico, a quem todos os outros deuses cederam os seus poderes.

Nisto reside uma bela redução da especialização Suméria com frações recíprocas para uma visão mais filosófica de harmônicos como sendo gerados exclusivamente pelos primeiros dez inteiros ("*crianças de até dez*" de Sócrates, na República, além de que idade ele duvidou dos cidadãos serem realmente instalados para comunidades ideais).

Para comemorar a sua sobrevivência após Marduk derrotar a serpente fêmea Tiamat, enviada para destruí-los, os deuses decretaram-lhe um templo; os tijolos exigem dois anos ($2 \times 360 = 720$) para fabricar. Isso motologiza 720, a unidade de medida do tijolo sumério, e o menor índice tonal capaz de correlacionar os sete tons opostos em uma oitava de doze tons de calendário. *Quando os tijolos tonais/aritméticos de Marduk são alinhados em ordem de matriz, vemos que a forma geral do seu templo (com um índice de 720) é uma forma alargada do templo de Enlin (com um índice de 60); Enlil agora confere seus cinquenta nomes em Marduk. Este templo faz o rosto de Marduk brilhar com prazer, somos ditos.*

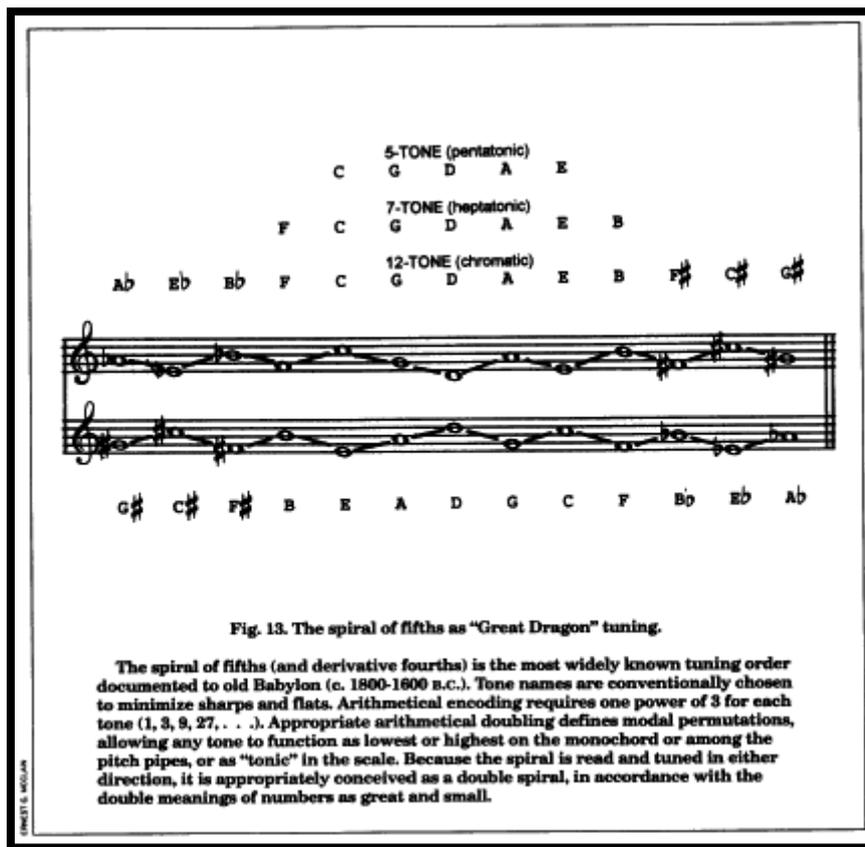
Permitam-me concluir nossa discussão sobre a vitória de Marduk sobre o dragão, Tiamat.

Afinação do "Grande Dragão"

Agora é uma parte normal da educação musical de uma criança aprender a ler a escala como uma espiral de quintos e quartas musicais, como eles são realmente afinados—para a conveniência da orelha—e para ser mostrado os tons em um círculo tônico. *Isso para cima e para baixo, ciclo de alternância de tons inspira, proponho, o dragão e o culto da grande serpente da mitologia antiga (fig. 13).*

Ondulações serpentinadas são visíveis para qualquer harpista nos comprimentos das cordas sucessivas quando tomadas a fim de sintonia (como ainda são, necessariamente), e as ondulações podem ser vistas em qualquer conjunto de tubos de altura quando similarmente alinhados, como na China. Por causa do mesmo número de funções tônicas mutuamente em múltiplos da frequência e do comprimento de onda, eles têm o mesmo significado

duplo hoje que gozavam na época Suméria. É inteiramente apropriado, portanto, representar esta espiral para a frente e para trás, simultaneamente, com as serpentes entrelaçadas.



No relato mitológico, Marduk mata o dragão (que é presumivelmente a sequência contínua de possíveis alturas representadas pela corda indivisa), primeiro corte-o ao meio para estabelecer a oitava 1:2. Adiante corte presumivelmente as "seções" de outras alturas. Nenhum número maior do que Marduk—significando 10—desempenha qualquer papel no corte geométrico da corda.

Esse duplo significado "serpentino"—subindo e descendo quintos e quartas musicais—está no cerne da nossa consciência da estrutura musical. Sumérios não hesitaram em fazer a serpente dupla no centro da simetria, como neste vaso de Gudea (fig. 14), o rei-sacerdote de Lagash circa 2450 a.C., onde são simetricamente ladeados por grifos.



Grandes e pesados números podem ser evitados se as razões 4:5 e 5:6 introduzidas por Enlil serem usadas para definir a escala de sete tons (caso em que todos os números são de dois dígitos); Usado para a escala de doze-tons, seus números precisam de apenas três dígitos. Assim, na Suméria, Enlil = 50, deificação base-60 do ser humano, número primo masculino 5, grosseiramente reduz nosso trabalho computacional de *seis dígitos da numerosidade Pitagórica* (em que um décimo-segundo tom requer $311 = 177147$), no máximo três, e sem diminuir a utilidade melódica (fig. 15). *Apenas os cinco tons centrais (Dó Sol Ré Lá Mi) da Grande Serpente aparecem na figura 12, onde são indicadas por linhas radiais sólidas. Todos os outros tons são devidos a Enlil.*

E	D	C	B	A	G	F	E	(falling)
384	432	486	512	540	548	729	768	
E	f	g	A	B	c	d	E	(rising)
30	32	36	40	45	48	54	60	

Fig. 15. A comparison of the Babylonian, Greek, and Hindu scales in the three-digit numerosity required for "Pythagorean tuning"; because the arithmetic requires a power of 3 for each tone in the spiral of fifths, F C G D A E B, the largest essential number is $3^6 = 729$. In contrast, its base-60 competitor needs only two digits. Both are shown in their most economical arithmetic, the first falling and the second rising (because reversals require even larger numbers).

Historicamente, a música Européia reintroduziu este Mesmo sistema de afinação, no século XV d.C. para garantir a tríade 4:5:6 perfeita para suas novas harmonias sem exceder os doze tons. Os antigos provavelmente a amaram mais para a sua economia aritmética do que pela sua pureza triádica. Microtonalistas hoje, equipados com uma tecnologia nova e poderosa, estão novamente à procura de um *emprego efetivo dessas antigas razões divinas Sumérias.*

Algumas Conclusões Pessoais

As origens finais da teoria musical, em oposição à codificação Suméria que deduzo aqui, continuam perdidas no passado mais distante, como a origem do nosso sentido de número. *Eles se baseiam em uma herança biológica fonética comum, alguns dos quais nós compartilhamos com outros animais,* e não são de forma dependente, como observou **Aristóteles**, sobre a definição numérica precisa. Como eminente musicólogo contemporâneo, William Thompson explicou em nossa correspondência.

Na adaptação para o nosso ambiente complexo, os nossos sistemas sensoriais ingestivos tornaram-se... filtros complacentes, o que nos permite generalizar... Isto, eu estou convicto, é um produto de um comportamento adaptativo muito antigo, uma parte da nossa boa sorte em sobreviveria... em que o nosso sistema neural tem desenvolvido uma infinidade de redes que superam as expectativas quando se trata de fazer alguns trabalhos simples.

Sócrates nunca acreditou na possibilidade de perfeita justiça. O grande objetivo da República de **Platão** foi ajudar os leitores a se tornarem mais "filtros complacentes" para normas culturais alternativas. Continua a existir uma certa imprecisão sobre uma definição científica de intervalos musicais, já que é sobre os dias e noites e meses e anos da República, e que a arte se transformou em algo para o qual todos nós podemos ser gratos. "Superação de expectativas" Sumérias—e essas "pessoas de cabeça preta", como eles chamavam a si mesmos, mostrou-se historicamente a ser tão agressivo quanto os grandes heróis que conheciam ou inventaram—alcançou uma enorme síntese de valores culturais. Eles nos desafiam a fazê-lo tão bem.

Pirâmides, Plataformas, Dólmens e Montes

em ordem alfabética:

Complexo do Jardim YaSen, China (206 a.C. - 220 d.C.) A



Complexo do Jardim YaSen, China (206 a.C. - 220 d.C.) B



Complexo do Jardim YaSen, China (206 a.C. - 220 d.C.) C



Complexo do Jardim YaSen, China (206 a.C. - 220 d.C.) D



El Templo de los Murales em Bonampak, México (580-800 d.C.)



Espiral de Ehécatl em Xochitécatl, México (300 a.C. - 900 d.C.)



Huacas del Sol y de la Luna no Vale Moche, Peru (~100-900 d.C.)



La Gran Piramid em Calakmul, México (~250-909 d.C.)



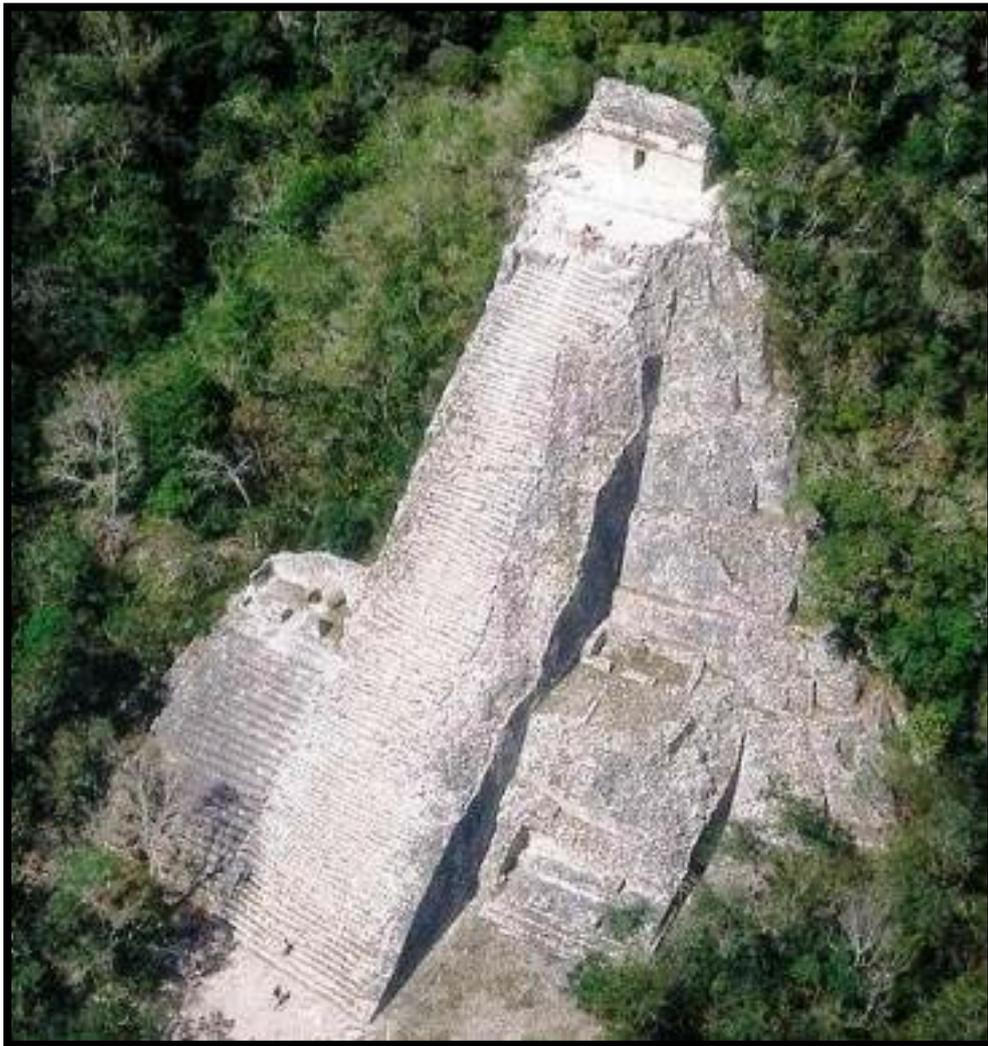
La Gran Pirámide em La Venta, México (~700-600 a.C.)



La Gran Pyramide em Uxmal, México (987-1007 d.C.)



La Pirámide de Nohoch Mul em Cobá, México (500-900 d.C.)



Mausoléu de Qianling (Pirâmide Branca) na Montanha Liangshan, China (206 a.C. - 220 d.C.) A



Mausoléu de Qianling (Pirâmide Branca) na Montanha Liangshan, China (206 a.C. - 220 d.C.) B



Mausoléu de Qianling (Pirâmide Branca) na Montanha Liangshan, China (206 a.C. - 220 d.C.) C



Mausoléu of Qin Shihuang, China (221-206 a.C.)



Monk's Mound em Cahokia, Estados Unidos (900-950 d.C.)



Monte de Yaxchilan, México (600 a 900 d.C.)



Piâmide de Tula, México (~713 d.C.)



Pirâmide Cani Sukuh, Java (~1500 d.C.)



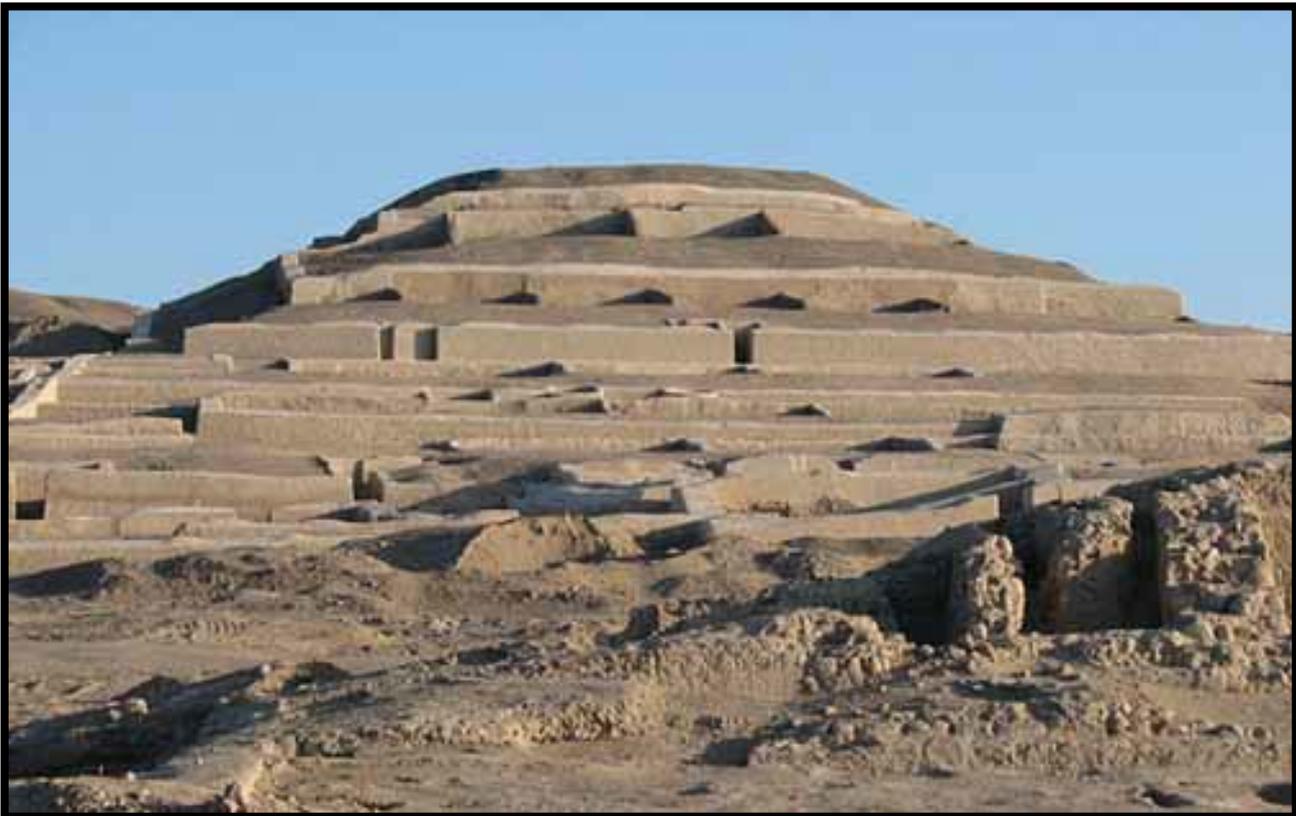
Pirâmide da Imperatriz Wang, China (206 a.C. - 220 d.C.)



Pirâmide da Lua em Teotihuacan, México (1500-1000 a.C.)



Pirâmide de Cahuachi, Peru (400 a.C. - 400 d.C.)



Pirâmide de Chichen-Itza, México (435-455 a.C.)



Pirâmide de Djoser em Saqqara, Egito (~2630 a.C.)



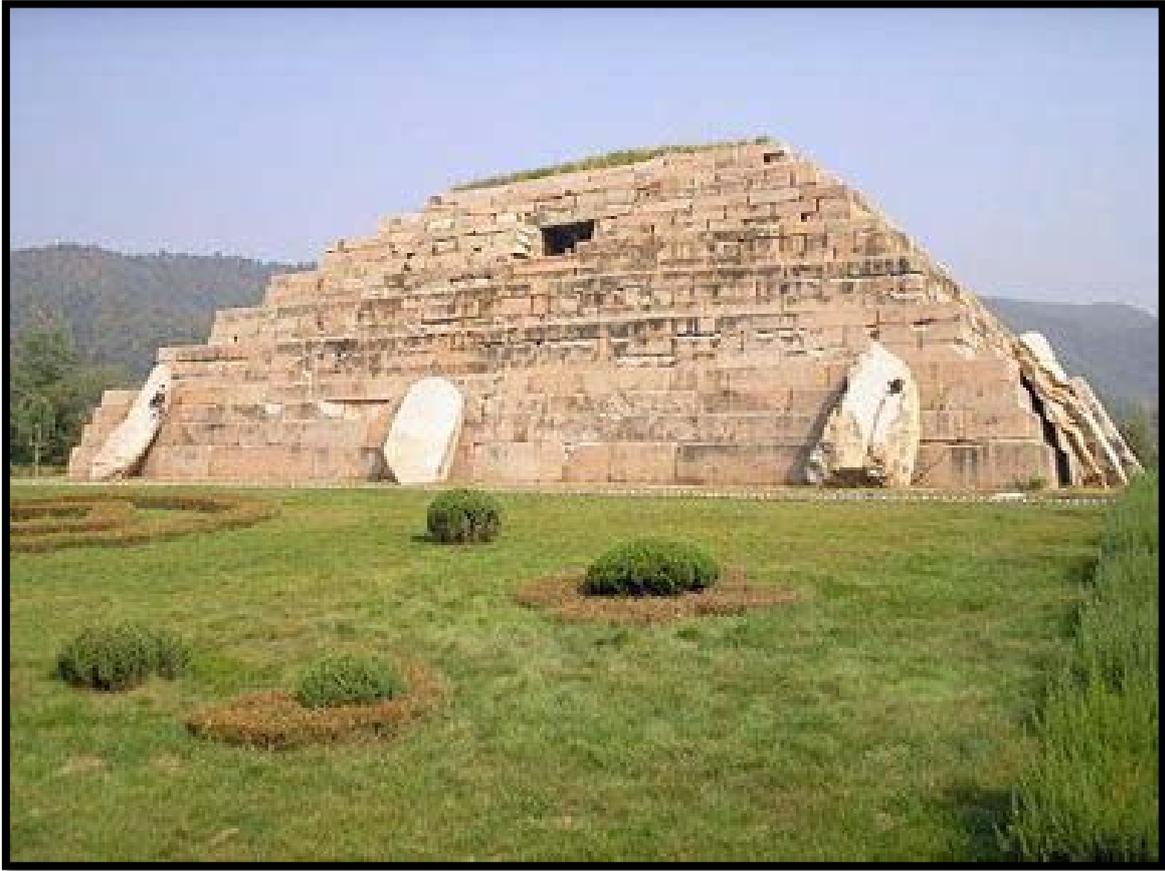
Pirâmide de El Castillo em Xunantunich, Belize (600-900 d.C.)



Pirâmide de Han Yang Ling, China (206 a.C. - 220 d.C.)



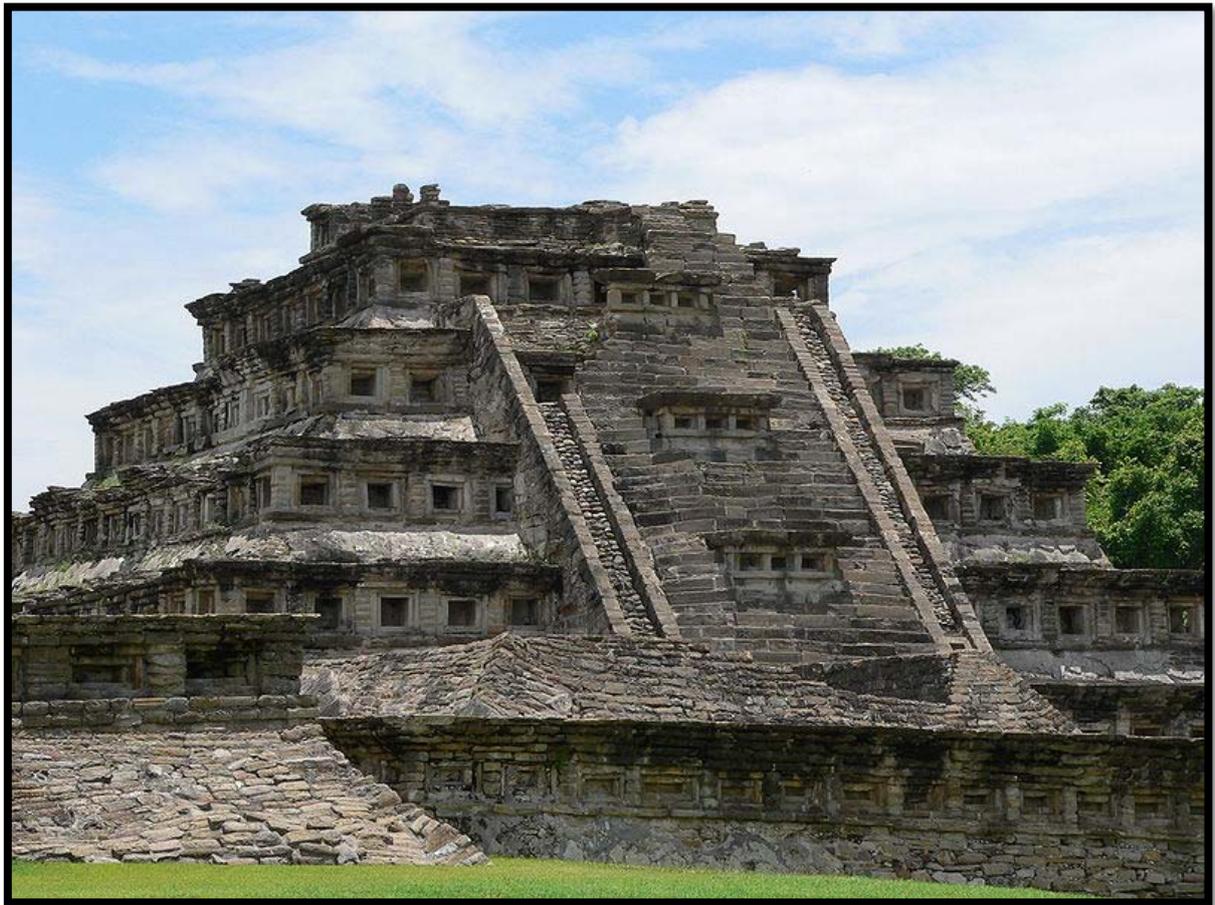
Pirâmide de Janggun-chong, China (413-491 a.C.)



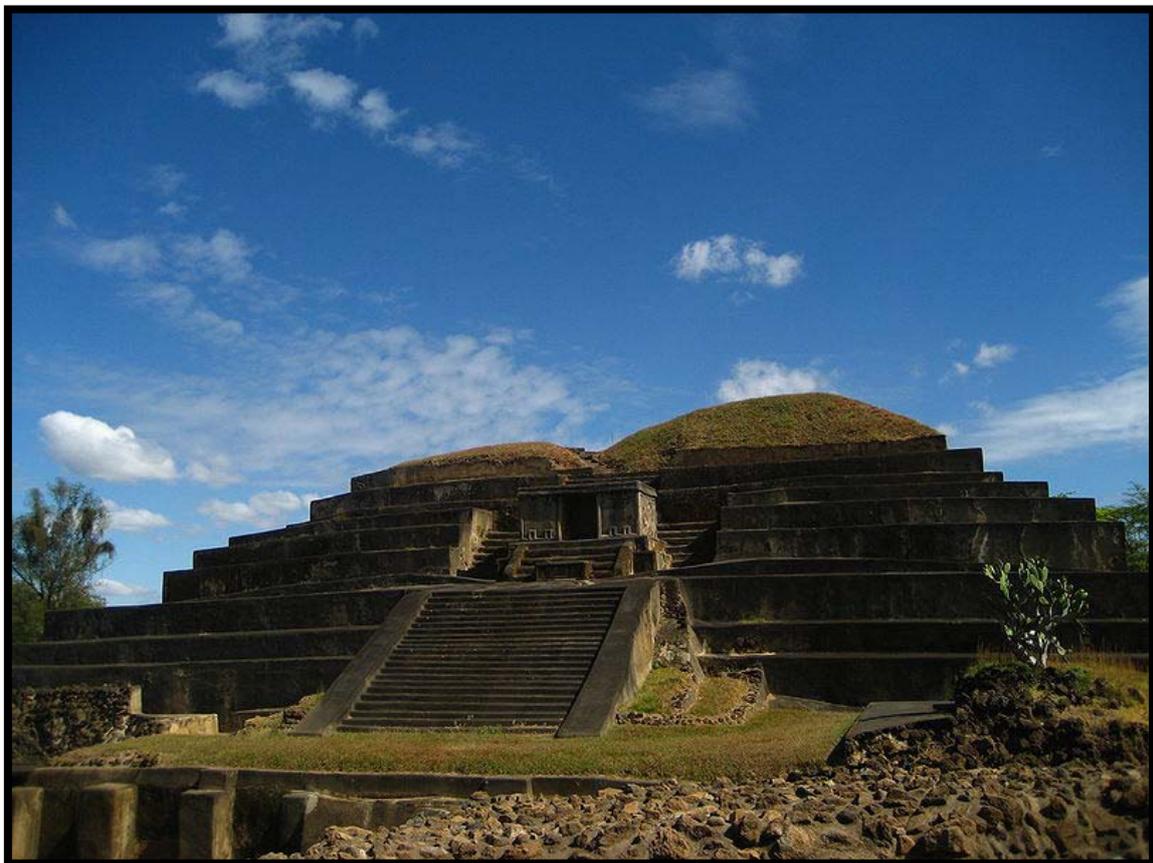
Pirâmide de las Flores - Xochitécatl, México (Período Pré-Clásico)



Pirâmide de los Nichos em El Tajín, México (~650-950 d.C.)



Pirâmide de Tazumal, El Salvador (250-900 d.C.)



Pirámide del Mago em Uxmal, México (700-1000 a.C.)



Pirámide del Tepozteco, México (1502 d.C.)



Pirâmide del Tigre em El Mirador, Guatemala (600 a.C.)



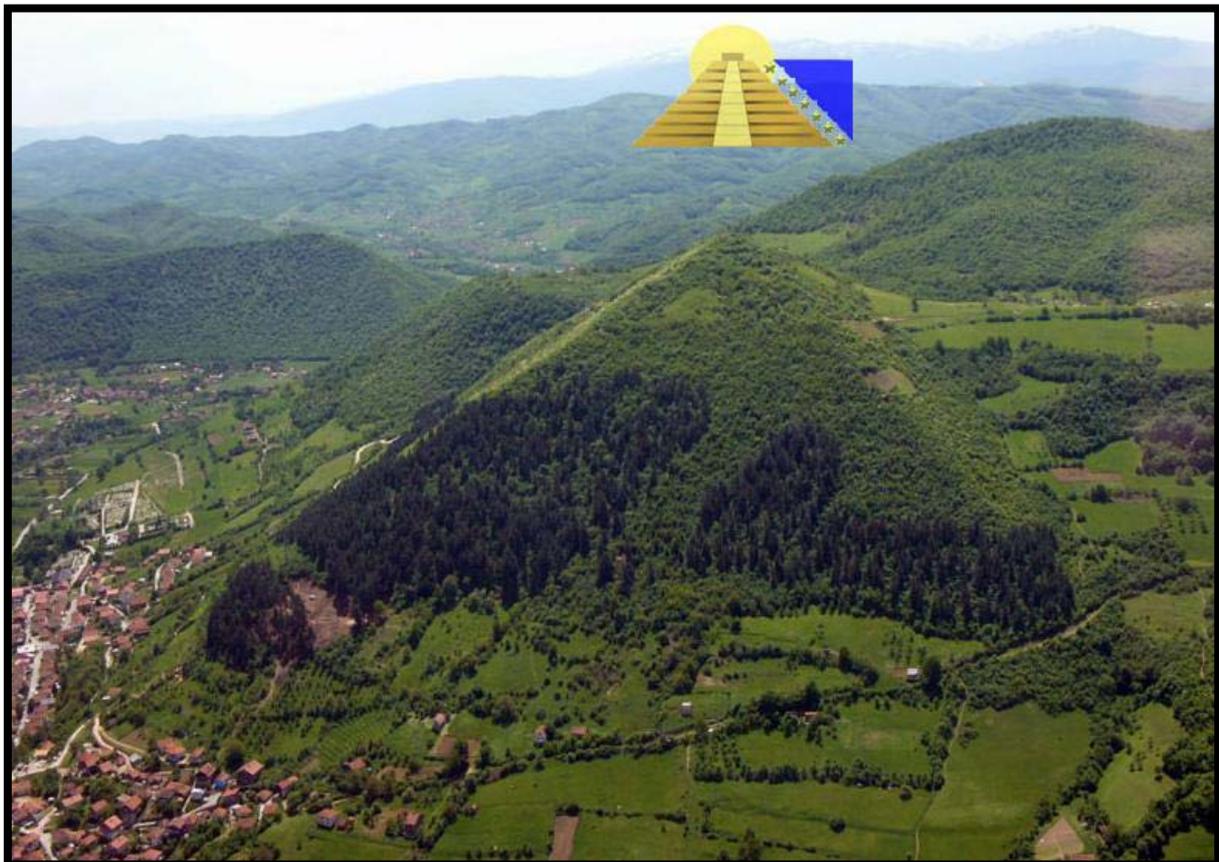
Pirâmide do Imperador Jing Di, China (~156-87 a.C.)



Pirâmide do Sol em Teotihuacan, México (1500-1000 a.C.)



Pirâmide do Sol em Visoko, Bósnia e Herzegovina (?)



Pirâmide em Caracol, Belize (200-900 d.C.)



Pirâmide em Copán, Honduras (~250-900 d.C.)



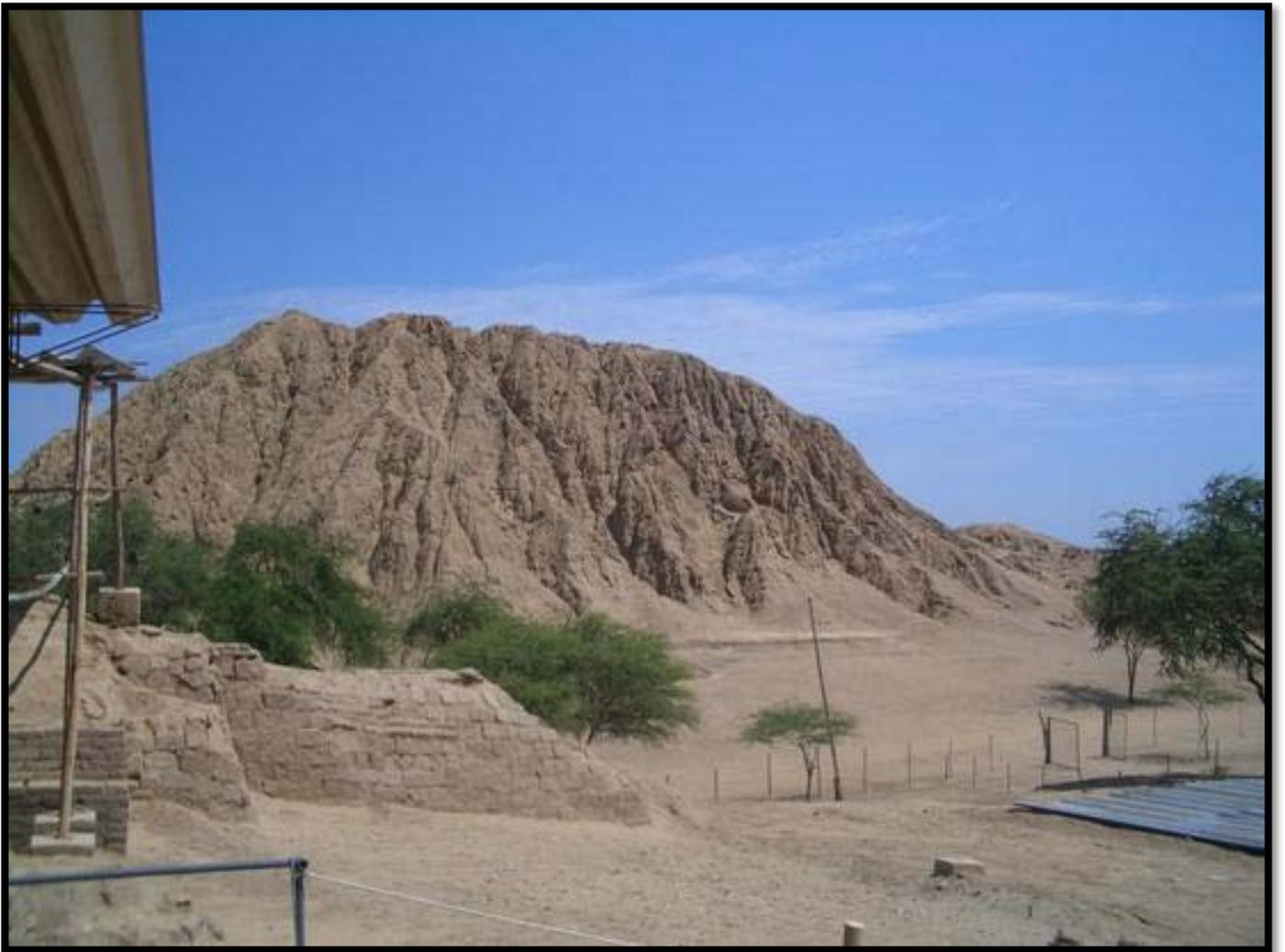
Pirâmide em Lamanai, Belize (Período Pré-Clássico)



Pirâmide em Sijazi, Mongólia Interior (206~220 a.C.)



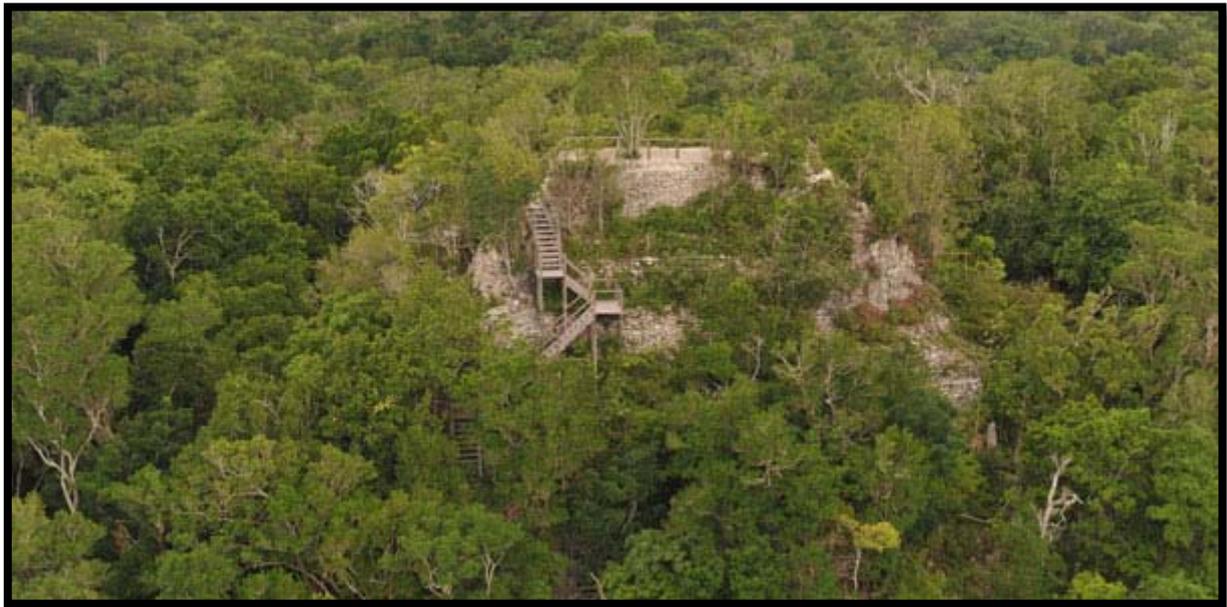
Monte em Sipan, Peru (?)



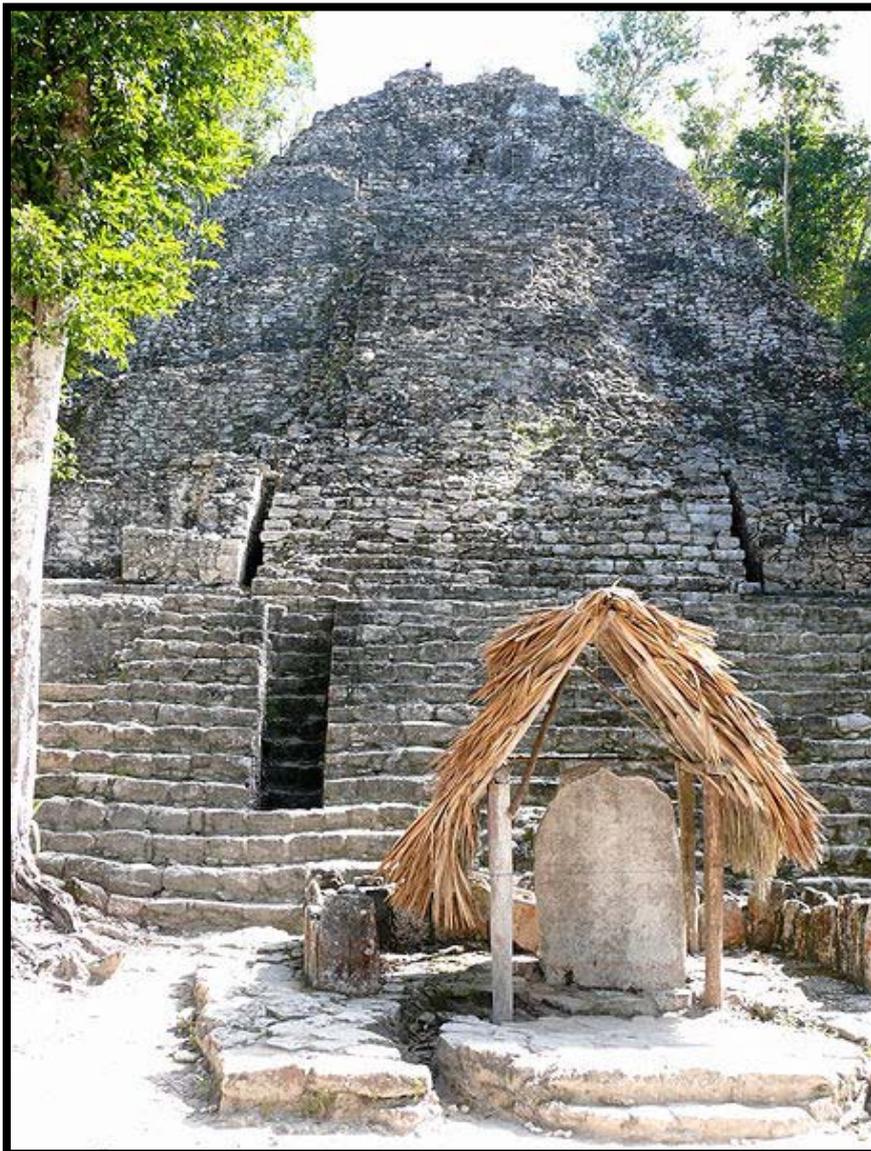
Pirâmide Hellinikon em Argos, Grécia (2720 a.C.)



Pirâmide La Danta em El Mirador, Guatemala (300 a.C. - 100 d.C.)



Pirâmide La Iglesia em Cobá, México (500-900 d.C.)



Pirâmide Tucume em Chiclayo, Peru (~100-600 d.C.)



Pirâmide-miniatura de Santa Cecilia Acatitlán, México (~1299 d.C.)



Pirâmide-plataforma de Aguateca, Guatemala (760-830 d.C.)



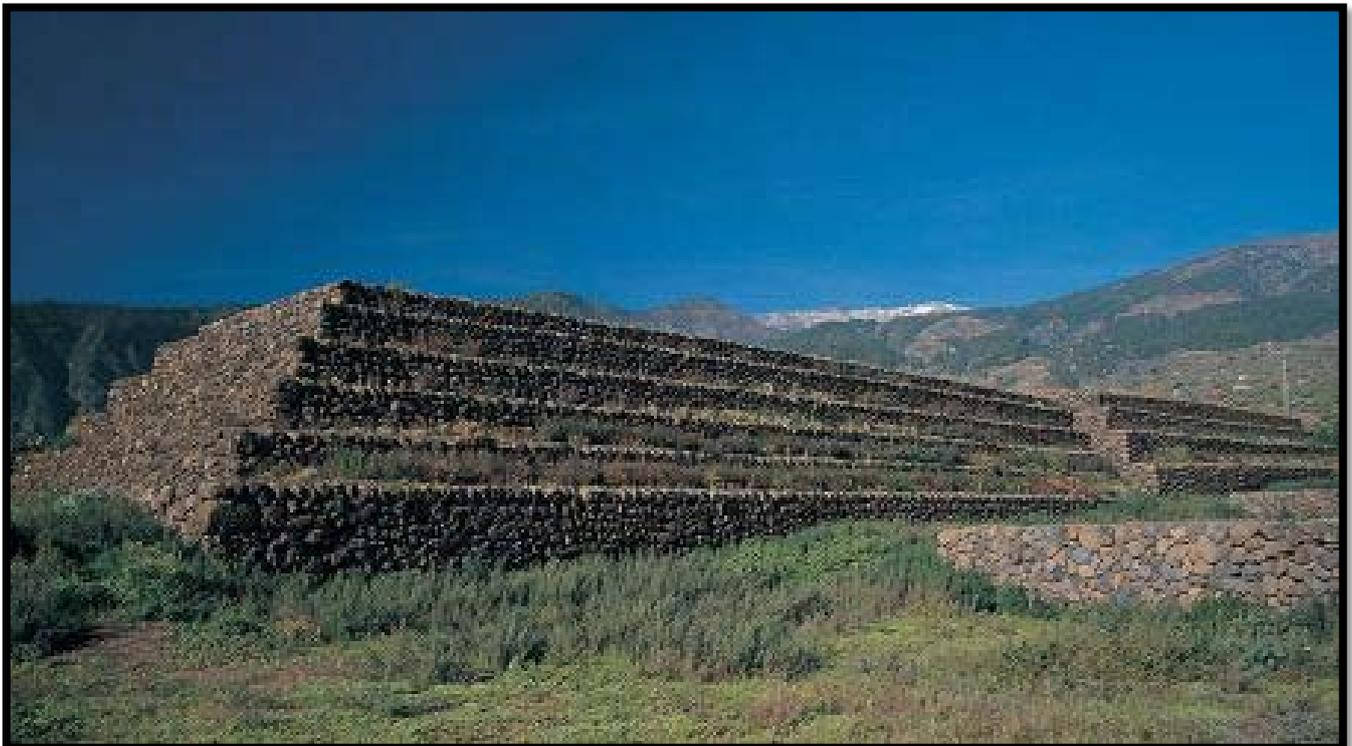
Pirâmide-plataforma de Akapana em Tiahuanaco, Bolívia (200 a.C. - 900 d.C.)



Pirâmide-plataforma de Cuicuilco, México (800-600 a.C.)



Pirâmide-plataforma de Güímar, Ilhas Canárias (?)



Pirâmide-plataforma de Tenayuca, México (1524-1525 d.C.)



Pirâmide-plataforma de Tepanapa (Cholula), México (900 a.C - 200 d.C.)



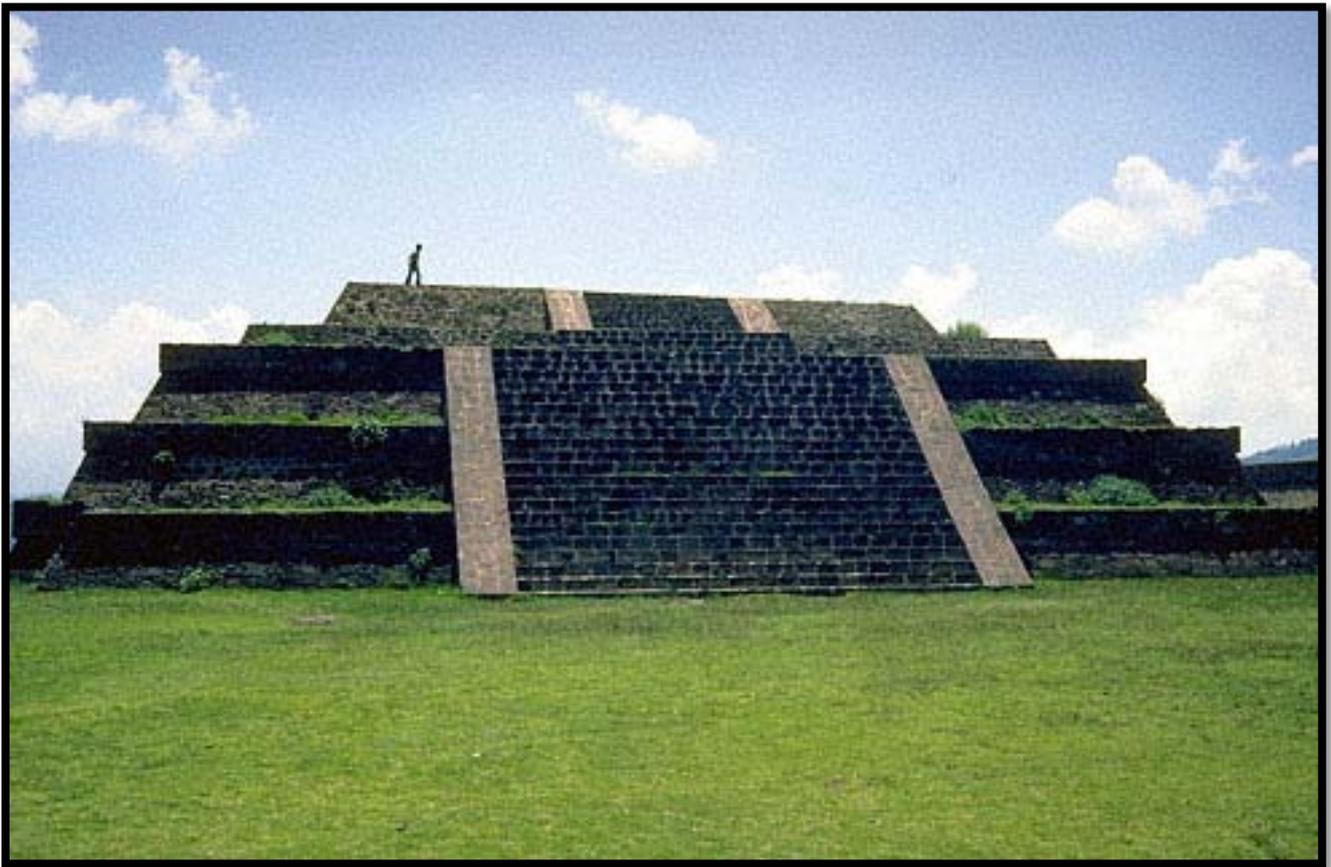
Pirâmide-plataforma em Lubaantún, Belize (730-890 d.C.)



Pirâmide-plataforma em Mixco Viejo, Guatemala (1100-1500 d.C.)



Pirâmide-plataforma em Teotenango, México (900–1162 d.C.)



Pirâmides de Gizé, Egito (~2490 a.C.)



Plataforma de Monte Albán, México (650-800 a.C.)



Plataformas de Kaminaljuyú, Guatemala (~900 d.C.)



Plaza de la Estela de los Dos Glifos em Xochicalco, México (200 a.C. - 900 d.C.)



Templo de la Serpiente Emplumada em Xochicalco, México (200 a.C. - 900 d.C.)



Templo de las Cruces em Palenque, México (~300 a.C.)



Templo de Las Inscripciones em Palenque, México (~300 a.C.)



Templo de los Altares em Altún Ha, Belize (200-900 d.C.)



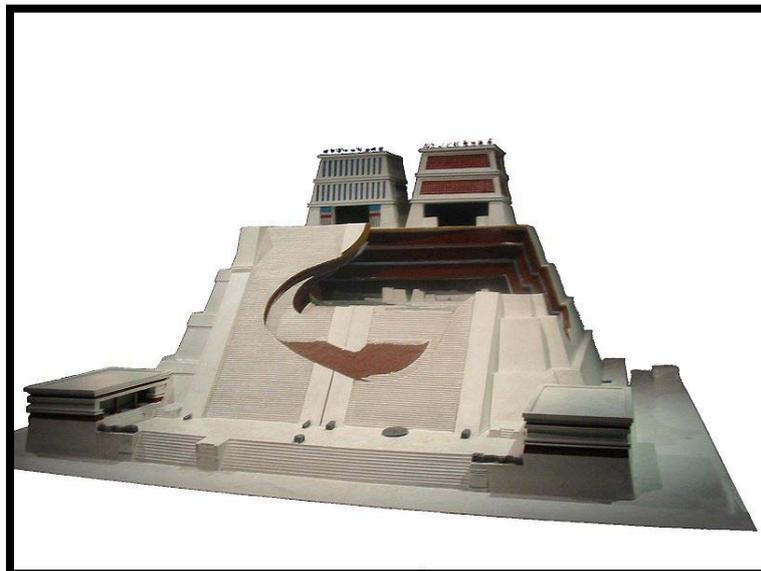
Templo del Crucero - Cobá, México (500-900 d.C.)



Templo del Gran Jaguar em Tikal, Guatemala (700 d.C.)



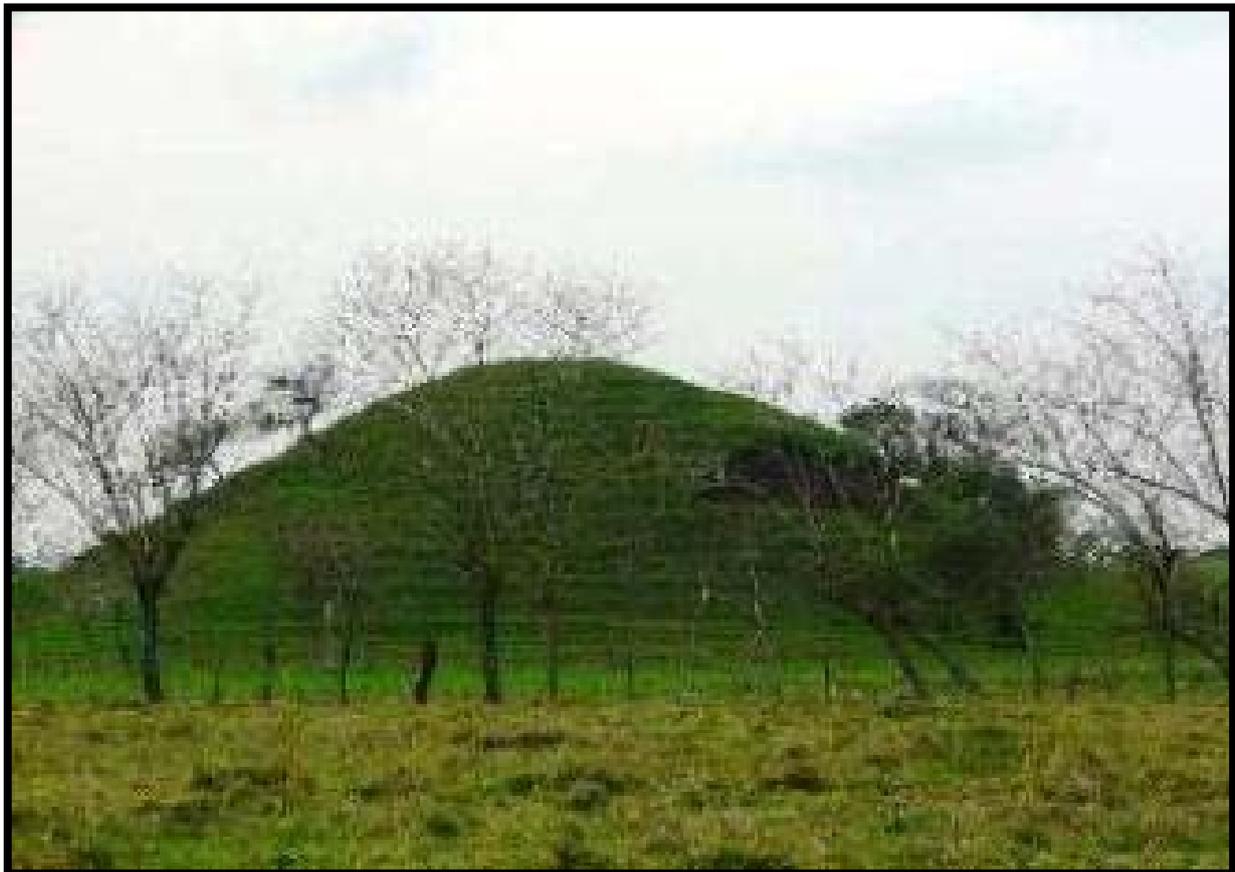
Templo Mayor em Teotihuacan, México (1390-1500 d.C.)



Templo Moche do Sol em Machu Picchu, Peru (~100-800 a.C.)



Tres Zapotes, México (1300-400 a.C.)



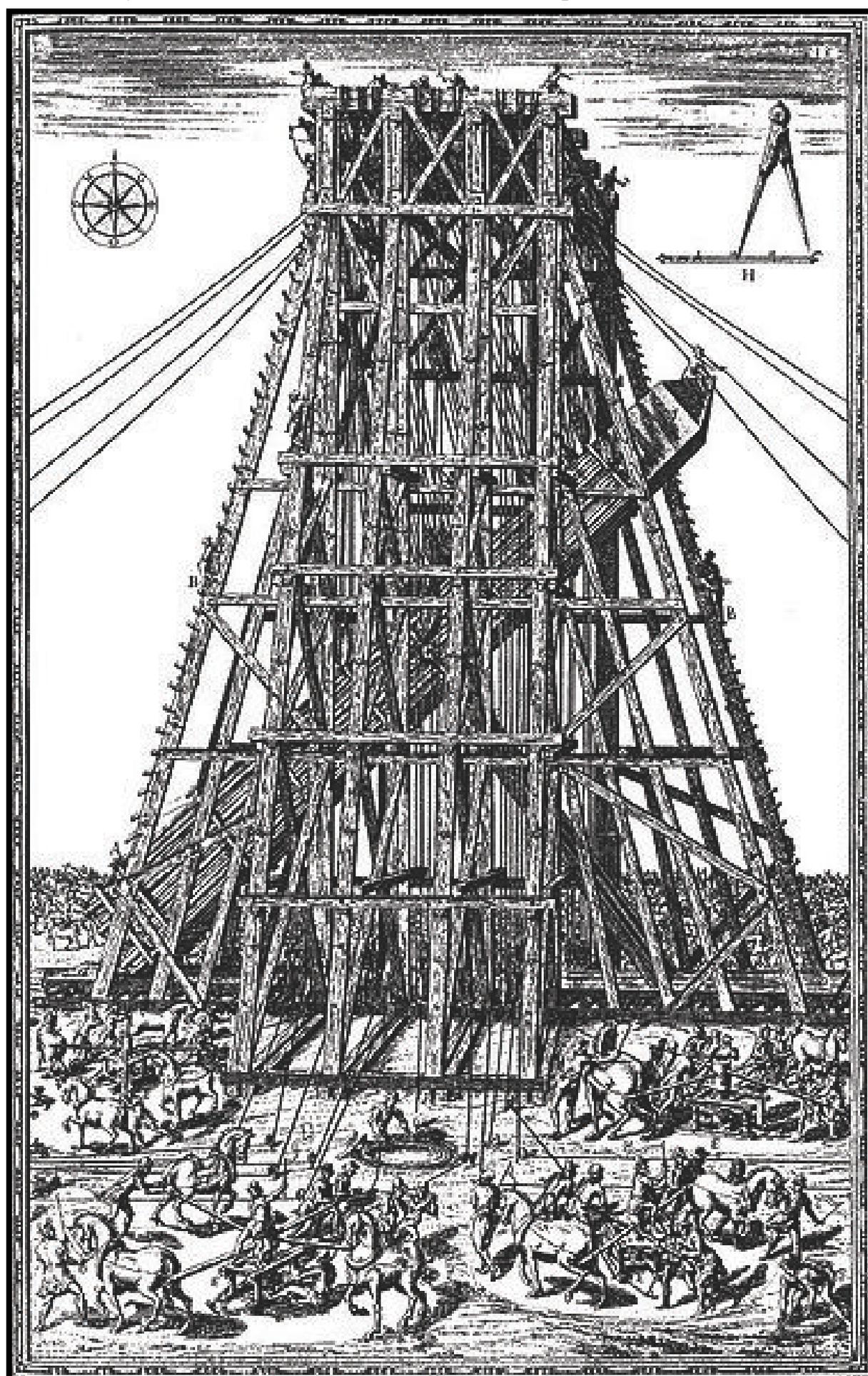
Yonaguni-Jima, Ilhas Ryukyu (8000 a.C. !)



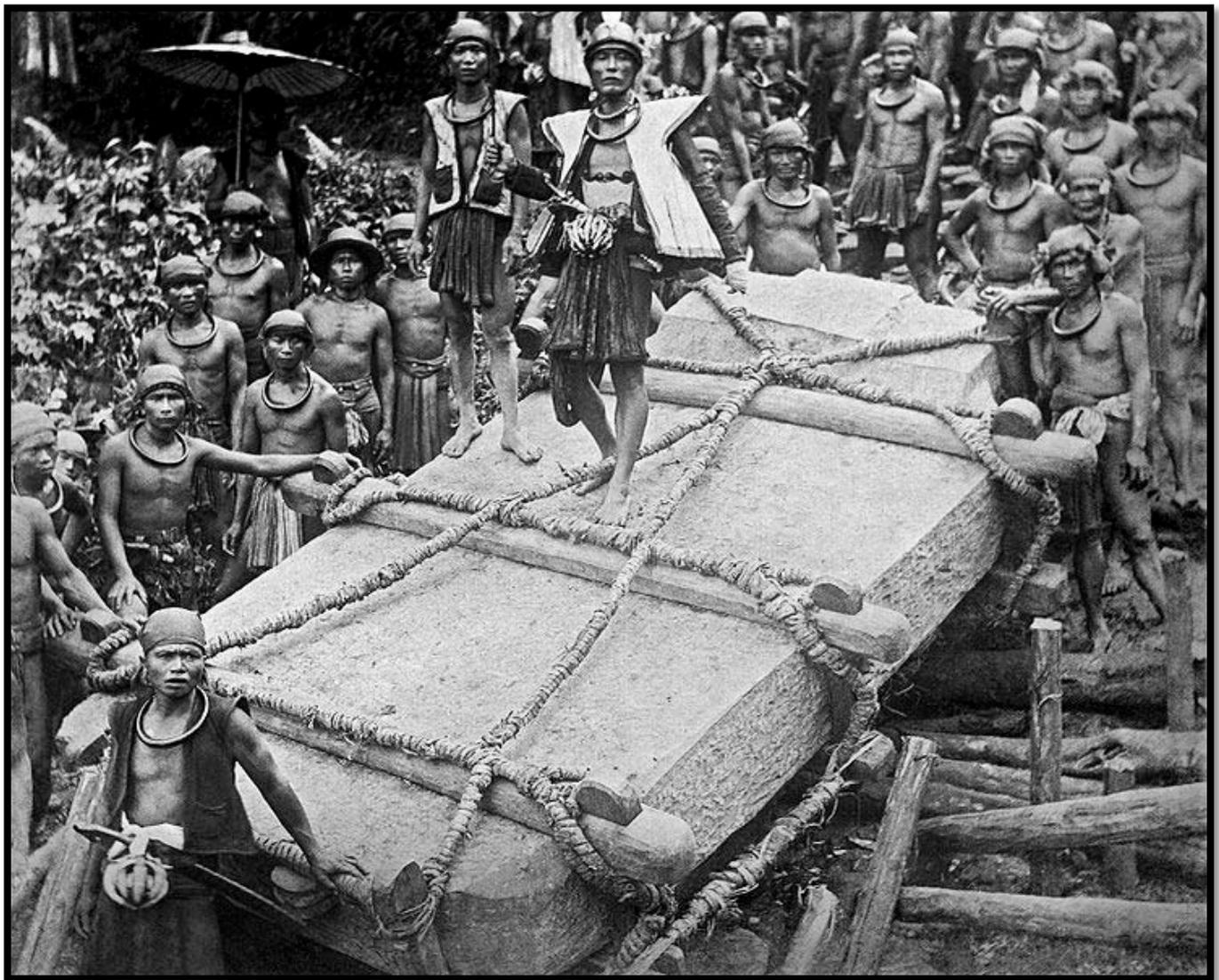
Zigurate de Ur, Iraque (2113 - 2096 a.C.)



Reereção do Obelisco no Vaticano, Roma, por Domenico Fontana



Povo das Ilhas Nias na Indonésia movendo um Megálito (1915)



Referências Bibliográficas

mencionadas nos próprios artigos:

- “A Shocking Discovery,” *Journal of the Electrochemical Society*, September 1963, Vol. 110 No. 9
- “Electric Batteries 2,000 years ago!”, *Astounding Magazine*, March 1939
- *Secrets of the Lost Races*, New Discoveries of Advanced Technology in Ancient Civilizations, New York 1977
- *A History of Technology*, Volume II, London 1956
- *Harper’s New Monthly Magazine*, No. CCXLVI, November 1870, Volume XLI
- “A Survey of the Chemistry of Assyria in the Seventh Century B.C.,” *Ambix*, Vol. II, No. 1, June 1938
- *Encyclopaedia Britannica*, 14th Edition, Article: “Battery—Lalande Cell,” London 1929
- *A Popular Account of the Ancient Egyptians*, New York 1988
- *In The Crystal Sun*, Rediscovering a Lost Technology of the Ancient World, London 2000
- *The Dawn of Astronomy*, M.I.T. Press, Cambridge 1964 (a reprint of Lockyer’s 1894 first edition)
- J. A. Hammerton’s *Universal World History*, Volume II, New York 1937
- Lucian, *Loeb Classical Library*, Volume IV, New York 1925
- *Concerning the City of God Against the Pagans*, numerous editions are available
- *Chamber’s Encyclopaedia*, A Dictionary of Universe Knowledge for the People, New York 1890
- *The Catholic Encyclopedia*, in 15 volumes, New York 1907
- *The Library of the Palestine Pilgrim’s Text Society*, Volume III, London 1894
- *Isis Unveiled*, A Master Key to the Mysteries of Ancient and Modern Science and Theology, New York 1877
- *Ley Lines and Earth Energies*, David Cowan
- *Ley Lines, a comprehensive guide to alignments*, D.P.Sullivan
- *The old straight path*, Alfred Watkins
- *The Atlantis Mystery*, Eleanor Van Zandt
- *Gravitational Mystery spots*, Doug Vougt
- *The world Grid*, David Hatcher
- *Earth Star Globe*, Bethe Hagens
- *Study in Pyramidology*, 263p., 1986 by E. Raymond Capt, ISBN 0-934666-21-0
- *Back in time to the great pyramids*, Sócrates G Taseo, (ISBN ISBN 0-9626053-0-1)

- *The Orion Mystery: Unlocking the Secrets of the Pyramids*, 325 p., 1994 by Robert Bauval and Adrian Gilbert, Crown Publishers, ISBN 0-684-16171-0
- *Symbolic Prophecy of the Great Pyramid* , H. Spencer Lewis (acho que este tem em Português, pela AMORC)
- *The Giza Power Plant*, de Christopher Dunn
- *The Complete Pyramid* , by Mark Lehner (este tem mais de 600 ilustrações).
- *The Great Pyramid Speaks: An Adventure in Mathematical Archaeology* , by Joseph B. Gill
- *Prophecies of Melchi-Zedek in the Great Pyramid and the Seven Temples* , by Brown Landone
- *Pyramid Prophecies* , 368p., 1988 by Max Toth, Destiny Books, VT, ISBN 0-89281-203-6
- *The Rape of the Nile* , 399p., 1975 by Brian M. Fagan, ISBN 0-684-15058-1
- E.A. Wallis Budge, *Amulets and Talismans*, reprint, Carol Publishing Group, New York, 1992.
- Samuel Noah Kramer, *The Sumerians*, University of Chicago Press, Chicago, 1963.
- Otto Neugebauer, *The Exact Sciences in Antiquity*, University Press of New England, Hanover, N.H., 1957.
- William Thomson, *Schoenberg's Error*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1991.
- B.L. van der Waerden, *Science Awakening*, Scholar's Bookshelf, Princeton, N.J., 1963
- Hermann Weyl, *Symmetry*, Princeton University Press, Princeton, N.J., 1952.
- Aspden, Harold. *Energy Science Tutorial #5*. 1997.
- Crane, Oliver et al. *Central Oscillator and Space-Time Quanta Medium*. Universal Expert Publishers, June 2000, English Edition. ISBN 3-9521259-2-X
- Duncan, Michael A. and Rouvray, Dennis H. Microclusters. *Scientific American Magazine*, December 1989.
- Fouche, Edgar. *Secret Government Technology*. Fouche Media Associates, Copyright 1998/99.
- Hudson, David. (ORMUS Elements)
- Kooiman, John. *TR-3B Antigravity Physics Explained*. 2000.
- Mishin, A.M. (Levels of aetheric density)
- Winter, Dan. *Braiding DNA: Is Emotion the Weaver?* 1999.
- Wolff, Milo. *Exploring the Physics of the Unknown Universe*. Technotran Press, Manhattan Beach, CA, 1990. ISBN 0-9627787-0-2.

OPERA ANO Iº

Conferências

Robert Gilbert - Rosicrucian Science of Initiation
Robert Gilbert - Egyptian Energy Science
Stan Tenen - A Matrix of Meaning for Sacred Alphabets
Stan Tenen - Geometric Metaphors of Life

Demiurge Series

A Tecnologia Oculta do Poder
Christopher S. Hyatt - A Bíblia do Psicopata

Digitalizações

Annie Besant - O Cristianismo Esotérico
C. G. Jung - Aspectos do Drama Contemporâneo
Charles Fielding - A Cabala Prática
Dicta & Françoise - Mitos e Tarôs
Doris C. Doane & King Keyes - O Tarô do Antigo Egito
H. P. Blavatsky - A Chave da Teosofia
Jiddu Krishnamurti - Viagem por um Mar Desconhecido
Marie-Louise von Franz - A Alquimia e a Imaginação Ativa
Nilton Bonder - A Cabala do Dinheiro
Olivea Dewhurst-Maddock - A Cura Pelo Som
Paracelso - A Chave da Alquimia
Pierre V. Piobb - O Segredo das Centúrias de Nostradamus
Randall McClellan - O Poder Terapêutico da Música
Robert Wang - O Tarô Cabalístico
Shimon Halevi - A Árvore da Vida

Grimorium Saturni

Vol. I Jacques Bergier - Os Livros Malditos

Pinax

Árvore Holocósmica

Polymathēs

Vol. I: Tekhnologia Archaïos

Solve et Coagula Series

E. J. Langford Garstin - Teurgia, ou, A Prática Hermética

ΜΑΓΙΣΤΕΡ



ΤΕΜΠΛΙ